Por amor ela vai desafiar todas as regras do mundo e do submundo.



SYLVAIN REYNARD

autor de *O inferno de Gabriel*

A Transformação de Raven

NOITES EM FLORENÇA LIVRO 1

ARQUEIRO

A Transformação de Raven



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

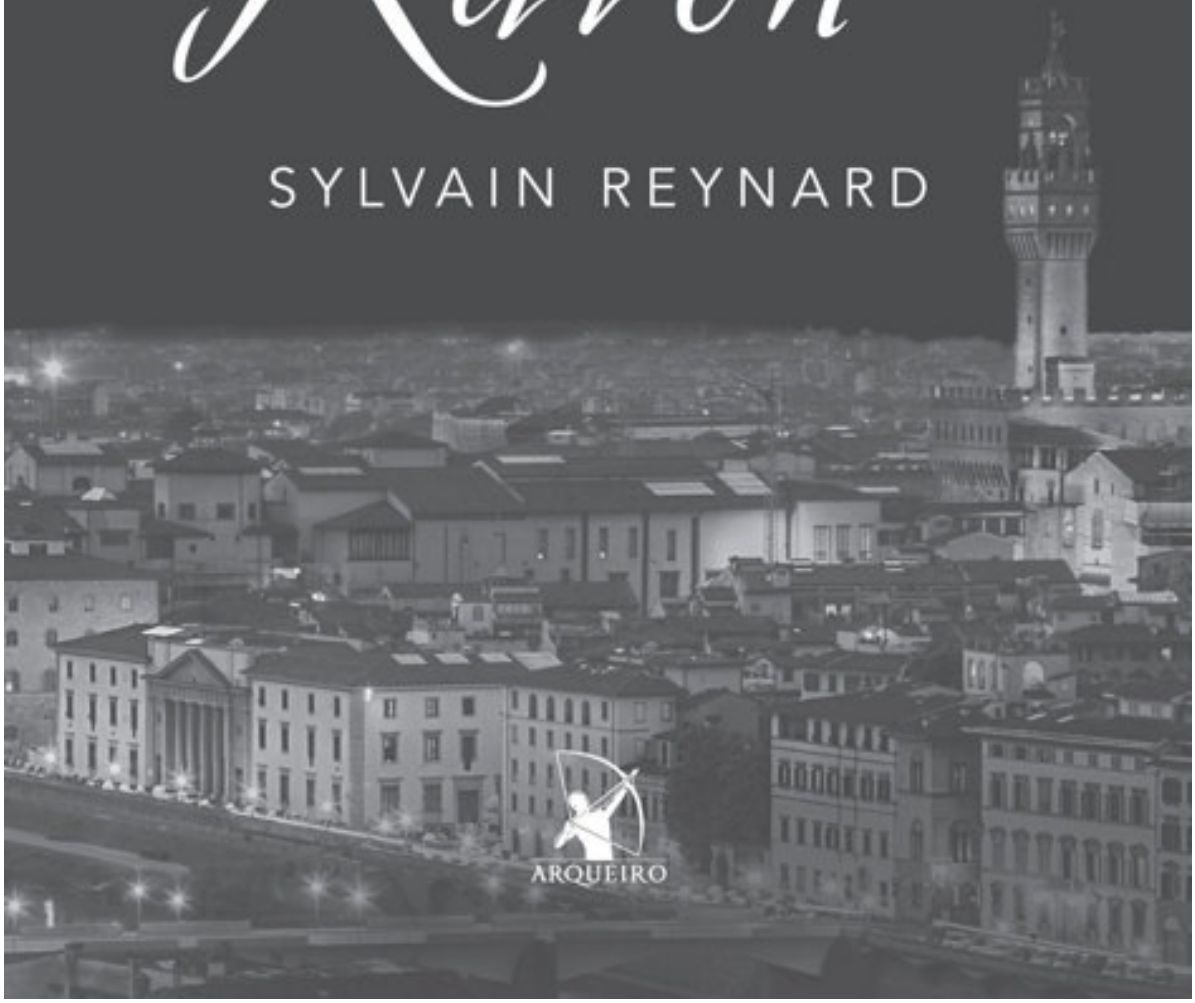
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NOITES EM FLORENÇA LIVRO 1

A Transformação de *Raven*

SYLVAIN REYNARD



ARQUEIRO

Título original: The Raven
Copyright © 2015 por Sylvain Reynard
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Intermix Books, uma divisão da Penguin Group (USA) LLC, uma empresa da Penguin Random House Company.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Juliana Romeiro

revisão: Clarissa Peixoto e Cristhiane Ruiz

diagramação: Natali Nabekura

capa: Lesley Worrell

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: Steffen Lachmann/Gallerystock/Latinstock (mulher); RZR/Shutterstock (vulto); Giuseppe Parisi/Shutterstock (passagem); Raytango/Thinkstock(Catedral de Florença)

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R353t

Reynard, Sylvain
A transformação de Raven [recurso eletrônico] / Sylvain Reynard [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: the raven
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-387-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

15-19563

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

À cidade de Florença
e aos meus leitores,
com gratidão



Primavera, de Sandro Botticelli, circa 1482,
Galleria degli Uffizi, Florença

Prólogo

Maio de 2013
Florença, Itália

Uma silhueta solitária estava em pé no alto do domo de Brunelleschi, à sombra da esfera e da cruz douradas. Suas roupas escuras se dissolviam na escuridão cada vez mais densa, tornando-o invisível para as pessoas lá embaixo.

De toda forma, elas não o teriam visto.

Ali do alto, pareciam formigas. E era isso que eram para ele, uma presença irritante na cidade, ainda que necessária.

Florença era sua havia quase setecentos anos. Quando estava em casa, passava os instantes antes do pôr do sol sempre naquele lugar, observando seu reino com um orgulho digno de Lúcifer. Aquilo era obra de suas mãos, fruto de seu trabalho, e ele exercia seu poder sem misericórdia.

Sua força considerável era magnificada por seu intelecto e sua paciência. Muitos séculos haviam desfilado diante de seus olhos, mas mesmo assim ele permanecera constante. O tempo era um luxo do qual dispunha com abundância, e ele nunca se apressava ao buscar vingança. Mais de cem anos haviam se passado desde que alguns de seus bens mais preciosos tinham sido roubados. Ele havia esperado que ressurgissem, e eles ressurgiram. Naquela noite, havia reintegrado as ilustrações à sua coleção pessoal, e a sofisticada segurança da Galleria degli Uffizi lhe causara apenas o mais banal dos incômodos.

Assim, postado em triunfo contra o céu cada vez mais escuro, ele admirava Florença qual um príncipe Médici. Sentia o ar quente à sua volta enquanto refletia sobre o destino dos responsáveis por comprar suas ilustrações roubadas. Pretendia matá-los dois anos antes, mas fora frustrado por uma cansativa

tentativa de assassinato. A guerra subsequente entre os submundos de Florença e de Veneza o mantivera ocupado desde então. Ele havia ganhado a guerra e conseguido anexar Veneza e todos os seus territórios. E a sua presa finalmente havia retornado à cidade. Era chegada a hora da vingança.

Tivera tempo suficiente para planejar as mortes, então continuou ali, saboreando o próprio sucesso, enquanto uma chuva morna e insistente começava a cair. As formigas lá embaixo se espalharam e correram para se abrigar. Em pouco tempo, as ruas ficaram desertas de humanos.

Ele apertou com mais força a pasta que segurava debaixo do braço, dando-se conta de que as suas ilustrações precisavam de um lugar seco. Num piscar de olhos, desceu os tijolos vermelhos até um domo inferior e menor, então pulou para o chão e atravessou correndo a praça. Pouco depois, estava subindo o telhado da Arciconfraternita della Misericordia, prédio adjacente e muito antigo. Houvera um tempo em que poderia ter servido à Arciconfraternita em sua missão de misericórdia, em vez de tratá-la como um obstáculo. Mas desde 1274 que ele não tinha misericórdia. Em sua nova forma, tal conceito jamais penetrava sua consciência.

Algumas horas depois, percorreu os telhados em alta velocidade em direção à Ponte Vecchio, esquivando-se das gotas de chuva. O cheiro de sangue enchia suas narinas. Havia mais de uma safra, mas o perfume que atraía sua atenção era jovem e inexplicavelmente doce. Fez ressuscitar dentro dele lembranças esquecidas, imagens de amor e perda.

Outros monstros se moveram na escuridão, de todas as partes da cidade, e acorreram ao lugar em que o sangue inocente clamava do chão.

Ele mudou de direção e aumentou a velocidade, movendo-se em direção à Ponte Santa Trinità. Pulando de telhado em telhado, sua forma negra era um borrão contra o céu da noite.

Enquanto corria, a pergunta que não saía de sua cabeça era: *Quem iria alcançá-la primeiro?*

Capítulo 1

À uma e meia da madrugada, as ruas de Florença estavam quase desertas.

Quase.

Ainda havia uns poucos turistas e moradores, grupos de jovens atrás de diversão, sem-tetos pedindo dinheiro, e Raven Wood, que seguia mancando devagar pela rua irregular que ia da Galleria degli Uffizi até a Ponte Santa Trinità.

Raven vinha de uma festa com colegas da galeria, e cometera a tolice de recusar uma carona até em casa. Como sua Vespa estava na oficina, seu amigo Patrick se oferecera para acompanhá-la, mas ela sabia que ele não queria ir embora do apartamento de Gina. Fazia meses que nutria uma quedinha secreta pela moça. Nessa noite, parecia ter conseguido atrair a atenção dela.

Aparentemente.

Raven não teve coragem de separar os amantes em potencial. Embora aceitasse que o amor não era para ela, sentia um secreto deleite com a vida amorosa dos outros, sobretudo com a de seus amigos. Por isso insistira em voltar sozinha para casa. Foi assim que se pegou caminhando, com a ajuda da bengala, em direção ao pequeno apartamento em Santo Spirito, situado na outra margem do rio.

Mal sabia que a decisão de recusar uma carona para casa teria amplas consequências para ela e para seus amigos.

Seus colegas supunham equivocadamente que ela mancava devido a um defeito congênito e, portanto, por educação, ignoravam o fato. Ela ficava grata pelo silêncio, já que por trás do problema havia um segredo sombrio que não queria revelar.

Não se considerava incapaz. Considerava-se levemente deficiente. Tinha a

perna direita um pouco mais curta do que a outra, e o pé um pouco virado para fora, em um ângulo antinatural. Não conseguia correr e sabia como era chato vê-la caminhar. Pelo menos tentava tornar atraente sua onipresente bengala, decorando-a com imaginativos desenhos feitos por sua própria mão de artista. Bem-humorada, chamava a bengala de namorado e a tratava pelo apelido Henry.

Algumas mulheres talvez tivessem tido receio de andar pelas ruas de Florença tarde da noite, mas não Raven. Ela raramente chamava atenção, com exceção dos olhares grosseiros para sua perna. Na verdade, as pessoas muitas vezes trombavam ou esbarravam nela como se fosse invisível, travando um contato físico muito além do normal.

Devia ser por causa de sua aparência. Os eruditos diriam que era dona de um corpo digno de Rubens, se por acaso conseguissem encontrá-lo por baixo das roupas tamanho extragrande. Aos olhos modernos, estava acima do peso, e seus quilos a mais eram realçados pelos trajes folgados e tênis gastos que pouco aumentavam sua estatura de 1,70 metro. Os cabelos escuros, quase tão escuros quando a asa de um corvo – fato que lhe valera o apelido, Raven, que significa corvo – viviam presos em um rabo de cavalo desleixado que ficava roçando em seus ombros. Em comparação com as muitas mulheres bonitas e bem-vestidas que viviam em Florença, era considerada feia.

Os olhos, porém, eram lindos: grandes, profundos, com um tom de verde quase igual ao do absinto. Infelizmente, ninguém nunca se dava o trabalho de reparar neles, já que viviam escondidos atrás de óculos pretos grandes demais. Não que Raven se sentisse à vontade com a ideia de chamar atenção. Usava os óculos para se distanciar das pessoas, e os trocava, quando necessário, por óculos de leitura que de fato melhoravam sua visão.

Enquanto se aproximava da Ponte Santa Trinità, vinda do Lungarno degli Acciaiuoli, maldisse o fato de não ter levado um guarda-chuva. Chovia o suficiente para que as ruas e a ponte estivessem desertas, mas não para encharcá-la. Resolveu não buscar abrigo e apenas seguiu em frente, mancando como fazia tudo o mais na vida: com obstinada determinação.

Observou um trio de homens de aspecto rude se aproximando, trôpegos, da ponte na sua frente pela Via de' Tornabuoni. Sem se deixar deter pela chuva, falavam alto, com as vozes roucas. Não era incomum ver gente embriagada no

centro da cidade, mas Raven diminuiu o passo. Sabia muito bem como os bêbados eram imprevisíveis.

Segurou com mais firmeza a velha mochila gasta e continuou andando em direção à ponte. Foi nessa hora que viu Angelo.

Angelo era um sem-teto que passava dias e noites pedindo moedas. Raven o via no caminho para a Uffizi. Sempre parava para cumprimentá-lo e lhe dar dinheiro ou alguma comida. Como os dois andavam com o auxílio de uma bengala, identificava-se com ele. Angelo tinha uma deficiência mental, o que só fazia aumentar o pesar de Raven.

Enquanto caminhava, olhou para Angelo, para os bêbados, depois novamente para Angelo. Uma terrível apreensão lhe passou pela cabeça.

– Boa noite, amigos! – O italiano de Angelo ecoou pela escuridão chuvosa. – Umas moedas, por favor.

O tom esperançoso e alegre de sua voz fez o estômago de Raven se revirar. Ela conhecia o cruel destino da esperança quando mal direcionada.

Começou a mancar mais depressa, os olhos fixos no amigo, torcendo para não tropeçar e cair. Estava quase na ponte quando viu Angelo levantar as mãos e dar um grito.

O maior dos homens estava urinando nele. Angelo tentou se afastar, mas o homem foi atrás. Os outros o incentivaram e riram.

Raven não se chocou.

Angelo era sem-teto, sujo, aleijado e lento. Sozinha, cada característica dessas seria capaz de despertar qualquer crueldade latente nos homens florentinos.

Ela sentiu gritos de protesto subirem pela garganta. Mas não abriu a boca.

Precisava intervir. Sabia disso. Quando as pessoas boas passavam direto sem dizer nada, o mal florescia.

Raven continuou andando.

Estava cansada depois de um longo dia de trabalho e da noite na casa de Gina. Desejava retornar logo ao seu pequeno e tranquilo apartamento na Piazza Santo Spirito. Mesmo assim, não podia deixar de ouvir os gritos de Angelo e os risos e palavrões dos homens.

O maior deles terminou de urinar com um floreio e tornou a se ajeitar dentro da calça jeans. Sem qualquer aviso, ergueu um dos pés calçado com bota e deu

um chute nas costelas de Angelo. O sem-teto soltou um grito de dor e desabou no chão.

Raven parou.

Os outros homens entraram na dança, e começaram a chutar e a xingar Angelo, ignorando os seus gritos. Com sangue escorrendo da boca, ele se contorceu na calçada.

– Parem! – O grito alto encheu os ouvidos de Raven. Em um instante, ela se alegrou com o fato de alguém, qualquer pessoa, ter aparecido para salvar Angelo.

Mas a sua alegria se transformou em horror quando os homens pararam e olharam na direção dela.

– Parem – repetiu Raven, bem mais baixo.

Os homens se entreolharam, e o maior deles fez algum comentário desdenhoso com os companheiros. Então avançou a passos largos na sua direção.

À medida que ele se aproximava, Raven pôde ver que era alto, tinha os ombros largos, a cabeça raspada e os olhos escuros. Resistiu ao impulso de recuar.

– Vá embora. – O homem a dispensou com um aceno.

Os olhos verdes de Raven se moveram depressa para além dele, onde Angelo estava caído, encolhido no chão.

– Deixe-me ajudá-lo. Ele está sangrando.

O homem grande e careca olhou por cima do ombro para os companheiros. Como para desafiá-la, um deles desferiu um chute na barriga de Angelo. Os gritos encheram os ouvidos de Raven até que, por fim, de modo terrível, ele se calou.

Com um sorriso predatório, o homem se virou de novo para ela e apontou para a direção da qual ela viera.

– *Corra*.

Raven cogitou uma tentativa de se aproximar de Angelo, mas acabou desistindo. Tampouco havia a possibilidade de atravessar a ponte para chegar em casa. Aquele homem careca impedia sua passagem.

Ela começou a recuar, sem muita firmeza.

O homem foi atrás. Agitou os braços e arrastou a perna direita, em uma imitação exagerada de seu caminhar. Um de seus companheiros gritou alguma coisa sobre Quasímodo.

Resistindo ao impulso de dizer aos homens que os verdadeiros monstros eram eles, Raven se virou, lutando para se mover depressa. O barulho de passos apressados ecoou em seus ouvidos. Os comparsas do homem haviam deixado Angelo no chão e estavam no seu encalço.

Ela ouviu um deles comentar como era feia, feia demais para ser comida.

Os outros riram.

Um deles observou que podiam comê-la por trás. Aí eles não teriam que ver o seu rosto.

Raven começou a mancar mais rápido, olhando ao redor, procurando algum pedestre. As margens do Arno pareciam desertas.

– Não tão depressa! – A frase sarcástica de um dos homens foi acolhida com risadas enquanto eles andavam atrás dela.

– Venha brincar conosco! – gritou outro.

– Acho que ela quer.

Raven apertou o passo, mas eles logo a alcançaram, rodeando-a como lobos em volta de um cervo ferido.

– E agora? – perguntou o mais baixo dos homens, olhando para os outros.

– Agora nós vamos brincar. – O careca, obviamente o chefe do grupo, sorriu para Raven. Então arrancou a bengala da sua mão e a jogou na rua.

Um dos outros dois agarrou a mochila e a arrancou de seu ombro.

– Devolva isso! – gritou ela, partindo para cima dele.

Exultante, o homem jogou a mochila para um de seus companheiros por cima da cabeça dela.

Raven fez um movimento para pegar, mas a mochila tornou a passar por cima da sua cabeça. Os homens ficaram vários minutos fazendo-a de boba, atiçando-a e provocando-a enquanto ela implorava que lhe devolvessem a mochila. Não tinham como saber, mas ali estavam seu passaporte e outros documentos importantes.

Raven não podia correr. Sua deficiência não lhe permitia. Sabia que, se tentasse pegar a bengala, eles simplesmente a pegariam do chão e possivelmente a jogariam no rio. Virou-se e começou a mancar para longe deles, em direção à Ponte Vecchio.

Um dos homens descartou a mochila dela.

– Agarrem-na – disse.

Raven tentou andar mais depressa, mas já estava mancando o mais rápido que conseguia. O homem foi atrás e a alcançou em três passos.

Assustada, ela olhou por cima do ombro. Nesse instante, seus dedos dos pés engancharam em uma rachadura na rua e ela tropeçou. A dor subiu por suas mãos e braços quando ela tentou aparar a queda.

O careca se aproximou e a segurou pelos cabelos. Ela gritou quando ele arrancou o elástico de seu rabo de cavalo. Seus cabelos pretos compridos caíram em volta dos ombros.

Ele a puxou até colocá-la de pé, agarrou seus cabelos e os enrolou na mão.

Raven olhou em volta, tentando encontrar algum jeito de fugir ou alguém para ajudá-la, mas em poucos segundos ele a arrastou pela rua até um beco tão estreito que ela quase conseguia tocar as paredes com os dois braços esticados.

Raven deixou cair o corpo e se inclinou para a frente de propósito.

Com um palavrão, ele a soltou.

Ela ganiu ao cair de joelhos pela segunda vez, com as mãos raladas e sangrando. Um fedor encheu suas narinas. Alguém tinha usado o beco como banheiro.

Tossiu, esforçando-se para não passar mal.

O careca a segurou pelo cotovelo e a arrastou mais para o fundo do beco.

– Levante-se – exigiu.

Ela tentou se afastar, mas o homem a segurava com firmeza pelo cotovelo. Ela se contorceu, rolou de lado e chutou com violência. Ele soltou um palavrão, e ela se desvencilhou e tentou se erguer sobre os pés instáveis.

De repente, ele se assomou acima dela, agarrando seu braço e puxando-a de frente para ele. Sem aviso, deu-lhe um soco com o punho fechado, quebrando os óculos e o nariz. O sangue jorrou e começou a pingar no chão em grandes e volumosas gotas.

Ela uivou de dor e arrancou do rosto o vidro quebrado. Lágrimas brotaram de seus olhos quando cobriu o rosto com a mão, lutando para respirar pela boca.

O homem a pôs de pé com um puxão. Agarrou-a pelos cabelos e a arremessou contra a parede.

Raven viu estrelas, e uma dor se irradiou de sua testa.

O mundo girou e começou a diminuir de velocidade enquanto dois dos

homens empurravam seu peito contra a parede e imobilizavam seus braços. O líder se postou atrás dela e levantou sua blusa com as duas mãos.

Com gestos brutos, seus dedos subiram pela pele nua até se fecharem em volta do sutiã. Ele apertou seus seios e fez uma piada grosseira. Os amigos pareceram encorajá-lo, mas Raven não conseguia mais entender as palavras que diziam.

Teve a sensação de estar debaixo d'água. Sua cabeça latejou, e ela inspirou com um arquejo, tentando não engasgar no sangue que escorria pela garganta.

O homem abriu a braguilha e se encostou nela por trás. Levou a mão até o cós da roupa de Raven. Com um rápido gesto dos dedos, desabotoou a calça jeans.

Ela se debateu quando a mão dele se enfiou dentro da sua calça.

– Pare! Por favor. *Por favor.*

◆◆◆

Os gritos arrastados, desesperados, de uma jovem chegaram aos ouvidos do Príncipe. Ao longe, pôde sentir a aproximação de Lorenzo, seu braço-direito, e de Gregor, seu assistente. Outros de sua espécie não estavam muito atrás.

O Príncipe apressou o passo, sem querer compartilhar a fonte da safra mais doce que cheirava em muitos séculos. O aroma lhe pareceu quase conhecido, tanto que seu desejo já estimulado se misturou à nostalgia. Um sentimento ao qual ele não tinha qualquer desejo de se entregar.

Sua astúcia e prudência muito tinham lhe valido, permitindo-lhe sobreviver enquanto outros tinham sido despachados para qualquer que seja a vida eterna que abominações como ele mereciam. Ele não agia sem cautela, e foi por isso que parou no beiral de um telhado e espiou o beco lá embaixo.

A estreita ruela estava iluminada por um único poste de rua. Ele viu uma jovem sendo segurada por três homens, um dos quais a molestava por trás, com a braguilha aberta, esfregando o sexo duro nela. Os outros o incentivavam, prendendo-a na parede como se estivesse crucificada.

A simbologia da imagem não lhe passou despercebida.

Teria sido simples para o Príncipe roubar a vítima de seus agressores e levá-la embora, depois descer com ela para outro beco escuro e tomar o que tinha de mais precioso.

Fechou os olhos por um instante, inspirou profundamente e foi tomado por uma lembrança: uma mulher seminua deitada ao pé de uma parede de pedra, toda desconjuntada, roubada de sua inocência, e seu sangue a clamar por ele do chão...

Vingança.

Seu apetite por comida foi substituído na hora por uma fome maior, que passara muitos séculos sendo alimentada pela raiva e pelo arrependimento. As ilustrações que ele tomara tanto cuidado em roubar caíram de suas mãos, esquecidas, quando ele pulou do telhado.

– Mas o que... – O homem morreu antes mesmo de conseguir completar a frase, com a cabeça arrancada do corpo e jogada longe, casualmente, como se fosse uma bola de futebol.

Os outros soltaram a mulher e tentaram correr, mas o Príncipe os pegou sem dificuldade e os despachou para o inferno com uns poucos movimentos rápidos.

Quando se virou para colher seu prêmio, descobriu que ela havia caído no chão, e sentiu o doce e pungente cheiro de seu sangue no ar. Parecia desacordada; tinha os olhos bem fechados e o rosto contundido.

– *Cassita vulneratus* – sussurrou ele, agachando-se ao seu lado.

Ela abriu dois grandes olhos verdes e o encarou através das gotas de chuva.

– Uma moça. Que decepção. – Uma voz feminina quebrou o silêncio. – Pelo cheiro, pensei que fosse uma criança.

Ao se virar, o Príncipe se deparou com quatro de seus cidadãos parados ali perto: Aoibhe, uma mulher alta de cabelos ruivos compridos, e três homens: Maximilian, Lorenzo e Gregor. Todos tinham rostos pálidos, e todos olhavam na direção de Raven com uma expressão ávida, mas não sem antes se curvar para seu príncipe.

– Como uma iguaria dessas passou despercebida? Se eu tivesse sentido esse cheiro na rua, teria pegado para mim. – Aoibhe chegou mais perto; sua postura era régia, elegante. – Vamos, então. Ela tem idade suficiente para ser dividida sem dificuldade. Não bebo uma safra doce assim desde que me alimentei de crianças inglesas.

– Não. – A voz do Príncipe saiu baixa. Com um movimento quase imperceptível, ele se interpôs entre a moça e os outros, impedindo que eles a vissem.

– O senhor não nos negaria isso, Príncipe. – Maximilian, o maior dos homens, gesticulou na direção das várias partes dos corpos dos três homens mortos. – Os outros estão mortos e fedem a maldade.

– Tem um corpo intacto ao lado da ponte. É seu, com meus cumprimentos. Mas a prioridade em relação à moça é minha. – Apesar de baixa, sua voz foi dura feito aço.

– O seu prêmio é quase um cadáver – cuspiu Aoibhe. – Dá para ouvir o coração dela ratear.

Em reação a essas palavras, o Príncipe se virou na direção da moça. Seus olhos estavam fechados e a respiração, difícil.

– Que bagunça! – exclamou um dos homens em um italiano carregado de sotaque russo. Ele deu um passo à frente e examinou os corpos dos agressores, chegando perigosamente perto da vítima.

Um rosnado escapou da garganta do Príncipe.

O russo estacou.

– Perdão, Mestre. – Deu um passo cauteloso para trás. – Não quis ofender.

– Vá cuidar do perímetro, Gregor. Se ninguém quiser o cadáver, leve-o embora.

O jovem assistente saiu depressa pela rua.

– Nem mesmo um fera iria querer beber desses corpos. – Todos se viraram para Maximilian, que examinava os homens mutilados.

Seus olhos se moveram para o líder e ali se detiveram.

– Pensei que o Príncipe não matasse por esporte.

– *Cave*, Maximilian – alertou o Príncipe em latim, numa voz ameaçadora.

– Está contestando a quem pertence a presa? – Lorenzo, braço-direito do Príncipe, deu um passo à frente.

Ao som dessas palavras, uma tensão perceptível pesou no ar. Todos encararam Maximilian, à espera de sua resposta.

Este olhou do Príncipe para a moça que sangrava, depois outra vez para o Príncipe com seus olhos azuis calculistas.

– Se o Príncipe nunca mata por esporte, por que esses homens estão mortos? Ele poderia tê-la roubado facilmente.

– Chega! – Aoibhe soava impaciente. – Ela está morrendo e você está perdendo tempo.

– Foi o Príncipe quem sancionou as leis contra mortes indiscriminadas. – Maximilian deu um passo à frente. Seus olhos relancearam de maneira quase imperceptível para os de Lorenzo, depois se cravaram nos do Príncipe.

Aoibhe postou-se na frente dele, e sua silhueta alongada pareceu franzina em comparação ao tamanho de Maximilian.

– Está desafiando o Príncipe da cidade? Está com raiva?

Maximilian se moveu como se fosse empurrá-la para o lado.

Em uma fração de segundo, a ruiva segurou seu braço esquerdo e o puxou bem alto nas costas, deslocando o ombro com um estalo nauseante.

– Nunca mais levante a mão para mim, ou vai ficar sem ela. – Aoibhe o forçou a se ajoelhar e pousou um pé calçado com veludo na base das suas costas.

Maximilian trincou os dentes.

– Alguém pode tirar essa cruza de harpia e cobra das minhas costas?

– Aoibhe. – O Príncipe falou baixo, mas em tom de comando.

– Só quero ter certeza de que este cavaleiro entende o que estou dizendo. O italiano dele é severamente... falho.

– Saia daqui, sua puta miserável! – rosnou ele, tentando se desvencilhar.

– Com prazer. – Aoibhe soltou o colega com uma fieira de xingamentos irlandeses e uma quantidade razoável de ameaças.

Max se levantou, pôs o ombro no lugar com um grunhido e girou o braço.

– Como eu pareço ser o único interessado nas leis da cidade, retiro a contestação. – Ele fez uma pausa, como se estivesse esperando alguma outra pessoa se manifestar.

Todos ficaram em silêncio.

– Até que enfim. – Aoibhe tornou a voltar a atenção para o Príncipe, que havia chegado mais perto da presa, com as costas contra a parede. – Sua safra excepcional está no último suspiro. Se for para tomá-la, tem que ser agora. Aceita compartilhar?

Num impulso, o Príncipe pegou a moça no colo e, com um movimento rápido, pulou para cima do telhado, deixando seus cidadãos para trás.

Capítulo 2

Cassita vulneratus.

Raven acordou sobressaltada.

Tinha ouvido uma estranha voz sussurrar em seu ouvido. Não havia mais ninguém no seu pequeno quarto, é claro. Ela não conseguia se lembrar do que a voz tinha dito, ou se havia lhe falado em inglês ou italiano. Algo lhe dizia que não fora em nenhum dos dois idiomas, mas, afinal de contas, aquilo não passara de um sonho. Ela de vez em quando sonhava em latim.

A luz que entrava no quarto a fez piscar. Era incomum as venezianas de sua janela estarem abertas, mas nesse dia estavam. (Não que Raven tenha prestado atenção nessa irregularidade.)

Embora tivesse tido um sonho estranhíssimo, tudo de que conseguia se lembrar era um vórtice de emoções e cores misturadas. Como artista, não era de espantar que pensasse e sonhasse em cores. Mas causava-lhe estranheza o fato de que a sua lembrança, em geral afiada feito uma faca, estivesse tão amorfa.

Com um bocejo, passou as pernas pela lateral da cama, cuja estreiteza era um testemunho da sua condição de solteira, e andou até o laptop. Abriu o aplicativo de música e pôs para tocar seu álbum preferido do Mumford and Sons.

Ao entrar no banheiro, não se deu o trabalho de olhar no espelho pendurado acima da cômoda, que tinha apenas o tamanho suficiente para lhe exibir seu melhor traço: o rosto. Até olhar para esse traço era algo que Raven evitava.

Depois da toalete matinal, foi até a minúscula cozinha do apartamento de um quarto e começou a preparar o café.

Tinha a sensação de que era sábado ou domingo, mas estava quase certa de que precisava ir trabalhar. Tomada por uma súbita ansiedade, deu alguns passos

para a esquerda e espiou dentro do quarto. Ao ver a mochila pousada junto à pequena mesa que usava como escrivaninha, deu um suspiro de alívio.

Iria tomar o café e checar seus e-mails, como era o seu costume, e então descobrir que dia era. O relógio na parede marcava sete horas da manhã.

Apoiou-se na bancada. Foi então que reparou que algo havia mudado.

A camisola antiquada que estava usando deveria ter chamado sua atenção, uma vez que não era sua. Só que não chamou. Em vez disso, ela se concentrou no que estava visível abaixo da bainha da camisola. Seu pé direito, em geral virado para o lado, estava simétrico com o esquerdo, coisa que não acontecia havia mais de uma década.

Ela gelou. Não deveria ter conseguido andar do quarto até o banheiro e a cozinha sem a bengala. Não deveria ter conseguido se levantar sobre os dois pés sem sentir dor. No entanto, era exatamente o que tinha feito.

Raven quase desabou no chão de tão assustada, mas ficou ocupada demais erguendo o pé antes machucado e girando o tornozelo, experimentando-o. Depois repetiu o movimento com o pé esquerdo. Ambos os pés se moveram com perfeita desenvoltura e sem desconforto.

Andou até o quarto e voltou. Prendeu a respiração e pulou.

De braços abertos, correu sem sair do lugar, uma passada depois da outra, e sentiu um louco e entusiasmado triunfo diante do que sabia ser impossível.

Aquilo era um milagre.

Raven não acreditava em milagres, nem em qualquer divindade ou divindades que pudessem produzi-los. Fechou os olhos e tentou se lembrar de qualquer coisa relacionada à noite anterior, qualquer coisa que pudesse servir de pista para aquela súbita e inacreditável transformação. Tirando a voz sussurrada cujas palavras não conseguia distinguir, não encontrou nada em que se agarrar.

Talvez ainda esteja dormindo.

Como para testar a hipótese, esticou os membros inferiores e ensaiou uma bamba e amadora posição de pirueta. Manteve-se assim pelo máximo de tempo que conseguiu, saboreando lembranças musculares esquecidas tempos antes. Quando por fim perdeu o equilíbrio e pôs os dois pés no chão, quase chorou. Seu pé e perna direitos finalmente tinham feito o que ela lhes mandara fazer. Todo o dano que lhe fora causado naquela noite mais do que terrível tinha se curado.

Ouviu a cafeteira Moka chiar e cuspir sobre o fogão, e correu para desligar o

fogo. Abriu a pequena geladeira e pegou uma embalagem pequena de leite.

Olhou para o rótulo e leu com facilidade. Seus olhos se arregalaram. Virou a embalagem nas mãos e leu as letras miúdas. Então piscou e levou a mão ao rosto para ver se estava usando os óculos de leitura.

Não estava.

Sem os óculos de leitura, não deveria ter conseguido ler as palavras impressas abaixo da etiqueta. Só que elas estavam perfeitamente nítidas.

Isso não pode estar acontecendo. Estou tendo alucinações.

Raven pôs a embalagem de leite sobre a bancada e correu até o banheiro.

Viu uma mulher estranha no espelho e gritou.

A mulher tinha cabelos negros compridos e brilhantes. Os olhos eram de um verde cintilante, e o belo rosto oval tinha malares altos. Era o tipo de rosto que mereceria ser pintado, pensou Raven. Na verdade, a imagem a fez pensar na atriz Vivien Leigh.

Assustada, deu um pulo para trás.

A mulher também pulou.

Moveu-se para a direita.

A mulher também se moveu.

Levou alguns instantes para perceber que a mulher no espelho era o seu reflexo.

Assombrada, tocou o próprio rosto, as faces e a boca com o lábio inferior carnudo.

Sabia como deveria ser a sua imagem: feia, acima do peso, com uma perna que não funcionava direito. No entanto, tinha a aparência de uma linda jovem com duas pernas completamente normais.

Seria uma alucinação?

Mas os meus sentidos parecem estar funcionando. Consigo ouvir, tocar, ver e sentir cheiros.

Será que sua aparência e suas lesões anteriores tinham sido um pesadelo? Foi até o corredor e espiou para dentro do quarto, que era decorado com gravuras emolduradas da *Primavera* e do *Nascimento de Vênus*, de Botticelli, além de fotografias pessoais. Fotos de Raven e sua irmã Carolyn expostas na estante confirmavam sua antiga aparência.

Raven não acreditava em milagres, em sobrenatural, nem em nada que não

pudesse ser investigado pela ciência. Aquilo era um delírio. Não havia outra explicação científica.

Tentou se lembrar do que havia feito no dia anterior. Lembrava-se de ir trabalhar, mas não conseguia recordar mais nada depois disso. E se tivesse sido drogada?

Talvez, se voltasse ao trabalho, seus amigos pudessem ajudá-la. Se estivesse doente, poderiam levá-la ao médico. E se tivesse sido drogada...

Raven puxou a camisola por cima da cabeça e parou para examinar o tecido. A peça parecia feita de um algodão que já tinha sido branco, mas agora estava amarelado. O decote era arrematado por uma renda intrincada e uma fita cor-de-rosa desbotada. Uma fileira de botões de pérola antigos descia do pescoço até a cintura. Em suma, além de ser desconhecida, aquela camisola parecia ser do século passado.

E ela agora estava nua junto ao espelho.

Pegou um banquinho na cozinha e subiu nele.

Raven nunca se olhava nua. Era uma visão que evitava a todo custo. Nessa manhã, porém, maldisse o fato de o espelho ser tão pequeno.

Sua pele estava lisa e perfeita, sem marcas de cicatrizes ou estrias. Os seios estavam mais firmes, mais altos no peito. O corpo tinha o formato de uma ampulheta: cintura fina, quadris que se abriam delicadamente.

Contorceu-se no banquinho para poder ver melhor o quadril e as nádegas. Dava para perceber que não havia celulite nenhuma nas coxas.

Não sei o que me deram, mas deve ser uma droga bem potente.

Com medo de talvez ter sido agredida, Raven examinou a pele em busca de sinais de trauma. Não encontrou nada.

Com cuidado, abriu as pernas e levou a mão até o meio delas para verificar se havia alguma sensibilidade. Deu um suspiro de alívio quando tudo pareceu normal.

É claro que, se estou tendo uma alucinação quanto à minha aparência, posso estar tendo uma alucinação quanto à ausência de algum trauma.

Ponderou se todas as vítimas de alucinação se mostrariam assim tão racionais, e mais uma vez atribuiu ambos os efeitos à droga que sem dúvida lhe fora administrada.

Vestiu o roupão, agora imenso em seu corpo pequeno, e pegou o celular, que

logo percebeu estar sem bateria. Foi até a escrivaninha com a intenção de pegar o cabo e carregar o telefone. Uma olhada para a tela do computador lhe revelou que era segunda-feira de manhã. Não sabia como poderia ter esquecido o fim de semana inteiro, mas se quisesse estar no emprego na Galleria degli Uffizi às oito precisava se apressar e não tinha tempo para verificar os e-mails.

Tomou o café de um gole só e vestiu uma velha calça de ioga e uma camiseta, pois eram as únicas peças do seu limitado guarda-roupa que não ficariam ridiculamente grandes. Às pressas, escovou os cabelos e os dentes, desligou a música e jogou dentro da mochila o celular e o carregador.

Tentou encontrar os tênis prediletos, mas desistiu depois de alguns instantes e acabou calçando um par de sapatos pretos casuais que estavam jogados dentro do armário. Mais tarde procuraria os tênis debaixo da cama.

Por causa disso, não viu a caixa desconhecida que estava escondida logo debaixo de onde ela dormia, fora do seu campo de visão.

Ao trancar a porta do apartamento e sair para o patamar da escada, viu Dolcezza, a gata da vizinha.

– *Buongiorno*, Dolcezza. – Raven sorriu para o animal e estendeu a mão para acariciá-la.

A gata se afastou, chiando e arqueando as costas.

– O que houve, Dolcezza? – Ela se agachou e tentou de novo se aproximar da gata, mas esta continuou a chiar, balançando o rabo com fúria e desferindo golpes com as patas.

Nessa hora, a *signora* Lidia DiFabio abriu a porta de seu apartamento e chamou a gata, que passou correndo entre suas pernas como se um demônio dos infernos a estivesse perseguindo.

– Bom dia. – Raven acenou para a vizinha, pensando como esta iria reagir à mudança em sua aparência.

– Bom dia, querida. – Lidia sorriu.

– Tudo bem com a senhora?

Lidia esfregou a têmpora.

– Ah, estou meio cansada. Não tenho me sentido bem nestes últimos dias.

Raven deu alguns passos na direção dela.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer?

– Ah, não. Bruno vai passar aqui mais tarde. Vou dar uma deitada e pronto.

Bom dia para você.

Raven acenou para a vizinha e desceu a escada depressa. Ficou surpresa que Lidia não tivesse parecido reparar em sua aparência ou em seu novo corpo mais esbelto. Talvez porque estivesse sem óculos.

Ficou ainda mais surpresa com a súbita mudança de comportamento da gata. Sempre se dera bem com Dolcezza, e muitas vezes tinha alimentado e acariciado o animal. A relação entre elas sempre fora muito boa.

Em geral, ela descia a escada do prédio igual a uma tartaruga, movendo-se bem devagar com o auxílio da bengala. Naquela manhã, desceu correndo.

Era libertador conseguir se mover sem o fardo dos quilos extra ou a dor que normalmente sentia. Sem pensar muito, seguiu correndo desde o apartamento em Santo Spirito e atravessou a Ponte Santa Trinità.

Então parou.

Angelo, o sem-teto que geralmente ficava sentado junto à ponte, não estava lá.

Demorou-se um instante procurando por ele, pensando se teria apenas mudado de lugar, mas não o viu por perto. Seus pertences, em geral dispostos em um local específico ao lado da ponte, também tinham sumido.

Sentiu um arrepio na nuca. Desde que havia se mudado para Santo Spirito, Angelo passava todas as manhãs e todas as tardes sentado ao lado da ponte.

Pensou que não poderia se esquecer de passar na missão franciscana que ele às vezes visitava para ver como ele estava passando.

Olhando para o relógio, notou que faltavam poucos instantes para a hora em que deveria começar a trabalhar e continuou a correr até a Uffizi, um quilômetro e meio ao todo. Os pés batendo na calçada, os movimentos das canelas e dos joelhos, todas essas sensações foram acolhidas com entusiasmo.

Uma brisa suave acariciava suas faces e os cabelos que se derramavam por cima dos ombros e da mochila. Sentia-se mais forte, mais ousada, mais confiante. Teve a impressão de ter ganhado um novo corpo e um novo futuro.

A cada passo, ia ficando menos e menos preocupada com o motivo por trás de tão dramática reviravolta de sua má sorte.

Consequentemente, não reparou na misteriosa figura que a seguia desde que saíra do prédio.

Aquela era a manhã mais feliz de sua vida.

Capítulo 3

O Príncipe subiu a escada até seu quarto no Palazzo Riccardi, um velho casarão dos Médici. Havia devolvido a cotovia ferida para o mundo ao qual ela pertencia. E agora estava retornando ao seu.

E que mundo... escuro, violento, destrutivo.

Ao entrar no quarto, viu o próprio reflexo e afastou da testa alguns fios desalinhados de cabelos louros. Apesar de o seu corpo ser agora muito mais atraente do que fora em vida, nunca passava muito tempo se olhando.

A aprovação é um engodo, e a beleza é vã.

Curioso como ainda era capaz de citar as Escrituras. Curioso que ele, outrora um servo de Deus, fosse agora considerado um inimigo da Igreja.

Franziu o cenho e pensou no lindo rosto de olhos verdes.

Afastou o pensamento. Por causa de uma lembrança com muitos séculos de idade, havia interferido de modo temerário em assuntos humanos. Por causa de outra linda face de olhos fascinantes...

Esfregou o rosto com as duas mãos. Seu corpo nunca se cansava, mas a mente precisava de repouso. Naquela manhã, tudo que queria era passar algumas horas meditando tranquilamente. Só que não seria possível. Sentira o cheiro de Aoibhe assim que entrara no palácio, e ela estava atrás dele.

– Você andou se escondendo. – Dirigiu-se ao antigo amante em inglês, e rolou o corpo sobre a cama grande sem se dar o menor trabalho de cobrir o corpo nu.

(Aoibhe tinha poucas virtudes. A modéstia não era uma delas.)

A aurora começava a despontar no horizonte. Dali a algumas horas, a cotovia, agora não mais ferida, iria acordar no seu apartamento. Mas neste instante o

Príncipe se forçou a esquecê-la e encarou com avidez o corpo nu de Aoibhe, os seios firmes e generosos e a sedutora cabeleira ruiva.

Lambeu os lábios.

– Bom dia para você também. Como sabia que eu estaria aqui?

– Adivinhei. Você passou dias naquela sua fortaleza impenetrável. Sabia que uma hora ou outra precisaria comer. E então viria para cá.

– Pensei que eu tivesse trocado a fechadura. – Ele puxou as venezianas para fechar as janelas. Era para o conforto dela, não para o seu.

Os outros não sabiam, mas ele podia suportar a luz do sol.

Aoibhe repousou a cabeça sobre a mão virada; sua semelhança com uma pintura renascentista era notável.

– E trocou. Eu entrei no museu e convenci um dos criados a me deixar subir. Teria ido encontrá-lo na fortaleza, mas, como você sabe, não consigo passar pelos portões.

O Príncipe ignorou seu beicinho e estreitou os olhos cinzentos.

– O criado está morto?

– Claro que não. Está só... indisposto. – Ela pegou um travesseiro e o atirou nele. – Eu não iria matar um dos seus humanos. Pelo menos não sem pedir.

Ele praguejou enquanto afastava o travesseiro com um tapa. Lembrou-se da moça de olhos verdes encolhida em um beco, e de Aoibhe lhe implorando para compartilhar a "safra excepcional". A lembrança, assim como as sensações que a acompanhavam, deixaram-no pouco à vontade.

Ele virou as costas.

– É fácil substituir criados, mas não é prático fazer isso toda vez que um convidado sente fome.

Aoibhe fez uma pausa, pois tinha visto o desconforto que atravessara o semblante do Príncipe segundos antes.

– Antigamente você nem ligava para eles. Lembro-me de quando executou todos os seus criados em um rompante.

O comentário dela pairou no ar enquanto ele ia até o guarda-roupa antigo em frente à cama.

– Não tenho rompantes, Aoibhe. Executei aqueles criados por um bom motivo, isso eu lhe garanto. Criados são como roupas. Enquanto ainda têm serventia, eu os guardo. Quando deixam de ter utilidade, jogo fora. Talvez seja

mais correto dizer que lamento a perda de uma bela peça de roupa. Mas de um criado? Nem tanto.

O Príncipe tirou o casaco preto e o pendurou antes de ir até uma cadeira para descalçar as botas.

Aoibhe continuou a observá-lo.

– É isso que acho curioso em relação a você. Sob alguns aspectos, você é o mais humano de nós, mas, sob outros, é o menos.

– Tenho certeza de que existe um elogio em algum lugar nesse comentário – retrucou ele com ironia.

– Você é o nosso príncipe, mas ninguém sabe como mantém segura sua fortaleza ou quem o tornou um de nós. – Ela baixou a voz. – Nem mesmo eu sei quando você passou para o nosso lado, embora suponha que foi algumas centenas de anos antes de mim.

– Isso é uma pergunta? – indagou ele em tom abrupto enquanto punha as botas ao lado do guarda-roupa, sem encarar seu olhar penetrante.

Ela baixou a voz até um sussurro suave e sedutor.

– Somos amantes. Conte-me os seus segredos.

Ele a encarou firme.

– Não somos amantes, Aoibhe. Só acasalamos de vez em quando. – Como para enfatizar o que dizia, ele se levantou e tirou a camisa.

Ela fechou os olhos e inspirou quando o cheiro dele encheu o quarto.

– Você matou um humano hoje à noite, mas se alimentou de outro. Sinto o cheiro do sangue de alguém sobre você, e de alguém diferente dentro de você.

– Um idiota me surpreendeu quando eu estava me alimentando.

Ela abriu os olhos.

– Nesse caso, por que não saborear uma sobremesa?

– Você está perdendo o olfato. Não gosto de estupradores. – Ele tirou do bolso um relógio Baume et Mercier masculino e o jogou para ela.

Aoibhe pegou o relógio e admirou sua elegante simplicidade sob a luz do abajur antes de largá-lo na mesinha de cabeceira.

– Uma pena ter sido você a acabar com ele, uma vez que é tão indiferente aos assuntos humanos. Eu o teria feito sofrer.

– Ele sofreu bastante. – Os olhos cinzentos do Príncipe cintilaram. – Você teria gostado. Ele implorou pela vida, confessou seus pecados mais íntimos.

Chegou até a se sujar. – O Príncipe sorriu, deixando à mostra dentes brancos e perfeitos. – Disse que se chamava professor Pacciani.

– Os Paccianis produziram um professor universitário? Mal posso acreditar.

(Pacciani era o mesmo sobrenome de um célebre assassino em série que havia assombrado Florença por muitas décadas. É claro que os humanos não sabiam que várias supostas vítimas do assassino tinham sido fornecidas pela própria Aoibhe e outros de sua espécie.)

– Você matou um estuprador. Deu cabo de três homens na semana passada para se alimentar daquela moça. Que comportamento estranho. Por que o súbito interesse por humanos? Você deixou o assassino em série atacar a cidade durante anos.

Ele se manteve ocupado tirando as meias.

– Só interfiro quando é do meu interesse.

Aoibhe rolou de bruços, deixando à mostra as lindas costas e as nádegas. Jogou os cabelos por cima dos ombros.

– Não era do seu interesse esquartejar aqueles homens em um beco e deixar os pedaços lá apodrecendo.

O Príncipe a encarou na mesma hora.

– Gregor se livrou dos cadáveres.

– Você poderia tê-los afugentado ou usado o controle mental. – Ela o observou, curiosa. – Não foi só Max que achou seu comportamento esquisito. Houve falatório entre os membros do Consilium.

Ele sustentou seu olhar com uma expressão fria e ameaçadora.

– Se Maximilian quiser conversar, sabe onde me encontrar. Mas não vai gostar de como a conversa vai terminar.

Ela estremeceu e desviou os olhos.

– Eu o defendi, claro. Teria feito o que fosse preciso para conseguir a moça, mesmo que isso significasse despachar os três homens. Ela era especial. E eles iam desperdiçar isso.

O Príncipe nada disse, mas se levantou e tirou o cinto de couro com um estalo que ecoou.

Aoibhe o observou enquanto brincava com o lençol.

– Que gosto tinha o sangue dela?

Ele enrolou o cinto com a mão antes de colocá-lo com cuidado na prateleira

do guarda-roupa.

– Meu apetite nunca fica saciado.

Mais uma vez, Aoibhe riu.

– Você precisa arrumar uma amante... um bichinho de estimação humano para suprir suas necessidades, dia e noite. Há lindas mulheres e homens no Teatro. Você poderia escolher quem quisesse.

Ele escondeu a careta fechando a porta do armário.

Os músculos de seu peito e braços nus estremeciam a cada movimento, e Aoibhe os admirou, umedecendo os lábios com a língua.

– Em todos os anos desde que o conheci, você nunca teve uma mulher por um período mais prolongado. Por quê?

Ele virou a cabeça um milímetro e cravou os olhos nela.

– Humanos não foram feitos para serem saboreados por um período longo. Falta-lhes resistência. Além do mais, eu tinha você.

– Não temos nos acasalado com muita frequência.

O Príncipe apoiou um dos punhos fechados na porta do guarda-roupa e cerrou os dentes.

– Você arrumou um novo amante humano menos de um mês atrás. Onde ele está agora? Fazendo faxina no seu palácio de joelhos, nu em pelo?

Ela virou de costas, seios à mostra, e examinou o toldo intrincado acima da cama.

– Amantes humanos não têm energia suficiente. Quase o matei em uma semana. E ele precisa dormir de vez em quando.

– Ah, sim. Humanos precisam dormir. – O Príncipe tirou a calça preta e a jogou sobre a cadeira. – Quer dizer que você saboreou o corpo dele à noite, e agora chegou para saborear o meu durante o dia. Que lisonjeiro.

Ela virou o rosto na sua direção.

– Nada se compara à nossa espécie. E você sempre foi... atencioso. – Os olhos escuros dela se demoraram em seu torso esguio e musculoso antes de irem se pousar em suas nádegas firmes. – Tenho certeza de que nunca lhe faltou companhia feminina quando você era humano. Devia ter uma legião de jovens virgens em frente à sua casa, implorando para serem seduzidas.

O Príncipe se virou tão depressa que o movimento foi um borrão, e seus olhos escureceram e quase a imobilizaram sobre a cama.

– *Cave*, Aoibhe – rosnou em latim.

Ela ergueu as mãos, desculpando-se.

– Peço perdão. Esqueci que você era padre.

– Não era padre – cuspiu ele. Atravessou o quarto, apoiou os punhos na cama e se curvou por cima dela. – Era noviço. Você pretende passar o dia inteiro falando, ou veio se alojar na minha cama com algum outro objetivo?

Ela estendeu a mão e o segurou pelo pulso, um toque suave e sensual.

– Você está em Florença há muito mais tempo do que qualquer um de nós, e protegeu muito bem seu passado. Por acaso pode me culpar por um lapso de memória? Sei tão pouco sobre você...

Ele a encarou, excitado.

– Parece que me conhece o suficiente para se deitar comigo. Você entrou na minha casa, tirou a roupa e se enfiou nos meus lençóis. Vamos logo com isso?

– Só um instante, meu príncipe. – Ela lhe abriu um sorriso paciente. – Você serviu à Igreja. Viveu em uma época em que as mulheres tinham de permanecer virgens até o casamento. Talvez só consiga admitir essa possibilidade. Me diga, é por isso que não escolheu uma consorte?

O Príncipe se desvencilhou dela.

– Muito poucos da nossa espécie sobrevivem à mudança com a virgindade intacta.

– Já fui virgem. – O tom dela era quase nostálgico. – Antes de meu pai insultar um daqueles senhores de terras ingleses. Aquele que me fez teve uma surpresa quando me possuiu. Preferia virgens, mas confundiu meu cheiro.

– Tenho certeza de que você tinha outras virtudes que mais do que compensaram o fato.

Aoibhe estreitou os olhos para tentar ler sua expressão. Então balançou a cabeça.

– Nenhuma amante humana, nenhum encontro no Teatro e nenhuma consorte. É claro que você está bravo e precisando se liberar. Não se pode viver só de sangue.

– Se está tão preocupada assim com as minhas necessidades sexuais, é melhor fazer alguma coisa a respeito. – Seu tom foi incisivo. – Se não parar de falar, vou pôr alguma coisa na sua boca para fazê-la calar.

– Estou tentando ajudar. Somos amigos, não somos? Depois de tantos anos? –

Ela deu um belo sorriso e chegou para o lado de modo a abrir espaço junto a si.

Com um movimento rápido, ele se livrou da roupa de baixo. Ficou em pé, orgulhoso, com a ereção esticada na direção dela. Seus punhos se fecharam junto à lateral do corpo, e os tendões dos braços estremeceram.

– Amigos? Não. Mas você com certeza se tornou uma aliada bem-vinda. – Ele correu o olhar de cima a baixo por seu corpo, pousando-o nos seios.

Ela deu um suspiro e revirou os olhos.

– Acho que isso é o máximo que posso esperar de um inglês. Que bom que desisti de matar seus conterrâneos no século XIX.

– Chega. – Ele se moveu depressa e estendeu o corpo sobre o dela.

– Até que enfim – sussurrou Aoibhe, pressionando os lábios vermelhos em seu pescoço.

Ele subiu e desceu as mãos por seus flancos, cravando as unhas em sua pele perfeita.

Seu toque a fez ronronar feito um gato, e ela ergueu o seio direito até sua boca aberta e ávida.

Ele lambeu, dando várias voltas no mamilo com a língua antes de cravar-lhe os dentes. A sensação a fez se arquear na cama, erguendo o outro seio para chamar sua atenção.

Ele repetiu o movimento antes de fechar a boca e sugar.

Aoibhe gemeu e jogou a cabeça para um lado e outro. Ele levantou a coxa e envolveu o quadril com a perna dela antes de penetrá-la. Ela gemeu fundo quando ele começou a arremeter.

Foi um ato agitado, frenético, típico de sua espécie. A força do Príncipe era tamanha que ele era capaz de se sustentar acima dela com apenas um braço, enquanto não parava de penetrá-la repetidas vezes.

Aoibhe levantou o quadril para ir de encontro às arremetidas, então fez seu corpo rolar e ficou por cima. Com um grito de triunfo, cavalgou-o vigorosamente, a cabeça jogada para trás.

Ele explorou com as mãos os seios que se sacudiam antes de se sentar e substituir as mãos pela boca.

Aoibhe gemeu de prazer e tentou encontrar a boca dele para um beijo, mas ele a pegou no colo e pulou da cama, pressionando suas costas na parede.

Ela tentou beijá-lo de novo, mas ele outra vez se esquivou, roçando os lábios

ao longo do seu pescoço.

Sentiu-a próxima do orgasmo e meteu com mais força. Como sempre acontecia na sua espécie, o orgasmo dela durou vários minutos.

Ao terminar, ela o arrastou de volta para a cama e tornou a subir em cima dele, movendo-se tão depressa que seu corpo cintilou no ar.

Com um grito, ele moveu o quadril para cima e se esvaziou dentro dela.

Aoibhe rosnou, mostrou os dentes e se curvou para cravá-los no seu pescoço.

Em um instante, ele a virou de costas e imobilizou-lhe os braços acima da cabeça. Seu corpo continuava a estremecer com o orgasmo, e ele respirava com dificuldade.

– Não – rosnou, com uma centelha de raiva nos olhos cinzentos.

Ela não teve outra escolha senão menear a cabeça enquanto ele continuava a se movimentar dentro dela. Eram quase do mesmo tamanho e altura, mas ele era mais velho e muito mais poderoso. Podia acabar com ela facilmente e tirar seu corpo da cidade para queimá-lo até tornar-se irreconhecível. Ninguém jamais saberia.

Ela o encarou com os olhos arregalados, em pânico, prendendo a respiração.

Quando seu orgasmo se esgotou, o Príncipe deixou a cabeça pender, e algumas mechas de seus cabelos roçaram nos seios dela.

– Deixe-me ser sua consorte – sussurrou ela enquanto seu útero se contraía com os efeitos do orgasmo e o prazer continuava a correr por seu corpo. – Vamos governar Florença juntos. Beba de mim, e eu beberei de você.

Ela expôs o pescoço e o que havia sob a superfície da pele.

O Príncipe abriu os olhos devagar, como um dragão de olhos cinzentos, e rosnou.

– Por favor – implorou ela.

Ele saiu de dentro dela e caminhou nu até o guarda-roupa.

Ela se sentou, abanando a garganta com a mão trêmula.

– Do que você tem medo, meu amor? Da conexão que a troca de sangue proporciona?

Ele a olhou com fúria.

– Não venha com apelações insinceras. Sua honestidade é uma das poucas coisas que sempre admirei em você.

Ela uniu os lábios, mas não disse nada.

O Príncipe tirou do armário um conjunto limpo de roupas pretas e andou até a cama.

– O palácio está ao seu dispor até o pôr do sol. Vou instruir os criados. Tome cuidado para não matar nenhum.

Ela o estudou; seus cabelos eram uma profusão de cachos ruivos em volta do belo rosto oval.

– Pensei que tivéssemos progredido um pouco ao longo dos últimos séculos. Me enganei.

Ele contraiu o maxilar.

– Não minta para mim. Tudo que você faz é calculado.

– Não nego, mas nesse caso estou lhe fazendo um favor. Nós ganhamos a guerra contra os venezianos, mas quanto tempo vai durar a paz? E o atentado contra a sua vida? Ainda não descobrimos quem ajudou os venezianos a invadirem nossas fronteiras. Você precisa escolher uma consorte, nem que seja apenas para fortalecer e proteger sua posição. Sou uma de suas amigas mais antigas. Sou a escolha óbvia.

Ele a fitou, estudando seu rosto e sua expressão com uma hostilidade contida.

Aoibhe afastou os lençóis e ficou em pé na sua frente.

– Você precisa pensar no futuro. Quantos anos tem? Quem sabe quanto tempo ainda lhe resta antes do...

– Chega – interrompeu ele. – Nossos acasalamentos não foram frequentes, como você disse, mas foram justos. Até hoje.

Ele se demorou alguns instantes admirando seu corpo, a brancura da pele, as curvas delicadas e as pernas compridas. Balançou a cabeça.

– Sua performance era desnecessária. Eu teria lhe dado a mesma resposta se você tivesse me abordado na rua. Somos aliados, Aoibhe, não amantes. E de agora em diante é só isso que vamos ser. Não volte aqui.

Com isso, ele saiu do quarto.

Capítulo 4

Quando chegou perto da Uffizi, Raven ficou surpresa ao constatar que a galeria estava cercada por um cordão de isolamento.

Vários agentes da polícia da cidade vigiavam a área, enquanto os *carabinieri*, com os típicos uniformes azul-escuros, coalhavam o pátio em formato de U.

Alguns homens de terno escuro estavam reunidos em um pequeno grupo, conversando junto à entrada da galeria. Jornalistas do mundo inteiro aglomerados em volta do cordão gritavam perguntas para os *carabinieri* em inglês e italiano. Suas perguntas foram ignoradas, mas não por Raven.

Algo terrível tinha acontecido.

As famosas ilustrações de Botticelli, cópias dos desenhos feitos pelo artista para *A divina comédia* de Dante, tinham desaparecido.

Raven cobriu a boca, e uma sensação de enjoo subiu de seu estômago até a garganta.

– *Permesso*. – Uma voz de homem chegou aos seus ouvidos enquanto alguém tentava se espremer para passar ao seu lado.

Ela se virou e reconheceu Patrick Wong, um de seus amigos da galeria.

– Patrick – falou, tocando seu braço.

Os olhos escuros amendoados examinaram seu rosto.

– Eu a conheço?

Ela falou inglês.

– Sou eu.

Ele a fitou, intrigado, e ela se lembrou de como estava diferente.

– Raven.

Patrick soltou o braço da mão dela e a encarou com uma expressão hostil.

– O que você sabe sobre Raven?

– Sou eu, juro. – Ela pegou seu crachá da galeria na mochila e o estendeu para ele.

Patrick arrancou o crachá de sua mão e aproximou o rosto do seu.

– Como conseguiu isso? – sibilou. – Onde ela está?

– Patrick, sou eu. Nós trabalhamos juntos, lembra? Faço parte da equipe de restauração do professor Urbano.

Ele dobrou os dedos em volta do crachá.

– Todo mundo conhece a equipe do professor Urbano. Isso não quer dizer nada.

Ela olhou em volta, sem saber o que fazer, tentando encontrar um jeito de provar sua identidade. Seus olhos toparam com a lateral da Loggia dei Lanzi e seu telhado, que praticamente não se via dali.

– Lembra que nós almoçamos no terraço? Você me contou que tinha sido criado pela sua avó em Richmond Hill e que ela era dona de um restaurante. Me disse que tinha um cachorro chamado Magnus, mas que ele foi atropelado quando você tinha 10 anos.

Patrick arregalou os olhos.

– Quem lhe contou essas coisas?

– Você. Você tem intolerância a lactose, nasceu em Toronto e é a fim da Gina. Sou eu, Patrick. Eu juro. – Ela estendeu o braço. – Olhe o meu relógio.

Ele olhou para o seu pulso, no qual ela estava usando um Swatch velho e surrado que ele não teve dificuldade em reconhecer.

Seu olhar encontrou o dela.

– Como é que eu sei que você não sequestrou a Raven e roubou o relógio dela?

Ela revirou os olhos.

– Deixe de ser bobo. Não sou importante. Quem iria querer me sequestrar?

– Isso não é verdade. – A expressão dele foi de arrebatamento. – Para mim Raven é alguém. Para mim ela é importante.

Ela aguardou alguns segundos, reprimindo as emoções para poder se concentrar em algo que provasse a sua identidade.

– Você se lembra quando perdeu as cópias das radiografias da *Primavera*? E o

dottore Vitali não parava de perguntar onde estavam? Fui eu que coloquei as cópias na primeira gaveta da sua mesa.

Patrick balançou a cabeça.

– Não perdi as radiografias.

Ela abriu um sorriso gentil.

– Perdeu, sim. Você deixou na sala de leitura do arquivo. Eu as encontrei e guardei na sua mesa para você não ter problemas.

Patrick a encarou com uma expressão de fascínio incrédulo.

– Não contei isso para ninguém.

– Eu sei.

Aos poucos, a expressão de Patrick passou de chocada a preocupada.

– Raven? – sussurrou ele, encarando-a com atenção.

Ela aquiesceu.

Patrick levou uma das mãos ao seu rosto.

– O que você fez consigo mesma?

Ela piscou os olhos e se virou, sem conseguir encará-lo.

Patrick deixou a mão cair rapidamente e olhou em volta, percebendo que os dois tinham chamado a atenção de um dos *carabinieri*, que os observava por trás dos óculos escuros.

– Temos que sair daqui. – Ele segurou Raven pelo braço. – Cadê sua bengala?

– Não preciso mais.

– Isso não tem graça. – Patrick olhou para ela, furioso.

Ela levantou a perna agora boa e demonstrou rapidamente a extensão dos movimentos.

– Caralho – disse ele entre os dentes, arqueando as sobrancelhas. – O que está acontecendo?

Antes de Raven ter tempo para arriscar uma resposta, o *carabiniere* começou a andar na sua direção. Patrick a puxou, e os dois dobraram a esquina e saíram da sua linha de visão.

Depois de caminharem alguns metros, Raven estacou.

– E o trabalho? Vamos chegar atrasados.

Patrick lhe devolveu seu crachá.

– Chego atrasado todos os dias por causa da polícia. Temos que passar por uma verificação de segurança especial antes de eles nos deixarem entrar.

– A polícia está aqui por causa das ilustrações?

Ele a olhou, desconfiado.

– Claro.

– Elas foram roubadas?

Patrick apenas a encarou.

Quando ela não disse mais nada, ele esfregou os olhos e exclamou:

– Puta merda!

– O que foi?

Ele expirou bem alto.

– Se você estivesse metida em confusão, me diria, não diria?

– Não estou metida em confusão nenhuma.

– Como assim? Sou um dos seus melhores amigos e não a reconheci. Porra, você não precisa mais de bengala e desapareceu logo depois do maior roubo da história da Uffizi.

– Ahn? – Raven praticamente gritou e deixou cair a mochila no chão, tamanha sua surpresa.

– Shh! – Patrick lhe lançou um olhar furioso. – Quer atrair uma dúzia de *carabinieri* e Deus sabe quantos agentes da Interpol? Fale baixo.

Ele se afastou depressa, olhando na direção da Uffizi, antes de arrastar Raven e sua mochila mais para perto da Ponte Vecchio.

– Quando aconteceu o roubo? – perguntou ela, quase anestesiada de choque.

– Na noite da festa da Gina.

Raven levou a mão à testa. Lembrava-se da festa. Lembrava-se de falar com Patrick sobre uma carona até em casa. Depois disso, a noite era um borrão.

Ela estreitou os olhos por causa do sol.

– E como os ladrões passaram pelos sistemas de segurança?

– Ninguém sabe. Nenhum dos alarmes foi mexido. Não encontraram uma impressão digital sequer. Os agentes especiais acham que deve ter sido alguém de dentro, e é por isso que estão nos interrogando. Já fui interrogado três vezes.

– Mas quem faria uma coisa dessas? Todo mundo com quem trabalhamos tem a ficha limpa.

A expressão dele se tornou desconfiada.

– Raven, eles estavam procurando você. Faz mais de uma semana que você sumiu e ninguém sabia onde estava.

– Uma semana? – gritou ela, com os olhos esbugalhados.

– A festa da Gina foi no dia 17. Hoje é dia 27. Você não apareceu no trabalho semana passada. Pensamos que estivesse doente. Eu mandei torpedos e e-mails, e o professor Urbano ligou para o seu celular, mas você não atendeu. Fiquei bem preocupado, então Gina e eu passamos na sua casa na quarta-feira passada. Um dos seus vizinhos disse que não via você há dias. A gente avisou à polícia e ao consulado americano sobre o seu sumiço.

Antes de Raven conseguir reagir, o *carabiniere* de repente apareceu ladeado por dois outros agentes.

– O senhor trabalha no museu? – indagou ele a Patrick, sério.

Patrick relanceou os olhos para Raven.

– Trabalho.

– Identidade, por favor. – O agente estendeu a mão.

Patrick lhe entregou seu crachá da Uffizi. O homem o examinou com atenção antes de devolvê-lo.

Então voltou sua atenção para Raven.

– E a senhora?

Ela aquiesceu e lhe entregou o crachá.

O agente olhou para a fotografia e em seguida para ela. Tirou os óculos, dobrou-os e os guardou em um dos bolsos do uniforme.

Cravou os olhos nos dela.

– A senhora não se parece com a foto.

Raven deu de ombros.

– Mas sou eu.

O agente a examinou com um ar pensativo antes de olhar para Patrick. Este passou o peso de uma perna para a outra, nervoso.

– O senhor conhece essa mulher? – indagou o agente, indicando Raven.

Patrick hesitou, e o coração de Raven começou a bater forte.

Ele chegou mais perto dela.

– Sim, trabalhamos juntos.

Raven tentou não derreter de alívio diante daquela demonstração de apoio.

O agente voltou a atenção para ela outra vez.

– Seu crachá diz que a senhora trabalha para o Opificio delle Pietre Dure.

– Sim. Mas fui transferida para a Uffizi, e isso está escrito no crachá também.

– Ela apontou para o documento que ele ainda segurava.

– *Dottoressa* Wood, venha comigo.

– Ela é americana. – Patrick deu um passo à frente. – Vocês não podem simplesmente levá-la.

O agente o examinou por um instante.

– Nós não vamos *levá-la*. Vamos acompanhá-la até a delegacia para interrogá-la, como interrogamos todos os outros funcionários da Uffizi.

Patrick segurou o braço de Raven para detê-la.

– Vocês entrevistaram os outros funcionários na galeria, não na delegacia. Ela não vai acompanhá-los a lugar algum.

– Não se trata de interrogatório ou prisão, apenas de uma entrevista. Tenho certeza de que a *dottoressa* Wood quer ajudar na investigação. – O agente olhou para Raven decidido.

Ela piscou, sem saber o que dizer.

Patrick se manteve firme e não largou o braço da amiga.

O agente soltou um palavrão e tirou alguma coisa de dentro do casaco que sacudiu diante do nariz de Patrick.

– Meu nome é Sergio Batelli, sou *ispettore* dos *carabinieri*. Ela não tem passaporte diplomático e o nome dela está na lista de funcionários da Uffizi. Pelo código civil italiano, posso pedir informações a ela na delegacia sem notificar ninguém, especialmente os americanos. *Capisce*? Talvez o senhor queira ser interrogado com ela, *signor* Wong. Vocês são amantes? Há quanto tempo se conhecem?

Patrick disse um palavrão e deu um passo à frente, mas Raven se meteu e pôs a mão em cima da sua.

– Vai ficar tudo bem. Eu vou lá e respondo às perguntas dele. Mas por favor, avise ao professor Urbano o que está acontecendo. Ele deve estar me esperando no laboratório de restauração.

Patrick encarou o agente com um ar de desafio.

– Vou avisar ao *dottore* Vitali, diretor da Uffizi, e ao consulado americano. E vou citar o seu nome, *ispettore* Batelli.

O agente deu de ombros.

– *Dottoressa* Wood. – Ele fez um gesto em direção à rua, onde um carro de polícia acabara de encostar no meio-fio, com os faróis piscando.

Patrick apertou a mão de Raven antes de sair correndo em direção à Uffizi.

– Por aqui. – A voz de Batelli soou rouca quando ele e os outros homens conduziram Raven até o carro.

Capítulo 5

– Para sua informação, devo lhe dizer que isto não é um interrogatório. A senhora não está presa. Nós estamos lhe fazendo perguntas relacionadas com o roubo de objetos de arte da Galleria degli Uffizi porque a senhora trabalha na galeria. Esta conversa está sendo filmada. *Dottoressa* Wood, onde a senhora estava na sexta-feira, 17 de maio?

Batelli estava sentado na frente dela em uma pequena sala de interrogatório na delegacia de Florença; seus olhos escuros eram atentos, penetrantes.

Havia alguns documentos à sua frente, mas estavam fechados. Ele nem sequer estava tomando notas. Apenas a observava.

Outro homem, vestido com um terno preto, estava em pé atrás dele, à sua esquerda. Fora apresentado como Alessandro Savola, agente da Interpol de Roma. Ele também observava Raven com um olhar atento e os braços cruzados.

Ela se sentiu uma amostra sendo examinada sob um microscópio.

Passou alguns instantes considerando alternativas, encarando os agentes e pensando na difícil situação em que se encontrava.

Amava o seu trabalho. Amava a Uffizi. Estava disposta a fazer qualquer coisa para ajudar a polícia a encontrar quem houvesse roubado as ilustrações. E isso incluía responder às perguntas muito incômodas e potencialmente arriscadas do policial.

– Vim trabalhar no laboratório de restauração. No final do dia, um grupo de colegas foi à festa de uma amiga.

– Que amiga?

– Gina Molinari. Ela trabalha no arquivo.

– Para onde foi depois da festa?

Raven se concentrou em um ponto na parede, por cima do ombro dele, esforçando-se para lembrar.

– Fui para casa.

O *ispettore* Batelli se inclinou para a frente na cadeira.

– A que horas foi isso?

Ela olhou bem nos olhos dele.

– Não me lembro, mas a festa ainda não tinha terminado. Eu me despedi de Patrick e Gina e fui para casa a pé.

– Sozinha?

– Sim, sozinha.

– A senhora mora com alguém? Alguém a viu chegar em casa?

– Moro sozinha, e não, ninguém me viu.

– Tem um parceiro? Namorado ou namorada?

– Não. – Ela cruzou os braços em frente ao peito.

– Quando ficou sabendo sobre o roubo? – O tom do inspetor foi casual. Casual demais.

– Hoje de manhã, quando cheguei para trabalhar.

O agente estreitou os olhos.

– E os jornais? O rádio? A TV?

– Não assino jornal e não tenho televisão. Às vezes escuto a BBC de manhã, mas acordei atrasada para o trabalho e não liguei o rádio.

– Por que está carregando seu passaporte e outros documentos importantes? Não tem medo de ladrões? – Batelli indicou os objetos sobre a mesa junto com o crachá dela.

– Meu passaporte antigo estava perto de vencer. Peguei esse novo no consulado outro dia, mas tive de apresentar a documentação para provar que estava trabalhando legalmente na Itália. Devo ter esquecido de tirar tudo da mochila.

– O nome nos seus documentos não bate com o do crachá.

Ela cerrou os dentes.

– Meu nome é Raven.

– Não é esse o nome que está no passaporte.

É porque o nome do meu passaporte está morto, pensou ela.

Tentou parecer relaxada e uniu as mãos no colo.

– Nos Estados Unidos é comum as pessoas terem apelidos.

– De que parte dos Estados Unidos a senhora é?

– New Hampshire.

– Sua ficha na galeria diz que estudou na Universidade Barry e na Universidade de Nova York.

– Isso.

– Há quanto tempo está em Florença?

– Passei um ano aqui quando estava terminando o mestrado pela Universidade de Nova York. Aí voltei faz três anos, quando estava escrevendo a tese. Ao me formar, no ano passado, o professor Urbano me contratou para trabalhar com ele no Opificio.

Batelli estreitou os olhos.

– Achei que o professor Urbano trabalhasse na Uffizi.

– Trabalha, mas só no contrato. Ele tem um laboratório no Opificio, um instituto de restauração de renome mundial. Foi contratado pela Uffizi junto com sua equipe para trabalhar em um único projeto. Faço parte dessa equipe.

– Quer dizer que tem doutorado em história da arte e conservação?

Ela se remexeu na cadeira.

– E restauração. Eu me formei nas duas coisas, mas na tese me concentrei em restauração.

– Interessante. Como é feito esse trabalho de restauração?

– Começamos fazendo pesquisas científicas sobre as obras de arte. Existe um laboratório na Fortezza da Basso onde usamos microscópios, espectrofotometria e máquinas de raio X. Às vezes usamos ultravioletas ou fotografias infravermelhas. Também fazemos trabalho de arquivo, comparando restaurações anteriores e tentativas de conservação com achados científicos atuais.

O inspetor a encarou.

– A senhora faz tudo isso?

– Ajudo no que for necessário, mas nesse projeto passo a maior parte do tempo removendo camadas de verniz do quadro para podermos chegar na tinta mais embaixo. Então alguém mais competente do que eu conserta as rachaduras e os descascados do quadro original. Esta semana nós deveríamos ter começado a aplicar um verniz transparente na obra para protegê-la. Como é uma peça grande e muito antiga, isso poderia levar meses.

Batelli aquiesceu.

– O professor Urbano disse que a senhora faltou ao trabalho a semana inteira e não avisou. Onde estava?

– Em casa, imagino.

– Imagina? Não sabe? – O tom já não era casual.

Ela não respondeu, pois na realidade não sabia o que dizer.

– É normal para a senhora sumir uma semana do trabalho e não se lembrar de onde estava?

– Não. – Sem perceber, ela começou a pressionar as unhas nas palmas da mão.

– Onde estava?

– Não me lembro.

O olhar de Batelli encontrou o do agente Savola.

– Onde estava ontem?

– Não sei.

– Mas se lembra de voltar para casa depois da festa?

Raven fechou os olhos e vasculhou as próprias lembranças.

– Lembro de me despedir de Patrick e sair da festa de Gina. Lembro-me de começar a caminhar na direção de casa.

Ela abriu os olhos.

– E só.

– Diga-me uma coisa, *dottoressa* Wood. A senhora costuma beber?

Ela deu de ombros.

– Tomo uma taça de vinho quando saio com amigos. Mas não, na verdade não bebo.

– Usa drogas?

– Drogas? – repetiu ela, tensionando o corpo de modo perceptível.

– Usa drogas ou remédios?

– Às vezes tomo analgésicos por causa da perna, mas tenho receita.

Batelli baixou os olhos para a perna de Raven.

– Costuma exagerar na dose?

– Não. – Ela apertou as mãos, tentando não torcê-las no colo.

– E outras drogas... cocaína, maconha, ecstasy?

– Não uso drogas.

– Diga a verdade. – Batelli a encarou com um olhar duro. – A senhora vai a uma festa. Falta ao trabalho uma semana. Não se sabe como, durante a sua ausência a Uffizi sofre um roubo. Que tal facilitar as coisas e nos contar o que realmente aconteceu?

– Eu já disse. Não me lembro.

– As coisas podem ficar bem desagradáveis se a senhora mentir para mim. – O tom dele se fez incisivo.

– Estou dizendo a verdade! – Ela ergueu a voz, dando um susto nos dois agentes.

O inspetor chegou mais perto.

– Onde estava na semana passada?

– Eu não sei.

– Onde estava ontem?

– Não me lembro.

Ele deu um soco na mesa.

– Onde estava ontem à noite?

Um arabesco enevoado de cores dançou em frente aos seus olhos, acompanhado por um sussurro muito baixo. De repente, ela sentiu uma pontada de dor na nuca.

Fechou os olhos.

– *Dottoressa* Wood? – insistiu Batelli.

Ela não reagiu.

– *Signorina*? – indagou ele, um pouco mais alto.

– Talvez eu tenha sido drogada – sussurrou ela, enquanto a dor em sua cabeça diminuía. Raven abanou o rosto com a mão em frente aos olhos.

– Drogada? – repetiu ele.

Ela deixou cair a mão.

– Talvez alguém tenha me drogado.

– O que a faz dizer isso? – Era a primeira vez que Savola se manifestava, e sua voz saiu baixa e roufenha.

Raven o encarou.

– Não me lembro do dia de ontem. Não me lembro de nada depois da festa de Gina. Eu não bebi muito, mas tomei umas duas taças de vinho. Talvez alguém tenha colocado alguma coisa na minha bebida.

Batelli chamou o agente Savola com um aceno e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. O agente da Interpol aquiesceu e saiu da sala.

O inspetor pôs a mão em cima de uma das pastas.

– A senhora não se lembra de nada da última semana? Nada mesmo?

– Não.

– Está sentindo alguma dor? Alguma tontura?

Ela esfregou a nuca.

– Senti uma dor na cabeça faz alguns minutos. Mas não estou tonta.

Ele passou alguns minutos em silêncio, estudando-a.

– O que faz para o professor Urbano?

– Já falei, eu o ajudo no projeto de restauração dele.

– E o que ele está restaurando?

– *O nascimento de Vênus*.

O inspetor assentiu.

– Quer dizer que a senhora é especialista em Botticelli?

Ela se remexeu na cadeira.

– Não como o professor Urbano. Ele trabalhou na famosa restauração da *Primavera* com Umberto Baldini.

Batelli olhou para ela sem entender; não havia reconhecido o nome do famoso historiador da arte e restaurador.

– Mas é correto dizer que sabe muito sobre Botticelli e sua obra?

– Sim. Também sei que roubar grandes obras de arte é um crime contra a humanidade. – Sua voz soou ligeiramente irritada.

O inspetor pareceu intrigado.

– É uma opinião pouco comum.

– Não entre pessoas que dedicam a vida a preservar e proteger grandes obras de arte. Foi por isso que vim para Florença.

Batelli franziu o cenho.

– As ilustrações eram cópias.

Raven se inclinou para a frente na cadeira.

– Essas *cópias* eram tudo que nós tínhamos. O conjunto completo de ilustrações originais se perdeu. E as cópias eram lindas.

– *Nós?* – repetiu ele, inclinando a cabeça para um dos lados. – *Nós* quem?

Ela sentiu as bochechas pegarem fogo.

– A humanidade. Quem as roubou, roubou de todos nós. Mas tenho certeza de que os Emersons ficaram mais chateados do que qualquer outra pessoa, talvez com a exceção do *dottore* Vitali.

– E quem seriam os Emersons?

– Os patronos que nos emprestaram as ilustrações... o professor Gabriel Emerson e a mulher dele.

– A senhora os conhece?

– Na verdade, não. Eles patrocinam o orfanato onde eu trabalho como voluntária, mas nunca os encontrei.

O inspetor abriu sua pasta e tirou dela uma série de folhas impressas grampeadas juntas. Empurrou os papéis na sua direção.

– Isto aqui é uma lista de nomes. Me diga se conhece algum deles.

Raven pegou as folhas e começou a ler.

Olhou para o inspetor.

– Reconheço alguns dos nomes. São patronos da galeria. Mas na verdade não os conheço.

– Ninguém?

– Trabalho no laboratório de restauração. Os patronos não interagem conosco. – Ela tornou a pôr os papéis sobre a mesa.

– Seria correto dizer que a senhora reconhece todos os nomes, ou só alguns?

– Só alguns.

Batelli destampou uma caneta e a pôs na sua frente.

– Por favor, assinale os nomes que conhece.

Raven franziu o cenho, mas obedeceu; assinalou mais ou menos um terço dos nomes da lista.

Batelli pareceu demonstrar um interesse contido pelo que ela estava fazendo, mas depois de ela terminar apenas empurrou os papéis de lado. Então retirou uma única folha da pasta e a deslizou na sua direção.

– Leia isso.

Raven pegou o papel.

A primeira coisa que percebeu foi que se tratava de uma cópia evidente da caligrafia de alguém. O estilo era rebuscado. Muito rebuscado. Preciso, elegante e lindo de morrer. Uma obra de arte em si.

A segunda coisa que percebeu foi que as palavras estavam escritas em latim.

De repente, uma expressão surgiu em sua consciência.

Cassita vulneratus.

– O que foi? – Batelli se inclinou para a frente, desconfiado.

– Não falei nada. Já li. O que tem isso?

– Leia em voz alta para mim.

– Está em latim. – Ela o encarou, sem entender.

– Isso eu sei. Leia em latim, se conseguir, e traduza para o italiano.

Raven voltou sua atenção para o papel.

– *Non furtum facies. Mihi vindictam ego retribuam*. – Olhou para o policial. – *Non rubare. La vendetta è mia; io ricompenserò*. – Não roubarás. A vingança me pertence. Eu darei o troco.

Tornou a pousar o papel em cima da mesa.

– Por que está me mostrando parte de um manuscrito latino tirado da Bíblia?

– Por que acha que isso foi tirado da Bíblia?

– Não sou paleógrafa, mas sei reconhecer uma caligrafia medieval. – Ela indicou o papel com um gesto. – O texto parece tirado da Bíblia, mas não sou especialista.

– As palavras significam alguma coisa para a senhora? – Batelli a encarou com uma expressão inquisitiva.

– Não.

– Interessante. – Ele tornou a guardar o documento dentro da pasta e a fechou. Então pôs a mão em cima da pasta, com a palma para baixo. – O que pode me dizer sobre os sistemas de segurança da galeria?

– Quase nada. Sou apenas uma restauradora de arte. – Ela fez um gesto na direção do crachá sobre a mesa à sua frente. – Tenho acesso a determinadas salas quando a galeria está aberta. Não tenho os códigos de segurança do prédio nem das salas de exposição individuais. Não tenho certeza de quais são os sistemas de segurança da galeria. É tudo um grande mistério.

– O seu crachá abriria a sala das ilustrações de Botticelli?

Ela fez que não com a cabeça.

– Só tenho acesso às salas relacionadas com o meu trabalho: o arquivo, as salas de restauração e a sala que divido com alguns dos outros associados.

– E as chaves?

– O acesso à maioria das salas da Uffizi é feito por crachá. Algumas das salas

mais antigas e o Corredor Vasari podem ser acessados por chaves. Mas não recebi nenhuma chave. Mesmo que tivesse recebido, não poderia entrar quando o prédio estivesse fechado.

– Mas a senhora trabalha depois do expediente.

– Às vezes o professor Urbano pede à equipe de restauração para trabalhar até mais tarde, se estivermos fazendo alguma coisa especialmente delicada ou sensível. Mas nesses casos a galeria fica aberta, ou pelo menos o laboratório de restauração. A segurança permite nossa entrada se chegamos depois do expediente e nos acompanha até fora do prédio quando terminamos.

O inspetor se recostou na cadeira e ficou olhando para ela, sem piscar, até ela desviar os olhos.

– A senhora trabalhou depois do expediente no dia 17 de maio?

– Não. Estou trabalhando exclusivamente no *Nascimento de Vênus*. Estamos efetuando uma restauração completa, o que significa que o quadro não está mais exposto. Trabalhamos em horário normal, exceto quando o professor Urbano nos pede para ficar até mais tarde. Tem uns dois meses que ele não faz isso.

– O seu rosto não corresponde à foto do crachá nem à do passaporte. – Ele fez um gesto em direção ao crachá sobre a mesa. – Imagino que a foto do seu passaporte seja recente?

– É, sim. – Ela se remexeu na cadeira.

– Mas não parece recente. Sua ficha de funcionária diz que a senhora é "deficiente".

Ao dizer isso, ele baixou os olhos para a perna direita dela, que estava parcialmente escondida pela escrivaninha. Então ergueu os olhos e a encarou.

– A senhora não parece ter necessidades especiais.

– O termo correto é "pessoa com deficiência física". – Raven empertigou os ombros. – E não sou mais.

– Explique.

Ela uniu os lábios com força.

– Não posso.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Como é?

– Não posso explicar. – Ela ergueu as mãos em um gesto frustrado. – Não faço ideia do que aconteceu. Já disse isso ao senhor.

Alguém bateu na porta e o agente Savola entrou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Batelli, que fez uma cara decepcionada. Os dois trocaram algumas palavras em voz baixa, as quais Raven se esforçou para escutar, sem sucesso.

O agente Savola tornou a ocupar seu lugar à esquerda de Batelli, com os braços cruzados em frente ao peito.

Batelli pegou a caneta e começou a batucar com ela na pasta.

– A senhora procurou um médico?

Raven fez que não com a cabeça.

– Se acha que foi drogada, por que não foi para o hospital?

– Eu estava me sentindo bem. Estava preocupada em não chegar atrasada ao trabalho.

Batelli fez uma cara feia.

– A senhora teve perda de memória, sofreu uma mudança drástica na aparência, uma restauração milagrosa da capacidade de andar e estava preocupada se chegaria atrasada ao trabalho?

Ele disse alguns palavrões e jogou a caneta sobre a mesa.

Raven pressionou a mão na testa.

– Nós podemos levá-la ao hospital – disse o agente Savola em inglês, em voz baixa.

Ela fez que não com a cabeça.

– Preciso falar com o professor Urbano. Não quero perder o meu emprego. – Ela engoliu com força. – Tenho uma médica que me acompanha. Vou marcar uma consulta com ela.

O agente Savola aquiesceu, compreensivo.

– A sua médica é cirurgiã plástica?

– Não – respondeu Raven, seca.

– Só um cirurgião plástico muito habilidoso seria capaz de transformá-la disto aqui... – ele apontou para o seu crachá –... nisso. – E fez um gesto na direção do seu rosto.

– Está tentando me ofender? – disparou ela.

– A senhora tem um psiquiatra?

– É claro que não! – rebateu Raven. – E o senhor, agente Savola? Tem um psiquiatra?

O agente deu um passo na sua direção e disse um palavrão.

Batelli ergueu as mãos.

– Isso não está ajudando – falou, olhando de maneira incisiva para Raven e para o colega.

Ela apontou para a pasta.

– Se vocês têm a minha ficha de funcionária, sabem que passei por uma verificação de antecedentes criminais. Passei também por uma avaliação psicológica. – Ela olhou na direção de Savola. – E o mais importante, dediquei minha vida a salvar a arte e preservá-la para as gerações futuras. Não destruo coisas nem roubo. Os ladrões de arte são quase o pior tipo de gente que existe, porque roubam coisas lindas e escondem para que o mundo não possa ver.

Batelli a encarou com curiosidade.

– Qual é o pior tipo de gente que existe, na sua opinião?

– Molestadores de crianças.

Tanto Batelli quanto Savola pareceram espantados com a resposta, mas se recuperaram depressa.

Batelli pegou o crachá de Raven, seu passaporte e os outros documentos. Examinou-os com atenção antes de devolvê-los a ela.

Raven estendeu a mão para pegá-los, e por alguns instantes ele continuou segurando os documentos, mantendo-a presa.

– A senhora pode ir embora depois de colhermos as suas digitais. É só para confirmar sua identidade, já que a sua aparência não corresponde aos documentos. Um agente a levará de volta até a Uffizi. Mas devo avisá-la, *signorina* Wood, que vamos querer interrogá-la novamente. Eu lhe aconselharia fortemente a não sair de Florença. Vamos avisar os serviços de imigração, caso tente deixar o país.

Ele relanceou os olhos para Savola, em seguida tornou a fitá-la.

– Para o seu próprio bem, sugiro que consulte um médico.

Raven pegou seus pertences da mão dele e saiu da sala num rompante, deixando a porta aberta atrás de si.

Capítulo 6

Quando finalmente chegou à Uffizi, Raven teve de passar por um scanner de digitais antes de a segurança deixá-la entrar no prédio. Depois da experiência humilhante, foi até a sala que dividia com vários pesquisadores diferentes. Cumprimentou os colegas com um aceno tenso antes de caminhar arrastando os pés até sua mesa em um canto afastado.

Deixou-se cair na cadeira e correu os olhos pelo recinto sem janelas. Um burburinho de conversas ecoava pela sala, e de vez em quando um telefone tocava; seus colegas não tiravam os olhos dela. Mais de uma pessoa foi até sua mesa querendo saber quem ela era e pedindo para ver o seu crachá. Ela teve que chamar a segurança e pedir que confirmassem sua identidade. Depois disso, os colegas continuaram a olhar na sua direção com expressões que iam de surpresa a censura.

Aquele escrutínio todo fez sua pele arrepiar.

Havia vários recados sobre sua mesa, entre eles um recente de Patrick lhe pedindo para mandar uma mensagem de texto quando chegasse. Ela ignorou todos e segurou a cabeça com as mãos.

Estava encrencada.

Não fosse o fato de sentir dor ao se beliscar, teria pensado que estava tendo um pesadelo. Os acontecimentos inacreditáveis e impossíveis de explicar eram muitos. Em primeiro lugar, a súbita e espontânea cura de sua deficiência. Em segundo, a perda de peso e a mudança radical da aparência. Por fim, seu sumiço e a perda de memória.

Havia também a possibilidade de sua personalidade estar levemente mais forte. Raven não conseguia se lembrar da última vez em que se mostrara tão

zangada ou grosseira. Sempre tivera orgulho de ser educada e contida. Mas na delegacia...

Seus olhos deram com um folheto que ela havia deixado em cima da mesa meses antes, que continha informações sobre as ilustrações de Botticelli e fora distribuído pela galeria aos visitantes.

Pegou-o e deu uma olhada no texto.

Sem dizer nada, guardou a mochila em uma das gavetas da mesa, trancou-a e pôs o crachá pendurado em uma cordinha ao redor do pescoço. Pegou o celular, que mal conseguira carregar, e o segurou com a mesma mão do folheto. Em silêncio, maldisse o fato de estar usando uma calça de ioga que, embora deixasse o seu traseiro muito atraente, não tinha bolso.

Apesar de ter que se apresentar no laboratório de restauração para trabalhar, andou na direção oposta, até a sala em que costumavam ficar as ilustrações. A sala estava isolada e o corredor, vazio.

O cômodo tinha paredes pintadas com um azul vivo, de modo a ressaltar melhor as ilustrações feitas a bico de pena. Lá dentro havia uma fileira de vitrines dentro das quais as obras eram mantidas a salvo da luz, da umidade e do contato humano.

Raven examinou as vitrines agora vazias e reparou que cada uma delas, assim como as paredes e até mesmo o chão, haviam sido examinadas em busca de impressões digitais. Em um dos cantos, um andaime subia até o teto bem alto. Pelo visto, alguém também tinha procurado digitais no teto branco: alguns pontos estavam sujos de cinza e preto.

Ela começou a ler a descrição das obras de arte impressas no folheto. Como o *ispettore* Batelli havia mencionado, as ilustrações eram cópias. Botticelli tinha feito cem desenhos para *A divina comédia* de Dante encomendadas por Lorenzo di Pierfrancesco de' Médici, morto em 1503. Infelizmente, oito tinham sido perdidas. O Vaticano tinha alguns dos originais, e o restante era propriedade dos Museus Estatais de Berlim.

A coleção dos Emersons era completa. Sim, eram apenas cópias, mas o casal possuía todas as cem ilustrações originais. Esse fato por si só dava à sua coleção um valor incalculável.

A Galleria degli Uffizi com certeza estava mais do que satisfeita em exibi-las. Podia cobrar um preço extra para os visitantes admirarem a exposição, e usar o

dinheiro para financiar alguns dos projetos de restauração da galeria, inclusive o trabalho que Raven e a equipe do professor Urbano estavam fazendo.

As ilustrações estavam emprestadas à Uffizi fazia dois anos, desde o verão de 2011. Raven se lembrava bem do anúncio, já que na época estava fazendo pesquisas para sua dissertação e trabalhando no Opificio.

Antes do anúncio, ninguém sabia sobre a coleção do casal Emerson. Raven tinha feito algumas pesquisas amadoras sobre o assunto, mas sem descobrir nada. Para obras de arte de tamanha importância, a falta de imagens ou informações era surpreendente.

O *dottore* Vitali havia preparado uma explicação sobre a origem das ilustrações, que estava reproduzida no folheto, mas as informações decerto vinham do próprio casal Emerson, pois Raven não havia encontrado nenhuma confirmação independente dos fatos apresentados.

Achou isso curioso.

Segundo o folheto, as ilustrações tinham sido feitas no século XVI, decerto por um aluno de Botticelli. Não se sabia como, tinham ido parar nas mãos de uma família suíça no século XIX, e esta fornecera as ilustrações ao professor Emerson em uma venda particular alguns anos antes.

Do século XVI ao XIX, o paradeiro das ilustrações era um mistério completo. Com certeza nem a família suíça nem o professor Emerson tinham tido pressa de revelar ao mundo a sua existência. Dizia-se que fora a Sra. Emerson quem finalmente havia convencido o marido a compartilhar aquelas obras com o mundo.

E agora elas sumiram, pensou Raven. Olhou para as vitrines vazias e sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos.

Estava prestes a se apresentar no laboratório de restauração quando seu telefone apitou indicando uma mensagem de texto. Era de Patrick.

Kd vc?

Ela digitou rapidamente uma resposta.

Sala de exposição

Esperou uma resposta de Patrick, mas não recebeu.

Foi descendo pelas mensagens que havia recebido durante a semana anterior, e reparou que tanto Patrick quanto Gina haviam mandado várias, manifestando uma preocupação cada vez maior. Havia perdido também vários e-mails e recados de voz.

Com um suspiro, lançou uma última e triste olhada para as vitrines vazias e saiu da sala. No corredor, Patrick vinha andando na sua direção.

– Como foi lá com a polícia? – Seu rosto estava vincado de preocupação.

– Nada bem.

Patrick soltou um palavrão.

– Venha.

Segurando-a pela mão, conduziu-a até uma das escadas dos fundos. Eles subiram até o primeiro andar e foram até um canto tranquilo.

Patrick soltou sua mão e cruzou os braços em frente ao peito, mantendo-se bem perto dela.

– O que eles disseram?

– Fizeram um monte de perguntas. Estão desconfiados, claro, e como eu não consigo responder às perguntas deles fico parecendo culpada. – Ela esfregou os olhos. – Não tenho a menor ideia de onde estava na semana passada. Minha memória se esvaiu.

– Você não se lembra de nada da semana passada? – A voz dele soou preocupada.

– Nada desde a festa de Gina. Talvez alguém tenha me feito tomar alguma coisa. – Ela evitou seu olhar e observou os próprios pés.

– Não tem como. – O tom de Patrick foi firme. – Quem estava servindo os drinques era eu, lembra? Conheço todo mundo que estava lá. Ninguém poderia ter te dado nada.

– Então por que não consigo me lembrar?

– Sei lá. – A expressão dele ficou ainda mais tensa. – O *dottore* Vitali quer falar com você.

– O quê?

Patrick meneou a cabeça para indicar a sala do diretor.

– Ele está acompanhando de perto tudo o que tem a ver com a investigação,

inclusive a sua entrevista. E os Emersons acabaram de chegar. Vi a polícia entrar com eles na galeria.

Raven grunhiu. É claro que os Emersons estariam abalados com o roubo. E o professor Gabriel Emerson tinha reputação de ser um tanto... *temperamental*.

Patrick prosseguiu.

– Eu disse ao professor Urbano que você tinha voltado, mas não falei da polícia. Ele quer vê-la depois que Vitali tiver falado com você.

– Preferia quando ninguém prestava atenção em mim.

Patrick franziu o cenho.

– Ei. É a segunda vez que você diz uma coisa assim. Olhe aqui: estou preocupado com você, e Urbano também. Faz uma semana que estamos estressados pensando que fim você tinha levado.

Ela mordeu a bochecha por dentro.

– Talvez devessem desconfiar de mim. Eu estou desconfiada de mim.

Patrick deu um passo mais para perto e se inclinou até seus olhos ficarem na mesma altura que os dela.

– Nem venha com essa merda. Lembra o que aconteceu com Amanda Knox?

Raven estremeceu.

– Lembro.

– Ela diz que é inocente. Talvez seja, mesmo. Mas se envolveu em uma investigação da polícia italiana. Quando eles terminaram, todo mundo já achava que ela fosse culpada. O consulado americano não vai poder ajudar se você for acusada de um crime. Não dê munição à polícia. – Patrick deu um apertão encorajador no seu braço. – É melhor você ir. Vitali quer vê-la agora mesmo.

– Ele vai me suspender, não vai?

Patrick tornou a apertar seu braço.

– Não sei. Mas deve haver alguma explicação razoável para o que aconteceu. Nós vamos descobrir, prometo.

Ela lhe deu um sorriso desanimado antes de percorrer a curta distância até a sala do *dottore* Vitali.

Bateu duas vezes e aguardou.

A porta foi aberta por um homem alto e bonito, de cabelos negros e olhos azuis penetrantes. Estava de camisa branca e calça jeans, e usava sapatos de couro marrom.

Sua postura era tudo, menos casual.

– Pois não? – Assim como a expressão, seu tom não foi nada amigável.

– Bom dia. O *dottore* Vitali pediu para falar comigo – respondeu Raven em um italiano formal.

O homem abriu mais a porta, e Raven viu, atrás dele, Vitali sentado diante de sua mesa, conversando com uma mulher que segurava um bebê no colo.

– Como assim não tem nenhuma impressão digital, porra? – Um homem, que Raven supôs ser o professor Emerson, passou pela moça e foi se postar em frente à mesa.

– Gabriel. – A mulher, que Raven imaginou ser a esposa dele, olhou do professor para o bebê no próprio colo.

– Desculpe, querida. – A voz do professor Emerson soou contrita. Ele pousou uma das mãos sobre a cabeça da criança. – Eu quis dizer *porcaria*.

– Não melhora grande coisa. – A Sra. Emerson lhe deu um meio-sorriso.

O bebê começou a se remexer e a puxar o vestido da mãe. Fechou um dos punhos gordinhos e começou a mordê-lo, mas não antes de produzir um ruído que Raven achou parecido com um pio.

– Acho que ela está com fome. – A Sra. Emerson olhou para seu anfitrião com uma expressão de quem pede desculpas.

– Vitali, tem algum lugar tranquilo onde Julianne possa amamentar Clare? – O professor pousou a mão no ombro da mulher.

– Claro – respondeu Vitali, acenando para Raven se aproximar. – E a senhora seria...

Raven parou, constrangida.

– Raven Wood, *dottore*.

Vitali examinou sua aparência com um olhar incrédulo.

Raven se remexeu.

Parecendo se recuperar do choque, Vitali olhou para os convidados.

– Srta. Wood – disse ele, passando para o inglês. – Leve a Sra. Emerson para a sala de reunião. Depois volte aqui. Gostaria de falar com a senhorita.

– Claro. – Raven forçou um sorriso, pois o tom e a postura do diretor tinham sido perceptivelmente frios.

– Obrigada – disse a Sra. Emerson, levantando-se com o bebê em um dos

braços e tentando pegar com a mão livre sua bolsa e outra bolsa grande de bebê da Coach.

Raven fez um gesto na direção do corredor.

– Por aqui, por favor.

O professor pegou as duas bolsas e as pôs no ombro da mulher, então acariciou a cabeça do bebê e lhe deu um beijo.

Raven desviou o olhar quando ele beijou a esposa, depois deu um passo de lado para deixá-la passar.

– Volte quando terminar, querida – disse o professor, e sorriu.

A Sra. Emerson aquiesceu e falou com Raven em inglês.

– Obrigada. Tentei dar o café da manhã de Clare no hotel, mas ela não quis. Acho que estamos todos com o fuso horário bagunçado.

– Não tem problema. A sala de reunião é bem reservada e fica logo ali, no final do corredor – respondeu Raven, também em inglês, fazendo um gesto para a direita quando elas saíram do cômodo.

A Sra. Emerson estava usando um vestido preto de botão, e calçava alpargatas pretas amarradas com tiras grossas em volta dos tornozelos e das canelas bem-torneadas. Tinha cabelos castanhos com reflexos dourados na altura dos ombros, e grandes olhos castanhos. Era mignon, tinha um aspecto jovial e irradiava gentileza.

Ao seu lado, Raven se sentiu imensa e desengonçada, como sempre se sentia ao lado de uma pessoa magra e linda. (Estava se esquecendo de que havia passado recentemente por uma transformação física tremenda.)

– Posso carregar suas bolsas, Sra. Emerson?

Ela riu.

– Pode me chamar de Julia. Devemos ter a mesma idade.

– Tenho quase 30 anos – revelou Raven.

– Vou fazer 30 em dois anos. Então, por favor, me chame de Julia. Se pudesse carregar a bolsa de fraldas, eu ficaria muito grata.

Ela segurou Clare com um dos braços enquanto Raven tirava a bolsa de seu ombro.

Raven não estava preparada para o peso da bolsa de bebê e quase a deixou cair, mas no último segundo conseguiu impedi-la de bater no chão.

– Desculpe. Eu devia ter avisado. – Julia fez um movimento para ajudá-la,

mas Raven a dispensou com um aceno e ergueu a bolsa com as duas mãos.

– Gabriel quer sempre estar preparado para qualquer emergência, então enfia coisas na bolsa quando não estou olhando. Preciso de um carrinho para a neném e outro para a bolsa. – Ela riu. – Na verdade, preciso de um carrinho para mim mesma. Viajar com um bebê é mais difícil do que eu imaginava.

– Está hospedada aqui perto?

– Sim, no Gallery Hotel Art. – A expressão de Julia se iluminou. – Vamos passar uma semana aqui, depois vamos para a Umbria. A madrinha de Clare veio conosco.

– Que bom. – Raven não soube muito bem o que dizer.

– Mas estamos muito chateados com o roubo – confidenciou Julia, segurando Clare junto ao corpo. – As ilustrações são mais do que obras de arte para nós. Têm valor sentimental. Quando o *dottore* Vitali ligou dizendo que tinham sido roubadas...

Julia aproximou o rosto da filha como se estivesse tentando se esconder.

– Sinto muito – sussurrou Raven.

– Gabriel espera que elas sejam recuperadas, mas não sei muito bem quais são as chances de isso acontecer. Acho que tudo que nos resta é rezar. – Julia deu um suspiro e continuou: – É possível que as ilustrações já tenham sido roubadas uma vez, e que tenha sido assim que foram parar nas mãos da família que as vendeu para o meu marido. Acho que nunca vamos saber.

Raven ficou curiosa em relação a esse comentário, uma vez que se tratava de uma possibilidade que não tinha sido revelada no folheto do *dottore* Vitali. Decidiu não insistir no assunto.

– A polícia está fazendo o possível. Tomara que eles consigam encontrar os ladrões.

– Tomara, mesmo. Seu sotaque é americano. – Julia a encarou com interesse.

– Sou de New Hampshire. Morei na Flórida por tanto tempo que perdi o sotaque.

– Sou da Pensilvânia, mas nós moramos em Cambridge. – Julia sorriu. – Acho que nunca vou falar como alguém de Boston. Em que parte da galeria você trabalha?

– Restauração e conservação. Faço parte da equipe que está trabalhando no *Nascimento de Vênus.*

Os olhos castanhos de Julia se acenderam.

– Esse quadro é um dos meus preferidos. Será que vocês deixam convidados verem a restauração? Prometo não atrapalhar.

– Tenho certeza de que o *dottore* Vitali poderia organizar alguma coisa. Eu teria prazer em lhe mostrar o que estamos fazendo, mas quem está liderando os trabalhos é o professor Urbano. Ele trabalhou na restauração da *Primavera*, chefiada por Umberto Baldini.

– Esse também está entre os meus preferidos. Sempre adorei Botticelli. – A voz de Julia adquiriu um tom saudoso. – Foi por isso que quisemos emprestar as ilustrações. Queríamos que outras pessoas pudessem admirá-las.

Raven parou de andar e se virou de frente para ela.

– Uma coisa eu lhe digo: fiquei muito feliz em poder vê-las. Visitei-as quase diariamente. Ficamos todos muito contentes quando a senhora e o seu marido resolveram estender o período da exposição por mais alguns meses.

– Obrigada. – O sorriso de Julia desapareceu. – Não consigo deixar de pensar que isso tudo foi culpa minha. Fui eu quem convenci Gabriel a deixar as ilustrações na galeria enquanto tirávamos uma licença para cuidar de Clare. E agora elas sumiram.

– Sinto muito.

– Eu também.

Raven a olhou com curiosidade.

– Vocês dois estão de licença? A senhora também é professora?

– Estou estudando para isso. Estou no meio de um doutorado sobre Dante.

– Onde?

Julia sorriu.

– Em Harvard. Ainda estou terminando as disciplinas.

– O professor Emerson é especialista em Dante, não é?

– Isso. A madrinha de Clare também é especialista nesse tema, só que aposentada. Parece que são necessários três especialistas em Dante para cuidar de um único bebê.

Raven riu enquanto abria a porta da sala de reunião. Gesticulou para Julia entrar antes dela, e então trocou a plaqueta da porta para indicar que havia uma reunião em curso.

– Ninguém vai incomodar a senhora aqui. Precisa de alguma coisa? – Ela pôs

a bolsa de bebê sobre a mesa comprida que dominava o espaço.

Julia se sentou rapidamente e começou a revirar o interior da bolsa até pegar uma grande garrafa de água com gás.

– Se pudesse trazer um copo, seria ótimo. Tento beber muita água enquanto estou amamentando. – Ela tirou o iPhone da bolsa e o pôs sobre a mesa à sua frente. – Se precisar de mais alguma coisa, ligo para o Gabriel.

Raven pegou um copo em um dos armários da parede dos fundos e entregou a Julia. Olhou para a menina, que tinha grandes olhos azuis iguais aos do pai e cabelos escuros fininhos e abundantes.

– Quanto tempo ela tem?

– Nasceu em setembro do ano passado. Está com quase nove meses.

– Que linda. – Raven tocou de leve a cabeça do bebê.

– Obrigada. Eu a acho parecida com o pai, mas todo mundo diz que a boca é igual à minha. Você tem filhos?

– Não. – Raven se retesou, olhando para a neném e em seguida para a mãe. – Se precisar de alguma coisa, estou na sala do *dottore* Vitali.

Julia despejou água dentro do copo.

– Estamos bem.

– Espero que encontrem as ilustrações – disse Raven baixinho.

Julia ergueu os olhos para ela.

– Eu também. Perdê-las é muito mais do que perder obras de arte. – Ela baixou os olhos para a filha. – É como perder um parente.

Raven aquiesceu, então saiu da sala e fechou a porta com firmeza atrás de si.

A Sra. Emerson não era o que ela imaginava. Era mais jovem e bem mais simpática do que muitos dos patronos e doadores importantes que de vez em quando visitavam a galeria.

Sentiu pena dela quando lembrou de sua expressão de tristeza ao falar sobre a perda dos desenhos. Os Emersons pareciam realmente amar as ilustrações. E agora elas haviam sumido.

Quando chegou perto da sala do *dottore* Vitali, percebeu que a porta estava aberta.

O professor Emerson falava bem alto em italiano, e sua voz vazava para o corredor.

– Quer dizer que os *carabinieri* interrogaram todos os patronos da cidade e

tentaram falar com todo mundo que compareceu ao vernissage quando a exposição abriu. O que eles acharam de William York?

– De quem? – O *dottore* Vitali não pareceu entender.

– O rapaz que falou comigo na festa. Eu o indiquei e o senhor disse que era um recluso da região que tinha feito uma doação significativa à galeria para ser convidado.

– Não conheço ninguém com esse nome.

Tomando cuidado para não ser vista, Raven se aproximou da porta.

– Massimo, você reconheceu o sujeito e pediu para o seu assistente verificar como ele se chamava. Lembra? É mais baixo do que eu, deve ter 1,80 metro, louro. Inglês, de Oxford, acho. Você disse alguma coisa sobre ele ter financiado a restauração do Palazzo Médici Riccardi.

– Gabriel, amigo, não conheço ninguém chamado William York.

Raven ouviu um farfalhar de papéis.

– Aqui está a lista do vernissage. O nome dele não aparece. Eu com certeza não sei de nenhuma ligação entre um inglês e os palácios dos Médici. O Palazzo Riccardi é propriedade pública, pertence à província. Foi ela quem financiou a restauração em parceria com um grupo seleto de patronos italianos.

Frustrado, o professor Emerson soltou um palavrão e Raven ouviu o barulho de uma cadeira caindo.

Sem pensar no que estava fazendo, avançou até a soleira da porta.

– *Dottore* Vitali?

Aflita, olhou para o administrador da galeria e em seguida para o professor, que estava em pé junto à cadeira caída com os punhos cerrados.

– *Signorina*. – Vitali fez um gesto para que ela entrasse e voltou a atenção para o professor. – Amigo, por favor, mantenha a calma. Vá ficar com sua mulher e sua filha e deixe que eu me preocupo com esse assunto.

– Estou me preocupando com esse assunto, Massimo, porque alguém roubou coisas preciosas para mim. – O professor falou entredentes. – A partir de agora, fazer com que essas ilustrações sejam recuperadas é a minha missão de vida. Juro que conheci William York. Ele se comportou de um jeito muito estranho na exposição, e você e eu conversamos a respeito depois. Parecia ressentido em relação às ilustrações, e, embora seja jovem, é um homem com muito dinheiro.

Alguém precisa verificar os registros de doações e encontrar a contribuição dele. Você me disse que ele doou vários milhares de euros à galeria.

O professor Emerson pôs os punhos sobre a mesa de Vitali e se inclinou na sua direção.

– E se nem você nem os *carabinieri* cuidarem desse assunto, eu contrato pessoalmente agentes para concluir a investigação.

Os dois amigos trocaram um olhar demorado.

Raven se remexeu, pouco à vontade, e olhou para trás na direção da porta aberta. Sua vontade era desaparecer.

– *Va bene* – disse Vitali por fim, acenando para o amigo. – Fale com o *ispettore* Batelli. É ele quem está no comando.

– Obrigado. – O professor Emerson se empertigou e, sem dizer mais nada, saiu da sala.

Raven aguardou enquanto o *dottore* Vitali fechava os olhos e se curvava para a frente, quase como se estivesse fazendo uma oração.

Por fim, ele abriu os olhos e indicou uma cadeira com um gesto.

– *Signorina* Wood. Explique a súbita mudança na sua aparência. E me diga onde esteve na semana passada.

Raven se sentou, respirou fundo e começou a contar sua história.

◆◆◆

Ao sair da sala do *dottore* Vitali, Raven seguiu pelo corredor profundamente imersa em pensamentos.

Ele não a suspendera. Fizera-lhe perguntas detalhadas sobre sua aparência, sua ausência e o depoimento que ela dera à polícia. Seu comportamento frio pareceu ficar mais caloroso com as respostas dela. Ao fim da conversa, Raven ficou achando que o havia convencido de não ter nada a ver com o roubo.

Ele a mandara recomeçar a trabalhar e lhe dissera que a ausência de uma semana seria deduzida de seus dias de férias. Raven ficou aliviada por não ter sido suspensa nem demitida.

Foi descendo o corredor enquanto refletia sobre as ilustrações originais de Botticelli para *A divina comédia*, feitas para Lorenzo di Pierfrancesco de' Médici, também proprietário da *Primavera*.

Pensou se os ladrões sabiam disso. Pensou se os ladrões eram particularmente dedicados a Botticelli ou apenas oportunistas.

Imaginou um grupo de criminosos empedernidos jogando as ilustrações de inestimável valor dentro de sacos plásticos e as enfiando em mochilas. Eles não iriam tratar as obras de arte como elas mereciam ser tratadas. Não iriam protegê-las.

Provavelmente as espalharam em cima de alguma mesa de cozinha e estão tomando café da manhã em cima delas agora mesmo.

Ela estremeceu e imaginou gotas de leite ou café manchando a linda tinta e as cores raras e brilhantes. Imaginou os ladrões fumando, e talvez batendo as cinzas sobre o rosto de Dante e Beatrice.

Babacas.

Se os ladrões fossem devotos de Botticelli, não era de espantar que tivessem roubado as ilustrações. O tamanho e o peso da *Primavera* eram tão grandes que o quadro não poderia ser retirado da galeria sem uma equipe de homens e o uso de equipamentos pesados.

Os ladrões provavelmente não sabiam que *O nascimento de Vênus* ficava guardado no laboratório de restauração no piso inferior. O laboratório era seguro, mas não de forma tão complexa nem tão sofisticada quanto as salas de exposição. No entanto, assim como o *Primavera*, era um quadro pesado, e seriam necessárias várias pessoas para carregá-lo. Não era exatamente uma peça que alguém pudesse passar pela janela.

Foi com esses pensamentos em mente que Raven entrou na sala de Botticelli. Na mesma hora, foi se postar em frente ao *Primavera*.

O cômodo parecia estar fora do eixo. O quadro grande, imponente, em geral era equilibrado pelo *Nascimento de Vênus*, mas este havia sido retirado quase um ano antes. Ainda demoraria mais alguns meses para que pudesse ser devolvido a seu lugar de direito.

Raven chegou mais perto do quadro, e seus olhos foram pousar na figura masculina à esquerda. Foi atraída pelas suas mãos, os músculos e o formato dos braços, a pele perfeita. Admirou o peito, o pescoço e, por fim, o rosto. Ele tinha olhos claros e um nariz reto, lábios carnudos e cabelos compridos.

Algo nos cabelos lhe desagradou, como se fosse incongruente com seus outros traços. Mas o rosto...

Ela ouviu uma voz sussurrar em seu ouvido, mas não conseguiu distinguir totalmente as palavras.

Virou-se. Não havia ninguém atrás dela.

Fechou os olhos por alguns instantes e se concentrou na própria respiração, tentando com todas as forças manter afastada a ansiedade que a atormentava.

Com uma última olhada para a figura de Mercúrio representada no quadro, andou até a porta e começou a se preparar para o encontro com o professor Urbano.

Capítulo 7

Depois do pôr do sol, Aoibhe ficou sentada no Teatro bebendo de um copo especialmente concebido para manter seu conteúdo quente e em estado líquido.

O Teatro era uma casa noturna secreta situada no centro da cidade, fundada pelo Príncipe no século XVII como uma espécie de salão ou local de encontro. Com o tempo, havia se transformado em algo bem menos intelectual, e agora era propriedade do Consilium de Florença, embora o verdadeiro dono se escondesse por trás do nome de uma empresa suíça.

Florença e os outros principados secretos da Europa antecediam a civilização romana. Governantes secretos e seus conselheiros controlavam a população sobrenatural dentro de fronteiras específicas, em geral cidades. Na Idade Média, os principados da Itália tinham sido organizados sob o governo geral do Rei, em Roma.

Dentro dos limites de Florença, o Príncipe detinha o poder absoluto. Sábio, havia instaurado um Consilium, ou conselho governante, do qual era membro honorário. O Consilium funcionava como uma corte, e punia ou bania quem violasse a lei. Além disso, supervisionava a organização e a proteção da sociedade do submundo, sobretudo contra incursões de outras cidades ou territórios.

Quando o Príncipe se cansava de lidar com o Teatro, o Consilium assumia o controle e o usava para se divertir e se alimentar.

A casa tinha um grande espaço central com pista de dança e bar; dois lados dessa área eram ocupados por algumas mesas e sofás baixos. As paredes e o teto eram pintados de um roxo quase preto, a iluminação era sensual e esparsa, e os móveis eram estofados de veludo preto ou vermelho.

Um palco do outro lado da pista de dança era emoldurado por pesadas

cortinas de veludo vermelho. As paredes tinham grandes monitores de tela plana que passavam imagens de obras de arte e quadros em diversos estilos, todos de tema profano e muitos deles de cunho sexual. Corredores conduziam do espaço central para quartos particulares, curvando-se escuridão adentro como uma teia de aranha.

As aranhas dessa teia eram os habitantes do submundo, com exceção do Príncipe. Fazia anos que não entrava ali. Consequentemente, aquele era um ótimo lugar para Aoibhe recuperar o orgulho ferido e pensar em como fazê-lo mudar de ideia.

Seus olhos escuros percorreram os corpos a se contorcer na pista de dança enquanto sua mente bloqueava as batidas da música alta. Os de sua espécie eram sensíveis ao som, e ela sempre achava a música industrial e gótica dissonante. Como era esse o estilo que atraía os humanos, era isso que o DJ tocava. (Aoibhe preferiria música folclórica irlandesa, mas não teve sucesso em convencer o DJ a tocar isso. Da próxima vez, estava decidida a levar protetores de ouvido.)

O bar servia álcool para os humanos, e drogas circulavam livremente. Vítimas inebriadas eram mais fáceis de manipular e confundir, mas as substâncias afetavam o gosto. Os mais antigos e mais poderosos evitavam seu uso e, em vez de sedar suas presas, preferiam seduzi-las ou hipnotizá-las.

Alguns casais e pequenos grupos praticavam atividades sexuais diversas nos sofás. Para os da espécie de Aoibhe, sangue e sexo caminhavam juntos, o que significava que ali estava presente também uma quantidade razoável de alimentação. Suas narinas foram preenchidas pelos diversos cheiros de sangue individuais, um aroma forte e inebriante.

Observou as atividades com um distanciamento entediado. Já tinha visto tudo aquilo antes e, pelo menos por ora, nada lhe interessava. A penetração em si e determinados fetiches eram reservados para os quartos particulares, para evitar o mal-estar e respeitar os costumes sociais dos humanos. As aranhas precisavam que os humanos comparecessem em um bom número a cada noite, sem medo e sem pudores.

Aoibhe não ligava para o que os outros faziam com seus bichinhos de estimação humanos ou uns com os outros. Como uma das seis integrantes do Consilium, era obrigada a seguir as regras do Teatro e cuidar para que fossem respeitadas.

Nada de mortes.

Nada de transformações.

A alimentação deve ser consensual, mas o controle da mente e o uso de álcool e drogas é permitido.

A última regra intrigava muita gente, mas servia para manter a atmosfera de sedução. Era pouco provável que os humanos aparecessem para se oferecer noite após noite caso vissem outro humano derrubado no chão, violado e esvaziado de todo seu sangue.

O controle da mente não funcionava em alguns humanos. Os de mente mais forte não podiam ser dominados, tampouco os religiosos ou aqueles que usavam determinados talismãs. Mas os membros dessas duas últimas categorias não podiam entrar na boate, mesmo que implorassem.

Aoibhe deu um suspiro. As regras deviam ter sido feitas pelo próprio Príncipe, apesar de seu desprezo pela boate. Nelas se podia ver sua temperança, seu controle e a humanidade que existia logo abaixo da superfície da sua pele.

Ela sorriu.

Naquela manhã, ele havia deixado que seu corpo o governasse. Eram esses os momentos de que ela mais gostava; quando o tenso e contido Príncipe dava e recebia prazer. Ele era magnífico. Era poderoso. Era perigoso.

Ela o queria. Apesar do desdém por casos de longo prazo, ele havia se mostrado um excelente amante. Aoibhe sentia bastante desejo por ele, e até mesmo algum afeto.

E, mais ainda, queria a sua cidade. Se ela fosse a sua consorte, os dois dividiriam o poder, e quando o destino dos de sua espécie um dia acometesse o Príncipe, o controle da cidade seria seu.

Aoibhe terminou sua bebida e acenou para que uma das garçonetes lhe trouxesse outra.

Evitava ativamente André, o barman e gerente da casa noturna, porque ele tinha uma doença do sangue. A enfermidade fazia dele o intermediário ideal entre os de sua espécie e os humanos. Ninguém o tocaria exceto no estado de fera, pois seu cheiro era enjoativo. Ela não conseguia nem imaginar o quão repulsivo seria o seu gosto.

Bem nessa hora, uma garota cambaleou aos pés de Aoibhe.

– Misericórdia – implorou ela, arregalando para Aoibhe dois olhos azuis

apavorados.

Aoibhe pousou o copo.

Ergueu o queixo da moça e reparou que havia sangue no canto da sua boca, e que uma ferida em seu pescoço também sangrava. Aterrorizada, a moça tremia, e começou a agarrar os sapatos de salto agulha de Aoibhe.

– Misericórdia – repetiu. – Não quero morrer.

Aoibhe fechou os olhos e inspirou fundo.

Os humanos não percebiam que seus atos e suas emoções afetavam seu cheiro. Assim como um cachorro era capaz de sentir raiva ou medo em um ser humano, ou farejar alguma doença, os membros da espécie de Aoibhe também podiam. Haviam se desenvolvido até o ponto em que, pelo olfato, conseguiam detectar o caráter de uma pessoa. Determinados vícios, como estupro e assassinato, tornavam seus perpetradores mais repulsivos, enquanto as pessoas decentes e boas tinham um cheiro – e, mais importante ainda, um gosto – delicioso.

A moça tinha um odor razoavelmente doce. Não excepcional como a que o Príncipe havia encontrado, mas com certeza era dona de um aroma tentador. Era limpa e, pelo visto, boa. Aoibhe se perguntou o que uma moça boa como aquela estava fazendo no Teatro.

A mão avantajada de alguém se estendeu, agarrou os cabelos louros encaracolados da moça e puxou sua cabeça para trás.

– Você vai pagar por isso.

– Misericórdia! – gritou a moça, abraçando as canelas de Aoibhe. – Por favor.

Aoibhe olhou para Maximilian com uma expressão impaciente.

– Se é para desconsiderar as regras, vá fazer isso em outro lugar. Senão serei forçada a denunciar você.

– Vá se ferrar, Aoibhe. Também sou membro do Consilium. Isto aqui não é assunto seu.

Ele puxou a moça até pô-la de pé, e ela começou a gritar, histérica, debatendo-se e tentando subir no colo de Aoibhe.

Aoibhe fez uma careta ao reparar que um grupo de humanos e seus parceiros não humanos havia começado a olhar na sua direção.

– Você está causando uma cena. Controle-a ou solte-a.

– Não, não! – gritou a moça mais alto ainda.

Maximilian parecia estar apreciando o espetáculo. Envolveu a cintura dela com os dois braços e a puxou para junto do próprio corpo, pressionando o sexo contra o seu traseiro. Levou a boca ao ferimento em seu pescoço, pôs a língua para fora e começou a lamber o sangue, como se fosse um cão.

Aoibhe fez um muxoxo, então estendeu um único dedo, forçando a moça a encará-la nos olhos.

– Silêncio – comandou.

Apesar do homem que chupava o seu pescoço, a moça parou de se mexer. Seus olhos se arregalaram ao se fixar em Aoibhe, cuja voz assumiu um tom tranquilizador.

– Você não está com medo. Não mais. Olhe bem nos meus olhos e se concentre no som da minha voz. Eu agora a comando.

A moça assentiu de modo quase imperceptível.

– Inspire profundamente e sinta seu coração começar a bater mais devagar. Isso, boa menina.

– Aoibhe, pare com isso. – Max levantou a cabeça e apertou sua presa com mais força.

Sem desgrudar os olhos dos da moça, Aoibhe disse:

– Tarde demais. Eu disse a você para controlá-la.

Ela levantou a mão em um sinal para os seguranças, que estavam em pé junto à porta.

Max soltou um lamento de raiva e tentou puxar a moça para trás, mas foi detido pela chegada de dois grandalhões, que eram da mesma espécie que ele e Aoibhe.

Ela piscou, e a moça fechou os olhos e desfaleceu nos braços de Max.

– Tomas, Francesco. Queiram ter a gentileza de acompanhar Sir Maximilian até a saída. Ele violou as regras. – Aoibhe o encarou com um ar de desagrado.

– Você não pode fazer isso! Não pode me expulsar. – Max se inclinou para a frente, mas Aoibhe estendeu a mão.

– Mais um passo e eu mesma o levo lá para fora. Sou pelo menos um século mais velha do que você. Quer mesmo me desafiar?

Max fez um muxoxo de desdém, mas não se mexeu. Sabia, assim como Aoibhe, que quanto maior a idade do ser sobrenatural, maior o seu poder. Com certeza Aoibhe era bem conhecida por sua força e agilidade. Se quisesse Max

morto, podia matá-lo. Só não podia fazer isso dentro da cidade, ou pelo menos não sem motivo.

O maior dos dois seguranças olhou para a moça inconsciente.

– E a humana?

Aoibhe descartou o assunto com um aceno.

– Ele pode ficar com ela.

Max recuou a cabeça, surpreso.

Ela abriu um lento sorriso.

– Pense nela como um último presente. Você não é mais bem-vindo aqui. Se voltar, vou denunciá-lo ao Consilium e você vai perder sua posição.

Max cuspiu na sua direção, mas ela virou a cabeça depressa e o cuspe foi parar na parede atrás dela.

Ela virou a cabeça de volta e lhe abriu um sorriso largo e vagaroso.

– Aproveite a comida para viagem.

Ele pegou a moça desacordada no colo, e os dois homens o acompanharam para fora do estabelecimento.

Quem havia parado suas atividades para observar o duelo entre os dois seres sobrenaturais se deixou rapidamente distrair por outras preocupações.

Aoibhe endireitou o vestido. Lidar com Max e outros egos masculinos da sua espécie era exaustivo. Por que diabo ele não podia respeitar as regras?

O Príncipe não protagonizava espetáculos em público, mesmo quando ocorria de encontrar alguma safra extraordinária, como fora o caso recente. Simplesmente havia levado a humana e se alimentado dela de modo privado, livrando-se do cadáver em seguida com discrição ou pedindo para Gregor fazer isso por ele.

– Você parece estar querendo companhia. – Uma voz suave soou em seu ouvido.

– Ibarra. – Ela sorriu calorosa para o basco alto inclinado acima dela.

Ele a beijou na bochecha e acenou para a garçonete lhe trazer uma bebida.

– Como vai a bela Aoibhe hoje à noite? – Ibarra sentou-se ao lado dela no sofá e pôs um braço em volta do seu ombro.

– Neste momento, irritada. Acabei de expulsar Max. – Ela deu um suspiro exagerado.

– Tenho certeza de que ele mereceu.

– Mereceu. Aquele tolo insolente.

Quando as bebidas chegaram, os dois brindaram e beberam.

Ibarra pousou o copo sobre uma das mesinhas próximas.

– Vamos precisar de mais recrutas se quisermos excluir os encrenqueiros como Max.

– Mate-o e pronto, problema resolvido.

– Não dentro da cidade. – Ele piscou para ela, e Aoibhe riu.

– Leve-o para fora da cidade, então. Eu lhe dou o que você quiser se me livrar dele. Já tive problemas com ele duas vezes em quinze dias.

– Alguma coisa para mim? – Ele alisou seu pescoço com as costas da mão.

Ela inclinou a cabeça na direção da carícia.

– Dentro dos limites do razoável, Ibarra. Embora eu esteja muito tentada a lhe dar carta branca neste momento.

Ele a fitou com um olhar de desejo.

– Vou me lembrar disso. Segundo os boatos, o problema de Max foi com o Príncipe.

– Problema com o Príncipe é problema comigo. – O tom de Aoibhe foi incisivo.

Ibarra sorriu com tristeza.

– Infelizmente, cheguei tarde.

– Não tão tarde assim. – Ela o beijou com afã, mas afastou-se antes de ele poder retribuir. – Como vão as patrulhas?

Ele grunhiu e limpou a boca com as costas da mão.

– Me avise um pouco antes quando for fazer isso. Olhe só como eu fiquei. – Ele indicou o próprio colo com um gesto frustrado.

– Posso tomar providências para alguém resolver isso enquanto conversamos. – Aoibhe se virou na direção de um grupo de mulheres jovens sentadas ali perto.

Ibarra tocou seu pulso.

– Preferiria que fosse você.

– Sou orgulhosa demais para me ajoelhar em público. – Ela o encarou com frieza e retirou a mão.

– Quem falou em se ajoelhar? Sente aqui e eu lhe darei prazer. – Ele apontou para o próprio sexo.

Ela passou alguns segundos sem dizer nada, e seus olhos se moveram

rapidamente para o colo dele. Não havia dúvida de que Ibarra era muito atraente. E o Príncipe sempre fora indiferente às atividades românticas dela.

– Outro dia, quem sabe. – Ela passou a língua pelos lábios. – Me fale sobre as patrulhas.

– Vou cobrar essa promessa.

– Cobre, sim, por favor.

Ele tornou a grunhir e resmungou um palavrão em basco.

– As patrulhas estão funcionando. Nossas fronteiras estão seguras.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

Ele franziu o cenho.

– O que foi? Estou dizendo a verdade.

– Um fera passou pelas suas patrulhas alguns dias atrás. Pierre a pegou, mas a criatura conseguiu fugir.

– Foi um incidente isolado. Já a estamos caçando, e daqui a pouco vamos encontrar.

– Há boatos de que alguns dos feras se uniram em bandos. Eu não iria querer travar uma guerra com eles. São verdadeiros animais.

Ibarra riu.

– Com todo o respeito, Aoibhe, nós também somos animais.

– Nem tanto. – Ela farejou o ar. – E o que aconteceu dois anos atrás foi o seguinte: o Príncipe teve que se livrar sozinho de um grupo de assassinos. Eles o emboscaram perto de um hotel.

Ibarra deu uma risadinha.

– Ele é um antigo. Sabe se proteger.

– Um bando de feras pode derrubar um antigo. – Ela deixou o olhar se perder ao longe por alguns instantes. – Quantos anos você acha que ele tem?

– Sou mais novo em Florença do que você. Diga lá.

Ela encarou com curiosidade os seus olhos escuros.

– Se tivesse que chutar?

Ibarra correu os dedos pelos grossos cabelos pretos.

– Mesmo que não soubesse nada de história, chutaria que é um antigo, considerando sua força e sua disciplina. Os antigos têm pelo menos 700 anos. Como ele governa este principado desde o século XIV, deve ser bem mais velho do que isso.

– O tempo dele está quase acabando – murmurou ela.

– Não tenho tanta certeza. Não estou vendo nenhum indício de loucura. Você está?

– Não, mas parece que a loucura vem aos poucos.

Ibarra acenou com a mão no ar.

– Se é mesmo uma maldição, como poderia afetar a todos nós? *Eles* não teriam de saber da existência da cada um e nos amaldiçoar individualmente?

Aoibhe estremeceu, como sempre acontecia quando seu inimigo era mencionado.

– Não fale neles.

– Como quiser. Mas não acho que sejam tão poderosos quanto todo mundo pensa.

– Como vai Veneza? – perguntou ela, mudando de assunto.

– Os venezianos parecem extremamente plácidos, considerando a sua história. Dizem-me que preferem estar subordinados ao nosso príncipe do que a Marcus. Acham que Marcus era um tirano.

– Um tirano extremamente inteligente. Não consigo entender por que tentou um golpe tão mal preparado quando sabia do poder do nosso príncipe.

Ibarra deu de ombros.

– Nossa cidade é muito desejável. Marcus queria expandir seu território.

– O Romano jamais permitiria isso.

– Quem pode saber se o Romano ainda existe? Se existisse, já estaria com bem mais de 1.000 anos. Acho que foi destruído anos atrás, mas que eles mantiveram vivo o seu nome, referindo-se a quem quer que esteja no governo como "o Romano" para manter todo mundo na linha.

Aoibhe passou alguns instantes a observá-lo para ver se ele estava falando sério. Então deu uma gargalhada.

– Pare de inventar coisas.

– Nunca conheci ninguém, nem ouvi falar em ninguém ainda vivo que tenha conhecido o Romano. Ele é um fantoche para quem quer que tenha assumido o controle do reino da Itália.

Ela sorriu.

– Faz tempo que moro na Itália. Teria ficado sabendo caso o Romano tivesse sido deposto. Vamos respeitar nossas opiniões divergentes. Desde o encontro de

Pierre com o fera, estou querendo convocar uma reunião. Precisamos aumentar as patrulhas de fronteira para nos protegermos das incursões. Isso significa que vamos ter que recrutar gente nova para podermos promover os jovens.

Ibarra acariciou a bochecha de Aoibhe com um dedo só e comentou:

– Não entendo por que você não é o braço-direito do Príncipe.

Ela revirou os olhos.

– Porque Lorenzo, *o Magnífico*, é um Médici. Ele nasceu aqui, eu não.

– O Príncipe é um tolo.

– Não vou discutir a esse respeito.

Ibarra ergueu o copo.

– À sua saúde, Aoibhe. Que você viva para sempre.

Ela também ergueu o copo.

– Que eu viva mais do que isso.

Capítulo 8

A mesa da cozinha de Raven estava coalhada de lápis carvão, borrachas, restos de lápis apontados, cotonetes e papel. Dois dedos de sua mão direita estavam pretos de tanto esfumaçar o papel, e ela havia começado a roer a ponta de um lápis enquanto examinava seu mais recente esboço.

Era o retrato de um homem com olhos atormentados e um maxilar quadrado. Seus cabelos curtos caíam sobre a testa de qualquer maneira, escondendo parcialmente os vincos no cenho forte. Tinha um nariz reto e uma boca de lábios carnudos que não sorria.

Faltava alguma coisa na expressão. Raven não sabia o que era.

Depois de um dia desastroso no trabalho, tinha ido para o orfanato onde fazia trabalho voluntário. Como era compreensível, as crianças e os funcionários ficaram confusos com a mudança na sua aparência, que ela atribuiu a uma dieta drástica e fisioterapia.

Raven tinha se confidenciado com Elena, sua amiga e assistente do diretor do orfanato, sobre seus problemas na galeria. Elena ficara alarmada e lhe dera o nome e endereço de um de seus muitos primos, que era advogado. Raven guardou a informação no bolso e prometeu entrar em contato com o primo dela antes de falar outra vez com a polícia.

Mais tarde, foi a pé até a missão franciscana à procura de Angelo.

Ele não estava lá. Fazia muitos dias que ninguém o via.

Raven convenceu o diretor da missão a dar parte na polícia sobre o seu desaparecimento, depois de tomar a sensata decisão de que não faria isso ela própria. Então voltou a pé para casa.

Seu apartamento era um pequeno quarto e sala com vista para a Piazza Santo

Spirito. As janelas de persianas verdes do quarto davam para a praça, e delas se tinha uma excelente vista do chafariz central e da igreja próxima.

A cozinha ficava na entrada do apartamento e não tinha janelas. Uma mesa simples com quatro cadeiras ocupava o espaço junto a uma das paredes, enquanto a bancada e os eletrodomésticos ocupavam as outras duas.

Ela cozinhava bem, ainda que sua comida fosse simples; o peso era uma preocupação constante. Sua predileção por massa, queijo e sobremesas, e as restrições que sua deficiência impunha ao exercício físico faziam a perda de peso parecer quase impossível. Raven aceitava o fato da mesma forma que aceitava sua solidão, com tranquila resignação.

Naquela noite, encontrou poucos ingredientes no armário ou na pequena geladeira. Deveria ter feito compras depois do trabalho, mas tinha preocupações mais urgentes.

Eram quase nove horas quando se sentou diante de um jantar modesto: macarrão com molho pesto comprado pronto e uma pequena salada feita com alface murcha. Abriu uma garrafa de Chianti e se serviu de uma taça grande antes de recolocar a rolha na garrafa. O líquido vermelho-escuro a alegrou, mas mal tocou na comida, pois estava muito aflita com o roubo das ilustrações, a súbita mudança em sua aparência e o sumiço de Angelo.

Depois de comer, tirou a mesa e espalhou sobre ela o material de desenho, ansiosa para fazer um retrato de Angelo. No entanto, alguma coisa a deteve. Sua mão congelou, como se não estivesse disposta a registrá-lo para a posteridade. Como se relegá-lo a um desenho fosse um pecado contra a esperança.

Em vez disso, pôs uma música para tocar e começou a desenhar o rosto de um desconhecido.

Ao terminar, serviu-se de uma segunda taça de vinho, ignorando por completo a louça suja. Foi algo incomum, uma vez que em geral lavava a louça logo após cada refeição. Naquela noite, sentia uma necessidade de coragem mais do que de limpeza, portanto deu um gole no vinho e recomeçou o desenho.

O rosto era bonito e simétrico, com malares saltados. A beleza quase feminina era contrabalançada pelo maxilar e pelas sobrancelhas másculas. Tirando uma leve semelhança com fotos do Sting quando jovem, o homem da foto era um desconhecido. Ela não sabia de onde vinha sua imagem, nem por que se sentira compelida a desenhá-la.

As Musas às vezes falavam em línguas desconhecidas, e ela não entendia o que diziam.

Ficou modestamente satisfeita com o desenho, muito embora soubesse que faltava algo. Por impulso, assinou, inscreveu a data e colocou o desenho em cima da cômoda, ao pé da cama.

Então, como se uma das Musas estivesse sussurrando em seu ouvido, abriu o laptop, verificou que já passava das onze e digitou no Google o nome *William York*.

Encontrou várias referências, entre elas uma história sobre um menino de 10 anos que havia assassinado uma menininha. Estremeceu e deixou para trás esse link.

Foi passando por várias páginas de resultados, mas nada chamou sua atenção. Com certeza, se houvesse algum William York morando em Florença, não era uma pessoa muito conhecida. Não havia referência alguma a seu respeito.

Ela terminou depressa a segunda taça de vinho e lembrou o que ouvira o professor Emerson dizer ao *dottore* Vitali. O americano descrevera William York como um recluso que havia doado dinheiro para ajudar a restaurar o Palazzo Médici Riccardi.

Quando Raven entrou na página do Palazzo, descobriu que o grosso do trabalho de restauração fora feito muito tempo antes. Houve restauros em 1874, quando a província assumiu a administração do prédio, e reparos adicionais de 1911 a 1929. As modificações mais recentes no palácio haviam começado em 1992.

Era improvável, para não dizer impossível, que William York tivesse financiado as restaurações anteriores a 1929. Isso significava que ele tinha de ser um dos patronos do restauro de 1992. Nessa época, o *dottore* Vitali já estava trabalhando na Uffizi, e certamente conhecia todo mundo que tinha alguma importância na cidade. Como ele não reconhecera o nome, provavelmente o professor Emerson estaria enganado.

Mas o americano parecia tão certo... E ficara indignado quando Vitali alegara não saber do que ele estava falando.

Mais estranho ainda, o professor havia identificado William York como patrono da Uffizi. Raven tinha certeza de que o seu nome não constava na lista que o *ispettore* Batelli havia lhe mostrado mais cedo.

O Palazzo em si não era muito longe: ficava na Via Cavour, a uns poucos passos do Duomo. Ela poderia ir até lá, dar uma olhada, e estar de volta à sua cama em uma hora e meia. É claro que seria preferível fazer isso durante o dia, ou quem sabe depois do trabalho, mas ela chamaria atenção se visitasse o Palazzo durante o dia. E havia também a questão de seu horário de trabalho.

Era possível, pensou, enquanto vestia um moletom com capuz, que conseguisse falar com um segurança sobre os patronos do prédio, uma vez que o sujeito decerto estaria desocupado e talvez entediado naquele horário tardio. Os seguranças da Uffizi eram um poço sem fundo de informações, e Raven sempre os havia considerado muito solícitos, bastava fazer o esforço de ir falar com eles.

Talvez a segunda taça de vinho a houvesse deixado valente. Ou talvez fosse apenas a desconfiança de que não conseguiria dormir sem gastar um pouco de energia. Fosse qual fosse o verdadeiro motivo, saiu de casa com a sua mochila na esperança fazer alguma descoberta que pudesse redimi-la com o *dottore* Vitali.

Apesar da hora, as ruas estavam repletas de pedestres e pessoas visitando umas às outras. Na Piazza, Raven passou por algumas jovens famílias empurrando crianças adormecidas em carrinhos. Sempre ficava surpresa com o quanto os florentinos eram lenientes em relação à hora de dormir.

Ao chegar à ponte, inspirou fundo e começou a correr. Como naquela manhã, cada passo era uma alegria, e ela sentiu o corpo explodir de felicidade.

De tão entretida que estava com a experiência, não percebeu o homem que a seguia de longe em uma Vespa preta, usando roupa e capacete pretos.

Raven correu até o Duomo e parou para admirar a cúpula de tijolos vermelhos lá em cima. Não tinha como saber isso, mas o Príncipe, que assistia a quase todos os poentes do alto daquele edifício, não o fizera naquela noite. Em vez disso, havia passado horas dedicado a outros afazeres mais importantes.

O Palazzo estava fechado quando ela chegou diante de sua porta dupla; não era de espantar. Raven ergueu os olhos para os andares superiores do prédio e viu luz em uma das janelas. Apesar da hora, alguém ainda estava trabalhando.

Por impulso, dobrou na Via de' Gori e foi margeando o muro externo do Palazzo, depois virou à direita na Via de' Ginori. Ali achou a entrada dos fundos, cujas pesadas portas de madeira ficavam dentro de um rebuscado arco de pedra. Imensos anéis de ferro negro ladeavam as portas, e Raven supôs que teriam sido usados antigamente para amarrar cavalos.

À direita do arco aberto no muro do Palazzo havia uma caixinha branca que ela reconheceu como parte de um sistema de segurança. Com certeza, quem quer que estivesse vigiando o Palazzo à noite estaria monitorando a porta. Fazer-lhe algumas perguntas levaria apenas alguns instantes.

Ela apertou o botão do interfone e aguardou.

E continuou aguardando.

Esperou o que lhe pareceu uma eternidade, observando o movimento dos pedestres e de um ou outro carro. Não viu a Vespa preta no canto, nem o motorista que fingia conferir o celular. Não viu a misteriosa figura que a observava de cima do telhado do prédio no outro lado da rua.

Deu um suspiro e virou-se para ir embora, mas o interfone emitiu um barulho de estática, e ela ouviu uma voz.

– Diga o que deseja.

Ela se inclinou para a frente, mais para perto do microfone.

– Boa noite.

– Diga o que deseja – repetiu o homem com um tom neutro e indiferente.

– Desculpe incomodá-lo – gaguejou ela, perguntando-se o que dizer. – Eu deveria ter vindo durante o dia, mas me atrasei. Estou procurando... hum... o *signor* William York. Pode me dizer como consigo entrar em contato com ele?

Raven esperou uma resposta, arrependida do impulso de usar o nome do recluso. Mas agora era tarde para ser discreta.

Internamente, tentou formular uma explicação para por que desejava falar com William York. Mas a voz não lhe fez essa pergunta.

Na realidade, a voz não lhe perguntou nada. Houve um silêncio longo, carregado.

– Só um instante.

Raven ficou chocada. Mal tinha esperança de conseguir arrancar alguma pequena informação de um dos seguranças. Não esperava que alguém fosse reconhecer o nome de William York, quanto mais lhe passar uma informação de contato. Será que o professor Emerson estava certo, e William York era um dos patronos do Palazzo?

E, se Emerson tivesse sabido sobre William York por Vitali, por que Vitali estava negando agora?

Raven ficou muito nervosa. Se William York existisse mesmo e tivesse

tomado providências para proteger sua identidade, como se sentiria com o fato de ela aparecer perguntando por ele? E se ele estivesse envolvido com o roubo na Uffizi?

Deu alguns passos para trás com cuidado, olhando em volta para tentar ver se havia alguém suspeito por perto. Por ora, pelo menos, parecia estar sozinha.

Decidiu que seria mais seguro ir embora, e ir embora depressa. Ao se mover, distinguiu uma pequena câmera preta presa no alto do arco de pedra, apontada na sua direção.

Ótimo. Agora eles sabem como eu sou.

O interfone tornou a cuspir um barulho de estática, e Raven se sobressaltou.

– Não tem ninguém aqui com esse nome. Vá embora. – Era a voz de outro homem falando, mais melodiosa, sim, mas também mais hostil.

Ela andou na direção do interfone.

– Desculpe, não foi minha intenção incomodá-lo, e...

O homem a interrompeu rispidamente.

– Está na hora de a senhora ir embora.

Raven não precisou ouvir isso duas vezes. Começou a correr na direção do Duomo o mais depressa que suas pernas conseguiram. Uma Vespa saiu do canto em que estava parada com o motor ligado e seguiu na direção oposta.

Ela estava aflita demais para reparar no homem e na scooter, ou no fato de que, quando passou pelo Duomo, ele a estava seguindo.

E, claro, não percebeu que havia atraído também a atenção do ser decididamente não humano em pé no alto do prédio do outro lado da rua.

Capítulo 9

Quando Raven voltou ao apartamento, seu coração batia em um ritmo furioso. Algo importante havia acontecido, tinha certeza, e estava com medo das consequências.

Abriu a porta do apartamento e apertou o interruptor na parede.

Tudo escuro.

Com um palavrão, fechou a porta e a trancou às cegas, deixando cair a mochila no chão. Foi tateando pela parede até o banheiro, e estendeu a mão lá para dentro para apertar o outro interruptor.

Tudo escuro.

Resmungando consigo mesma sobre o que iria dizer ao proprietário da próxima vez em que o visse, tateou seu caminho até o quarto. Estava prestes a cruzar a soleira quando tropeçou em alguma coisa, alguma coisa estranhamente parecida com um par de pés. Agitou os braços ao cair mas, antes de chegar ao chão, dois braços fortes a envolveram pela cintura e impediram a queda.

Assim que o intruso tocou seu corpo, ela deu um grito e caiu de bunda no chão. À luz fraca que entrava pelas janelas do banheiro, quase conseguiu distinguir o contorno de uma figura à espreita junto à porta. Rastejou para trás feito um caranguejo em direção à única saída.

Sentiu a figura passar depressa por ela, e suas mãos colidiram com os pés dele no caminho para a porta do apartamento.

– Se gritar de novo, vou silenciá-la. – Uma voz raivosa, suave como seda, ecoou pela escuridão.

– O que você quer? – Raven tentou manter a voz firme, mas não conseguiu.

– Que você responda a algumas perguntas. Sente-se aqui.

Raven ouviu uma cadeira arranhar o chão e sentiu uma das pernas encostar no seu quadril.

Poderia tentar engatinhar até a mochila e pegar o celular, mas a chance de sucesso lhe pareceu remota. Ele provavelmente conseguiria agarrá-la.

Sentiu o coração titubear.

– Você desligou a energia?

– Não me dê motivo para machucá-la. – Ele bateu com a cadeira no chão, como se quisesse dar ênfase ao que dizia.

Raven se sobressaltou.

Poderia gritar por socorro, mas a sua vizinha mais próxima, Lidia, era meio surda e provavelmente estaria dormindo. Em geral, o barulho do tráfego de lambretas na Piazza e arredores era tal que ela nem sequer tinha certeza de que os seus gritos fossem ser ouvidos por mais alguém.

– Estou esperando – rosnou ele.

Quem quer que fosse, o homem tinha uma voz jovem, mas seu italiano fluente era claramente antiquado.

Ela se moveu devagar, tocou a cadeira com a mão hesitante e se levantou. Deslizou até o assento.

– Não tenho dinheiro.

– Uma pergunta melhor é se você tem algum bom-senso. – Ele foi se postar atrás dela.

Ela se virou para acompanhar o som da sua voz.

– Quem é você? O que você quer?

– Quem faz as perguntas sou eu. O que estava fazendo no Palazzo Riccardi?

Raven sentiu um peso na barriga. Talvez ele a houvesse seguido, ou talvez a houvesse visto no Palazzo. De toda forma, devia caminhar bem depressa, ou então tinha ido de carro para chegar antes dela.

Ela se perguntou por que ele estava escondendo a própria aparência.

– Você foi uma moça burra, muito burra. Não aumente sua burrice abusando da minha paciência. – Seu tom se fez ameaçador.

Ela inspirou fundo, forçando a voz a sair sem tensão.

– Foi um erro. Eu não deveria ter ido lá.

– O que estava procurando?

– Alguém que trabalha no Palazzo. Pensei em passar lá.

– À noite? Depois do expediente? – pressionou ele, insistente.

Ela forçou uma risada que mais parecia uma tosse engasgada.

– Besteira, não é? Foi um erro.

– Quem estava procurando?

Ela hesitou, e o homem aproximou o rosto até poucos centímetros do dela. Raven pôde sentir seu cheiro, um odor cítrico e de relva. Não era desagradável.

– William York.

Se o intruso reconheceu o nome ou ficou surpreso com ele, não deu qualquer sinal.

– Nome estranho para um italiano. – O tom se tornou casual. – Amigo seu?

– Não. Não o conheço.

– Então por que o estava procurando?

– Por nada.

O homem pousou a mão pesada em seu ombro.

– Essa não é uma resposta aceitável.

A mão flexionou de leve os dedos, e Raven cerrou os lábios para evitar um grito.

Uma profusão de antigas ansiedades e medos se agitaram em sua mente. Ela estava apavorada que o intruso a estuprasse ou a matasse depois de ter conseguido a informação que buscava.

Pensou na irmã mais nova, Carolyn, e em não poder lhe dizer uma última vez que a amava.

Os dedos tornaram a se flexionar.

– Eu, ahn, trabalho na Galleria degli Uffizi e...

– Isso eu sei – interrompeu o intruso.

– Sabe? – indagou ela.

– Sei muitas coisas. Continue.

Ela se remexeu no escuro e se perguntou por que, de repente, aquela voz lhe soava conhecida. O homem não era o agente Savola nem o *ispettore* Batelli, disso tinha certeza. Mas em algum lugar nos recantos de sua memória sabia que já tinha escutado aquela voz antes. Não conseguia se lembrar quando.

– Hoje, no trabalho, ouvi dizer que esse William York tinha ligação com o Palazzo Riccardi. Foi tudo o que escutei.

A mão largou seu ombro.

Raven apurou os ouvidos para ver se escutava algum movimento.

O homem se inclinou por cima dela e aproximou o nariz do seu pescoço. O contato a fez se sobressaltar pois, assim como a mão, o nariz dele estava frio.

O intruso inspirou lenta e profundamente. Raven se afastou dele, desesperada para conter a náusea que lhe subia do fundo da garganta.

Ele grunhiu e deu um passo para trás como se tivesse sentido algum cheiro repulsivo.

– Sei quando você está mentindo. O que mais ouviu dizer?

– Ahn, que o Sr. York doou dinheiro para a Uffizi para ser convidado para o vernissage de uma exposição especial uns dois anos atrás.

– Quem disse isso?

Quando ela não respondeu, sentiu um único dedo no pescoço, deslizando em direção à garganta.

Raven se contraiu.

– Alguém chamado Emerson. Não vi com quem ele estava falando.

Ele aproximou os lábios do seu ouvido.

– Tente outra vez.

– Emerson estava falando com o *dottore* Vitali.

Isso fez o homem se empertigar.

– Vitali? Tem certeza?

– Tenho.

– Você falou com alguém sobre essa conversa? Com algum amigo ou *carabiniere*?

– Não.

O intruso permaneceu calado.

Raven esperou que ele fizesse alguma coisa.

Mas ele não fez nada. Não se mexeu. Não suspirou. Ela nem sequer conseguia ouvi-lo respirar.

Remexeu-se e bateu com os pés no chão. Pensou se poderia usar a cadeira como arma, desferi-la na direção da cabeça dele e conseguir tempo suficiente para chegar até a porta. Sem dúvida ele seria mais veloz do que ela e, caso ela errasse, revidaria na mesma moeda.

Ela bateu com os pés mais depressa, pensando se ousaria fazer algum movimento.

Então a voz do intruso soou junto ao seu ouvido.

– Você foi a um orfanato e a uma missão hoje. Por quê?

Raven gelou.

– Você me seguiu?

– Responda à pergunta. E diga a verdade.

– Sou voluntária no orfanato às vezes depois do trabalho. Um amigo meu sumiu, um sem-teto. Fui à missão franciscana ver se ele estava lá. Mas não estava.

– Um sem-teto?

– O que costuma ficar sentado perto da Ponte Santa Trinità, do outro lado do rio. Ele é deficiente como eu.

Ela ouviu o homem se mexer de modo quase imperceptível.

– Ahn, quero dizer, eu era deficiente. Não sou mais.

– A Ordo Fratrum Minorum tinha notícias do seu amigo?

– Ordo Fratrum Minorum? – repetiu ela.

– Os franciscanos – explicou ele, impaciente.

– Não, não tinham. Estou preocupada que tenha acontecido alguma coisa com ele.

– Você se preocupa com essa criatura? – A voz do intruso transmitiu incredulidade.

– Não o chame assim – protestou Raven. – Sim, me preocupo com ele. A maioria das pessoas o ignora. Alguns, como você, zombam dele. Mas ele é uma pessoa linda.

– Imagino que se preocupe com órfãos também? – Havia desprezo na voz dele.

Ela franziu o cenho.

– Claro.

– Se alguém tivesse atacado o seu precioso sem-teto e tentado matá-lo, você teria intervindo?

Raven hesitou.

– Eu teria medo de intervir, mas não poderia ficar parada sem fazer nada. Eu chamaria ajuda.

O homem fez "hum", como se a resposta lhe desagradasse.

– Não poderia ficar sem fazer nada – repetiu ela, e sua voz engasgou na última

palavra. Uma lembrança antiga tentou dominá-la, mas ela a deixou de lado, teimosa.

Neste instante, ouviu alguma coisa, como se ele estivesse sacudindo moedas no bolso.

– Se tivesse que escolher entre a justiça e a misericórdia, o que escolheria?

– A misericórdia – sussurrou ela.

– E se ficasse cara a cara com aqueles que agrediram o seu sem-teto, você lhes daria misericórdia?

Ela hesitou, e ele riu.

– Bem que eu imaginei. Até mesmo os mais magnânimos só querem misericórdia para quem merece.

– Ninguém merece misericórdia. O não merecer é que faz dela misericórdia.

O homem passou tanto tempo calado que ela se perguntou se tinha ido embora. Olhou para trás e vasculhou a escuridão, em busca de algum sinal dele.

– O que vou fazer com você? – indagou ele baixinho.

– Me deixe ir embora. Já respondi às suas perguntas. Não sei de nada.

– Cometi um grave erro com você. E agora parece que estou fadado a pagar por ele. – O tom do homem mudou e se fez baixo, pleno de resignação.

– Por favor, me deixe ir embora – repetiu ela. – Não vou causar nenhum problema.

– Infelizmente, não é o que você faz que constitui problema. O problema é o que você é.

O homem suspirou, e Raven ouviu um movimento que soou como se ele estivesse esfregando o rosto.

– Saia de Florença e não volte nunca mais.

– Mas aqui é a minha casa – protestou ela. – Minha vida está aqui. Meus amigos...

– Amigos de nada valem para quem está na cadeia ou morto – disparou ele.

– Morto? – Ela se inclinou para a frente na cadeira, preparando-se para fugir.

– Você atraiu a atenção de um grupo bem mais perigoso do que os *carabinieri*. Por enquanto, pelo menos, está segura. Quando eles perceberem quem você é, vão começar a caçá-la.

– Mas não fui eu quem pegou as ilustrações, juro!

O intruso deu uma risada sombria.

– Garanto que eles estão pouco ligando para arte. Não, seu interesse por você vai ser pessoal.

Raven tensionou o corpo.

– Por quê?

– Quanto menos souber, melhor.

As costas dela se retesaram.

– Não entendo o que eles poderiam querer comigo. Não sou ninguém especial.

– É aí que você se engana. – O intruso a segurou pelo pulso e puxou seu braço na escuridão como se fosse um fruto no galho baixo de uma árvore. Levou dois dedos ao ponto de pulsação e apertou.

Raven foi dominada por uma súbita visão de estar imobilizada em uma cama de hospital, com um tubo intravenoso transferindo sangue para dentro do seu corpo. Só que o sangue que fluía pelos tubos era negro.

Com um grito, levantou-se. Ergueu a cadeira da cozinha e a brandiu na direção da voz antes de se virar para onde pensava estar a porta. Só conseguiu dar dois passos antes de ele a segurar por trás.

Debateu-se aos chutes e gritos, mas os braços dele pareciam duas faixas de aço. Ele a puxou até deixá-la colada à frente de seu corpo, com os pés dependurados acima do chão.

– Silêncio! – sibilou.

O coração de Raven batia descompassado. Ela tentou inspirar, mas os braços dele a estavam apertando demais.

– Não consigo... *respirar* – conseguiu sussurrar, rouca, enquanto se contorcia e se debatia.

Ele soltou um pouco a pressão, mas continuou a segurá-la suspensa no ar.

Ela sorveu o ar em uma golfada enquanto sua mente tentava freneticamente avaliar a difícil situação. Não era uma mulher leve, nem mesmo em seu novo formato. Mesmo assim, ele segurava seu 1,70 metro acima do chão como se fosse uma boneca. E não parecia estar fazendo grande esforço.

– Vim aqui ajudar você – sussurrou ele. – E é assim que você me retribui?

– Você arrombou meu apartamento. Está me prendendo aqui contra a minha vontade! – Ela arranhou seus braços, mas as suas unhas tocaram o tecido de algo que parecia ser um paletó de terno.

– Os outros a teriam matado, mas primeiro teriam brincado com você.

– Como sabe tanto sobre eles?

– Porque sou um deles.

Raven se imobilizou.

Sentiu o coração fazer uma pausa, e então começar a bater bem alto dentro do peito. Pensou se ele iria matá-la.

O intruso soltou um palavrão e a colocou de modo brusco sobre outra cadeira, que então deslizou pelo piso até a parede.

Inclinando-se acima dela, falou com um sussurro ameaçador:

– Você pode acreditar em mim ou não, mas sou seu aliado. Agora fique sentada sem fazer barulho, senão eu a deixo para eles. Entendeu?

Ela assentiu, tentando mais uma vez recuperar o fôlego.

– Ótimo.

Ocorreu-lhe neste instante que, apesar da falta de luz, ele devia ter visto quando ela se moveu.

– Você está usando óculos de visão noturna?

– Sou a escuridão tornada visível.

Raven estremeceu.

Ouviu o intruso começar a andar de um lado para outro na cozinha.

– Mesmo que você evite os outros, nem assim estará segura. Os *carabinieri* vão procurar um bode expiatório para a investigação deles, e você é a escolha óbvia.

Ela abraçou o próprio tronco.

– Não fui eu quem pegou as ilustrações. Não sei o que aconteceu comigo na semana passada. Acho que alguém está tentando me incriminar.

O intruso parou.

– Posso lhe dar dinheiro suficiente para voltar para casa. Saia da cidade de trem e vá para o sul. Pegue um barco para a Grécia. O controle de imigração no porto do Pireu, perto de Atenas, é muito frouxo. De lá você pode pegar um avião para os Estados Unidos. Você tem que sair de Florença em menos de duas semanas. Enquanto isso, estará segura neste apartamento, mas evite sair à noite.

Ela continuou sentada sem se mexer.

– Por quê?

– Em parte porque você é uma péssima detetive. Alguém a seguiu até o

Palazzo, e essa pessoa agora está sentada do outro lado da Piazza, observando. E em parte porque os outros vão reparar em você. E você não quer chamar a atenção deles.

Raven não reagiu, pois ir embora da cidade era a única coisa que ela não queria fazer.

Ouviu-o chacoalhar alguma coisa e dar alguns passos na sua direção.

– Posso ver que você é, no mínimo, teimosa.

Ele pôs algo metálico e frio em volta do pescoço dela, e ali suspendeu alguma coisa pesada. Ela ergueu a mão e tocou um crucifixo de metal que repousava entre seus seios.

– O que é isso?

– Uma relíquia. De agora em diante, você tem que usar isso sempre. Nunca tire.

– Pensei que estivesse segura contanto que saísse de Florença.

– Existem outros nos Estados Unidos também.

Raven largou o crucifixo, e este bateu no seu peito.

– Como uma superstição boba vai poder me proteger da Máfia?

Um rosnado emergiu do peito do intruso, e ele agarrou o cordão.

– Humanos burros não merecem viver. Vou pegar meu presente de volta e não vou mais incomodá-la.

Em pânico, ela fechou a mão por cima da dele.

– Não, por favor. Eu quero.

Ele esticou mais o cordão até ela senti-lo puxar seu pescoço.

– Talvez, quando tiver tido tempo de refletir sobre a sua situação, você adote uma postura de gratidão.

– Obrigada – respondeu ela depressa.

– Esta relíquia oferece proteção contra aqueles capazes de matá-la. Ou coisa pior.

– E vai me proteger de você?

Ela desejou retirar o que tinha dito assim que as palavras saíram de sua boca.

Ele largou o cordão.

– A relíquia não tem efeito sobre mim. É melhor não esquecer isso se ficar tentada a falar com os *carabinieri* sobre o Palazzo ou sobre a nossa conversa. – Seu tom se fez incisivo. – Você não me quer como seu inimigo.

Ela cerrou os dentes.

– Não vou dizer nada a eles. Juro.

– Você tem duas semanas. Ao final desse prazo, se ainda estiver aqui, vai ter que se explicar comigo.

Ela assentiu.

Ele tornou a grunhir, e a maior parte da sua raiva pareceu se abrandar.

– Vou me arrepender disso. Mas é tarde demais.

No escuro, ela sentiu a mão dele segurar seu rosto. Seu toque era leve e surpreendentemente delicado.

– A beleza é uma coisa vã. Ela surge, e, assim como o vento, desaparece. Lembre-se disso. – Ele acompanhou a curva de sua bochecha com o polegar. – Adeus, Jane.

Antes de Raven poder reagir ao som de seu verdadeiro nome saído da boca dele, o intruso já tinha se afastado. Seus passos ecoaram pelo apartamento, e ela ouviu o barulho de uma janela se abrindo.

Poucos segundos depois, as luzes se acenderam.

Capítulo 10

Abalado e com raiva, o Príncipe estava em uma varanda do Gallery Hotel Art. Sua noite não correra conforme o planejado. Pelo contrário: ele tivera de revisitar um de seus erros mais recentes e mais sérios. E ela havia se mostrado um erro ainda mais atraente do que na sua lembrança.

Cassita vulneratus.

Agora a cotovia ferida tinha sido curada, e quem estava vulnerável era ele. Ouvira verdade na voz dela quando ela lhe prometera guardar os segredos, mas sabia como era fácil enganar os humanos. A mente dela era forte demais para controlar sem fazê-la beber do seu sangue. E ele não queria transformá-la em sua escrava.

Se Maximilian ou Aoibhe a encontrassem...

Ele estremeceu.

O cheiro de Jane estava disfarçado pelo que ele lhe fizera ingerir para salvar sua vida. Em breve sua verdadeira safra ficaria novamente detectável. Ele havia lhe dado de presente um de seus bens mais preciosos, mas sabia que este decerto atrairia atenção. Teria de bancar o anjo da guarda até ela sair da cidade, mas de longe.

Mais uma vez, a visão de uma mulher ensanguentada e ferida ardeu diante de seus olhos. E mais uma vez ele decidiu adiar esse desfecho.

Fosse qual fosse o seu compromisso com Cassita, restava o problema dos Emersons e de Vitali. O professor Emerson havia recebido os objetos roubados anos antes da casa do Príncipe e tornado a coleção pública, insultando-o e atraindo atenção internacional para as ilustrações. Vitali era cúmplice da exibição da coleção na própria cidade do Príncipe.

Mas a mente de Vitali era suscetível a influências, e, portanto, a sua lembrança de partes do vernissage fora apagada com facilidade. Apesar de seu envolvimento com os Emersons, o Príncipe não via motivo para lhe tirar a vida. Ter o diretor da Uffizi sob seu controle tinha vantagens claras.

Restava, contudo, o problema dos Emersons. O nome *William York* precisava ser apagado de sua lembrança e de qualquer vínculo com a Galleria degli Uffizi e o roubo das ilustrações. Mas a mente de Emerson não podia ser controlada, nem a de sua esposa.

O professor teria de morrer, e a mulher teria de sofrer um trauma para perder a memória.

A porta que separava a varanda do quarto de hotel estava entreaberta, talvez porque eles desejassem um pouco de ar puro. O Príncipe entrou no quarto escuro.

A cama ficava a poucos passos curtos da porta. Emerson estava deitado de lado, de costas para o Príncipe.

Ele fechou os olhos e inspirou profundamente.

O cheiro de Emerson era singular, e, no entanto, de alguma forma, havia mudado desde o seu último encontro. Com certeza ele era agora bem mais desejável do que antes.

O Príncipe se perguntou distraidamente o que teria provocado essa melhora.

Neste momento, dois outros cheiros humanos invadiram suas narinas, um novo e agradável, o outro conhecido e desagradável. O cheiro da Sra. Emerson havia mudado desde que ele estivera pela última vez na sua presença. Seu aroma estava perceptivelmente mais doce, mas ainda havia uma corrente subjacente de doença. Quaisquer problemas de saúde que ela tivesse antes continuavam presentes. No entanto, ela parecia saudável. Ele podia ver seu corpo na cama, aninhado no abraço do marido.

O Príncipe refletiu sobre o fato de que nunca havia gostado dessa posição, que parecia encarnar a confiança tranquila proveniente da intimidade e do amor. Ele nunca quisera ter essa proximidade com Aoibhe. Já quanto às outras...

Sentiu a raiva aumentar conforme o ciúme o dominava. Houvera um tempo em que ele teria feito qualquer coisa para ter uma esposa e um filho. Essa possibilidade lhe fora roubada.

Mostrou os dentes e um rosnado escapou de seu peito. Emerson já tinha

riquezas suficientes. Por que precisava roubar?

O Príncipe se aproximou da cama e ficou espantado ao ver uma pequena estrutura montada junto a ela, do outro lado. Ali dento, um bebê dormia sob uma manta cor-de-rosa. Aquela era a fonte do cheiro novo e agradável.

O Príncipe se retraiu, da mesma forma que os humanos se retraem diante da possibilidade de comer vitela.

Parado ao pé da cama, olhou para os pais. A mulher de Emerson tinha um aroma leve e floral que quase conseguia disfarçar o cheiro da doença. Embora admirasse as virtudes que davam origem a essa fragrância, achava aquele cheiro enjoativo.

Ansiava pelo sangue da beldade de cabelos negros. Ou melhor, ansiava pelo que o seu sangue era antes de ele o poluir. Ela agora tinha um cheiro de arrogância antiga e escuridão; seu verdadeiro perfume estava disfarçado.

Aquilo por que ele mais ansiava, contudo, era uma mente alerta e uma alma nobre. Alguém com quem pudesse conversar sobre arte e beleza. Uma companheira e amante.

Sentiu raiva ao recordar as palavras de Aoibhe. Havia passado tempo demais sozinho. E acabara de convencer a mulher que mais desejava a sair da cidade, o que garantia que ele ficaria sozinho para sempre.

– Justiça e misericórdia – sussurrou.

Gabriel se mexeu, e o Príncipe fugiu para a varanda.

Observou Emerson se sentar e olhar em volta. Viu-o estender a mão para a luminária ao lado da cama.

Moveu-se para não ser visto.

Durante vários minutos, o Príncipe aguardou enquanto Emerson andava pelo quarto. Abafando um palavrão, ele fechou as portas da varanda e as trancou por dentro.

Estritamente falando, portas trancadas não conseguiam impedir a entrada do Príncipe. Mas a existência e a presença da criança haviam mudado seus cálculos.

Parado nas sombras, recordou a primeira vez que havia encontrado os Emersons. Ficara impressionado com as virtudes da mulher e decidira não matá-la. Emerson, por sua vez, podia ser executado sem hesitação. O fato de ele ter fornecido bens roubados era uma sentença de morte.

O Príncipe tentou convencer os próprios pés a se moverem na direção da

porta, mas estes se recusaram.

Ficou pasmo ao constatar que não conseguia matar Emerson na frente da filha, embora a menina ainda fosse um bebê.

Algo havia acontecido com ele. Algo havia mudado.

Talvez a responsável por isso fosse Jane. Ela havia entrado na sua vida qual um cavalo de Troia e trazido consigo a misericórdia. Ele detestava a misericórdia, pois ela significava fraqueza.

Que outra explicação poderia haver para aquela súbita mudança de atitude? Assim como não conseguia suportar a ideia de matar o bebê ou a mãe doente, agora parecia incapaz de tomar as poucas atitudes necessárias para matar o pai do bebê.

Emerson merecia. Merecia a morte, senão pelo pecado do roubo, então pelo pecado do orgulho, que ainda imprimia ao seu sangue um gosto amargo e forte. E havia o pequeno problema de William York.

O Príncipe não iria tolerar fraqueza em si mesmo. Tampouco iria perdoar Gabriel Emerson.

Enquanto pulava para o chão, disse a si mesmo que pouparia a vida da mulher e da filha de Emerson, e que daria algum outro jeito de esconder a própria identidade. Esperaria e mataria Emerson depois que Cassita saísse da cidade, quando não temesse mais ver repulsa nos seus olhos verdes.

A misericórdia que se danasse.

Capítulo 11

Logo antes de o sol nascer, Raven sentou-se na cama e abraçou um travesseiro junto à barriga. Todas as luzes do seu apartamento estavam acesas. A porta e as janelas estavam trancadas, assim como as venezianas que impediam a entrada da luz. Um velho alce de pelúcia que ela tinha desde criança estava sentado ao seu lado qual uma sentinela.

Ela dormira, mas não por muito tempo. Sua mente estava tomada por medo e ansiedade, e esses sentimentos haviam assombrado seus sonhos.

Depois de se recuperar do choque da noite anterior, havia cogitado procurar a polícia. Uma simples olhada para a Piazza a fizera mudar de ideia. Ela vira o homem à espreita ali perto, bem como o intruso dissera.

Não sabia ao certo quem era aquele homem sentado em frente ao seu apartamento, mas era possível que fosse um cúmplice do intruso. Não iria chamar sua atenção pedindo uma visita da polícia.

Fosse quem fosse o intruso, ele parecia conhecê-la, ou pelo menos passara o dia seguindo seus passos. Sabia que ela trabalhava na Uffizi. Sabia que tinha sido interrogada pelos *carabinieri*. Sabia que ela havia visitado o orfanato e a missão dos franciscanos.

De alguma forma, sabia também sobre a sua visita ao Palazzo. Das duas, uma: ou a tinha visto, ou simplesmente ficara sabendo que ela estivera lá; Raven não tinha certeza. De toda forma, devia ter corrido até o seu apartamento de carro ou de Vespa, e ganhado preciosos minutos que lhe haviam permitido arrombar a porta da frente, cortar sua energia e esperar por ela.

Ele havia saído por uma das janelas do seu quarto, no segundo andar do prédio. Raven imaginava que tivesse entrado da mesma forma. Talvez fosse um

escalador, o que explicaria como conseguira subir até ali e descer até a rua sem se machucar.

Raven sempre mantinha as janelas trancadas quando não estava em casa. Naquela manhã, abalada como estava, devia ter esquecido. Não tornaria a cometer o mesmo erro.

Se fechasse os olhos, podia ouvir a voz do intruso. Embora lhe soasse conhecida, não conseguia identificá-la. Mas conseguia recordar seu cheiro.

Grande coisa. O que vou dizer à polícia? Para prender um suspeito e me deixar cheirá-lo?

Abriu os olhos e fitou a cômoda. O esboço que completara na noite anterior havia sumido, ou seja, ele devia ter levado. Mas por quê?

Seu laptop e algumas joias sem grande valor continuavam ali, como se ele não houvesse se dignado a roubá-los.

O motivo poderia ser banal. Talvez tivesse roubado o desenho para tentar colher digitais, mas iria constatar que estas pouco lhe serviriam. Patrick tinha lhe dito naquela manhã que os investigadores não haviam encontrado nenhuma digital na sala de exposição.

A bengala de Raven estava apoiada na parede junto à cômoda. Não se lembrava de vê-la ali mais cedo, mas era possível que não tivesse percebido. Por que o intruso mudaria sua bengala de lugar?

Além dessas anormalidades, ele lhe deixara presentes.

Sobre a mesa da cozinha, pusera um maço de dinheiro. Depois de se recompor o suficiente para contar as notas, ela descobriu que somavam vários milhares de euros.

E ele ainda lhe dera mais uma coisa.

Raven ergueu o crucifixo do peito. O pingente parecia de ouro; o metal era fino e fora trabalhado com um martelo por trás de modo a formar a figura do Cristo em relevo. O estilo era primitivo e os traços faciais de Jesus mal podiam ser distinguidos, o que a levou a acreditar que a peça era pré-renascentista, provavelmente medieval.

Cada ponta da cruz tinha duas argolas redondas, como se o crucifixo tivesse sido fabricado para ser preso a alguma coisa. A corrente dourada na qual estava suspenso tinha um aspecto bem mais recente, e também parecia de ouro.

Raven entendia um pouco de relíquias. Durante a graduação na Universidade

Barry, fizera disciplinas de catolicismo. Isso sem falar em Frank Kavanaugh, o padre que havia intervindo para ajudar Carolyn e ela quando estavam em apuros. Seu amor e respeito por ele não se estendia às suas crenças, e ela com certeza não achava que um pedacinho de metal tivesse qualquer eficácia, independentemente da forma que nele estivesse gravada.

Não conseguia imaginar por que o intruso acreditaria que um pedaço de ouro poderia protegê-la dos "outros", fossem quem fossem.

Não custa nada usar a cruz, só para garantir. Talvez ela funcione porque os outros têm medo dela, não porque ela possui poderes mágicos.

Mas não vou sair de Florença, não depois de ter me esforçado tanto para construir uma vida aqui. Pouco importa o que ele diz.

Ela puxou a colcha em volta dos ombros.

O intruso metia medo e tinha uma força fora do normal. Sua ordem para ela sair da cidade não deixava margem para dúvidas, mas ela não sabia por que o prazo de quinze dias era tão importante assim.

Talvez ele tenha uma fonte na polícia e saiba a quantas anda a investigação.

Embora tivesse parecido espantado ao ouvi-lo, o intruso tinha reconhecido o nome do *dottore* Vitali. Mas a pessoa que mais parecia lhe interessar era William York. Raven achava o fato intrigante.

Além disso, havia seu modo de falar. Ele chamara os franciscanos de Ordo Fratrum Minorum, que, depois de pesquisar na internet, ela descobrira ser sua denominação em latim. E também lhe avisara para não sair depois de escurecer.

Raven não conseguia imaginar o que significava aquele alerta, ou por que motivo, se queria que ela fosse embora, o intruso tinha lhe dado a relíquia. O presente por si só já fora estranho. E depois a sua atitude havia mudado, e ele a tocara com delicadeza.

Mais estranho de tudo, chamara-a de Jane.

O nome oficial de Raven aparecia apenas em seu passaporte, visto de trabalho e *permesso di soggiorno*, ou "autorização de permanência", e todos esses documentos estavam dentro da sua mochila. Não sabia como o intruso havia descoberto seu nome verdadeiro, mas não fora vasculhando seu apartamento.

O nome oficial era mencionado na sua ficha profissional, então era possível que ele tivesse descoberto pela Uffizi. Raven descartou a possibilidade, uma vez

que todos na galeria a chamavam pelo apelido, que era o nome que aparecia em seu crachá. Ninguém a conhecia como Jane desde os seus 12 anos.

Ou seja, das duas uma: ou ele tem ligação com a galeria, ou com a polícia.

Batelli e Savola conheciam seu nome oficial, mas eles tinham visto o crachá da Uffizi e sabiam que todos a chamavam de Raven.

Por algum motivo, o intruso parecia querer mantê-la longe da polícia. Com certeza não ficara sabendo seu nome oficial por alguém que a conhecia. Pelo menos não por alguém que a conhecia na Itália. Na Flórida seria outra história.

O horror a apunhalou.

E se ele tivesse falado com...

Não conseguiu concluir o pensamento.

Não, imaginar essa possibilidade não adiantava nada. A Flórida ficava muito longe dali, assim como qualquer vestígio de sua vida anterior. Até mesmo os seus diplomas mencionavam o nome que ela escolhera para si. Se ele tivesse aberto a gaveta de baixo de sua cômoda, teria encontrado os certificados ainda guardados dentro de capas protetoras.

Ela pôs de lado o travesseiro e o cobertor, ficou parada no meio do quarto e avaliou o ambiente à sua volta. As gavetas da cômoda estavam fechadas, assim como a porta do armário. Nada parecia fora do lugar, com exceção do desenho desaparecido e...

Seus olhos pousaram na mesinha de cabeceira, sobre a qual vários de seus livros preferidos estavam empilhados. Reparou que a edição das obras completas de Edgar Allan Poe havia sido movida de baixo para o alto da pilha. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* fora relegado à segunda posição.

Mais uma vez, ela pensou se, em um instante de distração, poderia ter mudado de lugar ela própria o livro de C.S. Lewis. Não lhe ocorreu perguntar o que o intruso tinha contra leões, feiticeiras e/ou guarda-roupas, se é que tinha alguma coisa.

Frustrada, esfregou os olhos. Tinha que estar no trabalho dali a poucas horas, mas estava abalada demais para voltar a dormir.

Com um suspiro resignado, sentou-se diante da escrivaninha e abriu o laptop. Iria responder aos e-mails atrasados que vinha ignorando. Ao se conectar, encontrou algumas mensagens novas, inclusive uma da irmã.

Oi, Rave.

Tentei te ligar pelo FaceTime, mas você nunca atende. Está fugindo de mim?

O casamento da mamãe foi lindo. Uma pena você ter perdido.

Stephen é muito legal. Antes de se aposentar, era cirurgião plástico. Ele e mamãe acabaram de se mudar para uma casa grande perto do mar.

Raven parou de ler e revirou os olhos.

Como você não responde às mensagens da mamãe, ela me perguntou se eu podia te pedir para passar o seu aniversário aqui. Ela paga a passagem, e você pode ficar comigo e com o Dan. Te contei que a gente está morando junto? Não me lembro mais.

Mamãe quer te apresentar para o Stephen e os filhos. Eles são mais velhos do que a gente, casados e com filhos. O filho é médico, a filha, dentista.

Venha nos visitar. Estamos com saudades. Podemos comemorar seu aniversário, e eu te mostro todos os lugares legais de Miami.

Faz anos que você não vê a mamãe, e acho que está na hora de superar o passado. Gosto muito do Stephen e ele faz a mamãe feliz. Acho que você também gostaria dele, se lhe desse uma chance.

Dan está planejando me levar à Europa para comemorar nosso segundo aniversário de casamento. Espero ir para aí em meados de junho. Vamos ficar num hotel, claro, mas gostaria de te visitar em Florença. Caso a gente não vá a Florença, quero que você venha a Miami.

E aí, que fim levou aquele cara de quem você estava a fim? Não lembro o nome dele. Acabou convidando ele para sair ou não?

Vamos nos falar em breve.

Com amor,

Cara

Raven se afastou do computador e resistiu ao impulso de mandar uma resposta seca e irada.

Amava a irmã mais do que qualquer pessoa, mas as duas tinham tido vidas

radicalmente diferentes. Carolyn era sete anos mais nova, então não se lembrava de seu pai nem da vida de família feliz que tinham quando moravam em New Hampshire. E com certeza não se lembrava do acidente.

Raven passou alguns segundos pensando em como sua mente sempre usava um eufemismo para se referir ao acontecimento que havia causado sua deficiência. Flexionou os pés debaixo da mesa e lembrou a si mesma que, fosse qual fosse a palavra que usasse, os efeitos haviam desaparecido. Esse fato por si só tornava mais positiva sua disposição em relação à mãe, embora só de leve.

Quando Carolyn havia chegado a uma certa idade, Raven lhe contara o que havia acontecido. Era preciso reconhecer que a irmã escutara com atenção, mas as suas lembranças conflitavam tanto com o relato de Raven que ela teve dificuldade para acreditar.

De certa forma, Raven considerou a falta de memória de Carolyn uma boa coisa, de modo que não tornou a abordar o assunto. Mesmo diante do relato revisionista da mãe, guardou silêncio.

No entanto, recusava-se a ver a mãe, falar com ela ou estar no mesmo recinto até que ela reconhecesse a verdade. Ou seja, não via a mãe desde que saíra de casa para cursar a faculdade, mais de dez anos antes.

Quanto à pergunta de Carolyn sobre sua antiga paixão por Bruno, neto da vizinha, é claro que não dera em nada. Com os acontecimentos da véspera, já havia quase esquecido o assunto e o rapaz.

Oi, Cara.

Que coisa boa ter notícias suas.

Vou pensar em ir a Miami, mas, se for, pode deixar que eu mesma pago a passagem. Não vou encontrar mamãe. Ela sabe por quê. Não adianta falar sobre isso.

Quanto à sua visita, seria maravilhoso ver você, mas as coisas no momento estão muito atropeladas. Mais tarde tornamos a falar sobre isso, tá? Estou atolada de trabalho.

Amo você,

Rave

Ela mandou o e-mail e fechou o laptop sem se dar o trabalho de verificar o

restante da caixa de entrada.

Foi até o banheiro, tentando deixar de lado os pensamentos sobre sua complicada vida familiar.

Perguntou-se o que faria algum grupo misterioso se interessar por ela. Não iria abandonar tudo que havia se esforçado tanto para conseguir só porque um criminoso enigmático ligado a uma associação secreta tinha lhe dito para sair da cidade.

Irritou-se ao recordar o que o intruso tinha dito sobre seu talento para detetive. Redobraria os esforços para investigar William York e o Palazzo Riccardi, e torcia para conseguir achar alguma coisa capaz de convencer a polícia de que não era cúmplice do roubo na Uffizi.

Enquanto escovava os dentes, começou a formular um plano. Por enquanto, guardaria os euros dentro de uma caixa de sapatos, depois doaria o dinheiro à missão franciscana.

Cuspiu a pasta de dentes e olhou para o próprio reflexo. Ainda era difícil aceitar que a mulher atraente que a encarava do espelho era real.

Seu olhar baixou para a relíquia em volta de seu pescoço. Ela teria de escondê-la debaixo da roupa.

Resmungou alguns palavrões escolhidos a dedo e foi se vestir.

Capítulo 12

– Estou dizendo, a hora é agora! – Maximilian levantou a voz, e sua figura imponente avançou pela escuridão que precede a aurora.

Ele e seu companheiro discutiam em cima do Palazzo Vecchio. O interlocutor ergueu a mão para contê-lo.

– Tenha paciência.

– Nós já tivemos paciência suficiente. Vamos matá-lo hoje à noite.

Seu companheiro deu um suspiro dramático.

– Será que você não aprendeu nada com os venezianos? Vai ser preciso mais do que nós para derrubá-lo, sobretudo se algum dos outros ficar do seu lado.

Maximilian sacou a espada.

– Nós não somos exatamente jovens. Quem garante que os outros vão defendê-lo? Eles devem estar tão ansiosos quanto nós para assumir o controle.

– É justamente por causa disso que precisamos ter certeza das nossas alianças. Agora não é hora para atitudes precipitadas, principalmente se você correr o risco de se descontrolar. Isso o torna temerário, Max, e não há espaço para temeridade quando se está lidando com o Príncipe. Ele é mais poderoso do que você pode imaginar.

Max soltou um palavrão e brandiu a espada no ar.

– Discordo.

– Então você é um tolo. Nem mesmo eu conheço a extensão total do seu poder. Não quero descobrir se for só para perder a cabeça.

– Temos que esperar até os 1.000 anos dele se esgotarem?

– Não seja pessimista. Cometi um erro quando me aliei aos venezianos. Agora

estou trabalhando numa parceria com outros cúmplices mais fortes. E há sempre os feras e os caçadores.

Max embainhou a espada.

– Agora você está dizendo bobagem. Não é possível controlar os feras. E por que você iria querer trabalhar com os caçadores?

O outro abriu vagarosamente um sorriso.

– O Príncipe é velho. Os caçadores vão ficar muito felizes em ter o seu sangue. Se nós lhe entregássemos o Príncipe, provavelmente assinariam até um tratado para deixar a cidade em paz.

– As nossas fronteiras andaram meio porosas ultimamente. Se um bando de feras aparecesse, criaria um caos. O Consilium vai responsabilizar o Príncipe. Sem contar que nosso nobre líder cometeu alguns *erros* nos últimos tempos... erros que ameaçam deixá-lo vulnerável.

Max repousou a mãozorra no cabo da espada.

– O Consilium está cheio de aliados dele.

– E de rivais. Eles sabem que o seu reino não vai durar para sempre. Tudo que lhes falta é um líder disposto a depô-lo, e um pouco de motivação. Tenha paciência, Max. A cidade em breve vai ser nossa.

Capítulo 13

Raven suspirou ao se sentar em frente a um terminal de computador no arquivo da Galleria degli Uffizi. Ela havia sido realocada.

O professor Urbano a acolhera de volta após sua ausência de uma semana, mas não permitira que continuasse o trabalho de conservação do *Nascimento de Vênus*. Talvez fosse a sua forma de exercer o ceticismo que sentia em relação à aparência dela, apesar do fato de as suas digitais terem sido verificadas.

Na véspera, ela fora relegada a tarefas de pouca importância, enquanto neste dia recebera ordens de dar assistência à arquivista-chefe em seu trabalho. Havia outra pessoa sentada em sua cadeira no laboratório de restauração, segurando pincéis e cobrindo cuidadosamente parte da superfície da obra-prima de Botticelli com um verniz protetor.

O professor Urbano lhe garantiu que Raven aplicaria as segunda e terceira camadas depois que Anja Pahlsmeier, aluna de pós-doutorado de Berlim, houvesse completado a primeira. Ele não queria interromper o trabalho que ela havia começado na ausência de Raven. Ou pelo menos era isso que dizia.

Raven tentou com grande afinco não ficar ressentida, mas fracassou.

A arquivista-chefe lhe incumbiu de organizar os relatórios científicos impressos e digitais que a equipe de restauração tinha preparado sobre *O nascimento de Vênus*. Em seguida, deveria escanear os relatórios impressos e mandar todos os arquivos digitais para Patrick, para ele poder alimentá-los na base de dados do arquivo.

A arquivista instruíra Raven a se familiarizar com os arquivos da restauração do *Primavera* e a organizar os novos da mesma forma. Raven estava examinando as radiografias do quadro quando reparou em uma coisa.

Radiografias são fotografias tiradas por um aparelho de raio X que revelam detalhes sobre um quadro invisíveis ao olho nu. Nesse caso, a atenção de Raven foi atraída para as radiografias que revelavam os *pentimenti*, ou os contornos dos diferentes personagens que Botticelli havia desenhado antes de começar a pintar.

Ao ampliar a radiografia da figura de Mercúrio, viu algo surpreendente. No primeiro esboço que o artista fizera, o personagem tinha cabelos mais curtos.

Ela havia passado muito tempo estudando o *Primavera* e sua restauração antes de começar a trabalhar no *Nascimento de Vênus*. Ninguém nunca havia comentado sobre essa mudança específica na aparência de Mercúrio nem no motivo que levara Botticelli a encurtar seus cabelos.

Intrigada, Raven clicou em outro arquivo, que continha uma reflectografia de infravermelho da mesma imagem. Nela, dava para ver as camadas de tinta. Ficava claro que Botticelli não apenas havia ajustado o comprimento dos cabelos de Mercúrio, mas que também havia modificado sua cor, deixando os fios mais escuros.

Mercúrio era louro.

Raven se recostou na cadeira e encarou a tela do computador.

Sob determinada perspectiva, essa descoberta não tinha grande importância. Os artistas em geral, e Botticelli em particular, faziam mudanças em seus quadros durante o processo de pintura. Outras mudanças no projeto original do *Primavera* já tinham sido notadas pela equipe de restauração em seus relatórios. Mas Raven não conseguia se lembrar de ninguém ter mencionado a mudança nos cabelos de Mercúrio.

Curiosa, passou os olhos por alguns dos documentos escritos que a equipe de restauração havia preparado. Levou algum tempo, mas a investigação confirmou suas suspeitas. Ninguém parecia ter reparado na mudança nos cabelos de Mercúrio, o que era muito, muito estranho, visto que a mudança ficava evidente com um exame mais minucioso das radiografias.

Perdida em pensamentos, Raven abriu uma cópia digital do quadro terminado e a ampliou, concentrando-se na cabeça e nos ombros de Mercúrio. Então passou para a radiografia.

Tentou imaginar qual teria sido o aspecto de Mercúrio com os cabelos louros e mais curtos.

Descobertas como essa podiam ajudar uma historiadora da arte a construir

sua carreira. No entanto, antes de escrever um artigo que anunciasse ao mundo o seu achado, precisava estudar os relatórios com mais cuidado. E precisava ter certeza de que ninguém nunca havia escrito sobre isso.

Espiando por cima do ombro para ter certeza de que ninguém a observava, Raven tirou discretamente um pendrive da mochila e copiou as imagens relevantes. Mal conseguia conter a animação, e balançava a perna para um lado e para o outro.

Havia acabado de guardar o pendrive no bolso com zíper da mochila quando sentiu a mão de alguém no seu ombro.

– Está tudo bem? – indagou uma voz em inglês.

Ela pulou na cadeira e deixou escapar um palavrão bem alto.

– Shhh! – sibilou a arquivista de sua mesa, que ficava do outro lado da sala. Ela encarou Raven com irritação por cima da armação dos óculos.

Raven aquiesceu, contrita, antes de erguer os olhos para os de seu amigo Patrick.

Ele articulou um rápido "desculpe".

– O que está fazendo? – sussurrou ela, fechando rapidamente os arquivos que tinha aberto no computador.

– Vim fazer a mesma pergunta. – Ele meneou a cabeça para a tela do computador.

Raven olhou para a arquivista, em seguida para o amigo.

– Talvez não seja nada.

Patrick também relanceou os olhos para a arquivista antes de falar.

– Gina quer que você venha jantar conosco hoje.

Raven olhou para Gina, a amiga em comum deles, que trabalhava do outro lado da sala e lhes fez um aceno.

– Quer dizer que é oficial? Vocês estão juntos?

Patrick sorriu.

– Estamos.

– Fico feliz por você. Adoraria jantar com vocês dois, mas preciso resolver umas coisas depois do trabalho.

– Tudo bem. Você está com a sua Vespa?

– Está me esperando na oficina.

– Eu levo você para pegá-la depois do trabalho, e podemos nos encontrar na

casa da Gina mais tarde. Tudo bem?

– Obrigada. – Raven sorriu.

Patrick pegou um pedaço de papel e escreveu algumas palavras. Deixou o papel ao lado do seu computador antes de voltar para sua mesa.

Raven olhou o que ele tinha escrito.

Você esqueceu as câmeras.

– Merda! – murmurou ela.

Ela amassou o papel e o enfiou na mochila.

Olhou para a sala em volta, tentando não dar na vista enquanto localizava as câmeras de segurança nos quatro cantos.

De tão animada com a descoberta em potencial, havia se esquecido das câmeras. Agora a galeria tinha imagens suas baixando arquivos para um suporte pessoal sem autorização. Era uma falta séria. E dadas as suas circunstâncias recentes, ela duvidava que o *dottore* Vitali se mostrasse leniente.

Olhou para Patrick, que balançou a cabeça. Parecia tão preocupado quanto ela.

Ele pegou o celular e começou a digitar.

Poucos segundos depois, o telefone de Raven apitou com um novo torpedo.

O q vc tá fazendo?

Raven lhe respondeu na hora.

Esqueci das câmeras.

Ela pôde ouvir o muxoxo de desaprovação de Patrick do outro lado da sala.

Virou-se para olhar para a arquivista, mas esta parecia preocupada com seu próprio trabalho.

Seu telefone apitou mais uma vez.

Você precisa tomar mais cuidado.

Ela não pôde discordar. Estava prestes a digitar uma resposta adequadamente contrita quando o telefone sobre a mesa da arquivista tocou.

Virou-se como em câmera lenta.

A arquivista estava aquiescendo e concordando com alguma coisa. Ao encerrar a curta conversa, acenou chamando Raven.

Ela andou até sua mesa bem devagar.

– O *dottore* Vitali quer ver você na sala dele. Agora. – O tom da arquivista foi ríspido. – Marque onde parou o que estava fazendo e se desconecte do terminal.

Estou encrencada mesmo.

Raven trincou os dentes enquanto voltava para a mesa. Com alguns cliques rápidos do mouse, encerrou sua sessão no computador. Pegou um pedaço de papel em branco e listou o que havia feito naquela manhã.

Então pegou a mochila e entregou o papel para a arquivista.

– Raven, espere – chamou Patrick.

Ele a acompanhou até a porta.

– Me dê o pendrive – sussurrou ele, estendendo a mão.

– O quê?

– Para eles nos verem. – Ele relanceou os olhos para o lado, onde uma das câmeras estava posicionada bem em frente à porta.

Ela fez que não com a cabeça.

– Você vai ter problemas.

– Você já está com problemas. – Ele ergueu a mão mais alto ainda.

Raven olhou para a arquivista, que os observava com atenção.

– Patrick, é o seu emprego.

– Um emprego que tenho porque você me deu cobertura quando esqueci de arquivar as radiografias. Agora estamos quites. – Ele moveu a mão em frente ao seu nariz. – Me dê o pendrive.

Raven resmungou um palavrão e abriu o zíper da mochila. Pegou o pendrive e lhe entregou.

– Obrigado. Muito agradecido, mesmo. – Ele falou alto, bem alto, e a arquivista mais uma vez os mandou ficarem quietos.

Ele então se inclinou para a frente e sussurrou no seu ouvido.

– Diga a Vitali que fui eu quem pedi para você copiar os arquivos. Se eles confiscarem o pendrive, eu te ajudo a conseguir os arquivos de outro jeito.

– Tomara que você saiba o que está fazendo. – Raven lhe lançou um olhar preocupado e saiu da sala do arquivo.

– Tomara mesmo. – Ele fez uma careta.

◆◆◆

Enquanto subia a escada até o primeiro andar, ela pensou em uma explicação alternativa que pudesse inocentar Patrick. Nada lhe ocorreu. Ela nem sequer poderia mencionar William York e sua ligação com o Palazzo Riccardi.

Jamais permitiria que alguém por quem tinha estima fosse prejudicado. Era o seu caráter. Havia cometido um erro, e assumiria a responsabilidade por ele mesmo que isso significasse perder seu cargo na galeria.

Fez um pequeno discurso de incentivo para si mesma e chegou à sala de Vitali bem na hora em que uma voz alta de mulher falando inglês ecoou pelo corredor.

– Que besteira! Eu ando pelas ruas de Florença desde antes de você nascer. Clare e eu vamos ficar bem por uma ou duas horas.

Raven parou em frente à porta aberta. As palmas de suas mãos suavam; ela as enxugou na calça de ioga.

– Katherine, a cidade não é segura. – A voz do professor Emerson soava exasperada.

– Não acredito nisso nem por um segundo – retrucou a mulher.

Raven inspirou fundo e bateu na porta.

– Entre – disse Vitali em italiano.

Ela entrou, e viu os Emersons falando com uma mulher mais velha de cabelos brancos curtos e olhos argutos de um tom azul-acinzentado. Ela empurrava um carrinho no qual Clare estava sentada brincando com um coelhinho de brinquedo, alheia à tensão à sua volta.

– Julianne pode fazer sua visita enquanto você discute a sua situação com Vitali, e eu levo a neném para um passeio. Está um dia lindo. Ela precisa de ar puro. – A mulher deu meia-volta com o carrinho e se encaminhou para a porta.

– Não! – bradou a voz do professor Emerson.

Todos o encararam: os olhos azul-safira que chispavam por trás dos óculos de armação preta, os punhos cerrados junto ao corpo, a expressão assustadora.

Só que, apesar da atitude zangada, o professor Emerson não estava irritado.

Raven examinou sua expressão e ficou surpresa ao constatar que bem lá no fundo havia medo.

– Katherine, não é seguro. Mal consigo suportar deixar você, Clare e Julianne longe da minha vista.

Ele olhou para a mulher e se dirigiu a ela.

– Pode fazer a sua visita. Mas Katherine e Clare ficam dentro da galeria.

Sua esposa o segurou pelo cotovelo, e ele abriu os punhos e relaxou o corpo.

Ligeiramente.

– Tudo bem, Gabriel. Estamos seguros agora. – Ela lhe abriu um sorriso que ele não retribuiu.

– E vão continuar assim.

Raven enxugou as mãos na calça outra vez e olhou para os próprios pés.

Havia se intrometido em uma situação que não compreendia, uma conversa particular de um marido e pai protetor e sua família. Pegou-se estranhamente comovida com a intensidade do professor. Fazia muito tempo que ninguém a protegia dessa forma. Fazia muito tempo que não tinha pai.

– Podemos passear aqui dentro. – A mulher chamada Katherine se virou para Vitali. – Talvez o senhor possa nos arrumar um guia. Assim seria aceitável, Gabriel?

Pelo tom, ficou claro que ela estava contrariada, mas parecia decidida a não discutir com ele.

Raven ergueu os olhos e viu Gabriel menear a cabeça com um movimento contido.

– Então está decidido. Se o senhor tiver a bondade de nos arrumar um guia, vou levar Clare para dar um passeio. – Katherine olhou para Vitali com um ar de expectativa, quase como se ele fosse um concierge, e não o diretor da Galleria degli Uffizi.

Raven quase imaginou que Katherine fosse começar a bater no chão os pés calçados com sapatos convencionais.

Vitali acenou para Raven entrar.

– A Sra. Emerson gostaria de fazer uma visita ao laboratório de restauração. Por favor, acompanhe-a até lá embaixo e a apresente ao professor Urbano. Ele a está esperando.

Raven piscou os olhos.

Vitali estreitou os seus.

– Srta. Wood?

A preocupação de Raven com ter sido convocada à sala do diretor por ter copiado arquivos sem motivo começou a diminuir.

Ela limpou a garganta com um pigarro.

– Uma visita? Sim, claro. Claro. Obrigada.

Calou-se, pensando se ele iria mencionar o pendrive ou dizer alguma coisa sobre o roubo. Pensou se de alguma forma a sua visita noturna ao Palazzo Riccardi teria chegado aos seus ouvidos.

Vitali se recostou na cadeira, pegou o telefone e pediu para sua assistente mandar um dos seguranças até a sua sala, pois uma convidada importante precisava de alguém para acompanhá-la.

Raven expirou aliviada.

Julia beijou o marido e lhe deu um tapinha no ombro, em seguida pegou a bolsa e foi até Raven. Gabriel acompanhou a movimentação da mulher com um olhar preocupado, e seus dedos compridos tornaram a se curvar para cerrar os punhos.

Vitali meneou a cabeça para dispensar Raven e anunciou que o guia de Katherine chegaria dali a pouco.

Sem querer perder tempo, Raven conduziu Julia até o corredor. A esposa do professor a seguiu mancando.

Raven parou.

– Você se machucou?

– Nada de mais. Tomei uma peridural no parto de Clare, e desde então estou com um probleminha de nervo na perna e no pé direitos. Hoje está meio ruim. – Ela forçou um sorriso, mas pareceu preocupada.

Raven chegou mais perto e reparou que Julia estava usando sapatos sem salto, confortáveis.

– Quer que eu mande buscar uma cadeira de rodas?

– Não é tão grave assim. Hoje meu pé está dormente, por isso estou com dificuldade para andar.

– Que chato. – Raven exibia uma expressão de empatia. – Eu já quebrei a perna. O nervo foi atingido. Sempre que o tempo muda, sinto dor.

– Ah, que droga. – Julia recomeçou a andar devagar. – Tenho sorte de a minha perna só dar problema de vez em quando. Me disseram que a dormência um dia passa.

– Vamos de elevador. – Raven fez um gesto em direção ao final do corredor.

– Sei que foi de última hora, mas queria ver o trabalho de restauração antes de irmos embora. – Julia falou baixinho enquanto elas passavam por algumas pessoas no corredor.

– Não tem problema. – Raven a espiou de rabo de olho. – Pensei que vocês fossem passar uma semana aqui.

– Mudamos de planos. – A expressão de Julia ficou grave. – Vamos sair do hotel hoje à tarde e ir para a Umbria.

– A Umbria é linda.

Raven estava dispersa, pensando no que havia acontecido no arquivo. Era possível que os seguranças não tivessem percebido o que ela havia feito. Talvez houvesse posto Patrick em risco sem motivo. Precisava avisá-lo.

– Você ouviu algum boato sobre o Gallery Hotel Art ser assombrado? – A voz de Julia se intrometeu nos pensamentos de Raven.

Ela se virou e encarou Julia.

– Assombrado? Não. Sempre achei esquisito o restaurante deles servir comida japonesa, mas nunca ouvi nada sobre o hotel ser assombrado. Por que a pergunta?

Julia remexeu na alça da bolsa.

– O que vou dizer pode parecer estranho, mas o meu marido acha que tem um fantasma no hotel. É por isso que vamos embora.

Raven arqueou as sobrancelhas.

– Um fantasma? Por que ele acha isso?

– Ontem à noite, ele acordou convencido de que tinha alguém no nosso quarto. Não viu nada, mas sentiu uma... presença sombria.

Raven sentiu o coração acelerar.

– Alguém invadiu seu quarto?

– Acho que não. Não tinha nada faltando, e ele não viu ninguém. Mas sentiu que tinha alguém lá dentro, e as portas da varanda estavam abertas. – Julia ajeitou os cabelos compridos atrás da orelha. – Se fosse qualquer outra pessoa que não Gabriel, eu não daria importância. Mas ele já viu e sentiu coisas estranhas outras vezes.

Raven mordeu a língua. Queria desesperadamente perguntar a Julia a que

coisas estranhas estava se referindo, mas ela era uma doadora importante da galeria, e as duas mal se conheciam. Não quis parecer enxerida.

– Não acredito em fantasmas. Mas é possível que alguém tenha invadido seu quarto no hotel. Tem muitos ladrões na cidade, e, como você sabe, esse hotel atrai hóspedes abastados.

– É, acho que é possível.

– Detesto dizer isso, mas fico pensando se o roubo na Uffizi não tem ligação com o que aconteceu no seu quarto.

Julia olhou para ela enquanto entravam no elevador.

– Por que está dizendo isso?

– O seu nome e o do seu marido estão ligados à galeria. Se alguém descobriu que vocês estão hospedados na cidade, talvez pense que podem ter joias ou artefatos valiosos.

– Faz sentido. Não estou com a menor vontade de dormir naquele quarto, mesmo que tenha sido um ladrão. O que me deixa triste, porque já ficamos no mesmo quarto antes. – Julia parecia saudosa.

– O seu marido comentou com Vitali sobre alguém ter invadido o quarto?

– Comentou. Não falou com ninguém sobre o fantasma. Disse apenas que estava preocupado com a segurança do hotel, e citou algumas notícias recentes de jornal sobre pessoas desaparecidas e cadáveres encontrados correnteza abaixo no Arno. – Julia estremeceu. – Preferiria que não tivesse me dito nada.

Raven mexeu no crachá de segurança em volta do pescoço e resistiu ao impulso de tocar a relíquia que estava usando por baixo da camisa.

– Não tinha ouvido falar nos cadáveres.

– Saiu um artigo ontem no *La Nazione*. Vários cadáveres foram encontrados nas margens do Arno. A polícia não quer dar nenhum detalhe.

– Homens ou mulheres? – Na mesma hora, Raven pensou em Angelo.

– Homens. – Julia deu um passo mais para perto dela. – Tudo bem? Você ficou pálida.

– Tudo bem, sim. Detesto falar disso, mas, como vocês estão mesmo indo embora, vou dizer que Florença teve um assassino em série durante décadas. Espero que não tenha voltado. – Ela saiu do elevador e segurou a porta para Julia.

– Achei que tivessem pegado esse cara. – Julia a seguiu até o corredor.

– Eu também.

Julia suspirou.

– Nossa viagem à Umbria está vindo em má hora. Estamos pensando em adotar uma menina do orfanato franciscano, e pretendíamos passar algum tempo com ela.

Raven parou de andar.

– Sou voluntária nesse orfanato. Qual menina?

Julia abriu um largo sorriso.

– Maria. Tem 5 anos.

Raven sentiu uma alegria no coração.

– Eu conheço Maria. Vocês vão adotá-la?

– Estamos pensando. Só podemos nos candidatar depois de estarmos casados por três anos, e isso só vai acontecer em janeiro. Mas queremos conhecê-la, e queremos que ela nos conheça. Quando a vimos pela primeira vez, dois anos atrás, ela não falava. Mas tem feito terapia e agora está falando.

– Eu ajudo as crianças mais novas a aprender o alfabeto e os números. Trabalho com Maria.

Julia tocou seu braço.

– Então obrigada. Ela está muito diferente da menina que conhecemos dois anos atrás.

Raven não foi capaz de responder. Engoliu em seco e tentou se livrar do caroço que sentia na garganta.

– De nada – conseguiu dizer.

Julianne lhe sorriu e a seguiu pelo comprido corredor que conduzia ao grande laboratório de restauração.

Antes de entrarem, Raven parou.

Sentia que devia mencionar o intruso que havia invadido seu apartamento, mas estava preocupada com as repercussões. Mas Julia tinha uma filha bebê, afinal de contas. E se o intruso invadisse a casa em que eles fossem se hospedar na Umbria e os machucasse?

Ela pigarreou antes de falar.

– Espero que não haja ligação entre o que aconteceu no hotel e o roubo aqui na Uffizi. Mas vocês deveriam tomar cuidado, mesmo na Umbria. Quem roubou as ilustrações o fez sem deixar o menor vestígio. Até onde sei, a polícia não tem nenhum suspeito. Por favor, tomem cuidado.

– Pode deixar. – Julia lhe lançou um olhar agradecido antes de elas abrirem a porta do laboratório.

◆◆◆

A manhã começou e terminou. Raven retomou seu trabalho no arquivo, e ninguém mencionou o pendrive. Na verdade, a arquivista pareceu ansiosa para que Raven saísse na hora do almoço para uma consulta médica.

A médica ficou pasma com a sua súbita transformação. Depois da consulta estava marcada uma série de raios X, para ela avaliar o que havia acontecido com sua perna.

Raven fez exames de sangue e urina para verificar a presença de alguma droga, mas a médica lhe avisou que, mesmo que ela houvesse sido drogada, as substâncias poderiam não estar mais no seu organismo. Dependia de quando isso tivesse acontecido e da droga administrada. O Rohypnol, por exemplo, só aparecia nos exames de urina até sessenta horas após a administração.

Depois de fazer as radiografias e os exames, Raven comeu um almoço rápido em um café antes de voltar para a galeria.

Ficou consternada ao topar com o *ispettore* Batelli na entrada. Ele espiou o relógio, em seguida se virou para ela com um desagrado patente.

– Almoço demorado, *signorina*? – Seu tom denotava desdém.

– Estou trabalhando no arquivo, e a arquivista me deu permissão para ir à médica.

– Que interessante – disse o inspetor. – Tem algo a compartilhar comigo em relação à sua visita?

– Não.

Raven se espremeu para passar por ele, mas pôde sentir seus olhos sobre si enquanto se afastava.

◆◆◆

Trabalhar no arquivo não era lá muito interessante. Patrick lhe devolveu o pendrive quando estavam os dois em pé no corredor, longe das câmeras de segurança. Ela o escondeu na mochila.

– Bela peça. – Ele indicou o crucifixo em volta do seu pescoço.

Raven baixou os olhos para a relíquia. Havia esquecido que a estava usando.

– Ah, isso. – Ela a ergueu e a observou por um instante.

Patrick a encarou com um ar intrigado.

– Posso?

– Claro.

Ele examinou a cruz mais de perto, observando a figura desenhada em relevo à luz do sol que entrava por uma das janelas.

– É bem antigo. Onde arrumou?

– Um amigo me deu.

Ele soltou a cruz na mão dela.

– Deve ser um amigo e tanto. Parece uma peça de museu.

Raven moveu o colar para escondê-lo debaixo da camisa.

Patrick baixou a voz.

– Eu não deixaria os *carabinieri* verem você usando isso.

– Por que não?

– Provavelmente confiscariam a joia e passariam a imagem dela pela base de dados da Interpol para tentar ver se é roubada.

– Não é roubada. – Sua voz soou indignada.

– Falando nisso...

No mesmo instante, o *ispettore* Batelli entrou acompanhado pelo agente Savola. Ambos encararam Raven e Patrick antes de seguir pelo corredor.

Patrick balançou a cabeça.

– Tente não chamar atenção, tá? Hoje à noite na casa da Gina conversamos mais.

Raven lhe abriu um pequeno sorriso.

– Obrigada.

Ele fez um carinho nos cabelos dela.

– Quando é que vou conhecer o namorado que presenteia peças de museu?

Ela revirou os olhos.

– Quando eu o tiver conhecido.

Patrick riu e a acompanhou de volta à sala do arquivo.

◆◆◆

Depois do trabalho, os dois foram à oficina buscar a Vespa de Raven.

Patrick foi para casa encontrar Gina, e Raven se dirigiu a uma das áreas comerciais próximas do Duomo. Perto da Ponte Santa Trinità era possível comprar produtos Prada ou Salvatore Ferragamo, mas a bolsa que recebia não lhe permitia esse tipo de gasto.

Já fazia dois dias que usava calças de ioga, pois nada em seu armário cabia mais nela. Tinha de comprar roupas novas para trabalhar, além de roupas de baixo e um pijama.

Foi mais empolgante do que havia imaginado.

Raven odiava fazer compras. Seu peso e o sistema de tamanhos europeu conspiravam contra. Era difícil encontrar roupas que lhe caíssem bem, e tudo custava sempre muito caro. Só que agora não mais.

Como havia diminuído de tamanho, pôde escolher qualquer roupa das araras, e não demorou a gastar várias centenas de euros em itens essenciais. Comprou até algumas peças de lingerie.

Ao final do surto de compras, estava usando um vestido de linho preto de alcinha, um cardigã amarelo-claro, sandálias pretas de salto anabela e um conjunto de roupa de baixo cor-de-rosa extremamente atraente. Chegou até a comprar uns óculos escuros pretos bem grandes.

Jogou as roupas velhas no lixo.

Não era tão fácil esconder a relíquia debaixo do vestido e do cardigã quanto da larga camisa de botão.

Pensou em pôr o colar dentro da mochila, mas o intruso fora bem claro ao lhe dizer para usá-lo. Com os estranhos acontecimentos pelos quais os Emersons tinham passado, somados aos relatos dos cadáveres encontrados perto do Arno, decidiu que adotar as superstições de outra pessoa não faria mal a ninguém.

Comprou um lenço de seda florido e o enrolou no pescoço de modo a cobrir o cordão e o crucifixo, e torceu para ninguém reparar.

Muito elegante e mais confiante do que nunca, comprou um pouco de comida e uma garrafa de vinho para levar para o jantar. Após deixar as roupas novas na segurança de seu apartamento, foi de Vespa até a casa de Gina, muito animada diante da perspectiva de passar uma noite relaxante com os amigos.

◆◆◆

Quando Raven se despediu deles, já passava das onze da noite. O jantar havia se prolongado em drinques e sobremesa, depois em uma noite regada a conversas e música.

O céu havia se aberto para despejar uma chuva forte. Como sempre, ainda havia alguns pedestres e motoristas nas ruas molhadas. Todos os outros haviam buscado abrigo em algum lugar.

Ou assim parecia.

Raven ficou feliz por ter uma capa de chuva comprida dentro do banco da Vespa. Vestiu-a antes de sair com a scooter, fazendo uma careta a cada pingo de chuva que caía sobre suas sandálias novas.

Quando chegou a Santo Spirito, constatou que a praça estava vazia.

Em geral, as mesas ao ar livre do bar em frente ao seu apartamento ou dos cafés estavam ocupadas àquela hora. A praça em si muitas vezes ficava coalhada de estudantes. Várias universidades americanas tinham programas de intercâmbio cujos alojamentos ficavam ali por perto. Como chovia forte, porém, não era de espantar que a praça estivesse vazia.

Ela estacionou a Vespa, e acabara de guardar o capacete no baú debaixo do banco quando ouviu alguma coisa. O barulho em si já era estranho, um misto de rosnado e rugido.

Virou-se para trás e viu algo se mexer do outro lado da Piazza.

A chuva que caía atrapalhava um pouco sua visão, e a penumbra dificultava ainda mais distinguir as coisas. Ela conseguiu discernir algo grande e negro se movendo na sua direção.

Quando a silhueta chegou mais perto, percebeu que era grande demais para ser um cachorro. O vulto se movia depressa, e seu contorno estava embaçado contra o fundo chuvoso.

Raven se virou e tentou sair correndo, mas suas sandálias deslizaram nas pedras escorregadias do calçamento e ela caiu. Com força.

Quando se recuperou, viu que o animal, que agora corria sobre duas pernas, estava vindo bem na sua direção. Rosnados e grunhidos ecoavam pela Piazza conforme ele se aproximava.

Raven tentou se levantar, mas novamente escorregou nos sapatos novos. Pôde ouvir o animal chegar mais perto, e seus passos soaram pesados dos seus ouvidos.

Pôs-se de pé atabalhoadamente e estava prestes a correr em direção ao prédio em que morava quando deixou cair as chaves.

– Merda! – Ela se abaixou para pegá-las na mesma hora em que a criatura rugiu.

Capítulo 14

Raven esperou pelo pior. Achou que a coisa iria trombar com ela, fosse lá o que fosse.

Olhou com raiva para a relíquia pendurada em seu pescoço. Não teve tempo para um "falei que não ia dar certo" dirigido ao intruso ausente. Superstições bobas nunca tinham feito bem nem a ela nem a ninguém. E com certeza não a estavam ajudando agora.

Ela se preparou para o impacto, pois sabia que o chão estava escorregadio demais para correr.

Não há nada que eu possa fazer.

Ele vai me matar.

Ouviu um barulho de algo deslizando e roçando no chão, como se alguma coisa tivesse tentado parar de forma súbita e abrupta.

Virou a cabeça na mesma hora em que a criatura escura parou a poucos metros de onde ela estava. Com um rugido, o vulto se esticou para cima dela com os dois braços estendidos, mas seus pés não se moveram.

– Tire essa porra do pescoço! Tire isso! – bradou ele, em italiano.

Raven olhou através da chuva que caía e percebeu que era um homem vestido com roupas pretas e sujas, de cabelos compridos e embaraçados. Um cheiro ruim encheu suas narinas quando ele se moveu, como se o homem não tomasse banho há muito, muito tempo.

O que mais chamou sua atenção foram os olhos. Eram muito escuros, como se as pupilas houvessem se dilatado para esconder o branco e lhe dar uma estranha aparência de inseto. Quando ele abriu a boca, deixou à mostra um par de longas presas entre dentes quebrados e amarelados.

Ela se mexeu para correr, e mais uma vez seus ridículos sapatos escorregaram, fazendo-a aterrissar com força de bunda no chão.

A criatura rugiu uma fieira de expletivos, acenou com os braços e começou a andar para a frente e para trás. Mas manteve distância.

– Sua puta! Tire essa porra do pescoço! – gritou ele. – Vou arrancar sua cabeça e chupar todo o seu sangue. Vou te foder até você morrer. Tire isso!

Raven recuou, aumentando a distância entre eles enquanto o homem continuava a vociferar de modo quase incoerente.

Ele começou a berrar palavras profanas em latim que ela teve dificuldade para compreender. Estava descrevendo uma pessoa, um homem, um pedófilo pervertido. Disse que a puta pervertida era ela, e que ele iria matá-la.

No entanto, estranha e inexplicavelmente, não se aproximou mais. Simplesmente ficou andando de um lado para outro, qual um leão enjaulado, rugindo e batendo os dentes.

Raven se levantou, e estava pronta para fugir para dentro de casa quando escutou passos. Alguém vinha se aproximando da direção da igreja que ficava à sua direita.

– Polícia! – gritou uma voz masculina. – Mãos na cabeça.

Ela viu um homem vestido de preto correr na sua direção com uma arma apontada para o louco. Estava escuro e ainda chovia, de modo que não conseguiu distinguir os traços do policial.

Em um instante, o louco deu um salto e derrubou a arma da mão do outro homem. Puxou a cabeça do policial para trás pelos cabelos, deixando o pescoço à mostra, e curvou-se por cima dele.

Raven ouviu um barulho de algo se rasgando e viu sangue esguichar.

Desviou os olhos, horrorizada, enquanto o louco levava a boca à ferida aberta no pescoço do policial.

Sem olhar para trás, correu derrapando no chão até a porta de seu prédio, e suas mãos tremeram quando ela tentou pegar as chaves. Bateu a porta atrás de si e subiu a escada o mais depressa que pôde.

Foi só já dentro do seu apartamento, com a porta trancada e todas as luzes acesas, que desabou no chão, segurando o cordão de ouro em volta do pescoço.

◆◆◆

Aoibhe fechou os olhos e inspirou.

– Sangue. – Arreganhou os lábios para expor os caninos. – Vamos, Ibarra. Que cheiro delicioso.

Juntos, os dois saíram pulando de telhado em telhado, correndo de onde estavam conversando, debaixo da *loggia* perto da Uffizi, até Santo Spirito. Quando pularam para a rua e atravessaram a ponte, Aoibhe parou.

– Está sentindo esse cheiro? – Ela agarrou a mão de Ibarra enquanto a chuva caía forte sobre eles.

Ele inspirou, e sua expressão mudou.

– Um fera.

– Rápido – instou ela.

Os dois seres escalaram um prédio próximo e continuaram sua corrida pelos telhados. Quando chegaram à Piazza, pararam, e seus olhos vasculharam o espaço lá embaixo.

Foi fácil localizar o fera. Ele estava se alimentando de um humano na frente de qualquer um que estivesse nos prédios em volta. Com base na força do cheiro, puderam concluir que o humano estava quase exangue.

– Como ele passou pelas patrulhas? – Aoibhe olhou furiosa para o companheiro.

– Deve ser o tal de quem Pierre falou.

Ela observou as janelas dos apartamentos que davam para os dois lados da Piazza. Muitas estavam com as luzes acesas.

– Sem dúvida alguém viu.

– É tarde demais para se preocupar com isso. São testemunhas demais. – Ibarra olhou na sua direção. – Tem ideia de quantos anos ele tem?

Aoibhe torceu o nariz.

– Não é velho o bastante para ser um desafio. Podemos derrotá-lo se estiver sozinho. O quanto você confia nas suas patrulhas?

– Confiança absoluta. – Ele sustentou seu olhar.

– Ótimo. Eu vou pela frente, e você por trás. Vamos atacar e arrastá-lo até um dos becos.

Eles assentiram um para o outro, e Ibarra saiu correndo pelos telhados para chegar por trás do fera, enquanto Aoibhe aterrissava sobre as pedras molhadas do calçamento.

Ela se aproximou devagar.

Além de fortes, feras eram imprevisíveis. Eram párias que evitavam os conciliábulos e viviam e caçavam na zona rural. Muitos eram loucos e se comportavam como animais, embora alguns conservassem vestígios de sanidade.

Aoibhe começou a correr em direção ao fera assim que seus pés tocaram o chão. Quer ele a tenha visto ou apenas sentido seu cheiro, largou a presa no mesmo instante.

Com a boca toda suja de sangue, rosnou e mostrou os dentes, depois se agachou.

Aoibhe mudou de direção, mas o fera foi rápido demais. Partiu para cima dela em alta velocidade, com os dedos esticados feito garras em direção à sua cabeça.

Ela pulou por cima do ombro dele e o pegou de surpresa. Levou um joelho às suas costas e agarrou sua cabeça com as duas mãos. Com um giro e um barulho de algo sendo esmagado, arrancou a cabeça do corpo e a jogou no chão.

O fera continuou a se mover, braços e pernas tremendo, com um sangue negro a escorrer do pescoço.

Aoibhe segurou a cabeça para o lado, longe do corpo, tomando cuidado para não ser mordida pela boca que ainda tentava alcançá-la e fazendo uma careta de repulsa diante do fedor que tomava conta do ar.

– Eu ia fazer isso – disse Ibarra, surgindo ao seu lado.

Ela riu.

– Fica para a próxima. Mas vai ter que ser mais rápido.

Aoibhe sacudiu a cabeça pelos cabelos, do jeito que um gato sacode um rato, até os olhos se fecharem e cessarem os movimentos.

– Que negócio nojento. – Jogou a cabeça de lado, recolheu as saias e limpou as mãos com cuidado na anágua branca que usava por baixo. – E o cheiro... que inferno.

Ibarra tossiu como quem concorda.

– E agora?

– Eu levo o fera e a cabeça; você, o humano. Nos encontramos no beco. – Ela apontou com a cabeça para o outro lado da Piazza.

Ibarra obedeceu: pegou o humano e sua arma e o suspendeu por cima do

ombro. Saiu correndo pela chuva até o beco e largou seu fardo no chão. Alguma coisa caiu de um dos bolsos do humano.

Uma carteira de couro preto.

Ibarra quase a jogou fora. Em pequenas quantidades, dinheiro não lhe interessava. No entanto, ao pegar o objeto, viu algo que o fez parar.

– O que é isso? – perguntou Aoibhe, curiosa, olhando por cima do seu ombro.

Ela apontou para a identidade na carteira.

– Interpol.

– Maldição! – Aoibhe chutou o corpo decapitado do fera. – Eles não só invadem a nossa cidade, mas se alimentam em público de uma droga de policial!

– E agora? – perguntou Ibarra, jogando a carteira no chão.

Aoibhe fitou-o com olhos castanhos furiosos.

– E agora? Vou dizer a você o que acontece agora. Você e suas patrulhas de fronteira vão comparecer diante do Consilium. Se não tiverem uma explicação para por que nossas fronteiras foram invadidas, mato todos vocês.

Ibarra deu um passo para trás e ergueu as mãos.

– Aoibhe, calma. Vamos descobrir o que aconteceu antes de envolver o Consilium.

– Agora é tarde para isso! Os humanos já devem estar contando à polícia o que presenciaram, incluindo a nossa pequena manobra. O fera derramou sangue no chão. Em poucos minutos, a Piazza vai estar cheia de policiais. Você não entende o que isso significa?

Ele baixou as mãos, e seus olhos negros se estreitaram.

– Não me trate como se eu fosse burro, Aoibhe. Sei exatamente o que isso significa.

Ela o encarou com fúria.

– Então me ajude a limpar essa bagunça antes de eles chegarem.

Ibarra soltou um palavrão e obedeceu.

Capítulo 15

O Príncipe estava inquieto.

Sua rede de espiões havia lhe informado que os Emersons tinham saído da cidade e ido para a Umbria. No contexto geral, a partida deles pouco importava. Não havia nenhum lugar no mundo além do seu alcance, apenas lugares mais práticos do que outros.

A Umbria não era dos menos práticos.

Ele teria de solicitar à Princesa da região permissão para caçar no seu território, mas havia muitos anos que os dois se davam bem. Duvidava que ela fosse lhe negar permissão. Era possível que exigisse um favor sexual, como já tinha feito no passado.

A Princesa era linda e muito desejável, mas o Príncipe se sentiu indiferente diante da possibilidade, e os seus pensamentos foram ocupados por uma mulher de cabelos negros e grandes olhos verdes.

Sua busca por vingança contra o professor teria de esperar. Ele tinha outras preocupações mais urgentes.

Havia observado a mulher de longe, torcendo para ela lhe obedecer e fugir.

Mas não.

Ela fora ao trabalho. Ao médico. Fizera compras.

O Príncipe soltou um palavrão.

Sim, tinha lhe dado duas semanas, mas isso já fora uma concessão. Ela precisava de uma motivação de verdade. Precisava que alguém lhe mostrasse o que era o verdadeiro perigo.

Havia se alimentado em sua *villa*: sangue humano seguido por uma das raras

safras engarrafadas que obtivera em séculos passados. Esse era um dos seus segredos.

Ao longo do tempo, havia ingerido o sangue dos antigos, um sangue extraído e guardado com cuidado, ou então adquirido de maneiras diversas. Sua economia ao não ingerir o sangue de um antigo todo ao mesmo tempo era recompensada sempre que ele bebia uma dose. Sentia as forças renovadas, a inteligência mais arguta, os sentidos aguçados.

Ingerir sangue saciava um desejo, mas despertava outro. Nessa noite, ele queria uma mulher humana, jovem e macia. Queria beijar sua boca e penetrar seu corpo. Queria olhar nos seus olhos e ver confiança, não medo, e fazê-la dormir nos seus braços da mesma forma que a mulher de Emerson dormia nos dele.

Queria Cassita.

Por diversos motivos, não podia tê-la. Ou seja, precisaria sair em busca de uma substituta adequada.

Em uma noite chuvosa, com as ruas quase vazias, seria difícil encontrar uma mulher que correspondesse aos seus padrões.

Foi assim que ele se viu em frente ao Teatro, lugar que não visitava havia mais de um século.

Ao entrar na casa noturna, os que o reconheceram ficaram em silêncio. Foi cumprimentado com entusiasmo, ainda que de forma cautelosa, passando pelo barman e por seus cidadãos, que se curvavam numa mesura, oferecendo seus assentos.

A música estava alta, e o Príncipe se pegou fazendo uma careta. Com certeza a palavra *música* era usada de forma equivocada para se referir àquela dissonância pulsante que saía do sistema de som. Não achava aquilo divertido nem agradável.

Na verdade, aquela música tornava sua disposição já impaciente e excitada ainda mais perigosa.

Felizmente, os humanos o ignoraram. Para eles, era um entre muitos. Bonito, era verdade, mas não obviamente poderoso nem tão grande quanto alguns dos outros.

Aceitou uma cadeira que lhe foi oferecida e um cálice de sangue morno e ficou sentado em silêncio, observando os presentes. Se não podia ter Cassita, pelo

menos teria alguém que se parecesse com ela. Mas duvidava que alguém tivesse tão delicioso cheiro.

Em poucos minutos, encontrou uma mulher de pele morena e cabelos escuros, com o corpo em formato de violão e brilhantes olhos azuis.

Próximo o suficiente.

– Boa noite, senhor.

Os devaneios do Príncipe foram interrompidos por uma mulher que se curvou diante dele. Vestia cetim vermelho, e seus cabelos claros estavam presos deixando à mostra ombros pálidos e um pescoço elegante.

Ele reprimiu a irritação por ter sido interrompido, deu-lhe um meneio seco de cabeça e pôs a bebida de lado.

– Posso satisfazê-lo, mestre? – Ela ergueu para ele uns olhos cor de avelã.

Ele a encarou.

– Me satisfazer? Como?

– De qualquer maneira que o senhor quiser. – Ela se ajoelhou diante dele e pôs as mãos nos seus joelhos.

Ele soltou os cabelos da moça e os enrolou em volta do pulso.

– Qual é o seu nome?

– Svetlana, mestre. – Ela perscrutou seus olhos em busca de uma permissão.

Mas a expressão dele não mudou.

– Quantos anos você tem?

– Fui transformada cinquenta anos atrás, mestre. Estava aqui de férias da Rússia. – Ela separou os lábios vermelhos, ávida.

– Uma jovem – murmurou ele. Soltou seus cabelos e afastou suas mãos. – Levante-se.

O rosto dela registrou surpresa, e ela se levantou.

Ele ajeitou impaciente os punhos da camisa preta.

– Como você é jovem, vou perdoar essa impertinência. Mas no futuro saiba que sou o caçador, e não a caça. – Seus olhos cinzentos se estreitaram.

Ela curvou a cabeça.

– Me perdoe. A sua presença é uma grande honra. Só queria demonstrar meu respeito.

O Príncipe ergueu uma das sobrancelhas, cético.

– Tenho certeza de que alguns dos membros do Consilium aceitariam de bom

grado a sua... generosidade – falou. – Nem todos nós somos iguais. Se você chegar a uma idade avançada, vai se lembrar disso.

Com um meneio de cabeça, ele a dispensou.

A moça tornou a se curvar e se afastou para logo desaparecer no meio da multidão.

O Príncipe fez uma careta.

Nem sempre havia se comportado assim. Nos primeiros tempos depois de ser transformado, havia se esbaldado com os prazeres do corpo. Mas as correntes que havia usado em vida eram difíceis de romper. Ele ainda as usava, mesmo agora. Talvez fosse o único da sua espécie que ainda tinha escrúpulos sexuais.

Esforçava-se muito para escondê-los, e esse era um dos motivos pelos quais evitava o Teatro mais do que a peste.

Aoibhe dizia a verdade. Como Príncipe, poderia escolher quem quisesse. Mas o que desejava era uma fêmea humana, não um súcubo.

Esfregou o rosto. Talvez fosse melhor voltar para casa.

Só que a sua casa guardava lembranças de Cassita, de seu corpo machucado escorregando até perigosamente perto da morte. Não era um lugar para ir caso quisesse esquecê-la.

A raiva começou a brotar dentro de seu peito. Esvaziou a bebida com um só gole, decidido a conseguir a satisfação pela qual ansiava.

Vasculhou a multidão, e acabou localizando a mulher de cabelos escuros que havia admirado antes. Com certeza ela era motivo suficiente para ele se arriscar a sentir alguma culpa.

Levantou-se e ajeitou as mangas do paletó. Com os olhos pregados na mulher, andou na sua direção.

Tanto os humanos quanto os seres sobrenaturais se afastaram para ele passar. O Príncipe logo chegou ao centro da pista de dança. Ela estava de costas para ele.

Ele se inclinou para a frente e murmurou, lábios colados em sua orelha.

– Boa noite.

Ela estremeceu.

– Oi.

A mulher virou a cabeça, e por alguns instantes ele ficou decepcionado ao ver como os traços de seu rosto eram diferentes dos de Jane. Era até mais bonita, mas

o fato de não ser quem ele realmente queria que fosse diminuía seu poder de atração. E muito.

Ele fechou os olhos e inspirou. Seu cheiro era provocante.

E ela estava disposta: no instante em que travaram contato visual, o coração da moça acelerou, assim como o ritmo de sua respiração.

O Príncipe pôs uma das mãos no seu quadril e a puxou para junto de si. Ignorando a batida da música, começou a dançar e a se mover junto com ela segundo seu próprio ritmo sensual.

Ela ergueu as mãos e as fez deslizar entre as lapelas do seu paletó, acompanhando o formato de seus músculos peitorais com dedos de pontas rosadas.

– Você é muito forte. É atleta? – Ela falou alto para ele poder escutar, mas não precisava ter se dado esse trabalho. A audição dele era excelente.

– De certa forma. O que a traz aqui? – Ele sorriu enquanto observava a sua reação.

Ela retribuiu o sorriso e chegou mais perto.

– Vim em busca de prazer.

Ele apertou seu quadril com mais força.

– E encontrou?

Ela fez que não com a cabeça.

O Príncipe envolveu sua cintura com as duas mãos e aproximou a parte baixa de seus corpos. Os seios dela roçaram no seu peito, e ele sentiu os primeiros espasmos do desejo.

– Você é atraente.

O sorriso dela se alargou.

– Obrigada. Você também.

Ele riu, e ela riu junto.

O Príncipe ajeitou os cabelos dela atrás do ombro e alisou sua bochecha com o polegar. Então levou os lábios ao seu pescoço.

Na mesma hora, ouviu as batidas do coração dela se acelerarem e o sangue pulsar forte por suas veias. Ela subiu as mãos pelo seu peito até os cabelos, e arranhou suavemente o couro cabeludo.

Ele roçou o nariz no seu pescoço e a beijou com grande atenção, tomando cuidado para não deixar os dentes furarem sua pele. Haveria tempo suficiente

para isso. A satisfação era sempre mais doce quando aguardada. E ele sempre se orgulhara de ser um mestre da satisfação.

Ela suspirou nos seus braços e o puxou mais para perto.

O Príncipe continuou a beijá-la, deliciando-se com seus gemidos animados. Quando o cheiro da excitação dela ficou forte demais, afastou-se.

Ela abriu os olhos.

– Por que parou?

Ele passou o polegar por seu lábio superior.

– Quero ser o único a escutar seus gritos quando sentir seu gosto.

Com os olhos brilhando, ela mordiscou seu dedo.

– Sim, por favor.

Ele segurou sua mão.

– Venha.

O Príncipe a conduziu da pista de dança em direção a um dos corredores. Um jovem que exercia a função de segurança fez uma reverência para ele e deu um passo de lado para deixá-los passar.

Neste instante, alguém entrou na sua frente.

– Lorenzo. – O Príncipe meneou a cabeça para o seu braço-direito e apertou com mais força a mão da mulher.

Lorenzo era italiano de nascimento e primo distante da família Médici. Nascido no século XVI, havia sido transformado aos 20 anos. Seus cabelos escuros e encaracolados chegavam à altura dos ombros, e os olhos eram castanho-claros. Tinha quase a mesma altura do Príncipe, mas era mais jovem e bem menos poderoso.

– Perdoe a intrusão, meu príncipe. – Lorenzo relanceou os olhos para a mulher e tornou a olhar para seu mestre. – Mas apareceu uma situação que exige a sua atenção.

O Príncipe soltou um palavrão.

– Não dá para esperar?

Lorenzo levantou a mão e mostrou um celular.

– Infelizmente, acho que não.

O Príncipe encarou o aparelho com uma careta. Desprezava os celulares. O Teatro não autorizava seu uso por motivos de segurança.

Se Lorenzo estava usando um celular, alguma coisa devia ter acontecido.

O Príncipe se virou para o segurança.

– Acompanhe a mulher até um dos quartos e cuide para que ninguém a incomode.

Ele pegou a mão dela e a tocou com os lábios.

– Logo estarei com você. Há bebidas no quarto. Por favor, divirta-se enquanto me espera.

Ela sorriu, aquiesceu e desceu o corredor atrás do segurança.

O Príncipe observou a curva de suas nádegas ondulando sob o vestido azul.

– O que é tão importante para interromper minha diversão? – indagou, olhando zangado para seu braço-direito.

– Um incidente em Santo Spirito.

À simples menção desse nome, o Príncipe ficou paralisado.

Cassita.

– Que tipo de incidente?

– Talvez devêssemos ir conversar em algum lugar mais reservado.

Com raiva, o Príncipe seguiu a passos firmes até a saída do estabelecimento, empurrando humanos e outros seres enquanto cruzava a pista de dança. Abriu a porta com violência e saiu para o beco. Chovia.

Lorenzo saiu logo atrás e fechou a porta com cuidado.

– Precisamos de privacidade – disse ao segurança, que assentiu e foi até o final do beco.

– O que houve? – perguntou o Príncipe em voz baixa, com as mãos no quadril.

– Apareceu um fera em Santo Spirito. Ela matou um agente da Interpol.

O Príncipe uniu os lábios.

– Alguma testemunha?

– Ouvi dizer que houve algumas. Felizmente para nós, o agente não estava uniformizado.

– Outras baixas?

– Só o fera. Ibarra e Aoibhe o mataram e reuniram alguns jovens para ajudá-los a remover os cadáveres e a limpar o local.

– E as patrulhas de fronteira?

Lorenzo balançou a cabeça.

– Ninguém relatou nenhuma invasão.

O Príncipe fez uma careta.

– Dobre imediatamente as patrulhas de fronteira e convoque uma reunião do Consilium para depois do pôr do sol.

– A polícia da cidade recebeu denúncias por telefone. Há agentes no local, mas o nosso contato conseguiu adiar os interrogatórios diretos.

– O que exatamente foi denunciado?

– Testemunhas viram um homem vestido de preto ameaçando uma mulher. Ela fugiu para dentro de um dos prédios residenciais. Aí o homem atacou outro homem e o matou. Houve relatos sobre Ibarra e Aoibhe, mas esses relatos sumiram misteriosamente.

Lorenzo sorriu.

O Príncipe levou alguns instantes para processar a informação.

– A mulher foi ameaçada pelo fera?

– Assim concluí.

O Príncipe uniu as sobrancelhas.

– Por que ela não morreu?

– Segundo as testemunhas, o fera não se aproximou dela. A mulher devia estar usando um talismã.

O Príncipe esfregou o queixo, pensativo.

– Temos os nomes dessas testemunhas?

– Temos.

– Não podemos apagar o ocorrido sem levantar ainda mais suspeitas. Peça para o nosso contato conduzir ele próprio os interrogatórios. Lembre-lhe de verificar a presença de câmeras ou telefones que possam ter tirado fotos. Se for preciso, ele pode alterar os relatórios.

Lorenzo fez uma mesura.

– Sim, mestre. E a mulher?

O Príncipe se forçou a não reagir.

– Se estiver usando um talismã, ninguém vai conseguir se aproximar dela. Deixe que eu mesmo investigo o assunto.

O braço-direito o encarou com um ar curioso.

– E o agente morto?

– Aoibhe a essa altura já deve ter queimado o corpo. Diga ao nosso contato para concentrar a atenção de todos no inquérito sobre o desaparecimento do

agente que sem dúvida vai ser aberto, e para plantar indícios que vinculem o caso ao crime organizado. Isso vai ser plausível o suficiente. Os depoimentos das testemunhas e os indícios físicos devem apontar para uma agressão com faca, não para um fera se alimentando. Se alguma testemunha rebelde porventura desaparecer... – Ele encarou Lorenzo com um olhar cheio de significado.

– E a outra mulher?

– Que outra mulher?

– A que o senhor deixou na boate. – Lorenzo indicou a porta com um gesto.

O Príncipe se sobressaltou; tinha se esquecido.

– Descubra o nome e o endereço dela e peça para um dos seguranças acompanhá-la até em casa. Ela não deve ser tocada por ninguém.

– Como quiser.

O Príncipe dispensou seu braço-direito e instruiu o segurança a voltar para o seu posto. Então saiu correndo na direção de Santo Spirito como se as forças do próprio inferno o estivessem perseguindo.

Capítulo 16

Na experiência do Príncipe, as coincidências eram raras. Foi por isso que correu o mais depressa que pôde ao prédio de Jane.

Era possível que outra mulher tivesse conseguido escapar do fera por estar usando um talismã. Era possível que outro policial que não o que ele vira seguindo-a tivesse sido morto.

Queria se certificar de que ela estava segura, mas tomou muito cuidado para esconder seus movimentos. Não queria chamar ainda mais atenção para ela, e com certeza não queria que ninguém soubesse que algumas relíquias não tinham efeito sobre ele.

Maximilian e seus aliados teriam taxado as táticas do Príncipe de paranoicas e desnecessárias, mas havia um motivo para o seu conciliábulo ter durado tanto tempo. Um motivo pelo qual o seu principado era seguro, enquanto outros mundos afora eram ameaçados ou mesmo destruídos. Ele guardava os seus segredos.

Os humanos não podiam combater algo cuja existência ignorassem. Com certeza não podiam reunir os inimigos do conciliábulo sem sequer saber da existência do conciliábulo.

Houvera um tempo em que ele e os da sua espécie eram bem conhecidos na Europa, e não viviam escondidos. Então a Peste Negra chegou e envenenou seu estoque de alimento. A população de seus semelhantes diminuiu: alguns foram destruídos em seu estado famélico e enfraquecido, outros deixaram a Europa rumo a partes do mundo não atingidas pela catástrofe.

Então surgiu a Cúria, um grupo misterioso formado por seres humanos, mas com poderes sobrenaturais limitados. A Cúria tentou erradicar a sua espécie, e

travara uma guerra contra eles. Ao fim da guerra, nenhum dos lados ganhou, mas ambos alegaram vitória. A frágil trégua que se seguiu entre os conciliábulos da Europa e a Cúria exigiu que os primeiros passassem a viver na clandestinidade, em obscuras sociedades secretas. Qualquer exposição pública era um perigo.

Com a ascensão do Renascimento e o triunfo da ciência em relação ao sobrenatural, relatos em primeira mão de encontros com seres dessa espécie se transformaram em histórias, e as histórias acabaram se transformando em mitos. A Cúria só intervinha para proteger a população do que vivia escondido no meio dela quando provocada. Os conciliábulos faziam o possível para não provocá-la atraindo qualquer atenção.

Assim sendo, o Príncipe protegia sua cidade com afinco, a ponto de matar para garantir sua segurança. O fera e suas testemunhas ameaçavam esse mundo, bem como qualquer um que tivesse escapado ao fera.

E se essa pessoa fosse Cassita...

De cima do prédio vizinho ao seu, ele observou a Piazza.

Poderia ter escolhido um local de observação melhor: a igreja ali perto. No entanto, apesar de conseguir caminhar sobre solo consagrado, não conseguia fazer isso impunemente. Tinha tendência a evitar a dor, a não ser quando esta acompanhava sua subida diária triunfal ao alto do domo de Brunelleschi. E só visitava o domo antes de o sol se pôr e de seus semelhantes acordarem.

De onde estava, pôde ver a polícia. Uma área em frente ao prédio de Jane tinha sido isolada, e haviam sido montadas tendas para evitar a chuva. Ele viu um dos policiais empurrar uma Vespa preta em direção à tenda. Achou o veículo familiar.

Atendo-se às sombras, pulou até o chão nos fundos dos prédios e andou até o de Raven. Destrancou a porta de trás e entrou depressa para se abrigar da chuva. A escada estava iluminada, mas deserta.

Passou as mãos pelos cabelos louros e no rosto para tirar o excesso de água e prendeu a respiração. A mulher no apartamento vizinho ao de Jane tinha câncer. Não era a primeira vez que sentia esse fedor dos mais desagradáveis. Não lhe agradou senti-lo de novo.

Enquanto olhava para a escada, cogitou cortar a energia do apartamento de Jane.

Na realidade, desejava e não desejava, com a mesma intensidade, falar com ela.

Queria despertar nela o senso de urgência em sair da cidade, mas queria também se certificar de que estava segura e que não havia fornecido nenhuma informação à polícia. Eram objetivos difíceis de alcançar sem falar com ela e, como ele reconheceu a contragosto, sem assustá-la.

Ao salvar sua vida naquela noite, não fazia ideia de que a sua própria existência iria mudar, e de que seria obrigado a socorrê-la repetidas vezes.

Ela precisava sair da cidade. Para sua própria segurança e para a segurança de seu principado, ela precisava fugir de Florença e nunca mais voltar.

Em poucos minutos, cortou a luz do seu apartamento, destrancou a porta e entrou.

Passou pela cozinha, emitindo de propósito alguns sons abafados. Queria anunciar sua chegada, mas de modo suave, para não amedrontá-la. Pelo que pôde ouvir de seus batimentos cardíacos e respiração, ela estava acordada.

Quando avançou em direção ao quarto, ela começou a se mexer.

– Você está ferida? – sussurrou ele em italiano.

Sabia que a resposta era não. Podia sentir isso farejando seu sangue, claro, mas o cheiro estava discreto. Ela não tinha ferimentos, e tampouco havia indicação de lágrimas.

Sua Cassita não tinha chorado. Orgulhou-se desse fato.

Parou por um instante e a ouviu se esforçar para respirar o mais silenciosamente possível, mas sem conseguir.

Entrou no quarto.

Assim que seus pés cruzaram a soleira, ela pulou de trás da porta e brandiu alguma coisa na direção dos seus joelhos.

Ele deu um pulo para se esquivar.

Ela soltou um palavrão e tornou a golpear em vão, projetando-se para a frente sobre os pés desequilibrados.

Quando o Príncipe tornou a pisar o chão, arrancou da mão dela o que parecia ser sua bengala e a partiu ao meio com um estalo alto e irado. Jogou os dois pedaços do outro lado do quarto e ignorou o barulho quando eles bateram na parede. Então a puxou para junto do seu corpo até eles ficarem frente a frente.

Passou alguns instantes a encará-la. Tê-la nos braços lhe proporcionava uma

distração tangível, assim como seus grandes olhos verdes que nada viam.

– Me largue! – Ela se debateu e empurrou seus ombros.

– Vim ver se você estava ferida. Pelo visto, não está.

– Já disse para me largar! – guinchou ela, empurrando-o e chutando-o com todas as forças.

Ele soltou um palavrão bem alto, segurou-a com mais força e a levantou do chão.

Agora os dois estavam próximos, muito próximos. Ele podia sentir seu hálito no rosto e, caso se movesse uns poucos centímetros, seus lábios iriam se unir.

Por instinto, fez um movimento em direção à boca dela.

– Você voltou – conseguiu dizer ela, com a respiração entrecortada.

– Sim, Jane.

– Está me machucando.

O Príncipe parou e observou aquela boca sedutora.

Tornou a colocá-la no chão e afrouxou o abraço, mas não a soltou. Seus braços continuaram a envolvê-la, apertando seus corpos um contra o outro do ombro até a coxa.

Ele afastou os cabelos do seu rosto.

Ela virou a cabeça.

– Não toque em mim.

Ele então a soltou.

Raven tentou se afastar dele o quanto pôde. Desorientada por causa da falta de luz, tropeçou e caiu.

O Príncipe assistiu horrorizado a testa dela bater na armação de metal da cama. O cheiro acre de seu sangue varou o ar.

Raven deu um grito de dor.

Em um instante, o Príncipe foi até ela e se agachou ao seu lado.

– Deixe-me ver.

Com a mão na testa machucada, Raven não respondeu.

Ele afastou seus dedos e disse um palavrão.

– Não se mexa.

Tirou um lenço do bolso e foi até o banheiro, onde o embebeu em água fria. Quando voltou, ela ainda estava sentada no chão, atordoada.

– Isso deve ajudar. – Encostou o pano na testa dela.

O frio a fez se retrair.

– Bati com a cabeça.

– É, estou vendo.

– Nem todo mundo consegue ver no escuro, sabia? – Ela o encarou com um olhar irado.

– Estou começando a perceber.

Pegou-se inspirando seu cheiro; não era particularmente apetitoso. O doce aroma de seu próprio sangue estava misturado ao sangue dos antigos que ele havia injetado no seu corpo. O Príncipe nunca achava esse cheiro muito atraente.

– Você vai sarar mais rápido do que o normal, mas amanhã vai ter um machucado.

– Por que vou sarar mais rápido?

Ele uniu os lábios.

– Você tem problemas mais graves com que se preocupar.

– Minha saúde é um problema bem grande. Me fale por que vou sarar rápido.

– Se sair da cidade eu falo.

Ele retirou o lenço para examinar o corte e balançou a cabeça.

Seu ritmo cardíaco havia diminuído um pouco e a respiração se estabilizado, mas ela ainda exalava o cheiro do medo.

Havia olheiras sob seus olhos. Parecia exausta.

– Não tive intenção de que isso acontecesse – disse ele baixinho.

– Vou ficar bem. – Ela tentou afastar sua mão, mas ele resistiu e pressionou o pano sobre o ferimento.

– Talvez fique uma cicatriz.

– Lá se vão minhas chances de ser Miss Estados Unidos.

– Como disse?

Ela suspirou.

– Deixe para lá.

– Você me intriga – sussurrou ele, mais para si mesmo do que para ela.

De leve, levou a outra mão ao seu rosto e acompanhou o contorno do osso malar.

Raven ficou espantada ao constatar como seu toque era reconfortante. Imaginou que era por estar abalada depois de bater com a cabeça, e que não

havia nada de especial na maneira como ele a tocava. Poderia ter sido qualquer um, qualquer bom samaritano que a tivesse acudido.

Com gestos abruptos, ele a ajudou a se levantar e a conduziu em direção à cama. Quando ela se sentou, posicionou-a de modo que ela pudesse segurar o lenço sobre a testa.

– Aconteceu uma coisa na Piazza hoje à noite. Você viu? – Ele tentou soar casual.

Ela estremeceu.

– Vi.

– Ficou com medo?

O coração dela se descompassou, o que equivalia a um sim.

– Você vai me matar? – sussurrou ela.

Os cantos da boca dele se curvaram para cima.

– Se eu quisesse fazer isso, você já estaria morta. Não teria me dado o trabalho de lhe emprestar a relíquia. Nem o meu lenço, com o qual você pode ficar.

Raven afastou o pano da cabeça e o virou nas mãos. Não conseguia vê-lo, mas podia sentir sua textura. Parecia de linho.

Tornou a encostá-lo no ferimento.

– O homem que matou o outro homem, foi sobre isso que você me alertou?

– Não era um homem. – A resposta do Príncipe foi rápida. – E não, eu não imaginava que uma dessas criaturas fosse entrar na minha cidade.

– Na sua cidade?

– Na cidade – corrigiu ele depressa.

– Se não era um homem, o que era então?

– Nós os chamamos de feras. Como pôde ver, são perigosos.

– Existem outros?

– Sim, mas nós os mantemos fora da cidade. Aquele que você viu deu um jeito de passar pela fronteira.

– Mas não foi sobre ele que você me alertou.

O Príncipe cerrou os dentes.

– Não.

A adrenalina corria pelas veias de Raven. Ele sentiu seu cheiro e ouviu como seus batimentos cardíacos se aceleraram.

– Era um canibal – ela conseguiu articular.

– De certa forma.

– Ele me viu primeiro. Por que não atacou?

O Príncipe franziu o cenho.

– Achei que seria óbvio. Por causa do que você está usando em volta do pescoço.

Raven tirou o lenço da testa.

– Que bobagem.

– Quanta ignorância – rebateu ele em tom irritado. – Vocês modernos vivem a sua própria versão da Idade das Trevas, e descartam qualquer coisa que não conseguem entender. Se a relíquia não o deteve, que diabo foi então?

Raven fechou a boca de forma abrupta, sem saber o que dizer.

O Príncipe relaxou a postura e baixou a voz.

– Está sentindo dor?

– Estou bem.

– Longe disso. Você está em perigo, e o perigo é real. Hoje à noite você viu um fera se alimentar, mas não se desmilinguiu em uma crise histérica. – Seu tom traía um levíssimo viés de admiração. – Achei que você não estivesse entendendo o verdadeiro perigo que está correndo. Agora sei que não é verdade. Estou começando a pensar que talvez tenha coragem.

Ela se remexeu, pegou um travesseiro e o abraçou junto ao peito.

– Por que você está aqui?

O sorriso dele se apagou.

– Como eu disse, vim ver se você estava bem.

– Por quê?

– Tem alguma importância? – Seu tom se fez mais frio.

– Por que você fica cortando a minha energia?

– Por que você não obedece e sai da cidade? – disparou ele.

– Você me deu duas semanas. Esperava que fosse cumprir sua palavra.

– Isso foi antes de um policial ser morto por um fera em frente ao seu prédio. A que nível de perigo as coisas precisam chegar antes de você decidir ir embora?

Agora ele havia perdido a paciência.

Virando as costas para ela, caminhou em direção à porta.

– É provável que seja o mesmo homem que a estava seguindo desde ontem, mas não posso afirmar com certeza.

Raven abraçou o travesseiro com mais força.

– Ele viu o homem gritando comigo e veio ajudar.

– Policiais têm tendência a fazer isso. – O Príncipe deu um muxoxo.

Ela apontou um dedo desdenhoso mais ou menos na sua direção.

– Você não liga, não é? Não está nem aí se ele morreu tentando me ajudar.

– Não estou mesmo, não. A proteção dele era desnecessária. Eu a estava protegendo por meio da relíquia.

– Por quê?

– Por quê? É verdade! – murmurou ele consigo mesmo.

– Tem que haver um motivo. – Ela se virou na direção da janela que estava fechada pela veneziana. – Não tenho dinheiro. Não tenho nada de valor. O que você quer?

Várias respostas ocorreram ao Príncipe, mas ele não estava disposto a cogitá-las. Nem a confessá-las.

Chegou mais perto da cama e adotou um tom mais casual.

– Talvez eu esteja fascinado por esses seus olhos verdes.

Raven piscou no escuro.

– Agora sei que está mentindo. Por que não me diz quem é e o que realmente quer?

O olhar do Príncipe a mirou com tanta intensidade que ela quase pôde sentí-los.

– Quero que você saia da cidade.

– Você parece saber bastante sobre o que se passa em Florença. Alguma coisa aconteceu comigo na semana passada. Eu perdi a memória e... as coisas mudaram.

– Eu sei – disse ele baixinho.

– Me conte o que aconteceu. – Ela largou o travesseiro e foi até a beirada da cama. – Por favor.

Ele cerrou os dentes.

– Não.

– Tenho o direito de saber. Você tem que me contar. – A expressão dela revirou as entranhas do Príncipe.

– Me prometa que vai sair da cidade, e eu conto tudo o que quiser saber.

Ela ficou de cócoras.

– Se eu estou com a relíquia, e ela pelo visto está funcionando, por que precisaria ir embora?

– Ficou louca? – rosnou ele.

– O homem que atacou o policial era o mesmo que matou os outros?

O Príncipe gelou.

– Que outros?

– O *La Nazione* deu que acharam vários cadáveres mais abaixo no rio.

Ele estreitou os olhos.

– Quando?

– A notícia saiu ontem, mas não tive tempo de ler.

Com a mente em turbilhão, ele se afastou dela até o outro lado do quarto. Não sabia sobre os cadáveres, e sua raiva por ter sido pego de surpresa foi quase sem limites.

Ela o ouviu se mexer e se moveu para o lado da cama.

– Por que você não procura a polícia? A Interpol está na cidade investigando o roubo na Uffizi. Por que não entrega esses outros à polícia?

– Porque não posso.

– Por que não?

– Não tenha a pretensão de dar conselhos sobre coisas que você não entende!

Sem se deixar abater pelo tom raivoso, Raven continuou:

– Não quer denunciá-los, mas está disposto a enfrentar os outros para me proteger? Por que eu deveria acreditar em você?

– Não precisa acreditar em mim. – Ele baixou a voz até ela virar um rosnado. – Saia da cidade e pronto.

– Você me deu a relíquia para me ajudar. Me avisou sobre os outros. Hoje, ouviu falar no fera e veio ver se eu estava bem. É evidente que não quer que eu me machuque. Se você é poderoso o suficiente para saber o que está acontecendo na cidade, também deve ser para me ajudar. Por favor, não me faça ir embora – sussurrou ela. – Aqui é o único lugar em que já fui feliz.

Ele passou alguns instantes calado, então fechou os olhos e começou a esfregar a testa.

Por fim, começou a falar.

– Muito tempo atrás, vim para cá em busca da felicidade.

– E encontrou?

– Não.

– Pois eu encontrei. – O tom de Raven confirmava que ela dizia a verdade. – Saí dos Estados Unidos para começar uma vida nova. Se me mandar de voltar para lá, não terei nada.

O Príncipe a observou no escuro: o rosto levantado com a pele lisa e os traços perfeitos, os longos cabelos negros. Era linda, inteligente e corajosa. Algo semelhante à admiração começou a crescer dentro de seu peito, aquecendo-o.

Ele balançou a cabeça. Não tinha ido à casa dela para admirá-la. Qualquer vínculo com ela só poderia conduzir à escuridão.

Mudou de assunto de forma abrupta.

– Você conhece a história de Cupido e Psiquê?

– O que isso tem a ver? – A voz dela tinha um viés de irritação.

– Aprenda com o erro de Psiquê e faça o que estou mandando.

– Então você é o Cupido?

O Príncipe deu um passo mais para perto e baixou a voz até praticamente um sussurro.

– Sou o monstro que se esconde na escuridão.

– Duvido que um monstro fosse distribuir artefatos religiosos a donzelas em perigo.

– Caso não tenha notado, não estou propriamente "distribuindo". Eu lhe dei dinheiro. Use-o para voltar para os Estados Unidos.

– Está dentro de uma caixa de sapatos no meu armário. Não quero esse dinheiro.

– Vai precisar dele.

Ela ergueu as mãos.

– Tudo isso deve ter uma explicação perfeitamente razoável. O homem que matou o outro estava perturbado. Que maldade se referir a ele como *fera*! Quem faz parte de uma organização criminosa são você e os outros. Isso está bem claro. – Sua voz tinha mais de um quê de esperança.

– A sua negação é divertida, mas não vai mudar a realidade. – Ele cruzou os braços em frente ao peito.

– Sou grata pela sua ajuda. Não sei por que o homem ficou incomodado com a cruz que estou usando, mas fico contente por isso. Ele poderia ter me matado. Mas você está errado em relação ao perigo. Não sou ninguém especial, juro.

Trabalho na galeria, saio com meus amigos, desenho e pinto. Não conheço nenhum segredo de Estado nem tenho acesso à segurança da Uffizi. Sou só uma funcionária pós-doutoranda desinteressante e banal que trabalha com pesquisa. Só isso.

– Discordo. Mas já passei tempo demais aqui. Se os acontecimentos de hoje à noite não a convenceram a ir embora, não há muito mais que eu possa fazer. Já lhe avisei duas vezes. O que acontecer agora é de sua responsabilidade. – A voz dele foi fria.

– Não vou sair da cidade.

Ele adotou uma expressão irada.

– Mesmo que isso custe a sua vida?

Raven o encarou, com teimosia.

– Não vai chegar a esse ponto.

– Muito bem.

O Príncipe soltou um palavrão, então ergueu as duas mãos e as manteve suspensas diante de si, com as palmas para cima.

– *Innocens ego sum a sanguine*.

Ele abaixou as mãos e foi até a porta.

– Quando vier me implorar ajuda, eu lhe lembrarei deste momento. Vou exigir uma coisa de você. E você vai me dar.

– Não vou procurá-lo, e com certeza não vou implorar nada. – Havia desprezo na voz dela.

Ele voltou para junto da cama.

– Vai, sim. – Com as costas da mão, alisou a curva de sua bochecha. – Você não faz ideia do que fez.

O Príncipe se deixou deliciar pela textura de sua pele e pela beleza de seus olhos.

Quando as luzes tornaram a se acender, Raven estava sozinha.

Capítulo 17

Existia um labirinto de túneis, passagens secretas e catacumbas sob a cidade de Florença. Os túneis eram usados pelos cidadãos do submundo, sobretudo durante o dia, quando não podiam andar na superfície.

O ponto focal dos túneis era o grande salão debaixo do Palazzo Riccardi, usado para reuniões do Consilium e outros eventos de Estado formais. Tapeçarias e painéis que contavam em imagens a história da cidade enfeitavam as paredes. Várias armaduras e diversas espadas e armas também estavam expostas ali.

A sala estava às escuras. O submundo não tinha energia elétrica, de modo que tochas ardiam em nichos das paredes e rebuscados candelabros de ferro iluminavam o espaço cavernoso. Sombras estremeciam pelos rostos dos seres ali reunidos.

Um fato interessante era a notável ausência de ratos nos túneis.

– Está iniciada a reunião do Consilium. – Lorenzo bateu com um cetro alto na ponta do qual havia uma flor de lis de ouro esculpida.

Com esse anúncio, os cinco outros membros do Consilium se adiantaram e sentaram em cadeiras de madeira altas estofadas de veludo vermelho. Agrupadas de três em três, as cadeiras estavam viradas para a frente de ambos os lados de um corredor central coberto por uma comprida passadeira de veludo vermelho.

Instantes depois, o Príncipe entrou no corredor pela grande porta dupla; sua túnica de veludo preto esvoaçava atrás dele. Ele subiu o corredor até um grande trono dourado em cima de uma plataforma elevada.

Não parecia contente.

Enquanto os membros do Consilium usavam trajes formais no estilo

renascentista, arrematados por capas de veludo vermelho, o Príncipe, tirando a túnica, estava vestido com roupas modernas. Como sempre, eram todas pretas.

Os membros do conselho se levantaram quando ele entrou e, depois de ele ocupar seu lugar, curvaram-se. Ele os cumprimentou com impaciência, e acenou para se sentarem antes de se virar para o seu braço-direito.

– Esvaziem a galeria. Peçam desculpas em meu nome aos cidadãos e certifiquem-se de que eles sejam alimentados.

Lorenzo fez outra reverência para tentar esconder seu desagrado. Instruiu rapidamente os sentinelas a acompanharem os cidadãos para fora do recinto. Então sussurrou instruções relacionadas à alimentação para Gregor, assistente do Príncipe.

Era costume ter uma reserva de humanos durante as reuniões do conselho, para o caso de alguém ficar com fome.

(Pelo visto, desta vez os membros do Consilium teriam de abrir mão do bufê.)

O Príncipe considerou os membros do Consilium com um olhar distante e frio, movendo os penetrantes olhos cinzentos de rosto em rosto.

Estavam sentados por ordem de importância. Lorenzo ocupava o lugar de honra à sua direita. Niccolò, famoso florentino que, quando humano, era chanceler da cidade, estava sentado logo depois. E Aoibhe estava à direita de Niccolò.

Do outro lado do corredor, à esquerda do Príncipe, sentavam-se Maximilian, Pierre e Ibarra.

– Há diversos assuntos importantes que devem ser endereçados. – O tom do Príncipe foi incisivo. – Os assuntos corriqueiros serão adiados até o nosso próximo encontro. Aoibhe.

Seus olhares se cruzaram, e ela se levantou.

– Sim, mestre.

– Me conte sobre o fera.

Os olhos castanhos de Aoibhe se moveram para os de Ibarra, e os dois trocaram um olhar.

– Ontem à noite, Ibarra e eu surpreendemos um fera em Santo Spirito.

Apesar da notícia perturbadora, seus colegas permaneceram calados, pois o fato já havia chegado aos seus ouvidos.

– Por favor nos conte o que viram, para o conhecimento dos membros do

conselho. – O Príncipe fixou o olhar em Ibarra, com uma expressão severa.

– Um fera matou um humano na Piazza. Quando nos aproximamos, ele atacou. Eu o decapitei, e nós levamos o cadáver dele e o do humano para serem queimados fora da cidade – respondeu Aoibhe.

– Pierre. – O Príncipe voltou seu olhar para o membro do Consilium encarregado da inteligência humana.

O francês se levantou e fez uma reverência.

– Sim, meu príncipe.

– E a polícia?

– O humano morto era um agente da Interpol que estava vigiando uma mulher em Santo Spirito. Segundo soube, ela está sendo vigiada por causa de um roubo na Uffizi.

Ao ouvir isso, os membros do Consilium puseram-se a murmurar entre si.

– E? – instou o Príncipe.

– A investigação agora está concentrada no crime organizado, depois da nossa sugestão de que o policial levou uma facada na Piazza e que seu corpo foi levado embora. A polícia está planejando interrogar a mulher para ver se ela tem alguma informação ligada ao desaparecimento do agente.

O Príncipe controlou sua reação com cuidado.

– Tirem a mulher dos autos da polícia e ponham a culpa nos russos. Eles vêm ficando arrogantes e gordos ultimamente. Vai ser divertido vê-los atarantados. Uma guerra entre a Máfia e os russos vai distrair a polícia dessas questões. – Então prosseguiu: – E as testemunhas humanas?

– Já cuidamos de todas, mestre. Os autos mencionam de modo recorrente um ataque com arma branca. Já lidamos com aqueles que resistiram ao controle da mente.

– Tem certeza?

Pierre pareceu não entender.

– Claro, mestre.

– Não há espaço para erros – alertou o Príncipe.

– Claro que não, mestre.

– É óbvio que esse problema poderia ter sido evitado caso o fera não tivesse entrado na cidade. – O Príncipe lançou um olhar raivoso para Ibarra antes de voltar a atenção outra vez para Pierre.

– Devo entender que esse fera da qual Aoibhe se livrou é o mesmo que você viu naquela outra noite?

– Não posso afirmar, mestre. Com certeza não houve nenhum outro relato de feras na área, e tampouco outras mortes não explicadas.

O Príncipe ergueu as sobrancelhas.

– Nenhum? O jornal está dizendo que vários corpos foram encontrados perto do rio. Isso não conta?

Os olhos azuis de Pierre se arregalaram.

– Vários cadáveres? – repetiu ele.

O Príncipe confirmou com um meneio seco da cabeça.

– Desculpe, mestre. Desconheço esses cadáveres encontrados. Vou falar com nossos contatos o quanto antes e descobrir o que se sabe.

– É triste constatar que você não sabe o que está acontecendo com a polícia, Pierre.

– A questão vai ser resolvida imediatamente, e tomaremos providências em relação ao nosso informante na polícia. – Pierre fez uma profunda reverência e voltou para o seu lugar.

– E meu braço-direito? Lorenzo, você sabia sobre os cadáveres?

Lorenzo se levantou e adotou uma postura contrita.

– Não, meu príncipe.

O Príncipe bufou de frustração.

– Será que devo dissolver o conselho diante desses fracassos?

Os membros se remexeram nas cadeiras, pouco à vontade.

O Príncipe voltou sua atenção para o chefe da segurança.

– Ibarra, o que foi feito para localizar o fera que Pierre viu?

O basco se levantou com uma expressão contraída.

– Nós aumentamos o número de patrulhas. Também organizamos buscas na cidade e nas catacumbas. O fera não foi encontrada, o que me leva a acreditar que a que eliminamos foi a mesma que Pierre viu.

– Uma conclusão conveniente. E as nossas fronteiras?

– Falei com todos que estavam de guarda na noite passada, e não foram vistos feras nem houve indícios de qualquer invasão. O fera devia estar escondida dentro da cidade. Talvez os corpos que o senhor mencionou fossem dela.

– Talvez. – A expressão do Príncipe mudou e se fez irada. – Como Consilium,

vocês todos foram lenientes.

Ele tornou a olhar para Ibarra.

– Sob o comando do seu antecessor, nossas fronteiras foram invadidas pelos venezianos. As cinzas dele hoje adubam um campo agradecido. Agora, a fronteira foi invadida por pelo menos um fera, e nossas patrulhas não sabiam nada a respeito.

Ibarra flexionou os dedos e cerrou os punhos.

– Com todo o respeito, essa conclusão é precipitada, mestre. Nós não sabemos se o fera entrou pela fronteira. Com uma investigação completa, eu posso...

– Você não pode fazer nada – disparou o Príncipe. – Está dispensado de seus deveres e do seu cargo no Consilium.

Os outros membros começaram a murmurar e a se entreolhar.

– Silêncio – sibilou ele. – A nossa sobrevivência requer segurança. Por causa do fracasso de Ibarra, nossa cidade está ameaçada. Niccolò vai assumir a partir de agora o controle das fronteiras e das patrulhas, além de suas outras atribuições como chefe da inteligência.

Ao ouvir isso, o florentino se levantou e o Príncipe se dirigiu a ele.

– Quero mais patrulhas, em horários variados, e quero relatórios diários. Cuide para que eu não me decepcione!

Niccolò se curvou.

– Sim, Príncipe.

O líder continuou a vociferar ordens:

– Maximilian, redobre seus esforços para treinar os jovens! Aoibhe, certifique-se de que mais humanos sejam transformados para aumentar nosso contingente! E Pierre, espero uma investigação completa sobre os cadáveres! – O Príncipe espichou o queixo na direção do francês.

– O senhor vai me substituir por causa de um único fera? – Ibarra deu um passo na direção do Príncipe. – É possível que ele esteja na cidade há décadas. Talvez seja um dos nossos que enlouqueceu.

– Quer dizer então que você o reconheceu? – zombou o Príncipe.

Ibarra não respondeu; seu rosto era uma máscara de fúria.

– Ele não era um dos nossos – respondeu Aoibhe depressa. – Era um fera

mais velho. Não consigo imaginar que estivesse na cidade há muito tempo. Nós teríamos mais do que vários cadáveres acumulados.

Ibarra xingou Aoibhe em basco usando termos extremamente derrogatórios.

– Chega! – rosnou o Príncipe. – Ibarra dos Euskaldunak, considere-se a partir de agora banido da cidade de Florença. Aoibhe e Niccolò, acompanhem Ibarra para fora do recinto do conselho e fiquem com ele até o sol se pôr. Levem uma divisão de guardas e escoltem-no até a fronteira. Se ele resistir, matem-no.

O Príncipe os dispensou com um aceno da mão e se virou para Lorenzo.

– Cuidem para que o exílio seja divulgado entre os cidadãos e respeitado de forma estrita.

Niccolò e Aoibhe trocaram um olhar e foram se postar de um lado e outro de Ibarra.

– Não houve invasão – disse este entre os dentes. – Eu teria ficado sabendo. Isso teria sido relatado.

O Príncipe nem sequer se dignou a olhar na sua direção.

– Se você voltar, vai ser executado.

Ibarra soltou um palavrão.

– As nossas fronteiras são fortes. Nossas patrulhas são vigilantes; eu mesmo as treinei. Se o fera veio de fora, alguém deve tê-lo ajudado a entrar na cidade.

– Isso é um absurdo – contrapôs Aoibhe. – Quem faria uma coisa dessas?

Ibarra lhe lançou um olhar duro.

– O informante veneziano. Nunca conseguimos descobrir quem vendeu as plantas de nossos antigos sistemas de segurança. Ele ainda deve estar na cidade tentando instaurar o caos. De que outra forma o fera teria conseguido passar pelas nossas patrulhas?

– É uma desculpa conveniente – comentou Lorenzo. – Você tem provas disso?

– Não, mas terei.

– Ibarra, você teve dois anos para encontrar o traidor. Investigou todo mundo que sabia da falha dos nossos sistemas de segurança, mas nem assim conseguiu descobrir quem nos traiu. Não confio na sua capacidade de encontrar o traidor agora. Você falhou nos seus deveres e tem sorte de sair do principado com a cabeça sobre os ombros. Suma da minha vista.

O Príncipe meneou a cabeça para Niccolò e Aoibhe, que começaram a

escoltar Ibarra até a porta.

O basco praguejou enquanto era guiado para fora, e gritou seu desagrado com o Príncipe e o Consilium.

Quando estava na metade do corredor, disparou até junto da parede mais próxima e arrancou uma espada dos ganchos que a prendiam. Empunhou-a com as duas mãos e partiu correndo em direção ao trono.

Em um segundo, o Príncipe se pôs de pé.

– Dê mais um passo, e ele será o seu último.

Ibarra ignorou o alerta do antigo e correu na sua direção com a espada erguida.

Lorenzo pegou uma espada parecida junto a uma armadura próxima e a jogou para o Príncipe.

Este a segurou, arrancou a túnica dos ombros e ergueu a espada bem alto justo na hora em que Ibarra golpeou contra sua cabeça.

O choque do metal no metal ecoou pelo salão, e os dois seres sobrenaturais começaram a duelar.

Como estava acima de Ibarra, na plataforma, o Príncipe tinha a vantagem. No entanto, ele desceu a escada desferindo repetidos golpes.

Apesar de forte, Ibarra claramente não era páreo para o Príncipe. Esticou-se para a frente várias vezes à procura de uma brecha, mas o Príncipe esquivou-se com facilidade de cada golpe.

Ibarra então tentou acertar as pernas do Príncipe e este saltou e deu uma cambalhota para trás. Antes de o basco entender o que estava acontecendo, brandiu a espada em direção à sua cabeça, e a lâmina silvou no ar.

A cabeça de Ibarra se destacou dos ombros e rolou pelo chão, indo parar aos pés de Aoibhe.

Ela suspirou ao encarar os olhos de seu amante recente.

O Príncipe ergueu a espada ensanguentada para todos poderem vê-la e a cravou fundo na pedra a seus pés.

– Que isso sirva de aviso aos traidores.

Então tornou a subir na plataforma, recolheu a túnica do chão e limpou as mãos nela antes de jogá-la longe com desdém.

– Lorenzo, pegue a cabeça do traidor e a exponha espetada em uma estaca

junto com a espada. Leve os cidadãos para vê-la. Maximilian, você e Pierre levem o corpo para fora da cidade e queimem.

O Príncipe fez contato visual com cada um dos membros restantes do conselho.

– O próximo que me trair não terá uma morte tão rápida.

Capítulo 18

Raven acreditava na ciência, no testemunho dos sentidos, no poder da razão humana e na veracidade das próprias percepções. Não acreditava em religião, textos sagrados, no sobrenatural ou na vida após a morte.

Por isso achava que o intruso fazia parte de uma facção de crime organizado, e que a criatura a qual ele se referia como fera era alguém mentalmente perturbado que precisava de ajuda.

Três dias depois de machucar a testa, o ferimento havia sarado e deixado apenas uma cicatriz pálida e brilhante. Ainda estava se esforçando para formular uma explicação científica adequada que pudesse dar conta do fato, bem como do pedaço de metal espetado na parede do seu quarto qual um dardo em um alvo.

Conhecia o suficiente da física de Newton para concluir que o intruso devia ter uma força incrível se era capaz de atirar a bengala com tamanha potência a ponto de perfurar o gesso e a pedra. Mas fazer a bengala penetrar vários centímetros na parede...

(Talvez ele tomasse anabolizantes.)

E as palavras em latim que tinha lhe dito?

Eu sou inocente do sangue.

Não fazia ideia do que isso queria dizer, mas com certeza se assustou. Assustou-se também com a própria reação à forma delicada como ele havia tocado seu rosto.

Ao passar as pernas pela borda da cama, estremeceu, dando-se conta de que precisava criar uma vida social. Se era solitária o bastante para apreciar o toque de um desconhecido, devia estar precisando desesperadamente de contato humano.

Mas aquele homem de certa forma a intrigava. Havia algo de sincero na preocupação que demonstrara com o seu ferimento. Se ele estava com tanto medo de ela estar abalada com o que vira na Piazza, a ponto de ir verificar se estava bem, e se incomodava quando ela se machucava, com certeza não podia ser apenas um criminoso com o coração de pedra.

Ele elogiou meus olhos.

Ao longo da vida, Raven recebera poucos elogios em relação à sua aparência física. Sabia que corria o risco de dar mais importância do que seria prudente ao que o intruso lhe fizera.

Por sorte, tinha um encontro marcado para aquela noite.

Bruno era neto de Lidia DiFabio. Tinha mais ou menos a mesma altura que Raven, cabelos escuros ondulados e grandes olhos castanhos. Era atlético e inteligente, e Raven nutria uma quedinha secreta por ele quase desde o dia em que haviam se conhecido, motivo pelo qual a irmã a havia provocado.

Ele visitava a avó com frequência, em geral para tomar um café rápido antes do trabalho. Até a véspera, sempre se mostrara educado com Raven, mas distante, apesar dos repetidos esforços da avó para promover a aproximação.

Quando vira Raven sair de casa na quinta-feira de manhã, não a reconhecera. Ela havia se apresentado (de novo) e ele a encarara, boquiaberto, enquanto seus olhos percorriam de cima a baixo o novo vestido amarelo de alcinha.

Bruno gostou do que viu e disse isso a ela.

Segundos depois, Raven já estava prometendo sair com ele para comer sushi na sexta à noite, e ele a beijando no rosto e murmurando sobre o quanto estava feliz por finalmente tê-la visto.

Raven mandou um e-mail para a irmã sobre aquela surpreendente reviravolta, e ficou satisfeita com a resposta animada de Cara. É claro que não lhe disse que a mudança de comportamento de Bruno tinha sido causada por uma mudança radical na sua aparência. Não queria fazer Bruno parecer fútil.

Mesmo que ele só queira sair comigo porque agora sou bonita, não estou nem aí. Mereço um pouco de felicidade.

Ela pôs as pernas no chão e, para a própria surpresa, fez uma careta. Uma dor subiu por seu pé direito e pela perna.

Sentou-se de novo na cama, e a dor diminuiu até se transformar em um latejar difuso. Ainda que a perna estivesse um pouco rígida, conseguiu movê-la.

Inclinou-se e começou a massagear os músculos tensos, descendo até manipular o tornozelo com delicadeza.

Ao examinar mais de perto a pele exposta da perna direita, reparou em uma coisa.

A cicatriz que tinha há muitos anos, desde o acidente, havia voltado. Ah, estava menos visível do que antes, uma marca pálida e brilhante. Mas Raven tinha quase certeza de que na véspera não dava para vê-la, nem em qualquer dia desde a segunda-feira de manhã em que havia acordado sem ela.

A constatação a fez sentir um peso na barriga, sobretudo quando comparou a aparência da cicatriz com a outra em sua testa.

Não estava tendo uma alucinação. Beliscou o braço para se certificar.

Estendeu a mão para pegar o telefone, e percorreu rapidamente as fotos que havia tirado de si mesma naquela semana. Em comparação com as imagens, as mudanças em sua perna eram perceptíveis. A cicatriz tinha voltado, e o pé começado a virar ligeiramente para fora. Mesmo assim, aquilo não chegava nem perto de como era antes.

Raven soltou o celular, pôs os dois pés no chão e ficou em pé. Constatou que conseguia andar sem mancar, mas a dor surgiu depois dos primeiros poucos passos.

Quando se olhou no espelho do banheiro, ficou espantada com o que viu. O rosto estava um pouco mais cheio, os cabelos não tinham o mesmo brilho, e havia olheiras debaixo dos olhos.

Tinha a aparência de quem não estava se cuidando, pensou. Mais uma vez, as mudanças em relação ao seu aspecto na véspera eram dramáticas, mas não tanto a ponto de ela voltar a ter o mesmo visual de antes.

Era como se a transformação física tivesse sido desfeita, mas não por completo.

Raven se arrumou para o trabalho, tomou um banho com seu sabonete de rosas favorito, lavou e secou os cabelos. Fez força para entrar no vestido verde de alcinha que acabara de comprar, e descobriu que o linho ficava repuxado sobre a barriga agora um pouco saliente e os quadris cobertos por uma fina camada de gordura.

Pensou se o vestido teria encolhido dentro do armário. Perguntou-se como,

no espaço de poucas horas, havia engordado tanto a ponto de ter uma barriga saliente.

Se alguém estiver tentando me convencer de que estou louca, está fazendo um trabalho de primeira.

Pelo menos as fotos não mentiam. Tinha imagens de como era antes de perder a memória, algumas selfies de como tinha ficado depois e agora tirou fotos das mudanças mais recentes.

Não restava dúvida. Ela havia mudado.

A dor na perna podia ser explicada por excesso de esforço. Talvez o exercício estivesse cobrando seu preço. Mas o excesso de esforço não justificava o reaparecimento da cicatriz.

Raven não tinha explicação científica para nenhuma de suas descobertas daquela manhã, de modo que as ignorou e tomou dois analgésicos junto com o café.

Como um ato de desdém pelas superstições em geral e pelas do intruso em particular, tirou a relíquia do pescoço e a pôs na mochila. Fechou os olhos por alguns instantes de modo a tentar discernir alguma mudança perceptível em seu corpo ou em suas emoções.

Abriu-os. Sentia-se igual a poucos segundos antes. Entretanto, não queria deixar a relíquia em casa, sobretudo uma vez que sempre que fechava os olhos via a criatura que o intruso chamara de fera parada a uma pequena distância dela, praguejando. Com cadáveres aparecendo perto do Arno e na Piazza em que morava, ela precisava de toda a ajuda que o amuleto pudesse lhe proporcionar, de modo que levou a relíquia para o trabalho escondida dentro da mochila.

Passou o dia no arquivo, concluindo pequenas tarefas e tentando não chamar atenção.

Sua médica ligou e lhe informou que o resultado do exame de sangue era inconclusivo porque a amostra havia sido contaminada com pelo menos duas substâncias estranhas de origem não identificável. Infelizmente, a janela para verificar se ela fora drogada já havia se fechado. A médica se desculpou pelo laboratório, que evidentemente havia cometido um erro crasso ao contaminar sua amostra, mas disse que não adiantava nada repetir o exame.

Já os raios X eram outra história. As chapas que a médica havia recebido pertenciam obviamente a outro paciente, porque não exibiam qualquer indício

da fratura em sua perna e tornozelo que ela sofrera aos 12 anos de idade. Assim sendo, ela sugeriu que Raven repetisse as radiografias.

Ela recusou, alegando problemas de agenda. Disse que tornaria a procurá-la quando as coisas na galeria se acalmassem.

Nem se deu o trabalho de tentar explicar que talvez a sequela tivesse se curado de forma espontânea. Com certeza não queria que a médica examinasse a sua perna e visse que a cicatriz, ausente na terça-feira, havia tornado a aparecer.

Com todos aqueles acontecimentos estranhos e inexplicáveis girando na cabeça, estava grata pela distração que o trabalho lhe proporcionava. Passou a tarde compilando arquivos na base de dados digital e olhando de vez em quando para a imagem do *Primavera.*

Queria perguntar ao professor Urbano, que havia trabalhado na restauração do quadro, se ele percebera que a aparência de Mercúrio tinha sido alterada. No entanto, como pelo menos por ora não era bem-vinda no laboratório de restauração, acabou ficando quieta.

Passou algum tempo examinando as imagens de Cupido e Vênus, e recordou a referência do intruso ao mito de Cupido e Psiquê. Segundo o mito, Zéfiro, que aparecia no laranjal do lado direito do quadro, havia ajudado Psiquê quando ela estava em apuros.

Sou o monstro que se esconde na escuridão, sussurrara o intruso.

Pensou distraidamente se ele seria como Zéfiro.

Raven estava contente por ter estudado mitologia grega e romana na graduação, pois esse conhecimento a ajudava a entender a obra de Botticelli. Sabia, por exemplo, que os pais de Mercúrio eram Zeus e Maia, e que ele era neto de Atlas.

Sabia que Clóris tinha sido violada por Zéfiro, mas que ele se arrependera do ato de violência e se casara com ela, rebatizando-a de Flora. Ovídio, que contava essa história em sua obra *Os Fastos*, dizia que Flora alegava não ter reclamações na cama, ou seja, que o marido era gentil com ela depois da brutalidade inicial.

Pensou se o intruso seria como ele: um homem que cometera atos violentos, mas que mais tarde se arrependera e tentara se redimir.

Olhou para o rosto de Zéfiro e estremeceu ao se lembrar de como o toque do intruso tinha sido delicado.

Fechou a janela do computador e entrou rapidamente em sua conta de e-mail.

Percorreu algumas mensagens ainda não lidas, e encontrou uma do padre Jack Kavanaugh.

Querida Raven,

Espero que esta mensagem a encontre bem.

Fui transferido para Roma, onde começarei a trabalhar no dia 1º de julho.

É uma história longa e complicada, mas para resumir tive de renunciar ao meu cargo na Covenant House de Orlando. Não se preocupe, estou deixando a casa em boas mãos e pretendo continuar a ajudá-los de todas as formas que puder.

Espero ter a oportunidade de visitar Florença e ouvir sobre o seu bom trabalho na Galleria degli Uffizi.

Como vai sua irmã?

E sua mãe?

Sempre me lembro de você e de sua família nas minhas orações, e rezo para que encontrem paz, perdão e esperança na generosidade do amor de Deus.

Padre Jack

Raven se recostou na cadeira.

Não esperava receber essa mensagem.

Conhecia o padre Kavanaugh havia muitos anos. Ele fora de grande auxílio a ela e sua irmã em um momento de crise. Mais tarde, ajudara-a a entrar para a Barry University conseguindo dinheiro para pagar a anuidade e o alojamento. Mesmo agora, muito depois de se formar, ainda tentava ajudá-la rezando para um deus no qual ela não acreditava.

O padre Kavanaugh era um religioso. Tinha fé e era um homem bom. Havia trabalhado com Madre Teresa em Calcutá e fundara orfanatos e escolas em Uganda.

Mais do que isso, porém, era a única pessoa na vida de Raven que nunca a havia decepcionado. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que se estivesse em apuros e o procurasse, ele faria tudo o que estivesse a seu alcance para ajudá-la, sem esperar nada em troca.

Perguntou-se o que ele diria quando visse sua aparência mudada. Perguntou-se que explicação milagrosa daria para sua experiência ao usar a relíquia.

Embora o respeitasse e o amasse até, não queria ter essas conversas.

Ele ainda demoraria algum tempo para se acomodar em Roma e poder viajar. Ela teria de reunir coragem para escutá-lo e não pronunciar palavras cínicas e ofensivas.

Suspirou ao pensar nisso.

– Você não está com uma cara das melhores.

Raven levou um susto ao ser despertada de suas reflexões pela voz de Patrick. O amigo estava em pé ao lado da sua mesa no arquivo, e seu rosto exibia uma expressão preocupada.

– Ah, superobrigada. – Ela fez uma careta.

– Não quis ofender. – Ele tocou seu ombro. – Está doente?

Ela fez que não com a cabeça.

– Estão escuras. – Ele apontou para as manchas roxas sob seus olhos. – Não tem dormido bem?

– Não muito. – Ela relanceou os olhos na direção da arquivista e tornou a virá-los para o amigo. – Não posso falar sobre isso aqui.

– Tudo bem. Preciso tirar umas cópias e usar o scanner. Devo precisar de ajuda. Vem comigo?

– E a arquivista?

– Eu falo com ela. Peraí.

Patrick foi até a mesa da arquivista. Raven já foi fechando as janelas abertas no computador e se desconectando.

A arquivista olhou na sua direção e deu um sorriso acanhado.

– O que houve? – perguntou Patrick enquanto os dois caminhavam pelo corredor em direção à sala da xerox.

– Ainda estou abalada com o ataque em Santo Spirito.

Patrick fez uma careta.

– É normal estar abalada. Aconteceu mais alguma coisa?

– Não. Mas sempre que fecho os olhos revejo a cena.

Patrick balançou a cabeça.

– Estou começando a pensar que a cidade não é mais tão segura quanto antigamente.

– E tem razão.

Eles continuaram andando, e Patrick olhou para os pés dela.

– Você está mancando?

– Um pouco. Minha perna está meio dura hoje.

– Está precisando da bengala?

– Acho que não.

Patrick fez cara de desconfiado.

– Pensei que a sua perna tivesse melhorado.

– E melhorou. – Raven esticou a perna e cerrou os dentes por causa da dor. – Você já olhou as radiografias do personagem de Mercúrio no *Primavera*?

– Não com muita atenção. Por quê?

– Parece que Botticelli mudou o cabelo do Mercúrio.

Patrick a encarou com uma expressão intrigada.

– Mudou? Como assim?

– No início, ele tinha cabelos curtos e louros. Tem um fantasma debaixo do personagem.

– Não me lembro de ter ouvido falar nisso.

– Nem eu. Foi por isso que salvei os arquivos no meu pendrive. Queria dar uma olhada neles em casa.

– E deu?

– Ampliei as imagens no laptop, mas a qualidade não é lá essas coisas. Mesmo assim, dá para ver o fantasma.

Patrick deu um assobio.

– É um achado incrível. Como é possível que ninguém mais tenha reparado?

– Não sei. Talvez eu não tenha visto direito. Preciso perguntar ao professor Urbano.

Eles entraram na sala da xerox e fecharam a porta.

Patrick programou depressa as cópias que precisava fazer para que pudessem continuar conversando.

– Como vai a vida no arquivo?

Os ombros de Raven murcharam.

– Não está muito boa. Espero que Urbano me deixe voltar na segunda. Ele disse que dependia da minha substituta.

– E Vitali?

Raven balançou a cabeça.

– Fiquei de lacaia dele esta semana.

– Pensei que na Itália não existissem lacaios.

Raven revirou os olhos.

– Agora existem.

◆◆◆

No caminho de volta para o arquivo, Patrick e Raven subiram os degraus até o primeiro andar e entraram na sala de Botticelli. Patrick queria ver o *Primavera* mais de perto.

– Não consigo imaginar por que Botticelli iria querer mudar o cabelo. Pelo que se sabe, quem serviu de modelo para Mercúrio foi Lorenzo, da família Médici. E ele tinha cabelos compridos e castanhos. – Patrick chegou mais perto do quadro.

– Talvez algum outro patrono tenha encomendado o quadro e depois ficado sem pagar. Esse tipo de coisa acontecia o tempo todo. – Raven foi atraída pela figura de Zéfiro, do outro lado do quadro.

– Pode ser. Duvido que Botticelli fosse começar a pintar sem um sinal importante e um contrato. Pode ser que ele tenha tido uma briga com a pessoa que encomendou o quadro primeiro.

Raven aquiesceu.

Nenhum dos dois reparou na presença do *ispettore* Batelli, que os observava em pé na porta da sala.

Capítulo 19

Ao sair da Uffizi depois do trabalho, Raven encontrou Bruno à sua espera, todo elegante com um terno cinza e gravata azul.

Estava cansada, e sua perna doía. Mas ela esqueceu tudo isso e foi ao seu encontro com a mochila no ombro e a cabeça erguida.

Bruno a recebeu com um sorriso.

Sorriso esse que esmaeceu quando ela chegou mais perto.

Sem graça, Raven acompanhou o contorno da cicatriz em sua testa com os dedos antes de cerrar o punho e baixar a mão. Estava claro que ele havia reparado na mudança em sua aparência. Pelo visto, estava surpreso, quiçá decepcionado.

– Oi. – Ele lhe deu um beijo em cada face e apontou para a cicatriz. – Está tudo bem?

– Caí, mas estou bem. E você?

– Tudo bem. E a sua bengala? Vai precisar dela? – Ele baixou os olhos para suas pernas, demorando-se por alguns instantes na cicatriz.

– Não. – Ela transferiu o peso de uma perna para a outra, pouco à vontade.

Ele tornou a encará-la.

– Está com um cheiro incrível. Parece rosa.

– É um sabonete da Jo Malone. Minha irmã me mandou.

Bruno fechou os olhos e inspirou.

– Delicioso.

– Como vai sua avó? Faz um tempo que não a vejo.

Ele abriu os olhos.

– Ela não anda se sentindo bem. Tem passado os dias de cama sem comer.

Minha mãe está com ela.

– Puxa, que notícia chata. Ela sempre foi tão gentil comigo... Quando me mudei para o apartamento, ficou com pena de mim e me ensinou a cozinhar. Se eu puder fazer alguma coisa, é só me avisar.

– Obrigado. – Ele a encarou com uma expressão agradável. – Que tal um drinque no Museu Gucci antes de jantar?

– Adoraria.

Ele a pegou pela mão, e os dois atravessaram a Piazza della Signoria até o Museu Gucci, que tinha um bar ao ar livre protegido por toldos. Sentaram-se em banquetas confortáveis e ficaram saboreando um prosecco enquanto Raven lhe falava sobre o trabalho no laboratório de restauração.

Se Bruno ainda estava decepcionado com a sua aparência, soube esconder isso bem.

Mesmo assim, ela estava nervosa. Sua falta de apreço por ela antes da mudança e a forma como o sorriso havia sumido de seu rosto quando ela se aproximou a deixaram incomodada.

É claro que as reações dele tinham muito mais peso uma vez que ela o havia admirado de longe, sabendo que jamais o teria. Ter chamado a sua atenção para logo depois voltar a perdê-lo seria doloroso. Raven começou sutilmente a se preparar para essa eventualidade.

A conversa fluiu com naturalidade, e foi só horas depois que eles percorreram a pé a curta distância até o Gallery Hotel Art. O restaurante do hotel, chamado Fusion, servia o melhor sushi de Florença.

Embora Raven tivesse passado em frente ao hotel em muitas ocasiões, jamais havia entrado. A expectativa a deixou animada.

Por isso esqueceu que o prédio em que estavam era o mesmo no qual o professor Emerson sentira a presença de um fantasma.

◆◆◆

Durante o jantar, Bruno se mostrou atencioso e encantador. Não a cansou com histórias sobre o seu trabalho no banco Monte dei Paschi di Siena. Tampouco se concentrou no assunto familiar da avó, embora tenha admitido que ela havia tentado aproximá-los desde que Raven se mudara para o prédio.

Não; o principal assunto da conversa foi Raven.

Bruno fez perguntas e escutou as respostas. Riu quando ela disse coisas engraçadas, e se mostrou delicado e compreensivo quando disse algo triste. Eles pediram vários pratos de comida que dividiram, e ele escolheu uma garrafa muito cara de Brunello di Montalcino para acompanhar a refeição.

Em suma, foi o melhor encontro da vida de Raven. Mas também o pior.

Bruno não perguntou se ela queria ver o seu apartamento, ou se queria que ele a levasse para casa e passasse a noite. Em vez disso, ofereceu-se para caminhar com ela até o centro antes de acompanhá-la até em casa.

Era um primeiro encontro. Raven provavelmente não teria passado a noite com ele. Mesmo assim, interpretou sua falta de iniciativa como uma reação à sua aparência física.

Enquanto caminhavam pela cidade depois do jantar, ele segurou sua mão de modo frouxo.

Raven ficou pensando no quanto ele era bonito e cavalheiro. Não pensou nas leves fisgadas que sentia na perna e no tornozelo. Não pensou na demoção temporária na Uffizi, nem na estranha descoberta que fizera sobre o *Primavera*, nem tampouco em feras, intrusos misteriosos ou na relíquia que a essa altura já tinha ido parar no fundo da sua mochila.

Eles admiraram o modo como o Duomo iluminado se destacava contra o céu noturno, e sentaram-se junto com os turistas nos degraus em frente à catedral. Conversaram sobre o verão que se aproximava e sobre os eventos especiais que aconteceriam na cidade.

Quando já era quase meia-noite, Bruno sugeriu levá-la até em casa. Quando entraram em um beco deserto, tirou a mochila do seu ombro e a pôs no chão junto aos seus pés. Então a fez girar várias vezes, como se estivessem dançando. Na outra extremidade do beco, puxou-a para um abraço.

Sussurrou-lhe algumas palavras sobre o quanto havia apreciado a sua companhia.

Ela retribuiu.

Bruno sorriu, e seus olhos encararam os lábios dela.

Ele se inclinou para a frente.

Raven fechou os olhos.

Sentiu o nariz dele roçar no seu. Ele murmurou alguma coisa sobre como a

sua boca era tentadora.

Uma risadinha grave se fez ouvir não muito longe.

Bruno recuou e olhou para a entrada do beco. Quando viu um homem grande e vestido de modo estranho em pé ali, pôs Raven atrás de si.

– Não é a boca dela que me deixa tentado. – O homem, que parecia um urso com seus cabelos compridos e barba cerrada, fechou os olhos e farejou o ar.

Seus olhos se fixaram nos de Raven.

– Quem são seus mestres?

– Vamos. – Bruno a pegou pela mão e a conduziu depressa para longe do homem e em direção à sua mochila, tomando cuidado para escondê-la com o próprio corpo.

Assim que ele o fez, o homem pareceu voar por cima de suas cabeças e aterrissar em frente a Raven, impedindo-os de passar.

Raven relanceou os olhos e percebeu que ele havia impedido seu acesso à mochila.

Seus olhares se cruzaram.

– Ah, você queria o que está naquela bolsa? – Ele fez um gesto com o polegar por cima do ombro. – Então venha pegar.

Quando Bruno tentou puxá-la para longe, o homem deu um passo mais para perto.

– Eu fiz uma pergunta – disse ele em voz baixa e rouca, olhando com raiva para ela. – Tem três sangues dentro de você. Diga o nome dos seus mestres.

– Não tenho mestre nenhum.

Ele sorriu, deixando à mostra dentes amarelados e tortos.

– Foi o que pensei. Ninguém seria louco o suficiente para se tornar seu mestre e lhe dar um talismã.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ele deu um pulo para a frente.

Bruno o viu se mexer e empurrou Raven para o lado.

Ela se desequilibrou e caiu sentada.

O homem agarrou Bruno pelo paletó do terno e o arremessou no ar. Um ruído nauseante ecoou pelo beco quando ele bateu na parede de pedra e deslizou até o chão. O sangue começou a escorrer de um ferimento na lateral de sua cabeça.

Esquecendo-se da relíquia por completo, Raven correu até ele.

– Bruno, levante-se!

Ela passou o braço pela sua cintura e conseguiu colocá-lo de pé.

Sem forças, ele se apoiou nela. O sangue manchou a alça de seu vestido e a pele de seu ombro.

O homem deu dois passos compridos em direção a eles e tornou a agarrar Bruno e arremessá-lo contra a parede. Dessa vez, o rapaz caiu e permaneceu imóvel.

– Vou chamar ajuda. – Raven não teve certeza se Bruno a havia escutado.

Tentou correr em direção à mochila, mas novamente o homem a impediu de passar. Ela se virou depressa e saiu correndo na outra direção.

Tinha dado apenas três passos quando ele a segurou pelo braço e a puxou para trás com um safanão. Ela teve a sensação de que o braço estava sendo arrancado da articulação e deu um uivo de dor.

– Agora você é minha. – O homem a virou de frente para si. – Estou com fome.

Raven esticou o braço que não estava machucado e começou a empurrar o peito dele para tentar se soltar.

– Max, você ultimamente parece incapaz de respeitar as regras. Está mesmo caçando o bichinho de estimação alheio?

Raven se virou e viu uma linda mulher de cabelos ruivos em pé ali perto, mantendo distância da mochila.

Sua aparição deve ter pegado o homem de surpresa, pois ele soltou o braço de Raven.

Esta cambaleou, tentando aumentar a distância que a separava dele. Quando recuperou o equilíbrio, começou a correr o mais depressa que conseguiu para longe do homem e da mulher.

– Não se meta! – rosnou Max para a ruiva.

A mulher continuou em pé na sua frente.

– Como membro do Consilium, tenho a incumbência de fazer valer as leis. Assim como você. Guardei seu segredo em relação ao que aconteceu no Teatro. Mas este aqui não vou guardar.

Max tentou agarrar a mulher, mas ela foi mais rápida. Segurou-se na lateral de um dos prédios e começou a subir até sumir de vista.

Max soltou um palavrão e saiu correndo atrás de sua presa.

Não foi grande coisa, mas o curto intervalo deu a Raven alguns preciosos segundos para desaparecer dentro de outro beco e escapar do homem que a perseguia. Ignorando a dor que subia pelo tornozelo e pela perna, correu em direção ao Duomo.

O ruído de rosnados e passos pesados encheu seus ouvidos à medida que o homem grandalhão se aproximava em grande velocidade.

Ela se esgueirou para dentro de um beco perto da entrada lateral do Duomo. Escondida no escuro, olhou em volta.

O homem havia parado a poucos metros e olhava irado na sua direção. Por algum motivo, as sombras não pareciam escondê-la de sua vista.

Ela viu um movimento ao longe. A mulher ruiva desceu de um dos prédios atrás dele e aterrissou no chão de maneira quase elegante.

Raven os encarou, fascinada com a força e o aspecto do casal. Teve a sensação de já os ter visto antes, talvez em um sonho.

– Saia daí, sua vaca! – bradou o homem.

Raven se encolheu em um canto e tentou sumir. Mesmo assim, o casal continuou a olhar na sua direção.

– Ah, que maravilha! Agora você a perdeu, Max. – A ruiva bateu palmas. Então levantou a mão como se estivesse cumprimentando Raven e se dirigiu a ela. – Seus mestres, sejam quem forem, lhe ensinaram bem. Embora eu fique me perguntando por que a deixaram chegar perto de um talismã. O que você diz, Max? Ela se comportou mal?

A coragem de Raven foi respaldada pelas repetidas referências que eles pareciam fazer à relíquia, mas não entendeu o que eles queriam dizer com "mestres". Sentiu um calafrio de medo percorrer sua espinha de cima a baixo. Pensou se o casal estaria ligado a um cartel de tráfico de seres humanos. Pensou se poderia ser parecida com alguém que eles mantivessem em cativeiro.

Olhou em volta em busca de pedestres na esperança de encontrar alguém para ajudá-la.

Ninguém apareceu. As pessoas reunidas em frente ao Duomo não podiam vê-la. Ela nem sequer estava com o celular, que continuava dentro da mochila.

– Diga a seus mestres que este indisciplinado se chama Maximilian. Eles saberão como lidar com ele. – A mulher tornou a rir.

Sem se virar, Max ergueu a mão semelhante à pata de um urso e a brandiu na

direção da cabeça da mulher.

A ruiva se esquivou.

Enquanto se abaixava, golpeou-o com a mão fechada bem nos rins.

– Sorte sua os mestres dela não estarem por aí, Max. Ela é propriedade de dois antigos; dá para sentir daqui o cheiro da idade deles.

Max soltou um urro de dor e avançou na direção da mulher como se fosse derrubá-la.

Nesta hora, sirenes soaram ao longe.

O homem maldisse Raven e cuspiu antes de disparar para um prédio próximo. Ele o escalou depressa, passando para o telhado e sumindo de vista.

A mulher levantou a saia e desapareceu correndo ao redor do Duomo.

Raven se encostou na parede externa do Duomo e deu um suspiro de alívio. As sirenes transmitiam uma esperança de que a ajuda estava a caminho.

Torceu para Bruno ainda estar vivo. Saiu das sombras e voltou andando até o beco.

De repente, uma moto Triumph imensa se aproximou vinda do Duomo e parou, derrapando os pneus depois de fazer uma curva aberta e interromper sua passagem.

– Suba! – gritou o piloto em italiano.

Capítulo 20

O motociclista usava um casaco de couro preto, calça jeans preta e botas pretas. O capacete com viseira opaca era da mesma cor.

Raven pensou se poderia ser um policial incumbido de segui-la.

Não se importou em descobrir. Começou a correr e passou ao largo dele para voltar até onde Bruno estava.

– Temos de ir. Agora! – gritou o piloto.

Raven correu mais depressa, lutando contra a dor na perna, enquanto ouvia as sirenes se aproximarem.

Quando chegou ao beco, viu Bruno caído no chão. Pôde ver sangue em seu rosto e uma poça escura nas pedras do calçamento debaixo da sua cabeça. Ele não se mexia.

Um carro de polícia entrou no beco a vários metros de distância, seguido de perto por uma ambulância.

Raven ia correr até Bruno quando um braço a envolveu pela cintura e a puxou para trás. O motociclista a segurou junto ao corpo e se afastou com a moto enquanto ela esperneava e gritava.

O motociclista era forte, mas mesmo assim era praticamente impossível dirigir com uma das mãos e segurar com a outra uma mulher que se contorcia continuamente. Ele parou perto do Duomo.

– Se você for pega pela polícia, vai ser presa – sibilou por trás da viseira. – É isso que você quer?

– Eu não fiz nada! Um homem nos atacou.

– Eles não vão acreditar. E o sangue do rapaz está na sua roupa. – O motociclista apontou para o vestido dela.

– Preciso ajudá-lo. – Ela se debateu. – Tenho que pegar minha mochila.

Ele segurou seus braços, e os dedos enluvados se cravaram em sua carne.

– Jane, *suba na moto*.

Ao ouvir seu antigo nome, ela estacou. Não conseguia ver o rosto do homem por trás do capacete. Como a voz dele estava abafada, não podia jurar que fosse o intruso.

Mas um policial não iria querer que ela fugisse, e certamente ninguém que conhecia jamais a chamava de Jane.

Antes de Raven conseguir reagir, o motociclista pôs um capacete na sua cabeça e a puxou para se sentar na garupa dele. Agarrou-a pelos braços, mas ela resistiu, tentando proteger o ombro direito.

– Está machucada? – Ele se virou no assento para examiná-la.

– O homem que nos atacou puxou meu braço.

Raven massageou o ombro com os olhos fechados de tanta dor.

– Eu dou um jeito nisso quando estivermos sozinhos.

– Você é o intruso do meu apartamento?

– Claro – disparou ele. – Quem mais iria ajudá-la?

– Me solte. Preciso ajudar meu amigo.

– Não vai poder ajudá-lo de uma cela de cadeia.

Na mesma hora, Raven pensou em Amanda Knox. Sabia que iria se arrepender da decisão, mas inspirou fundo e abraçou o intruso pela cintura.

– Segure firme – ordenou este.

A moto partiu feito uma flecha e quase caiu perto do Duomo ao fazer uma curva fechada para a esquerda, contornando-o.

Um barulho de sirene ecoou pelo ar quando outra viatura de polícia, estacionada em uma rua próxima, começou a persegui-los.

Raven fechou os olhos enquanto a moto se embrenhava no tráfego e se desviava dos outros carros, furando sinais vermelhos e desviando dos pedestres por um triz.

Mesmo assim, a viatura continuou atrás deles, agora acompanhada por outra.

O intruso aumentou a velocidade e atravessou uma das grandes pontes de carros que cruzavam o Arno, depois subiu à toda a sinuosa rua que ia dar na Piazzale Michelangelo. Árvores e casas passavam voando enquanto eles faziam as curvas em disparada.

Raven começou a enjoar, mas o motociclista não diminuiu a velocidade.

Passaram correndo pela Piazzale e, ao fazer uma curva fechada, conseguiram deixar para trás por alguns instantes os carros de polícia. A moto entrou em uma rua escondida e subiu outra ladeira, e eles saíram do campo de visão das viaturas.

O barulho de sirenes ficou mais próximo, depois se distanciou à medida que os carros passavam pela ruela e seguiam pela via principal.

Raven fez força para não vomitar, engolindo em seco a cada ânsia que sentia subir pela garganta.

O motociclista diminuiu para uma velocidade moderada e fez várias curvas antes de parar em frente a um portão alto de metal. Apertou alguns botões e o portão se abriu.

Ele entrou pelo portão, que se fechou atrás deles, e avançou por um acesso pavimentado que passava por árvores e o que parecia ser um pomar.

Pararam em frente a uma garagem de três carros isolada de outras construções.

Raven segurava o motociclista com tanta força que não conseguiu soltar. Ele teve de remover seus dedos da própria jaqueta.

– Entre. Agora. – Ele meneou a cabeça em direção à vasta e esplêndida *villa* visível graças aos refletores que iluminavam o jardim e o acesso. – Ambrogio vai cuidar de você.

Ele a ajudou a saltar da moto e tirou seu capacete.

– O braço e o ombro direitos dela estão machucados – falou para um homem que aguardava ali perto.

O piloto então virou as costas para ela e se afastou empurrando a moto até a garagem.

– *Signorina*, por favor. – O homem, que Raven concluiu ser Ambrogio, fez um gesto em direção a um caminho de pedras que atravessava o jardim até a porta dos fundos.

Ela deu um passo hesitante, então vomitou tudo que comera no jantar em cima dos sapatos impecavelmente encerados de Ambrogio e de suas pernas vestidas com uma calça de terno.

Capítulo 21

Ambrogio não disse uma palavra sequer quando o vômito de Raven se derramou sobre suas pernas e pés. Apenas passou um braço pela cintura da moça para ampará-la.

Ela continuou a vomitar até não sobrar mais nada.

– Desculpe – falou, rouca, enxugando a boca com as costas da mão trêmula.

– Entre, *signorina* – disse ele em tom calmo, demasiado calmo, como se a visão do sangue em sua pele e do vômito não só não o espantasse, mas fosse algo esperado.

Raven o encarou, curiosa.

Ambrogio tinha mais ou menos a mesma altura que ela, cabelos grisalhos e olhos escuros. Aparentava sessenta e poucos anos, e estava vestido com esmero com um terno escuro bem-cortado. Raven achou sua atitude um pouco perturbadora, mas não soube explicar por quê.

Tirou os olhos de sua expressão impassível e os mirou na garagem.

– Meu amigo Bruno está ferido. Pode ser que esteja morto. Preciso ir ajudá-lo.

– Tudo vai ser resolvido. – Ambrogio a virou de frente para a *villa* com um gesto seguro.

– Fiquei sem celular. E sem carteira. Minha mochila está no mesmo beco onde Bruno está.

– Por aqui, por favor.

Raven se virou em direção à garagem na esperança de ver o intruso.

– Mas...

– Seria melhor a senhora entrar na casa – interrompeu Ambrogio com um

tom que continha um quê de alerta.

Depois de um último olhar inútil, Raven se deixou conduzir sobre as pernas bambas até a porta dos fundos. Foi escoltada por uma copa-cozinha moderna e uma grande e opulenta sala de jantar até um espaçoso saguão central. Uma larga escadaria de madeira subia para o segundo andar, e um imenso lustre antigo reluzia suspenso no teto.

Mas foram as obras de arte que chamaram sua atenção.

As paredes pintadas de um vermelho fechado estavam repletas de quadros a óleo de tamanho e composição variadas, todos protegidos por molduras de vidro.

A visão a deixou boquiaberta, e Raven murmurou algumas exclamações atordoadas.

Havia passado anos estudando arte renascentista e restauração. Aquela coleção era composta por obras de um período que nunca tinha visto. Trabalhos de Rafael, Botticelli, Caravaggio e um que exibia uma semelhança notável com um Michelangelo a encaravam do interior das rebuscadas molduras.

Ela ergueu um dedo trêmulo e apontou para um quadro de tamanho médio na parede mais afastada.

– Aquilo é...? Não pode ser. É? – gaguejou.

– Michelangelo, sim. *Adão e Eva antes da Queda*. – Uma mulher grisalha de elegante vestido-camisa azul-marinho e casaquinho cruzou o recinto.

– Mas o consenso é que Michelangelo só terminou um quadro na vida, e ele está na Uffizi. A National Gallery de Londres tem um trabalho incompleto que talvez seja dele.

A mulher ignorou o protesto de Raven.

– Meu nome é Lucia.

– Raven – murmurou esta, atravessando o saguão para poder observar melhor o suposto Michelangelo.

– Pensei que o seu nome fosse Jane. Jane Wood – disse Lucia, seguindo-a com o cenho franzido.

– O intruso me chama de Jane, mas meu nome é Raven.

Embora parecesse espantado com seus comentários, o casal não disse mais nada.

Ambrogio informou a Lucia sobre o ferimento de Raven. Então se inclinou,

disse que iria descobrir a situação de Bruno e tentar localizar sua mochila, e desapareceu na sala de jantar.

Lucia indicou a escada com um gesto.

– Seu quarto fica lá em cima.

– De onde veio esse quadro? – Raven conseguiu indagar, fascinada.

– Faz parte da extensa coleção de Lorde William. Mas as melhores peças estão ali dentro.

A mulher meneou a cabeça em direção a uma porta dupla fechada à esquerda da escada. Com relutância, Raven tirou os olhos do quadro e olhou para a porta fechada. Como se quisesse clarear os pensamentos, balançou a cabeça.

– A senhora disse Lorde William? – sussurrou. – William York?

– Claro. – Mais uma vez, Lucia pareceu intrigada.

– O intruso se chama William York?

– Não sei nada sobre intruso nenhum. O dono desta propriedade é um cavalheiro chamado Lorde William York. Foi ele quem a trouxe para cá. – Lucia deu um passo à frente e examinou Raven com atenção. – Vou mandar chamar um médico.

– Não, estou bem. Fiquei só meio... enjoada por causa da moto. – Constrangida, ela limpou a boca. – Pode me dizer se Lorde William adquiriu recentemente algo no estilo de um Botticelli? Como uma série de ilustrações, por exemplo?

– A senhora estava sangrando – disse Lucia, ignorando a pergunta de Raven e apontando para o sangue já ressecado em seu ombro e vestido.

– Não, esse sangue é de Bruno. Meu amigo. – Raven segurou o choro. – Estou com medo de ele ter morrido. Preciso vê-lo.

– Ambrogio vai cuidar disso.

Raven encarou a mulher, desconfiada, perguntando-se por que ela estava repetindo o comentário automático do intruso.

– Preciso mesmo ir. Se a senhora puder chamar um táxi para mim, vou embora.

– Já passa de uma da manhã. O patrão gostaria que a senhora tomasse um banho e descansasse. – A expressão de Lucia não dava margem a discussão.

Raven começou a se mover em direção à porta da frente, a poucos metros de distância.

– Não quero abusar da sua hospitalidade. A senhora foi muito gentil.

– Pare. – Por um instante, o comportamento bem-educado de Lucia desapareceu e seus olhos foram tomados por uma expressão gelada. – As ordens do patrão são sempre obedecidas.

– Só quero ir para casa – sussurrou Raven.

Como se fosse a sua deixa, Ambrogio reapareceu e se postou em frente à porta, impedindo a saída de Raven. Esta o encarou, em seguida virou-se para Lucia.

– A senhora tem que obedecer ao patrão. – Lucia fez um gesto em direção à escada. – Ele estava esperando a sua volta.

– Minha volta? Nunca estive aqui antes.

– Por aqui, por favor. – Mais uma vez, Lucia ignorou o comentário e se moveu em direção à escada. Raven ergueu discretamente o pé direito, tentando avaliar se poderia correr mais depressa do que Lucia e Ambrogio e chegar à porta dos fundos. Era mais do que provável, claro, que o intruso estivesse lá fora e fosse atrás dela. Não quis pensar no que ele lhe faria caso a pegasse. Forçou um sorriso artificial e foi se juntar a Lucia na escada.

– Tomar banho e descansar parece uma boa ideia. Obrigada.

A atitude gelada de Lucia tornou-se um pouco mais calorosa enquanto ela conduzia Raven até o andar de cima. Depois de fazê-la percorrer um longo corredor central, ela parou em frente a uma porta de madeira alta.

– Aqui, por favor. – Lucia abriu a porta.

Assim como o restante da casa, o quarto espaçoso tinha um piso de tábua corrida escura coberto por tapetes antigos de trama intrincada. Uma imensa cama de baldaquino com cortinas de veludo cor de vinho ocupava o centro da parede à esquerda.

As paredes eram pintadas da mesma cor das cortinas, e todos os outros móveis do recinto eram de madeira escura e encerada, com exceção de um grande divã perto do que parecia a entrada de um banheiro anexo. O divã era forrado de veludo vinho e tinha uma única almofada de adamascado dourado.

Ao passar pela soleira, Raven sentiu um arrepio na nuca. Alguma coisa naquele quarto parecia familiar. Ignorou Lucia, foi até a cama e reparou que um roupão branco de algodão turco tinha sido arrumado ao pé do móvel junto com

um par de chinelos. Sobre o edredom coberto por uma colcha de adamascado dourado havia uma longa camisola azul de seda.

– Se puder sentar, eu examino seu ombro. – Lucia fez um gesto na direção do divã, e Raven se sentou na beirada.

Foi então que viu o quadro.

Na parede em frente à porta, portanto inicialmente escondido pelas cortinas da cama, havia um grande óleo pendurado atrás de um vidro. Raven se virou para a direita e esticou o pescoço para ver melhor.

Arregalou os olhos, chocada.

Sem dizer nada, passou por Lucia para observá-lo de perto.

A composição era semelhante, quase idêntica ao do *Primavera* de Botticelli, só que em escala menor. Havia três diferenças notáveis: a figura de Flora estava ausente nessa versão, e Mercúrio e Zéfiro tinham aparências radicalmente diferentes das do quadro exibido na Uffizi.

Aquele Mercúrio ali tinha olhos cinzentos e uma coroa de cabelos curtos e louros.

Ao encarar aquele rosto, Raven pensou na mesma hora no desenho que tinha feito alguns dias antes. Aquele que desaparecera misteriosamente após a primeira visita do intruso.

E havia também a figura de Zéfiro, do lado direito do quadro.

Zéfiro estava vestido de azul, mas seu rosto e corpo eram decididamente cor de carne, ainda que um pouco mais pálidos que os outros personagens. Também tinha cabelos louros.

Raven olhou de Zéfiro para Mercúrio e novamente para Zéfiro. As duas figuras eram quase idênticas, a não ser pelo fato de Zéfiro ter a pele mais clara e o corpo mais musculoso. Havia também um refinamento nos traços de seu rosto que o tornavam mais belo do que Mercúrio.

Quem quer que houvesse pintado aquele quadro tinha usado o mesmo modelo tanto para Mercúrio quanto para Zéfiro. E aquele rosto não lhe era desconhecido.

Para aumentar ainda mais sua confusão, aquele Mercúrio, com seus cabelos curtos e louros, se parecia muito com o fantasma que ela havia descoberto na radiografia do *Primavera*. Era quase como se Botticelli tivesse visto aquele

quadro, copiado a aparência de Mercúrio, depois pintado por cima e mudado a cor dos cabelos de louros para castanhos. Raven ficou tonta.

– A senhora deveria se sentar. – Lucia a puxou de volta até o divã e começou a apalpar seu braço e ombro direitos.

– Não estou entendendo – murmurou Raven, com os olhos colados no quadro.

– O ombro não está deslocado. Quer uma bolsa de gelo?

Raven ergueu os olhos para Lucia, que a encarava com uma expressão desconfiada.

Fez que não com a cabeça. Tentou manter a calma, mas sua mente era um verdadeiro turbilhão.

Como William York pode ter uma reprodução do Primavera *da qual nunca ouvi falar? E como pode ser uma reprodução se o Mercúrio original de Botticelli corresponde a este?*

– Posso encher a banheira, ou a senhora pode tomar uma ducha se preferir. Talvez seja melhor esperar até depois de ter comido alguma coisa. Vou trazer um chá e torradas.

A atenção de Raven foi atraída novamente para a mulher.

– Seria melhor eu tirar estas roupas. O cheiro... – Ela não completou a frase.

– Volto já. – Lucia apontou para uma comprida e fina peça de tapeçaria pendurada do teto à direita da cama. – Se precisar de mim, puxe a corda.

Raven aquiesceu, e seus olhos tornaram a se mover na direção do quadro.

Quando Lucia chegou perto da porta, Raven perguntou:

– Vocês prepararam este quarto para mim?

– O patrão quis que a senhora ficasse aqui, neste quarto. – Lucia desapareceu pela porta.

Capítulo 22

Embora pudesse ter apreciado uma oportunidade de examinar o falso *Primavera* e o suposto Michelangelo de modo mais demorado, Raven não estava disposta a pôr sua paixão pela arte acima da própria segurança.

Tampouco iria passar a noite no quarto do tal lorde.

Era inteligente o bastante para entender que precisava esperar a hora certa para tentar fugir. A lealdade dos funcionários do intruso era perturbadora.

Após seu breve confronto com Lucia e Ambrogio no primeiro andar, decidiu que a melhor estratégia era uma obediência temporária. Sua mochila lhe fora devolvida, sem o celular e sem a relíquia. Decidiu não mencionar o assunto, uma vez que pretendia sair de fininho da casa quando todos estivessem dormindo.

Ficou aliviada ao saber que Bruno ainda estava vivo. Foi informada de que ele estava em coma induzido no hospital enquanto os médicos esperavam o hematoma em seu cérebro diminuir. Era cedo demais para dizer se iria sobreviver.

A notícia fez Raven chorar. Ela fez isso no chuveiro, onde ninguém podia escutar.

Lucia havia ficado no quarto enquanto ela usava o banheiro, como se estivesse de vigia.

Raven esfregou os cabelos e o corpo com um sabonete fino florentino com aroma de limão siciliano. Encontrou o sabonete dentro de uma caixa decorativa sobre a penteadeira e reconheceu nele o cheiro do intruso. Como era o único sabonete disponível, nem ligou para o fato de ser o mesmo que ele usava.

Depois de secar os cabelos e vestir a camisola de seda e o roupão atoalhado,

bebeu obedientemente uma infusão de folhas de hortelã e engoliu uma torrada seca e duas aspirinas.

Fingindo exaustão, disse a Lucia que iria se deitar. Felizmente, a governanta lhe desejou boa-noite e saiu do quarto.

Raven tomou cuidado para trancar a porta por dentro.

Às quatro da manhã, foi pé ante pé até o armário. Tirou a camisola e pôs um vestido verde transpassado exatamente do seu tamanho. Abaixou-se para pegar um par de sapatilhas pretas e estacou.

No chão do armário, junto a vários pares de sapatos e botas que pareciam do seu tamanho, estavam seus próprios tênis. Pegou um dos pés e o examinou. Eram os tênis pretos da Adidas que costumava usar quase todos os dias e não conseguia encontrar desde a festa de Gina.

Por que o intruso iria roubar meus tênis?

Pegou o outro pé do calçado e o virou. Havia algumas manchas cor de ferrugem na ponta.

Uma sensação de náusea a dominou quando ela se perguntou de quem seria aquele sangue em seus sapatos.

Enfiou os tênis na mochila e calçou as sapatilhas. Poderia se preocupar com as manchas de sangue depois.

Pôs a mochila sobre o ombro que não estava machucado e se esgueirou pelo corredor escuro até a escada.

Seu plano era fugir da propriedade o mais rápida e silenciosamente possível. Desceria a colina até o Arno, ainda que isso levasse horas. Então iria até um dos hotéis, pediria um telefone emprestado e chamaria a polícia.

Não havia telefone no seu quarto. Na verdade, ela não vira telefone algum na casa toda.

Sem dúvida o *ispettore* Batelli ficaria satisfeito por ela ter localizado William York e visto sua vasta e secreta coleção de arte.

Não, ela não tinha visto as ilustrações mas, dados os seus outros tesouros, era possível que estivessem com ele. Era também possível que outras obras de sua coleção fossem roubadas. Com certeza isso era informação suficiente para fazer as suspeitas da polícia recaírem onde deveriam estar: nos ombros de Lorde William York.

Desceu a escada devagar, tentando não fazer barulho. Assim como o corredor

do segundo andar, o saguão estava imerso em escuridão, embora as luzes da fachada da *villa* entrassem pelo vidro da porta da frente.

Quando chegou ao primeiro andar, reparou que as portas que conduziam à parte mais extensa da coleção de William estavam abertas.

Sentiu-se tentada pela curiosidade. Se pudesse ver com os próprios olhos as ilustrações de Botticelli, isso tornaria seu depoimento ainda mais valioso.

Caminhou pé ante pé até a entrada.

O cômodo estava escuro feito breu.

Segurou o batente da porta com uma das mãos e se inclinou para dentro da sala, torcendo para seus olhos se acostumarem com a escuridão.

– Psiquê acordou – disse uma voz baixa lá dentro.

Raven se sobressaltou e deu um pulo para trás.

– Estou surpreso que tenha demorado tanto para tentar fugir – prosseguiu o intruso em italiano.

Ela se virou, com a intenção de correr.

– Eu não faria isso se fosse você.

Raven parou. Por ora, pelo menos, seu braço e perna estavam apenas doloridos. Mas sabia que não conseguiria fugir dele a pé.

Essa compreensão a desanimou.

– Já estou furioso com você – anunciou a voz. – Não me deixe com mais raiva ainda. Entre. Agora.

– Está furioso por quê? Quem foi raptada fui eu. – Raven segurou a mochila com mais força.

– Foi você quem foi resgatada, isso sim. Teria sido acusada de tentativa de assassinato e estaria agora apodrecendo na cadeia se eu não a tivesse arrastado da cena do crime. Devo acrescentar que a delegacia fica bem perto daqui, se preferir a companhia da polícia.

Raven bufou. Não queria ter de lidar com a polícia. Uma audiência com o intruso parecia ser sua única alternativa no momento.

Ela empinou o queixo e passou pela porta.

A sala dava a impressão de ser grande, mas ela não conseguiu ver direito. Assim como o saguão, estava às escuras.

O intruso tinha a vantagem de conseguir ver na escuridão.

Ela deu mais um passo hesitante à frente e parou.

– Então William York é você?

– Por assim dizer.

– Como assim?

– Esse é um nome que uso em determinados círculos. Mas York é a cidade de onde eu venho, não meu sobrenome.

– Então qual é o seu sobrenome?

– Quer mesmo perder tempo com perguntas tão sem importância? – Ele pareceu impaciente.

– Para mim elas não são sem importância. – Ela ergueu a mochila mais alto sobre o ombro. – Por favor, quero ir para casa. Pode chamar um táxi?

Ele riu, e não foi um som de alegria.

– Você acha que me dei todo esse trabalho só para mandar você para casa de táxi? Nada disso.

Raven sentiu o coração acelerar.

– Os policiais que estão investigando o roubo na Uffizi já estão à sua procura. Se você me soltar, talvez não acrescentem sequestro à lista de acusações.

– Sequestro é a menor das minhas preocupações. E das suas também.

Raven tensionou o corpo.

– Você me trouxe até aqui. Devia estar pretendendo se revelar. Por que não me mostra o seu rosto?

– Ah, Psiquê... "A fortuna a ameaça com perigo iminente, e portanto eu desejo muito que você tome cuidado (...) você causará a mim grande tristeza, e a si mesma total destruição (...) Cuide para não cobiçar (...) ver a forma da minha pessoa, para não se privar, por curiosidade, de tão grandiosa e digna condição."

– Está citando Apuleio? – Ela soou incrédula.

– Pareceu adequado. Psiquê não se contentou com o que tinha e não quis fazer o que lhe mandava fazer.

Raven endireitou as costas.

– Não sou cachorro para me mandarem sentar ou dar a patinha.

– Claro – comentou ele, seco.

– Além do mais, Psiquê amava Cupido. Ela queria conhecer a pessoa que amava.

O intruso pareceu se aproximar.

– Ela era uma humana que se apaixonou por um deus.

– Está dizendo que você é um deus?

– Está dizendo que está apaixonada por mim? – O tom dele foi de zombaria. – Imagino que deva amar aquele rapaz que está no hospital.

Raven se retraiu.

– Não me apaixono por homens que só se sentem atraídos por mulheres bonitas.

– Se ele é atraído por mulheres bonitas, deve estar atraído por você.

Ela fez uma cara feia.

– Isso não tem a menor graça.

– Você vai descobrir em breve que nunca faço graça. Ele disse que você não era bonita?

Ela se remexeu.

– Não com essas palavras. Faz algum tempo que o conheço, e ele só prestou atenção em mim quando minha aparência mudou.

– Se ele é tolo o bastante para pensar que a beleza está na pele, e não no coração, espero que morra logo e livre o mundo de sua estupidez.

– Não diga isso! Ele é meu amigo! – Raven deu um passo para trás, às cegas.

– Você obviamente deveria repensar como escolhe amigos.

O barulho de um fósforo sendo riscado chamou a atenção de Raven.

Ao se virar, viu um único círio aceso. A vela estava posicionada em cima de uma mesa no centro da sala, ao lado de uma grande cadeira bordô.

Atrás da mesa havia um homem de pé.

Raven o encarou.

Depois de conseguir se controlar, piscou algumas vezes enquanto seus olhos se esforçavam para se acostumar à pouca luz.

O homem era mais jovem do que ela havia imaginado. Raven tinha quase 30 anos e ele aparentava ter alguns anos a menos. Tinha cabelos louros, olhos cinzentos e um rosto atraente, bonito até, com lábios carnudos e nariz reto.

Era difícil dizer mais sobre sua aparência, pois estava vestido de preto da cabeça aos pés e a sala ainda estava escura, mas parecia ter estatura e porte medianos.

Raven já sabia que aquelas roupas escondiam músculos muito mais fortes do que o seu tamanho levava a acreditar.

Encarou o rosto do intruso.

Sentiu uma secura estranha na boca e se esforçou para engolir.

Aquele era o homem misterioso que ela havia desenhado no começo da semana. Imaginou que ele tivesse roubado o seu esboço justamente por esse motivo.

Abanou a garganta com a mão enquanto tentava engolir outra vez. Não era só porque ela o havia desenhado que o rosto do intruso era conhecido. Ele apresentava uma semelhança mais do que passageira com os personagens de Mercúrio e Zéfiro do quadro no andar de cima.

Intrigada, perguntou-se como isso era possível.

– Sente-se – disse ele em inglês com um sotaque britânico, apontando para a cadeira agora vazia.

Algo naquela voz falando inglês despertou as lembranças de Raven.

Ela sentou na cadeira oferecida e ficou segurando a mochila no colo.

William indicou com um gesto uma garrafa de vinho e um copo sobre a mesa.

– Quer beber alguma coisa?

Raven fez que não e ergueu os olhos para estudar sua aparência.

Ele estava usando uma camisa social preta com os dois primeiros botões abertos e calça jeans também preta. Havia tirado as botas de motociclista e agora calçava sapatos pretos. Por algum motivo, havia arregaçado as mangas da camisa, expondo antebraços musculosos e uma pele pálida levemente recoberta por pelos finos e louros.

Em suma, devia ser o homem mais atraente que jamais vira.

– Vamos começar nossa conversa, ou prefere examinar minha coleção?

Orgulhoso, apontou para a sala.

Era difícil distinguir todas as obras à luz de uma única vela, mas Raven correu os olhos pela sala sem pressa. Havia quadros renascentistas nas paredes e esculturas de mármore posicionadas em diversos pontos da sala.

Na parede mais afastada, bem na sua frente, uma coleção de ilustrações cobertas por vidro estava disposta com capricho.

Raven deixou a mochila de lado e foi até lá.

Suas suspeitas estavam corretas. Ali estavam as ilustrações desaparecidas de Botticelli, desavergonhadamente expostas.

– Foi você quem as roubou – sussurrou.

– Posso afirmar com toda certeza que não – retrucou ele com um muxoxo.

Ela virou-se para encará-lo.

– Isso é só retórica. Você contratou alguém para roubar.

Ele indicou a coleção com um gesto.

– Elas foram roubadas de mim anos atrás. Eu só peguei de volta.

– *Dottore* Vitali disse que as ilustrações pertenceram a uma família suíça por muitas gerações antes de os Emersons as comprarem.

William estreitou os olhos.

– Essa história é comprida e não estou interessado em contá-la. Sente-se.

Teimosa, Raven ficou onde estava.

– Como conseguiu fazer seus cúmplices passarem pelos sistemas de segurança?

Ele fez um gesto amplo, como quem descarta a pergunta.

– Pare de perder tempo com bobagens. Me diga por que não está usando a relíquia que lhe dei.

– Já disse que não acredito nessa merda.

– Essa "merda", como você a chama com tanta ignorância, teria impedido o seu precioso rapaz de ser ferido. Ele agora está no hospital por sua causa. Além do mais, a polícia encontrou sua mochila ao lado do corpo dele, o que faz de você uma suspeita.

– Você deposita muita fé em objetos inanimados. – Raven relanceou os olhos para a mochila. – Se sou suspeita, como conseguiu pegar a mochila?

– Com suborno e ameaças. Devo acrescentar que estou cansado de gastar energia e recursos humanos por sua causa.

O tom de William era sério, e Raven acreditou; o espanto a fez calar por um instante.

Ele a encarou com olhos semicerrados.

– Eu lhe avisei sobre sair depois de escurecer. Você hoje atraiu a atenção de Maximilian, e só escapou por causa do milagre do Santuário.

– Como assim, Santuário? Eu não entrei na igreja.

– De onde você acha que vem a eficácia do Santuário? Da consagração do solo. Você pisou em solo consagrado, e eles não puderam segui-la.

– Como sabe que eram mais de um?

Ele fechou a cara.

– Faço questão de saber o que acontece na cidade, sobretudo em relação a

você.

Raven expirou de modo audível.

– Nunca pedi sua ajuda. Sequer o conheço.

William chegou mais perto dela.

– Nós já nos encontramos. Você só não se lembra.

– Eu me lembraria – balbuciou ela e sentiu as faces começarem a se aquecer.

William notou a reação e inclinou a cabeça de lado como se achasse aquilo curioso.

– Você me acha bonito?

– Tenho uma limitação física, e não visual – retorquiu ela.

A raiva atravessou o semblante ele.

– Ninguém fala comigo como você acabou de falar. Ninguém que mantenha a cabeça sobre os ombros.

As bochechas de Raven tornaram a se inflamar, e ela desviou o olhar.

– Não quis ser grosseira. Estava em apuros e você me ajudou. Obrigada. – Ela ajeitou os cabelos compridos atrás das orelhas. – Minha deficiência é um tema sensível para mim.

William baixou os olhos para a perna direita de Raven.

– Você está com dor?

– Só um pouco. – Ela flexionou o pé e girou o calcanhar, como se torcesse para o movimento aliviar o desconforto.

Não adiantou.

– Espere um pouco. – Passou alguns instantes calada, estudando-o com atenção. – Como você sabia qual das minhas pernas tinha um problema?

– Muito boa pergunta. – Ele a encarou com uma expressão cúmplice.

– Vai responder ou não?

– Talvez.

Raven estava prestes a dizer alguma coisa ofensiva, mas se conteve. Tentou adotar uma expressão conciliatória.

– O homem que você mencionou, Maximilian, me perguntou quem era o meu mestre. Ele disse alguma coisa sobre sangue.

– Isso eu posso explicar – respondeu William baixinho. – E se você me perguntasse educadamente por que perdeu a memória, eu lhe diria.

Ele a encarou com ar de expectativa.

Raven deu um passo na direção dele.

– Estou perguntando educadamente... por favor me diga o que aconteceu. Estou enlouquecendo tentando entender.

– Como quiser. – Ele enfiou as mãos nos bolsos.

Aguardou um pouco, como se estivesse tentando decidir por onde começar.

– Uma semana atrás, eu estava no centro depois de escurecer. Topei com uma moça sendo atacada por três homens. Eles tinham batido nela e a arrastado até um beco para estuprá-la. Não foi a primeira vez que me deparei com uma cena dessas. Sempre as ignoro.

Raven o encarou com censura.

Ele sustentou seu olhar.

– Não é tarefa minha livrar o mundo desses animais. Mas dessa vez foi diferente. Percebi que a moça era boa. Sabia que não havia tido uma vida fácil, mas que era corajosa. Mais tarde descobri que fora atacada porque tinha se intrometido ao ver um sem-teto apanhar.

Raven sentiu uma pontada de dor atrás da cabeça. Foi tão forte e tão súbita que não prestou atenção em como era estranha a afirmação de William sobre a avaliação dele a respeito de suas qualidades morais.

Mas prestaria depois.

Ouviu o som de passos rápidos e seguros que pararam a cerca de meio metro na sua frente.

– Está tudo bem?

Ela esfregou a nuca.

– Minha cabeça está doendo.

– Venha. – Ele a segurou pelo cotovelo e a conduziu até a cadeira. – Quer beber alguma coisa?

– Não. – Ela se deixou cair no assento. – O que houve com a tal moça?

– Ela estava morrendo. Eles tinham batido com a cabeça dela em um muro e causado uma lesão no cérebro.

Raven engoliu a bile que lhe subiu pela garganta.

– Ela foi estuprada? – sussurrou.

– Eu os matei antes que isso acontecesse.

Uma expressão horrorizada atravessou seu semblante.

– Você matou os homens?

– Matei.

– Por que não chamou a polícia?

– A polícia não me serve de nada.

– Você não precisava matá-los – disse ela, com a voz trêmula.

Os olhos de William emitiram um brilho frio de aço.

– Você preferiria que eu os tivesse deixado passar à próxima vítima? Outra mulher? Outro sem-teto? Ou uma criança?

– Não, mas a morte é definitiva.

– Em alguns casos. – Ele lhe lançou um olhar cheio de significado.

Raven pôde ver que havia mais, muito mais que ele não estava lhe contando. Sentiu sua compreensão do que pensava saber começar a diminuir, como uma boia salva-vidas sendo puxada de suas mãos.

Ergueu para ele os olhos arregalados.

– Como pode a morte não ser definitiva?

– Agora não é hora para questões teológicas.

William passou a andar de um ponto a outro, indo até o lado esquerdo de Raven e de volta para onde estava.

– Diante de uma mulher à beira da morte, tive que tomar uma decisão. Podia deixá-la morrer, podia apressar sua morte ou podia salvá-la. Pensei em abreviar seu sofrimento. – Ele parou de andar. – Mas não consegui. Ela não tinha feito nada para merecer aquela agressão. Sua morte teria sido uma tragédia. Então a trouxe para cá, para minha casa. Ela quase morreu nos meus braços. Não houve tempo para chamar um médico, e de toda forma duvidava que algum médico fosse poder ajudá-la. Assim sendo, fiz o que pude.

Raven estremeceu.

– Ou seja?

William se virou de frente para as ilustrações, e ela pôde ver suas costas, seus ombros largos e a cintura estreita. Ficou calado, como se estivesse lendo a resposta à pergunta de Raven nos desenhos de Dante e Beatrice.

– Usei... alquimia.

Raven encarou as costas dele.

– Tipo transformar metal em ouro?

– Não exatamente. Foi preciso tempo e cuidado, mas ela se recuperou. Virou minha hóspede. Cuidei dela, dei-lhe banho, a vesti, a alimentei. – Ele se virou de

frente para ela. – Você entende a amizade que une hóspedes e anfitriões? As regras da hospitalidade?

Ela baixou os olhos para o próprio colo.

– Hum, acho que Homero fala nisso. Esse tipo de amizade rege como um anfitrião trata as pessoas na sua casa. – Ela segurou as laterais da cadeira, e os nós de seus dedos embranqueceram. – Como você é meu anfitrião, deve me proteger e me manter segura.

Fixos nos dela, os olhos de William pareceram brilhar no escuro.

– Justamente.

Ele correu os dedos pelos cabelos louros e afastou os fios da testa.

– O que aconteceu com sua outra hóspede? – Raven se remexeu na cadeira.

William tornou a pôr as mãos nos bolsos.

– Eu a devolvi à vida. Como ela machucou a cabeça, sua memória ficou afetada. Tive certeza de que não se lembraria nem de mim, nem da agressão, e pensei que seria melhor assim. O corpo dela se curou, e a amnésia iria ajudar sua alma a se curar também.

– Alma? Isso não existe.

– Mente, então – rosnou ele. – De toda forma, esperava que, depois de ter sido curada pela minha boa ação, ela fosse viver sua vida e que isso seria o fim.

– Mas não foi – completou Raven, ainda segurando os braços da cadeira.

– Não. A mulher começou a atrair atenção para si.... uma atenção que conduziria a mim. Tentei impedir, mas ela insistiu.

Raven piscou.

– Que tipo de atenção?

– Ir ao Palazzo Riccardi e perguntar por mim nominalmente.

– Mas isso foi uma coincidência! Soube o seu nome pelo professor Emerson. Se não tivesse passado uma semana desaparecida, a polícia não teria me interrogado. E eu não teria ido à sua procura pensando que você tivesse alguma coisa a ver com o roubo.

Os olhos de William cintilaram de raiva, mas Raven ignorou a expressão.

– Você roubou a Galleria degli Uffizi e levou obras de arte preciosas. Foi isso que causou a confusão. Não eu.

William olhou para cima e falou como se conversasse com o teto.

– Um perfeito exemplo de como a jovem é absolutamente intratável. Ela não

escuta; não obedece a conselhos.

Ele ergueu os braços, frustrado.

– O que devo fazer? Me diga. Devo matá-la e violar o princípio da amizade entre hóspede e anfitrião? Ou devo, mais uma vez, tentar fazê-la ver a razão?

A respiração de Raven ficou presa no seu peito.

Ele andou na sua direção, seu rosto era uma máscara de fúria.

– Eu lhe disse para sair da cidade. Você se recusou.

– Você invadiu meu apartamento. Não quis me dizer quem era. Teria sido irracional escutar o que dizia.

Ele se inclinou por cima dela, e os olhos cinzentos se cravaram nos seus.

– Eu lhe dei uma coisa para protegê-la, mas você chamou de "merda". Hoje, atraiu a atenção de duas pessoas que me viram na sua companhia depois que você foi atacada. É só uma questão de tempo para eles perceberem que não a deixei morrer. Minha boa ação vai ser descoberta, assim como a minha fraqueza.

– Que fraqueza? – sussurrou Raven, sem conseguir desviar os olhos.

– Você. – Ele ergueu a mão e tocou sua bochecha.

Raven ignorou a sensação daquele toque e olhou na direção da porta. Sentiu pânico, como se estivesse em pé na beira de um precipício. A qualquer momento, seu anfitrião poderia empurrá-la.

E ela não conseguia correr.

Seus pensamentos se embaralharam, e ela se perguntou o que aconteceria se estendesse a mão para pegar a vela. Estaria disposta a correr o risco de aleijá-lo para conseguir fugir? Teria coragem de jogar a vela em um dos quadros e destruir uma obra de arte de valor incalculável?

Os olhos de William observaram sua reação e ele baixou a mão.

– O que devo fazer com você, Jane?

Raven tornou a encará-lo.

Ele a olhava com uma expressão conflituosa.

– Devo me mostrar desprovido de honra matando uma hóspede na minha própria casa?

– Você disse que eu era a sua fraqueza. – A voz dela engasgou com a última palavra; seu corpo tremia.

– E é.

Ela limpou a garganta com um pigarro.

– Se me matar, todo o seu esforço terá sido em vão.

Os olhos de William se estreitaram de modo quase imperceptível.

Raven ergueu um dedo e tocou a cicatriz na própria testa.

– Você disse que não tinha a intenção de que eu me machucasse. – Ela o encarou à espera de uma explicação. – Limpou meu sangue com seu lenço.

Ele moveu os olhos para a cicatriz.

– Por favor – implorou ela, sabendo que sua vida estava em jogo. – Se a sua história for verdade, você me salvou de ser estuprada e morta. Iria me matar agora, depois de tudo isso?

Ele fechou os olhos por alguns instantes.

– *Cassita vulneratus* – sussurrou.

Quando Raven escutou essas palavras, sua mente foi invadida por imagens. Viu o rosto de William, e os rostos do homem e da mulher que a haviam perseguido até o Duomo.

Viu a si mesma em um beco escuro, com as mãos cobertas de sangue.

Viu a si mesma no quarto de William, deitada em sua cama, e o viu em pé ao seu lado com uma expressão atormentada no rosto.

Ouviu sua voz murmurar em inglês e em latim.

– Cotovia ferida – traduziu, erguendo os olhos para os dele, assombrada.

Os lábios de William se curvaram em um meio-sorriso.

– A cotovia ferida de lindos olhos verdes e uma enfurecedora alma corajosa.

Raven desviou o olhar enquanto tentava dar sentido às imagens que acabara de ver. A menos que ele fosse um hipnotizador e mestre no poder da sugestão, estava começando a se lembrar do que havia lhe acontecido. Para seu próprio choque, as lembranças batiam com a história que ele havia lhe contado.

Envolveu o corpo com os braços, tentando administrar o medo e o assombro que a dominavam.

– Fui a uma festa naquela noite – refletiu em voz alta. – Não conseguia me lembrar do que tinha acontecido depois.

– Você sofreu uma lesão no cérebro.

Ela ergueu os olhos para ele.

– Foi por isso que encontrei meus tênis no armário lá em cima?

Ele assentiu.

– Suas outras roupas se estragaram... manchadas de sangue.

Ela sentiu o estômago revirar.

– O sem-teto que você mencionou era Angelo? O homem que ficava perto da Ponte Santa Trinità?

– Não sei o nome dele, mas foi lá que encontramos o corpo.

Os olhos de Raven se encheram de lágrimas.

– Ele nunca fez mal a ninguém. Tudo que fazia era desenhar anjos e pedir esmola aos passantes.

William observou a reação de Raven, e uma emoção desconhecida foi tomando conta de seu peito.

– Pelo que pude concluir, você viu o sem-teto ser atacado e interveio. Foi por isso que eles se viraram contra você. Você é nobre, mas lhe falta prudência.

– O que eu deveria ter feito? Ficado parada olhando? – Seus olhos verdes chisparam.

Com um gesto, ele indicou a mochila de Raven.

– Você tem um celular. Por que não o usou?

– Não me lembro. Devo ter pensado que não havia tempo para esperar a polícia.

– Justamente. – Ele a encarou com um olhar que já dizia tudo.

Ela passou a mão pelos olhos.

– Minha memória vai voltar?

– Não sei. – O tom dele foi sincero. – Talvez o fato de você não se lembrar seja uma misericórdia.

Ela assentiu, distraída.

Após alguns instantes, algo lhe ocorreu.

– Você disse mais cedo que sabia que eu era boa e por isso interveio. Como pode dizer que uma pessoa é boa apenas olhando para ela?

– É uma habilidade que adquiri com o tempo, que tive de sobra.

– Não devo ser muito mais velha do que você. Isso faz parte da sua alquimia? – Ela o observou com atenção.

A postura dele era casual, casual demais.

– Um tipo de alquimia, talvez. Na maioria das vezes, os julgamentos têm por base percepções. Seu caráter ficou óbvio para mim quando você estava à beira da morte.

Raven sentiu o estômago se revirar e ficou de costas para ele.

– O que você me deu para salvar minha vida?

William abriu a boca para responder, mas parou. Reparou na postura tensa dela, em seus olhos ainda úmidos e na fúria com a qual ela se agarrava à cadeira.

– Acho que você já ouviu o suficiente por uma noite – falou, baixinho. – Vá dormir. Amanhã continuamos esta conversa.

– Quero saber sobre a alquimia. Quero saber por que meu machucado sarou tão rápido. – Ela indicou a própria testa com um gesto.

Ele estendeu a mão e tocou a cicatriz com um dedo leve feito uma pluma.

– Que tragédia – comentou, em um tom cheio de significado.

Raven ouviu naquela voz muito mais do que uma descrição da sua cicatriz. Pelos olhos e a expressão dele, pela forma como a acariciava, começou a acreditar que William não queria machucá-la.

Ele retirou a mão.

– Eu lhe dei algo para curar suas lesões, mas a mudança na sua perna é temporária. Já está começando a se reverter.

Uma expressão de horror atravessou os traços de Raven.

– Temporária?

– A menos que o tratamento seja repetido – explicou ele, olhando fundo nos seus olhos.

– Minha lesão na cabeça vai voltar? Vou morrer? – O coração de Raven batia forte dentro do peito.

Ele deslizou a mão sob seus cabelos e a tocou na nuca.

– Olhe para mim – ordenou, e o tom ríspido contrastou com a suavidade do toque.

Ele levou o rosto junto ao dela.

– Os ferimentos mortais foram curados. Mas a sua aparência e a antiga sequela na perna vão voltar ao que eram antes, talvez com algumas pequenas variações.

Ela baixou os olhos para a boca dele.

– Como é possível?

– Como é possível uma relíquia deter um fera e um solo consagrado repelir Maximilian e Aoibhe?

– Você é um assassino – disse Raven, mudando de assunto.

Ele nem sequer pestanejou.

– Sou.

– Assassino e ladrão.

William soltou seu pescoço e se endireitou.

– Com relação às ilustrações, só fiz recuperar o que era meu.

– Mas você foi ver se eu estava assustada depois de ver o policial ser morto.

Ele meneou a cabeça uma vez.

– E foi me procurar hoje, quando achou que eu estava correndo perigo. Agora descubro que brigou com três homens para salvar minha vida, mesmo sem me conhecer. – Ela ergueu os olhos para ele, assombrada.

Ele segurou seu rosto com as duas mãos.

– Eu conheço você. Sei que mora sozinha e tem poucos amigos. Sei que anda com uma bengala por causa da sua perna e do tornozelo. Sei que chora por causa de um sem-teto e que arriscou a vida para salvá-lo. Sei que, apesar da tranquilidade e simplicidade da sua vida, você foi mais feliz em Florença do que em qualquer outro lugar.

Ele traçou um círculo na sua bochecha com o polegar antes de tocar seu maxilar.

– Você é minha maior virtude e meu vício mais profundo.

Ele se inclinou para a frente e encostou os lábios nos dela.

Quando sua boca tocou a de Raven, angústia e desejo brotaram em seu peito, e seu beijo se fez mais firme e insistente. Ele traçou com um dedo uma tentadora trilha por seu lindo pescoço e grunhiu, um ruído rouco e carnal.

Raven foi pega de surpresa. No início ficou imóvel, tentando entender o que estava acontecendo. Ao ouvir o grunhido dele, que interpretou como uma indicação de genuíno desejo, relaxou junto ao seu corpo.

William tinha uma boca sensual e lábios mais macios do que ela esperava. E beijava com a intensidade de um condenado.

De repente, ele se afastou.

– Boa noite, Cassita. – As palavras não eram uma sugestão, e sim uma ordem.

Ele virou as costas para ela e andou até o outro lado do cômodo, onde estavam expostas as ilustrações de Botticelli.

Raven quis lhe fazer perguntas. Quis lhe perguntar por que a havia beijado. Por que havia mudado de ideia e parado.

Quis perguntar sobre o remédio que ele havia usado para salvá-la.

A disposição dele mudara. Parecia irritado, zangado até, e ela ficou cautelosa.

A cautela bastou para fazê-la obedecer ao comando e adiar a fuga. Havia perguntas sem resposta demais para ela ir embora agora.

Sem dizer nada, pegou a mochila e saiu do quarto, tocando os próprios lábios com assombro.

Capítulo 23

William foi até sua biblioteca, fechou as portas e as trancou por dentro. Estantes ocupavam as paredes do chão ao teto abobadado. Uma escada de metal corria por um trilho que contornava todo o recinto, permitindo alcançar até a prateleira mais alta.

Não que ele precisasse da escada.

Pelos imensos painéis de vidro que formavam o telhado, pôde ver a lua e as estrelas piscando lá em cima. Ano após ano, século após século, havia fitado aquele mesmo céu. E a reação do céu era sempre a mesma: uma linda e fria indiferença.

Igualzinho a Deus.

O pensamento lhe arrancou um rosnado.

Não havia escolhido aquela vida; ela lhe fora imposta.

Isso diz muito da justiça que governa o Universo. Dante foi um bobo por acreditar nesses mitos. Alguns de nós são amaldiçoados pelos atos alheios e exilados no inferno sem terem cometido erro algum.

Era raro ele se permitir pensamentos assim. Eles instigavam sua raiva e punham sua disciplina à prova. Nessa noite, foi impossível afastá-los.

Servira a Deus mesmo depois de Deus tirar o que ele mais amava. E de maneira doentia e cruel.

E então Deus lhe roubara novamente.

Por duas vezes tinha visto a bondade sumir do mundo, a própria vida se esvair. Por duas vezes, não conseguira impedir que isso acontecesse. Na terceira, ao topar com Cassita, tivera o poder de fazer alguma coisa.

E tinha *mesmo* feito alguma coisa.

O mais interessante era que a bondade de Cassita não era fria e indiferente, como sua reação retardada ao beijo indicava.

Pensar isso o deixou perturbado.

Sentando-se atrás da escrivaninha de madeira, abriu a gaveta do meio e pegou uma pequena caixa de veludo preto.

Abriu-a.

Um rosto bonito o encarou de trás do vidro.

Era um rosto de mulher, uma mulher jovem e bela, com grandes olhos azuis e uma farta cabeleira de cachos compridos louros-arruivados.

Ao acariciar a face da moça, William se lembrou de sua raiva, enterrada tempos antes. Lembrou-se dos séculos de desespero e desesperança que havia suportado até a noite em que encontrara a moça de olhos verdes caída em um beco.

Com o rosto gravado com firmeza na mente, fechou a caixa e a recolocou no lugar, então fechou a gaveta.

◆◆◆

Na manhã seguinte, Raven acordou tarde. Tinha passado a maior parte da noite se revirando na cama, com a cabeça a mil, preocupada.

Encontrou sobre a mesa de cabeceira um cartão indicando que deveria chamar Lucia para pedir o café da manhã. O cartão em si não tinha nada de mais. O fato notável foi que Raven se pegou estreitando os olhos para conseguir ler a elegante caligrafia de Lucia.

Sentiu um peso no peito ao entender que a sua visão, assim como todas as outras mudanças em seu corpo, estava voltando ao que era antes de William resgatá-la.

Se é que ele a havia mesmo resgatado.

À luz clara do dia, pensou se a história dele seria verdadeira. William dizia que ela havia sofrido um traumatismo craniano mas, tirando uma ou duas dores de cabeça e a perda de memória, não havia qualquer indício físico desse fato.

Havia, é claro, a estranha questão da sua mudança de aparência. Perguntou-se como William teria conseguido causar isso.

William.

Assim como o homem a quem pertencia, o nome era traiçoeiro. O exterior atraente e o nome elegante não combinavam com o criminoso com tendências violentas.

O homem que a havia beijado na noite anterior.

Sua prática em matéria de beijos era limitada, mas ela soubera reconhecer a experiência dele. O reconhecimento fora acompanhado pelo banho de água fria da culpa.

William era bonito e sabia ser encantador. Com certeza a ajudara em mais de uma ocasião. Mas era um ladrão de obras de arte, fazia parte da forma quase mais reles de ser humano que existia.

E eu o deixei me beijar.

Raven disse a si mesma que não o havia afastado porque estava abalada emocionalmente. Estava assustada. Não podia sentir atração por um criminoso.

Para ser mais exata, não podia se permitir sentir atração por um criminoso. Independentemente de qualquer outra coisa.

Vestiu um roupão para receber Lucia e ficou encantada quando a mulher serviu seu café da manhã tardio na varanda do quarto.

Agradeceu o fato de a bandeja conter duas aspirinas, pois a perna e o tornozelo estavam doendo. Se a dor piorasse, teria de recomeçar a tomar os analgésicos tinha receitados pela médica.

Pensar isso a fez suspirar.

Enquanto aproveitava o sol do meio-dia, naturalmente começou a pensar na noite anterior.

William York era o responsável pelo roubo das ilustrações da Galleria degli Uffizi. Se algum dia elas tinham lhe pertencido, Raven não sabia dizer. Com certeza a história dele conflitava com o relato fornecido pelos Emersons.

Além do mais, William parecia quase jovem demais para ser um colecionador de arte sério. A coleção reunida no primeiro andar competia com a de muitos museus em qualidade, e talvez até em quantidade, o que levava Raven a pensar que fora adquirida por sua família ao longo de muitas décadas, senão séculos.

Como o professor Emerson já tinha nomeado William como um suspeito em potencial, era mais do que provável que ele fosse investigado. Sabendo que era

culpado, Raven se perguntou por que não havia saído da cidade e voltado para a Inglaterra.

Baixou os olhos para o brioche doce do qual já comera metade. De repente, havia perdido o apetite.

William dizia ter salvado sua vida e matado por isso. Embora fosse possível ele ter mentido em relação a isso também, Raven não conseguia explicar as estranhas imagens que continuavam a invadir sua consciência, imagens de um beco escuro, de sangue e dos rostos do homem e da mulher que ela vira na noite anterior.

E havia também o fato de ter desenhado o rosto de William antes de vê-lo. Ela já o devia ter encontrado antes.

Se William havia matado para protegê-la, ela com certeza não aprovava isso. Sabia, porém, que sua história seria demasiado fantástica para a polícia acreditar. Já tivera problemas suficientes com a lei.

Poderia tentar convencer William a devolver as ilustrações para que todos pudessem apreciá-las, em vez de relegá-las a uma sala particular em sua *villa*. Considerando sua atitude e o modo como ele havia se referido às ilustrações, não seria uma tarefa fácil.

Uma sombra se estendeu sobre a mesa.

– Bom dia – cumprimentou William. – Descansou bem?

– Tive dificuldade para dormir. – Ela fechou mais as bordas do roupão. – Quer tomar café comigo?

– Eu já comi. – Ele saiu do sol e voltou para dentro do quarto, onde ficou parado no vão da porta.

Ela achou o movimento estranho.

– Não quer sentar sob o sol?

– Não – respondeu, com um tom de decoro na voz.

Raven indicou sua pele clara com um gesto.

– Você se queima com facilidade?

– Acho o sol incômodo e tenho tendência a evitá-lo. O café da manhã está do seu agrado?

– Sim, obrigada.

Raven sentiu-se pouco à vontade comendo na sua frente, sobretudo uma vez que a sua cintura havia engrossado de modo visível durante a noite. Empurrou a

bandeja para longe, deu um golinho no café e olhou para os vastos jardins e árvores nos fundos da *villa*.

– Sua casa é linda.

– Obrigado.

Raven mudou de posição na cadeira para olhá-lo. Suas roupas estavam impecáveis e limpas, embora ele parecesse estar usando a mesma camisa e jeans pretos da noite anterior.

Raven concluiu que ele devia estar usando roupas novas parecidas com as outras.

– Você sempre se veste de preto?

Ele pareceu espantado com a pergunta.

– Ah, sim.

– O dia está quente e ensolarado. Não está com calor?

– Na verdade, não. – Ele se tensionou.

A proximidade dele a fez pensar no beijo que haviam trocado na noite anterior. Lembrou-lhe também que ele tivera de se convencer a não matá-la. Estava na hora de se libertar daquela situação.

– Obrigada pela sua hospitalidade e por ter me resgatado na noite passada. Preciso mesmo ir andando. Gostaria de visitar Bruno no hospital. – Ela pousou a xícara de café na bandeja e lhe abriu um sorriso calculado para desarmá-lo.

– Infelizmente, não posso deixá-la ir embora.

Uma sensação de alarme se instalou no corpo de Raven.

– Por que não?

– Precisamos ter uma conversa mais longa. Vou deixá-la à vontade para se vestir e esperá-la no primeiro andar. Você tem uma hora.

Raven observou-o atravessar o quarto em direção à porta com as costas retas feito um poste.

– Não quero esperar – chamou ela. – Vamos conversar agora.

William parou por alguns instantes, então se virou. Não parecia satisfeito.

– Não podemos conversar aqui.

– Por quê?

Ele se reaproximou dela tão depressa que foi quase um borrão.

– Porque a sua proximidade da minha cama me lembra todas as coisas que eu preferiria estar fazendo com você.

A boca de Raven se escancarou.

William demorou alguns instantes para recuperar o controle, tentando forçar o corpo a obedecer à mente.

– Vista-se e desça.

Ele voltou à porta e a fechou ruidosamente atrás de si.

Atônita, Raven continuou sentada na cadeira.

Não estava acostumada a receber atenção masculina. Em geral, havia sido tratada meio como um papel de parede ou uma peça de mobília.

Na faculdade, tivera dois namorados. O primeiro era afetuoso, mas não especialmente apaixonado. O segundo fora infiel. Nenhum dos dois jamais havia olhado para ela como William acabara de fazer, nem mesmo em seus momentos mais íntimos e secretos.

William a tinha visto e desejado. Sabia que ela não vestia tamanho 36 nem tinha um físico delicado. Mesmo assim, a queria na sua cama.

Tentou conciliar a expressão de desejo febril e a ternura com a qual ele a havia beijado na noite anterior. E o modo como a chamara de Cassita.

Ele nem sabe o meu nome de verdade.

Essa compreensão bastou para fazê-la parar de especular sobre o desejo de William e seu provável talento na cama. Não estava solitária e desesperada o suficiente para trocar o amor-próprio (e o nome) por uma tarde de prazer.

Além do mais, ele é um criminoso.

Precisava se lembrar desse fato.

Havia também o probleminha da raiva de William. Ele parecia zangado consigo mesmo por desejá-la.

Pensou se ele estaria com raiva porque ela estava atrapalhando sua bem-ordenada vida de criminoso ou por outros motivos. Sentir-se atraído assim provavelmente lhe desagradava, pois ele sabia que havia florentinas excepcionais à sua disposição.

Decidiu não perder tempo com o assunto. Havia muito que não acreditava mais que todos os quebra-cabeças do universo tivessem solução. Alguns não tinham, e ela desconfiava que William fosse exatamente um desses.

Os embates íntimos de um criminoso não eram problema seu.

Com um andar que lhe exigiu muito esforço, foi até o armário. Ao percorrer os cabides e as prateleiras de roupas, constatou que havia peças de vários

tamanhos, desde o que ela vestia havia poucos dias ao que usava antes de perder a memória.

Ou William havia providenciado roupas para ela quando estava lhe salvando a vida, ou previra sua volta a um tamanho maior. Raven não sabia o que pensar sobre nenhuma das duas possibilidades.

Escolheu um vestido de alcinha cor de framboesa, que contrastaria com o verde dos seus olhos, um cardigã branco e um par de sandálias simples de salto baixo. Então se trancou no espaçoso banheiro para se aprontar.

◆◆◆

Quando Raven chegou ao primeiro andar, Lucia estava à sua espera. Acompanhou-a até uma sala mais adiante no corredor, que disse ser a biblioteca, abriu a porta e a deixou na companhia de William.

Raven considerou a descrição *biblioteca* um eufemismo grosseiro. O cômodo era maior do que o arquivo central da Galleria degli Uffizi. Ela encarou os livros boquiaberta, andando em círculos e tentando absorver a imensa e variada coleção.

Ficou assombrada que alguém tão jovem tivesse conseguido reunir um acervo tão extenso. Teria dado qualquer coisa para poder passar muitas horas examinando as prateleiras.

William estava em pé nos fundos do recinto, fitando os jardins a partir de uma imensa janela que ia do chão quase até o teto abobadado. Ele não se virou.

Um concerto de piano de Rachmaninoff tocava. Raven reconheceu a música, que parecia sair de lugar nenhum e de todos os lugares ao mesmo tempo. Olhou em volta à procura de sua origem, mas não conseguiu encontrá-la.

Resistiu ao impulso de mancar e andou até uma cadeira em frente à escrivaninha dele, onde se sentou com um ganido que mal conseguiu conter.

– Está com dor? – perguntou ele, ainda de frente para a janela.

– Um pouco. A aspirina está ajudando.

Ele se virou.

– Posso fazer a dor passar.

– Como?

– Com alquimia.

Ela torceu o nariz.

– Em que consiste a alquimia?

– Prepare-se para ver seu universo se expandir, Jane.

O som de seu antigo nome a fez se retesar.

William recostou o quadril na frente da grande escrivaninha e cruzou os braços diante do peito.

– Ontem à noite você disse que não existe alma. Sua descrença não nega a realidade.

– E as suas crenças, por mais fantásticas que sejam, não criam a realidade.

A expressão de William se endureceu.

– Sua ignorância vai matá-la.

– Então me explique. – Ela imitou sua postura. – Você só vem falando por meio de enigmas e sandices esotéricas. Chegou a hora da verdade. Quem é você e em que está envolvido? Por que isso me coloca em perigo?

Os olhos de William irradiaram um fogo cinzento.

– Você viu o fera com seus próprios olhos. Ontem à noite, encontrou Maximilian. Qualquer um deles poderia ter sugado sua vida em questão de minutos.

– Achei que Florença fosse relativamente segura à noite. Vou tomar mais cuidado.

– Você precisa parar de ser tão dogmática e abrir os olhos – disparou William. – Estava usando uma relíquia, e o fera manteve distância. Correu para um solo consagrado, e Maximilian não a seguiu. Isso não basta como indício empírico do sobrenatural?

Raven abriu a boca para rebater, mas pegou-se incapaz de formular uma resposta inteligente.

William balançou a cabeça.

– Raciocine. Use os seus poderes de observação. Eles não decidiram ficar longe de você; foram forçados a manter distância. De que outras provas você precisa?

– Concordo, eles me evitaram. A questão é: por quê? Talvez haja algum fundo de verdade na sua crença em relíquias e no poder do Santuário. Mas talvez seja só um efeito placebo.

William afastou o quadril da escrivaninha e rosnou.

Raven se inclinou para trás na cadeira.

O som que saía do peito dele era inconfundível: estava rosnando feito um animal. Ela não soube o que fazer ao perceber isso.

William chegou mais perto.

– Sua perna ficou temporariamente curada, e sua aparência física mudou. Quais são as suas explicações científicas para isso?

– Não tenho nenhuma. Escute, Sr. York, acho que mereço a verdade. Alguma coisa estranha aconteceu comigo. Minha memória está confusa. Diga o que me deu e pronto, para eu poder ir consultar um médico.

– Um médico não saberia o que fazer com você. Ele tiraria seu sangue, faria um teste e descobriria que ele contém substâncias totalmente estranhas à biologia humana.

Raven se sobressaltou, visivelmente abalada com o que ele dissera. Lembrou-se dos comentários da médica sobre seu exame de sangue e a incompetência do laboratório, que acusara de contaminar a amostra.

– O que você me deu? – sussurrou.

– Você está fazendo a pergunta errada. Deveria estar perguntando *quem sou eu*.

Raven pressionou os lábios um contra o outro.

– Eu sei quem você é. Um ladrão que roubou as ilustrações da Uffizi.

– Como já disse, não roubei as ilustrações. Elas foram roubadas de mim originalmente.

– *Dottore* Vitali disse que elas pertenciam a uma família suíça desde o século XIX.

William inclinou a cabeça para um dos lados.

– De quem essa família as comprou?

Ela deu de ombros.

– Não sei.

– Justamente. Elas apareceram na Suíça depois de serem roubadas de mim.

– Antes da virada do século XIX? – Raven riu. – Mas nesse caso você teria...

– Sim.

Ela revirou os olhos, sem acreditar.

– Qual é a sua ligação com o Palazzo Riccardi?

– Não é da sua conta.

– O quadro no seu quarto lá em cima, de quem é?

William ficou parado, imobilizando-a na cadeira com um olhar tão intenso que Raven chegou a senti-lo na pele.

– Você sabe de quem é.

– Nunca vi o quadro antes.

– Na verdade, viu sim, quando a trouxe aqui para salvar sua vida. É de Botticelli, claro.

– Impossível.

– Por quê?

– Por causa de Mercúrio e de Zéfiro. Os rostos deles... – Ela se interrompeu, confusa.

– Não é impossível. Use os seus poderes de dedução.

– Estou usando. Conheço todas as obras de Botticelli. Nunca vi esse quadro antes.

Ele sorriu.

– Porque faz anos que ele é meu, e não deixo ninguém ver.

– Há quanto tempo está com ele?

William contraiu o maxilar.

– Desde que foi pintado.

Raven soltou uma gargalhada desdenhosa.

– Bela tentativa, seu idoso. Botticelli morreu em 1510.

– Ele quase morreu antes. Quando descobri que tinha pintado meu retrato em uma obra, decidi matá-lo. Ele me ofereceu algumas coisinhas e mudei de ideia.

Raven se levantou e começou a andar em direção à porta.

– Não acho graça nos seus delírios. Sinto é pena. Você precisa procurar ajuda, e eu preciso ir para casa.

William passou por ela em um borrão e se postou diante da porta, impedindo-a de sair.

Chocada, Raven arregalou os olhos.

– Como fez isso?

– Sou rápido. – Ele se afastou da porta e andou na direção dela.

Ela recuou, erguendo a mão como se quisesse mantê-lo afastado.

– Você é perturbado. Me deixe ir embora.

Determinado, ele continuou a se aproximar.

– Se eu a deixar ir embora, todo o meu esforço terá sido em vão. Alguém como Max vai encontrá-la e matá-la. Ou coisa pior.

Ela gelou.

– Como, por exemplo...?

William parou quando seus pés estavam quase se tocando.

– Fazer de você sua favorita até se cansar.

Ele estava tão próximo que ela pôde sentir seu hálito no rosto.

Concentrou-se na porta, esforçando-se para não se deixar distrair pela proximidade do intruso.

De repente, entendeu.

– Você faz tráfico de pessoas. – Encarou o rosto dele. – Vende-as como escravas sexuais.

A expressão de William mudou depressa de raiva para surpresa, e então para uma expressão divertida.

– Não exatamente.

– Quem mais tem seres humanos como favoritos?

– Os que se alimentam deles.

– Se alimentam? – Com os olhos cravados em William, Raven começou a recuar. – Você é um canibal.

William se empertigou até atingir sua altura completa.

– Não exatamente. Sou um vampiro.

Capítulo 24

Se o tempo pudesse ser medido em grãos de areia a escorrer por uma ampulheta, teria havido areia suficiente para construir um pequeno castelo no fundo da ampulheta. Foi esse o tempo que Raven levou para processar e reagir à declaração de William.

– Você é um doente.

(Devido à natureza fantástica da afirmação, achou difícil ter uma reação mais descritiva.)

– Não sou, não. – A irritação de William era visível. – Minha saúde é perfeita.

– Acho que canibalismo significa doença mental. Não pretendo tratar isso de modo casual, porque está claro que você precisa de ajuda. E de um nutricionista.

Apesar de não estar tentando ser engraçada, Raven se pegou rindo de nervoso.

William não achou graça.

Passou por ela, deu a volta na escrivaninha e abriu uma das gavetas laterais.

Raven deveria ter aproveitado a oportunidade para fugir da biblioteca, mas ficou curiosa para ver o que ele estava fazendo. Até perceber que ele estava pegando uma adaga.

Era uma arma antiga e nada pequena, com cabo de ouro.

– Para que é isso? – Ela começou a recuar para longe dele.

– Vou desafiar sua opinião em relação ao sobrenatural. Recomendo que fique. Vai querer ver o que vai acontecer.

Raven continuou a se mover na direção da porta, mas sem tirar os olhos dele.

William foi até uma das estantes e pegou um livro grande e pesado. Ela percebeu que era um exemplar da *Divina Comédia*, de Dante.

Ele pôs o livro no centro da escrivaninha. A música ficou mais alta, e ele relanceou os olhos na direção dela.

Raven tocou a maçaneta e girou, ansiosa para sair.

Infelizmente, a maçaneta não se moveu.

Ela tornou a tentar. A porta estava trancada.

– Jane – chamou ele.

Raven estava prestes a socar a porta e gritar por Lucia quando o viu pousar a mão esquerda sobre o livro.

Sem deixar de encará-la, ele ergueu a adaga e a cravou nas costas da mão.

Raven deu um grito.

– Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus do céu! O que está fazendo?

Sem pensar na própria segurança, correu para a frente, ignorando a dor na perna.

Viu um fluido quase negro escorrer do ferimento na mão dele. Pensou se poderia ser sangue.

– Está tudo bem, William. Você vai ficar bem. É só um corte – mentiu ela, enquanto tirava o cardigã branco dos ombros. – Vamos levá-lo para o hospital. – Tentou pressionar a roupa em volta da adaga ainda espetada na mão dele e prendendo-a ao pesado livro na mesa.

A expressão de William era impassível.

Ele não havia gritado. Nem sequer esboçara reação.

Com calma, ele afastou o cardigã e, com um puxão forte, retirou a adaga.

O barulho foi nauseante.

– Por que fez isso? Você vai sangrar até morrer! – Raven empurrou o casaco em direção à mão dele.

Mais uma vez ele a afastou. Com um lenço, limpou a substância escura do meio de sua mão e a ergueu na frente dela, com a palma virada na sua direção.

O buraco era tão grande que Raven podia ver do outro lado.

A adaga devia ter estilhaçado os ossos ou talvez não tivesse atingido osso algum. Ela não conseguiu ter certeza.

Largou o cardigã no chão.

– Puta merda.

William deu a volta até seu lado da escrivaninha e ficou em pé na sua frente.

– Observe com atenção – falou, em tom de ameaça.

Instantes depois, a ferida começou a fechar. Raven ficou olhando enquanto um filme leitoso se formava sobre o buraco. Tendões e pele pareceram se reconstituir por cima desse filme bem diante dos seus olhos.

Ele moveu a mão para expor tanto as costas quanto a frente. A ferida tinha sumido.

Pensando que fosse uma ilusão, Raven segurou a mão dele e a examinou com atenção.

Correu o dedo pela palma. A textura era de pele, e não de uma prótese. Nem sequer conseguiu ver uma cicatriz.

Sobre a escrivaninha, o livro ainda exibia uma grande e funda incisão.

Ela ergueu o rosto.

– Como você fez isso?

– Posso repetir a experiência, se você quiser. Poderia repetir mil vezes, mas o desfecho será sempre o mesmo. Não sou humano; sou um vampiro.

Raven soltou a mão dele e tentou correr para a saída.

Ele a impediu.

Em seguida, ergueu as mãos com as palmas viradas na sua direção.

– Jane.

Ela recuou até a escada de metal e subiu até o alto, aos gritos.

– Socorro! Socorro!

– Ninguém vai vir ajudá-la. Lucia, Ambrogio e os outros fazem exatamente o que eu digo, sem exceção. – William se postou no pé da escada. Não parecia satisfeito. – Desça daí antes que caia.

– Não chegue perto de mim! – Ela estendeu a mão e pegou um atlas bem pesado em uma das prateleiras.

– *Sard* – praguejou ele e jogou o lenço ensanguentado no chão perto do casaco dela. – Tenho certeza de que a revelação é um choque, considerando as ideias pré-concebidas que você tinha. Mas é bom lembrar que não fiz nada além de ajudá-la.

– Me deixe ir embora.

Ele endireitou os ombros.

– Não posso fazer isso.

– Pode, sim. Eu não lhe fiz nada. Me deixe ir embora e pronto.

William a encarou, e seu rosto adquiriu uma expressão contemplativa.

– Você pensou que eu fosse um canibal, mas mesmo assim acorreu para me ajudar. Sacrificou seu casaco branco para estancar minha ferida.

– Pelo amor de Deus, você estava sangrando! É claro que tentei ajudar.

– *É claro* nada. Poucas pessoas levantaram um dedo para me ajudar nos últimos séculos. Quando o fizeram, tinham sempre algum outro objetivo em mente. Você não só me surpreendeu, mas me impressionou também. E não me deixo impressionar com facilidade.

Ele foi até uma mesa próxima e despejou um líquido roxo-escuro dentro de um cálice.

– Você precisa de uma bebida. – Ele ergueu o copo.

– Não preciso, não. – Ela trocou o atlas de mão. – Preciso é sair daqui e me afastar de você.

– Finalmente está dizendo coisa com coisa.

William se aproximou da escada. Movimentou-se sem pressa, de modo quase relaxado. Pôs uma das mãos no corrimão da escada.

– Se você descer do poleiro, passarinho, eu lhe conto mais.

– Vocês são um bando de gente doente.

– Estritamente falando, não somos gente. Somos vampiros.

– O que seja.

William sorriu, deixando à mostra uma fileira de dentes brancos e retos.

– Você já conheceu vários vampiros, além de mim.

Raven ficou tonta.

– Quem?

– O fera. E Maximilian e Aoibhe.

– Quem é Aoibhe?

– A mulher que a perseguiu até o Duomo.

– Quer dizer que vocês são três?

William uniu os lábios.

– Nosso nome é Legião, pois somos muitos.

– Quantos? – Os olhos de Raven se arregalaram.

– Existimos no mundo inteiro e em geral nos reunimos nas cidades. Alguns da nossa espécie vivem como feras, sozinhos e em localidades rurais.

Raven segurou com força o corrimão.

– Eu vi o fera matar o policial. É isso que vocês fazem?

– Não. Os feras abandonam a razão e vivem como animais. Os civilizados dentre nós se alimentam de humanos, mas tentam não matá-los. Os humanos são uma fonte renovável.

– Como as árvores – disse ela com uma voz fraca.

– O quê?

Ela fechou os olhos.

– O fera disse que eu era a puta de um pedófilo. Disse que iria me foder até eu morrer. Você é um pedófilo?

Ela abriu os olhos e viu a expressão de William mudar. Uma onda de fúria atravessou seu semblante.

Com um rugido, ele pegou a garrafa de vinho e a jogou sobre a pesada porta de madeira. A garrafa se estilhaçou com o impacto, e a parte superior se cravou na madeira.

Raven abraçou o atlas contra o peito e se agarrou ao corrimão da escada com toda força.

William esfregou o rosto com as mãos. Após alguns instantes de silêncio, virou-se para ela.

– Não sabia que ele tinha falado com você. Espero que nunca mais encontre um deles, mas se encontrar não deve escutar o que dizem. São irracionais e totalmente escuros.

– Escuros?

Ele moveu os pés.

– Algo escuro nos alimenta. No caso de um fera, a escuridão o domina por completo, e o resultado é o que você viu no caso do policial. Mas eles não são desprovidos de percepção. O fera percebeu que você tinha uma relíquia e deve ter adivinhado de onde vinha, por isso insultou seu dono anterior e você.

– Você me deu a relíquia de um pedófilo?

– Ele não era pedófilo – rosnou William, mostrando os dentes. – Era um santo. Só um fera poderia ofendê-lo.

A raiva dele fez Raven se encolher. Depois de alguns minutos, porém, a curiosidade foi mais forte.

– Que santo?

William fez um gesto em direção à cadeira na qual ela estava sentada antes.

– Você precisa se sentar ou vai acabar caindo.

Quando Raven não se moveu, ele arrematou:

– Vou manter distância e ficar perto da porta.

– Só desço depois que me disser o que me deu.

William fez o que dizia e caminhou com cuidado até a porta entre os cacos de vidro e as poças de Chianti.

– Para salvar sua vida, eu lhe dei sangue de vampiro.

– Você fez *o quê*? – guinchou ela.

Ele ergueu as mãos como se quisesse acalmá-la.

– Esse sangue tem determinadas propriedades capazes de manter vivo um ser humano.

– É impossível. – Ela oscilou na escada e trocou o atlas de mão outra vez. – Devo estar tendo um pesadelo.

Antes de ela perceber o que estava acontecendo, William já estava ao seu lado. Tinha atravessado a sala voando e subido a escada.

Tirou o atlas de sua mão trêmula e o pôs de volta na prateleira.

– Cassita – falou com uma voz firme, passando um braço pela sua cintura. – Fique comigo.

Ela mergulhou os olhos nos seus.

– Não vi você se mover. Como fez isso?

– Velocidade e agilidade são dois dos nossos talentos. Agora desça.

Ela tentou afastá-lo.

Não conseguiu.

– Olhe para mim. – Quando seus olhares se cruzaram, ele prosseguiu em voz baixa. – Não vou machucá-la. Eu... eu juro pela relíquia.

Sua voz e a expressão em seu rosto pareciam sinceras. Sem dúvida era supersticioso em relação ao talismã, fosse qual fosse o poder ou falta de poder do objeto. Seria capaz de jurar por ele e mentir deliberadamente?

Raven não tinha certeza.

Considerou suas alternativas e entendeu que não poderia continuar para sempre no alto da escada. A única saída da biblioteca era pela porta. Pelo menos se descesse da escada estaria mais perto da rota de fuga.

William segurou sua mão e a conduziu pacientemente até a cadeira.

– Beba isso. Vai acalmar seus nervos. – Ele lhe passou o cálice com o resto do Chianti.

Ela examinou o conteúdo.

– Não é sangue, é?

Ele fez uma expressão de ofendido.

– Claro que não. É vinho.

Ela cheirou o líquido antes de beber. O vinho estava bom, mas Raven mal sentiu o gosto. Fechou os olhos e torceu para o álcool lhe dar forças.

– Pensei que vampiros fossem frios. – Ela lhe devolveu o copo, e ele o pôs sobre a mesa. – Sua pele é mais fria do que a minha, mas não chega a ser gelada.

– Uma parte da mitologia a nosso respeito foi propagada por nossos inimigos. Parte dela nós perpetuamos, na esperança de confundi-los.

– Não consigo imaginar Bram Stoker como inimigo de alguém.

– Decerto porque ele foi pago para fazer propaganda.

Raven olhou para a boca dele.

– Você não tem caninos pontudos.

William franziu o cenho.

– Nossos dentes são afiados o suficiente, eu lhe garanto.

– Quer dizer que vocês têm inimigos?

– Todo predador é a presa de alguma coisa.

– E o predador de vocês é o quê?

– O que não... quem. E essa é uma história para outro dia. – Ele parecia impaciente.

– Você parece humano.

– Já fui humano. Meu corpo foi aperfeiçoado. Sou mais rápido, mais forte e não envelheço. Ainda me alimento e respiro, mas posso passar muito tempo sem respirar. Como você viu, eu me curo rápido.

Ela ergueu as mãos antes de baixá-las para o colo.

– Como é possível?

– O seu erro é supor que o sobrenatural surge sem causa. Não é assim. Ele obedece a determinadas regras, segue determinados padrões. Para resumir, as propriedades sobrenaturais de um vampiro vêm da escuridão.

Ela esfregou os olhos.

– Explicações metafóricas são inúteis. Se você não é humano, por que tem uma aparência humana? Por que não tem um tipo diferente de corpo?

– Por que os elementos da eucaristia conservam suas propriedades físicas na

missa depois da transubstanciação? – Mais uma vez, a voz de William soou impaciente.

Raven fez uma careta.

– Na minha aula de catecismo não estudamos a fundo a transubstanciação de um ser humano em vampiro, mas vai ver a minha paróquia era conservadora.

Os traços de William se suavizaram em um sorriso.

Ele deu uma risadinha.

– Faz muito tempo que não rio. – Ele a encarou com um olhar de admiração.

Raven fez muita força para não revirar os olhos. Então algo perigoso e terrível lhe ocorreu.

Ela o encarou com ar preocupado.

– Se você me deu sangue de vampiro, isso quer dizer que eu também vou virar vampira?

– Não, por causa disso não. O sangue que lhe dei foi colhido de dois vampiros que não estão mais vivos. A transformação tem que ser feita por um vampiro.

– Achei que os vampiros fossem imortais.

– Não exatamente.

– Como eles morrem?

O sorriso de William desapareceu.

– Não conversamos sobre essas coisas.

– O homem que me abordou ontem à noite... ele mencionou a palavra *mestres*. Do que estava falando?

William murmurou algo entre os dentes.

– Você ainda tem sangue de vampiro no seu organismo. Max deve ter concluído que dois vampiros a mantinham como favorita e, como recompensa, deixavam que você se alimentasse deles.

– Isso não me soa como uma recompensa – comentou Raven, franzindo os lábios de repulsa.

– Mas é quando você está morrendo – retrucou ele, incisivo. – O sangue de um vampiro reverte o processo de envelhecimento e modifica a natureza. Foi por isso que sua aparência mudou e seu ferimento na cabeça se curou. Já a sequela na perna é obviamente antiga, e é por isso que está voltando. Quanto mais antigo o ferimento, maior a quantidade de sangue necessária para curá-lo, mas menos permanente a mudança. Como você quebrou a perna?

– Essa é uma história para outro dia – respondeu Raven em um tom igualmente incisivo antes de se concentrar nas próprias mãos no colo, ambas fechadas com força. – Quer dizer que a minha perna vai ficar como estava antes?

– Vai. Para curar sua perna de modo permanente, você teria que virar vampira. Mas pode curá-la temporariamente se continuar ingerindo sangue de vampiro.

A expressão dele mudou. Ele pareceu pensativo, como se estivesse esperando alguma coisa.

Raven sentiu mais do que uma pontada de arrependimento. Tinha gostado das mudanças em sua aparência. Gostava de ser bonita e magra. Mais importante ainda, gostava de ter uma perna saudável, que funcionava direito e sem dor.

Gostava tanto que estava quase pronta para pedir a William que lhe desse o que fosse preciso para curá-la.

Perceber isso a deixou com frio.

– O que houve com o homem que atacou Bruno?

– Maximilian não é um homem. E nada aconteceu com ele. Sem dúvida deve estar descansando, recolhido. Vampiros não podem sobreviver debaixo do sol.

– Mas você pode. Você ficou no sol quando entrou no meu quarto.

William dobrou o corpo na cintura, inclinou-se para a frente e baixou a voz.

– Essa é uma exceção que você faria melhor em esquecer.

Ela virou a cabeça para o lado, evitando seu olhar.

– E Bruno? Como ele está? – insistiu ela.

– O estado dele continua o mesmo. Os médicos não sabem se vai se recuperar.

– Quero vê-lo.

– Infelizmente não posso deixá-la ir embora. É para a sua proteção.

Raven se levantou e começou a entrar em pânico.

– Mas preciso ir para casa. Preciso ver Bruno.

William a olhou com raiva.

– Eu lhe pedi várias vezes para sair da cidade. Você se recusou. Avisei que viria me pedir ajuda. E aqui está você.

– Foi você quem me trouxe para cá!

– Para salvar sua vida. – Com dois passos largos, ele foi até ela. – Eu lhe

ofereci ajuda vezes sem conta e você a desprezou. Poderia ter saído da cidade, mas não o fez.

– Teria sido irracional para mim ir embora a conselho de um desconhecido que invadiu meu apartamento.

– Meus alertas foram feitos de boa-fé. Você os ignorou. Agora atraiu a atenção de dois dos meus associados. Portanto, você percebendo ou não isso, entrou no meu mundo.

– O que isso significa?

Ele se empertigou, orgulhoso.

– Isso significa, Jane, que vou lhe oferecer minha proteção. Em troca, você vai me dar o que eu quero.

– E o que você quer?

William a encarou com um olhar sensual.

– Você.

Capítulo 25

– Como é que é? – Raven não teve certeza de ter escutado o que pensava ter escutado.

A expressão de William não dava margem a nenhuma ambiguidade, e ele percorreu o corpo dela com os olhos de cima a baixo.

– Eu lhe avisei que cobraria um preço. O preço é você. Ficará segura, morando aqui. Se quiser, posso continuar a lhe dar sangue para sua perna continuar boa. Tenho a maior coleção particular de arte renascentista do mundo. A maioria das obras nunca foi restaurada. Posso lhe dar livre acesso para avaliar e restaurar minha coleção. Posso até construir um laboratório para você, lá fora. – Ele apontou para os jardins que ficavam além das janelas da biblioteca.

– Eu moraria aqui como sua restauradora de arte particular?

Os lábios dele se contraíram.

– Eu esperaria outras coisas mais pessoais de você.

– Sexo? – A voz dela saiu mais aguda do que o normal.

– Claro.

– Por quê?

Ele pareceu surpreso com a pergunta.

Estendeu a mão e segurou o rosto de Raven; seu olhar se fez suave.

– Porque você me interessa. Já faz muitos, muitos anos que ninguém chama minha atenção.

Raven não podia fingir que não gostava daquela voz branda ou do modo como ele a tocava, como se a achasse realmente atraente.

Não o conhecia bem o suficiente para saber se estava ou não mentindo. Era

possível que aquilo fosse alguma brincadeira doentia, e ela não passasse de um pião em um jogo maior.

O beijo da véspera lhe parecera sincero. Mas Raven já tinha sido enganada antes, de modo que não confiava nos próprios sentimentos.

Desejou estar mais acostumada às atenções masculinas. Talvez assim não ficasse tão afetada. Tão vulnerável.

– O sexo para os vampiros é igual? – Ela se afastou dele.

William deixou a mão cair junto à lateral do corpo e franziu o cenho.

– Igual a quê?

– Igual ao que é para os humanos.

– Eu não saberia dizer – respondeu ele, frio.

Sua atitude não dava margem a perguntas, então ela decidiu não questionar a ambiguidade da afirmação.

Mas guardou a pergunta na mente para depois.

Ele passou o polegar pelo lábio inferior.

– Quando um vampiro se alimenta de um humano, a ânsia de acasalar é avassaladora. Sexo e alimentação caminham juntos quase sempre.

Raven torceu o nariz de nojo.

– Os vampiros fazem sexo entre si?

– Em alguns casos.

– E se alimentam uns dos outros?

– Às vezes, mas os vampiros precisam de sangue humano para conservar a saúde.

Raven decidiu manter a atenção de William concentrada em responder a perguntas, assim poderia ter tempo de planejar uma fuga. Tentou parecer curiosa.

– Por que um vampiro se alimentaria de outro vampiro?

– Para criar um vínculo. Podem haver motivos políticos ou práticos para isso. O sangue de um vampiro mais velho pode fortalecer um mais novo.

– Você é vinculado a alguém?

– Não. – Ele se afastou dela com um movimento abrupto. – Preciso revelar que, quando um vampiro e um humano viram amantes, o humano fica sobrepujado pela experiência e se torna viciado nela. Em alguns casos, o humano

implora para virar vampiro. Em outros, o vampiro não consegue se controlar e mata o humano.

Ele fez uma pausa para observar a reação dela.

A boca de Raven havia se escancarado, e ela o encarava horrorizada.

Ele se apressou em explicar.

– Você precisa saber que sou o que chamam de antigo... faz séculos que sou vampiro. Tenho mais poder do que os outros e muito mais controle. Não vou me descontrolar quando beber do seu sangue. Você está segura comigo.

Raven riu sem achar graça.

– Segura? Nada do que você me disse até agora faz eu me sentir segura. E obrigada pelo convite, mas não estou interessada em fazer sexo com você.

William sorriu, um sorriso vagaroso e sensual.

– Você diz uma coisa, mas seu corpo diz outra. Seus batimentos cardíacos se aceleram quando eu a toco, e você prende a respiração. Suas pupilas se dilatam, e sua pele esquenta. Quase daria para pensar que está excitada.

Raven sentiu as faces corarem.

– Não posso fazer nada em relação à biologia.

– Nem eu – retorquiu ele, chegando mais perto.

– Todos os vampiros são misóginos? Não fazia a menor ideia.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Não sou misógino. Na verdade, sou um grande admirador das mulheres. Estou só afirmando o que o seu corpo já reconhece: você se sente atraída por mim.

– Arrume outro restaurador para ser seu lanche.

Ele chegou mais perto ainda, com os olhos cravados nos dela.

– Você não imagina o prazer que sou capaz de lhe dar. Há quem fosse capaz de implorar para virar meu amante, nem que fosse só por uma noite.

Raven baixou os olhos para a boca dele.

Ele passou a língua pelos lábios.

Ela balançou a cabeça como quem tenta voltar à realidade.

– Nesse caso, você não terá problemas para encontrar um parceiro *disposto*. Agora, se me der licença...

Ele se meteu na sua frente.

– Daqui a poucos dias, os dois sangues que lhe administrei vão desaparecer

do seu organismo, e eu poderei saborear seu verdadeiro buquê. Já faz algum tempo que ando querendo prová-lo.

– Você beberia o meu sangue?

Ele lhe deu um meio-sorriso.

– Vampiros têm essa tendência.

– Eu preferiria morrer.

– O quê? – O tom dele foi áspero, quase incrédulo.

– Você roubou ilustrações da Uffizi e agora me raptou. Não dou a mínima para o que você é. Não tenho a menor intenção de ficar aqui para ser sua escrava sexual, seu bebedouro ou qualquer outra coisa.

Ele fez uma careta.

– Você não seria uma escrava. Seria uma rainha.

– Você disse que eu ficaria sob o seu controle.

– Eu disse que é comum isso acontecer. A esta altura você já deveria saber que está longe de ser uma pessoa comum. Na verdade, acho que você tem um caráter forte o suficiente para manter certo grau de autonomia apesar de um relacionamento sexual intenso comigo.

– Certo grau de autonomia não é liberdade.

– Ser minha amante é. – Ele estendeu a mão e alisou a clavícula de Raven de um ombro ao outro. – Liberdade para gozar do prazer que vou lhe dar. Liberdade para deixar as preocupações para trás e se concentrar apenas em viver uma vida de deleite erótico.

– Isso não é nenhum incentivo. – Ela cerrou os dentes. – Eu preferiria me matar a ser tocada contra a vontade.

William a encarou, ofendido.

– Não sou um estuprador.

– É o que você diz.

– Eu a salvei de ser estuprada e matei três homens por causa disso – sibilou ele.

– Talvez porque quisesse terminar o serviço deles.

– *Cave* – alertou ele.

William estava perigosamente próximo de perder a paciência mas, graças a um esforço visível, conseguiu se conter.

Contraiu o maxilar.

– Você poria fim à própria vida só para evitar isso?

Raven empinou o queixo.

– Poria.

– Sabe o que acontece com os suicidas depois que morrem?

Ela deu de ombros.

– Vão dormir e nunca mais acordam.

– Nada disso. O suicídio é a pior coisa que um ser humano pode fazer. Você não deveria sequer considerar a possibilidade. – William a encarou bem fundo. – Diz que não quer, mas eu a vi corar. Você quer que eu a toque. Quer estar na minha cama.

– Não – disse ela em tom desafiador.

– Me convença.

Os olhos cinzentos se fixaram nos lábios dela.

Ele aproximou o corpo até bem junto do dela, mas não a tocou. Sua boca parou bem perto.

Raven esperou, imaginando que ele fosse beijá-la.

Ele não o fez.

Ela inspirou profundamente.

Ainda assim, ele não se moveu.

– Cassita – murmurou. O movimento de sua boca fez seus lábios se tocarem, mas só por um segundo.

Então a boca dele envolveu a sua, e ele a beijou.

Mergulhou a mão nos cabelos compridos dela e segurou sua cabeça por trás. Aproximou os dois corpos, fazendo desaparecer o espaço que os separava.

Então diminuiu o ritmo de seus lábios até uma lentidão agoniante. Encostou-se nela e roçou os lábios nos seus como se a distância fosse interminável e ele tivesse todo o tempo do mundo.

Ela não o repeliu, mas tampouco retribuiu o beijo. Ficou imóvel feito uma estátua, parada em seus braços.

Então os lábios dele sumiram.

Ela abriu os olhos e o viu observando a porta.

– Estamos prestes a ser interrompidos.

– Interrompidos?

Assim que a palavra saiu da boca de Raven, alguém bateu à porta.

– Entre – falou William.

A chave estalou e girou na fechadura. A porta se abriu.

Ambrogio apareceu.

– Perdão, meu lorde. Chegou um recado urgente.

– Ponha em cima da mesa.

Se Ambrogio ficou surpreso com os cacos de vidro e as gotas de vinho pelas quais teve de passar para ir até a mesa lateral, soube esconder isso bem. Ele depositou um envelope branco junto ao cálice de vinho vazio de Raven.

– Algo mais, meu lorde? – Ignorando Raven, olhou apenas para William.

– Não. Só isso.

Ambrogio fez uma reverência, saiu e fechou a porta.

William soltou Raven e foi até a mesa. Abriu o envelope com um rasgão e examinou o conteúdo.

– *Sard* – praguejou e tornou a enfiar a carta no envelope.

– O que isso quer dizer?

– É um palavrão.

– Em que língua?

– Inglês... medieval. – Ele jogou o envelope em cima da mesa. – Estava com esperanças de passar o dia com você. Infelizmente para nós dois, o dever fala mais alto. Vamos continuar esta conversa depois. Enquanto isso, a *villa* está à sua disposição. Lucia vai preparar suas refeições e cuidar para que tenha tudo de que precisa. Eu a procurarei quando voltar, o que talvez só aconteça amanhã.

Ele aquiesceu para ela e seguiu na direção da porta.

Ela o seguiu.

– Espere. O que vai acontecer com Bruno?

William franziu o cenho.

– Por que você não para de falar nele?

– Porque a avó dele é minha vizinha. E ele talvez morra por minha causa.

A atitude de William se tranquilizou.

– Não vai precisar se preocupar com ela por muito mais tempo. Ela está com câncer e vai morrer em breve.

– O quê? – grasnou Raven.

– Quando estive no seu apartamento, senti o cheiro do câncer dela no corredor. Está bem avançado.

– Como você pode sentir cheiro de câncer?

Ele pressionou os lábios um contra o outro.

– É um dos nossos talentos. Sentimos cheiro de doença. E de morte.

Raven segurou o encosto da cadeira para não cair.

– Por que Bruno não me disse nada?

– É possível que não saiba. Não senti cheiro de nenhum remédio no organismo dela. Talvez tenha recusado tratamento.

– Você pode ajudá-la?

– Poderia, mas não vou – respondeu ele, neutro.

– Por quê?

– Usar sangue de vampiro para ajudar você já me deixou exposto. Não vou fazer isso outra vez.

– Mas e se eu pedisse a você para ajudá-la?

Um músculo estremeceu na mandíbula dele.

– Mesmo assim, diria não. O sangue pode curar o câncer, mas eu teria de lhe dar uma quantidade tão grande que ela acabaria muito, muito mais jovem. Iria atrair atenção demais.

– Não poderia lhe dar só um pouco, só para aliviar o sofrimento?

– A única coisa que vai ajudá-la é a morte.

Raven deixou escapar um som angustiado.

– Por favor.

– Nós não interferimos nas vidas dos seres humanos. Você foi uma exceção. – Os olhos dele cintilaram com um brilho frio de aço.

Ele virou-lhe as costas e estendeu a mão para a maçaneta.

Raven engoliu em seco; as lágrimas faziam seus olhos arderem.

– William, espere.

Ela pigarreou.

– E se eu implorasse?

Ele continuou de costas.

– Minha resposta não vai mudar.

– Tentei proteger Cara – sussurrou Raven. – Não consegui.

William então se virou.

– Quem é Cara?

– Não vou ficar vendo isso acontecer sem fazer nada.

William soltou uma expiração audível.

– Não é responsabilidade sua salvar o mundo. Deixe as pessoas se salvarem sozinhas.

Raven deixou escapar um ruído angustiado.

– Se o que você disse sobre as relíquias for verdade, foi minha culpa Bruno ter se machucado. Se eu a estivesse usando, ninguém teria nos incomodado.

– É tarde para se arrepender. – Ele tornou a estender a mão para a maçaneta.

– Não é, não.

Ela chegou mais perto e ficou parada a alguns metros dele.

– Você disse que eu iria procurá-lo e implorar por ajuda. – Ela empinou o queixo. – Pensei que eu fosse orgulhosa demais para implorar. Mas não. Estou lhe implorando pela vida de Bruno e da avó dele.

Teimoso, William manteve os olhos fixos na porta.

– Não.

– Por favor, William. Por favor.

Ele expirou bem alto.

– Por mais difícil que isso possa lhe parecer, nós tentamos não chamar atenção para nós mesmos. Você está me pedindo para me expor.

– Eu fico com você.

Na mesma hora, os olhos dele se cravaram nos dela.

– O quê?

– Se você curar Bruno e ajudar a avó dele, eu fico com você. Fico trabalhando na sua coleção de arte. Posso até fazer... outras coisas, em algum momento. Só lhe peço para não me obrigar.

William apenas a encarou.

– Por favor – repetiu ela. – Ajude-os.

William ficou parado por tanto tempo que Raven teve medo de ele ter entrado em transe.

Torceu as mãos, incapaz de permanecer imóvel de tanto nervosismo.

Ele fitou as mãos dela, depois o rosto.

– Você vai viver comigo até eu a deixar ir embora? Isso vai demorar muitas décadas.

Raven assentiu.

– Não posso ajudar sua vizinha. O risco é grande demais. Mas poderia ajudar

o rapaz.

– Tem que ser os dois.

William a encarou com um olhar duro.

– Não vou desperdiçar minha preciosa coleção de sangue antigo com uma velha. Mas a ele darei algo que vai salvar sua vida. Só não vou correr o risco de curá-lo por completo.

Raven refletiu sobre suas alternativas; eram poucas.

A expressão de William começou a mudar. Ela temeu que ele mudasse de ideia.

– Tudo bem. – Os ombros dela desabaram.

Ele andou na sua direção, e seus pés fizeram estalar o vidro quebrado no chão.

– Você abriria mão da sua vida e do seu emprego na galeria para ajudar aquele rapaz ridículo? Ele mal a conhece.

Uma única lágrima rolou pela bochecha dela.

– Não quero vê-lo morrer sabendo que poderia ter feito alguma coisa para impedir.

Irritado, William bufou.

– Ele não é digno de você. Você mesma disse que ele nunca tinha reparado em você até sua aparência mudar.

Ela enxugou o rosto com as costas da mão.

– Você nunca me deixaria ir embora. Pelo menos agora algo bom vai vir disso.

Ele segurou seu rosto com as duas mãos.

– Você entende o que está me oferecendo?

Ela fechou os olhos.

– Sim.

Pelo que pareceu um tempo muito longo, ele não se moveu.

– Você me faz ficar constrangido – murmurou ele.

Ela abriu as pálpebras.

Ele roçou os lábios nos dela.

– Fazia muito tempo que não ficava constrangido.

Uma incerteza atravessou seus traços, e Raven começou a ter medo de ele retirar a proposta.

Num impulso, esticou o rosto para beijá-lo.

Ele ficou surpreso com a atitude, mas retribuiu e pôs-se a mover a boca fechada por cima da sua, sem querer interromper a conexão.

Quando ele assumiu o controle do beijo, ela se desequilibrou e segurou os braços dele para se apoiar.

Ele a projetou para trás, quase a arremessando pela sala, até Raven sentir as costas tocarem uma das estantes. Mesmo assim, não desgrudou os lábios dos seus.

William levou uma das mãos até o espaço entre sua cabeça e a prateleira para aninhá-la. Para protegê-la.

Ela reconheceu o movimento como o que de fato era e abriu a boca.

Na mesma hora, a língua dele começou a brincar com seus lábios. Ele a saboreou e lambeu sem pressa, mas não pôs a língua lá dentro.

Acompanhou com o polegar o contorno de seu maxilar enquanto a beijava e provocava, tentando fazê-la retribuir.

Ela pôs a língua na sua boca, e ele a acariciou delicadamente com a sua; um fundo suspiro brotou de seu peito.

William tinha um gosto diferente. Com a língua, Raven sentiu que sua boca era fria, seus movimentos relaxados, mas decididos.

Quando ela recuou, ele a beijou de leve outra vez e encostou a testa na sua.

Esperou ela abrir os olhos antes de falar.

– Você sabe como é raro o autossacrifício? Sabe o quanto é magnífica?

Raven baixou a cabeça. Estava se vendendo como escrava, não salvando o mundo.

Ele brincou com os cabelos dela.

– Passe o dia admirando minha coleção de arte. Tentarei vir encontrá-la hoje à noite.

Ela manteve os olhos no chão.

Ele a beijou mais uma vez antes de sair da biblioteca.

Raven ouviu a porta abrir e fechar.

Desabou no degrau mais baixo da escada e segurou o rosto com as mãos. Seus cabelos negros caíram para a frente, cobrindo parcialmente os braços e cascateando pelas alças do vestido cor de framboesa.

Não chorou. Mas seu coração doía.

Afastou os pensamentos sobre si e pensou em Lidia, sua vizinha.

Amava Lidia. E Lidia estava muito, muito doente.
Raven expirou, angustiada.

Capítulo 26

William deu três passos para fora da biblioteca e se deu conta de que havia esquecido a carta entregue por Ambrogio mais cedo. Voltou à biblioteca para pegá-la.

Assim que entrou no recinto, viu Cassita encolhida na escada com o rosto enterrado nas mãos e os ombros tremendo. Estava chorando.

Algo se retorceu dentro do peito dele.

Ela devia estar aflitíssima. Dissera-lhe especificamente ter trocado os Estados Unidos por Florença para encontrar a felicidade. Dissera-lhe ter encontrado a felicidade ali.

Agora estava abrindo mão dessa felicidade e do trabalho que adorava para salvar a vida dos amigos. E nem com isso ele havia concordado. Prometera apenas ajudar o rapaz.

A sensação em seu peito aumentou; era muito semelhante à dor.

Uma sensação desconhecida.

Ele pegou a carta e a pôs no bolso do casaco, com a intenção de deixá-la chorar em paz. Baixou os olhos para o chão e distinguiu dois objetos largados ali perto: o cardigã branco simples que ela estava usando e o seu próprio lenço.

O cardigã já não estava imaculado. Assim como seu lenço, exibia manchas negras de sangue de vampiro.

Desviou os olhos do cardigã para sua dona, encolhida em uma postura defensiva.

Constatou que vê-la nessa posição lhe desagradava. Muito.

Fazia muito tempo que não se preocupava com os sentimentos de um

humano. Devido à natureza da transformação dos vampiros, muitas de suas emoções e lembranças humanas tinham desaparecido.

Mas ele se lembrava da perda. Lembrava-se da dor que vinha junto com a preocupação por alguém que se amava, mesmo que não amasse ninguém há séculos. Na realidade, julgava a si próprio e os da sua espécie incapazes de amar.

Embora não tivesse grande experiência em empatia, foi o que sentiu no momento em que viu a linda e corajosa Cassita chorando pelos amigos. E talvez por si mesma.

Mais do que isso, conseguiu discernir o aspecto central de sua personalidade.

Cassita era uma protetora.

Era o tipo de pessoa que se importava tanto com as outras, inclusive sem-tetos e vizinhos, que seria capaz de fazer qualquer coisa para ajudá-las, até mesmo se sacrificar.

Não havia identificado essa qualidade nela antes, mas assim que o pensamento lhe ocorreu soube que era verdade. Soube também que esse traço de caráter estava enraizado de modo muito profundo no próprio núcleo de seu ser.

Nesse aspecto, assim como em vários outros, ela se parecia com a jovem cujo retrato ele guardava escondido com cuidado na gaveta da escrivaninha. Muitos, muitos anos antes, ele não conseguira ajudar aquela jovem, e ela havia pagado o mais caro dos preços.

Foram seu arrependimento e sua raiva em relação ao que acontecera com ela que o tinham levado a abrir uma exceção e salvar a vida de Cassita. Agora ele havia pegado a cotovia ferida e manipulado aquilo que a tornava nobre e boa, e em troca de quê? De seus próprios objetivos egoístas? De sexo?

Olhou para o cardigã branco que ela usara para estancar seu sangramento e sentiu desprezo pelo sangue que o sujava. Ela fora ajudá-lo mesmo achando que ele era um canibal. Agora estava sentada na sua biblioteca, aos prantos, porque ele a forçara a se vender para salvar a vida dos amigos.

William sentiu desprezo por si mesmo.

– Cassita – sussurrou.

Quando ela levantou a cabeça, pensou que fosse ver suas faces riscadas de lágrimas, mas elas estavam apenas congestionadas e vermelhas. Os olhos verdes estavam marejados, e ela exibia uma expressão desolada. Desolada e contrita.

A dor no peito dele aumentou.

– Mudei de ideia.

– Não! – gritou ela, tomada pelo pânico. Desceu correndo a escada e se postou na frente dele. – Por favor, não volte atrás. Por favor.

Ele balançou a cabeça e ergueu a mão para acalmá-la.

– Resolvi deixar você ir embora.

– Você não pode fazer isso! Nós tínhamos um acordo. Você disse que iria ajudar Bruno.

– Disse, sim. – Ele a encarou e lhe exibiu o que pensava ser sua expressão mais sincera. – Vou honrar a promessa e ajudar o rapaz. Darei instruções a Ambrogio para arrumar auxílio médico para sua vizinha também. É o melhor que posso fazer por ela.

Raven estreitou os olhos, desconfiada.

– Qual é o porém?

Ele balançou a cabeça.

– Não tem nenhum porém. Vou lhe oferecer essas coisas de presente.

– Você me trouxe aqui como sua prisioneira. Agora vai me deixar ir embora e me dar o que pedi? Não acredito. – Ela abraçou o próprio corpo.

O semblante dele adquiriu um ar pensativo.

– Você me constrangeu se oferecendo em troca da vida dos outros. Estou recuperando a minha honra.

Ela o encarou com ceticismo, mas não disse nada.

Ele ergueu a mão e tocou seu rosto.

– Um pássaro na gaiola nunca é tão bonito quanto um pássaro livre, Cassita. Você já foi ferida o suficiente. Não vou feri-la ainda mais.

Ele fez uma reverência rígida e se virou para ir embora.

Raven segurou seu braço.

– Posso ir para casa?

Ele olhou para o próprio braço onde ela o tocava, em seguida cravou os olhos nos seus; viu ali uma expressão esperançosa.

A esperança dela foi como um ferro em brasa na sua pele.

– Você estaria mais segura aqui comigo. Mas não vou obrigá-la a ficar.

Tomada pelo alívio, ela soltou seu braço e levou uma das mãos à boca.

Ele ergueu a mão em sinal de alerta.

– Mas você tem que me prometer uma coisa.

– O quê?

– Que vai aceitar minha proteção. É para sua segurança, eu lhe garanto.

– Contanto que eu possa ir para casa.

Ele baixou a mão.

– Quando eu voltar, quero apresentá-la aos meus semelhantes.

Raven abriu a boca para protestar, mas William a interrompeu.

– Maximilian e Aoibhe já a viram. Se eles a virem de novo, irão pegá-la. Depois que eu expuser minha proteção e tomar algumas medidas, ninguém ousará tocá-la. Então a levarei para casa.

– Preferiria ir para casa agora.

A expressão dele se fez severa por um breve instante.

– Minha condição é inflexível. Ou você concorda ou não.

– Eu concordo – disse ela, depressa.

– Ótimo. – Ele afastou uma mecha de cabelos do rosto; uma tristeza muito antiga transparecia em seu olhar. – Aproveite o seu dia, Jane.

Ele se virou em direção à porta.

Ela o observou dar alguns passos antes de chamá-lo.

– Meu nome é Raven.

Capítulo 27

A visão de mundo de Raven tinha sido transformada. Era bem parecida com a mudança de uma visão geocêntrica do Universo para uma visão heliocêntrica. Só que o seu Universo heliocêntrico incluía criaturas sobrenaturais que se curavam em minutos de ferimentos a faca e se alimentavam de seres humanos.

Havia experimentado uma profusão de emoções: medo, assombro, alívio, raiva e até desejo em alguns momentos. Quando William foi embora, estava exausta, de modo que subiu para o quarto e se encolheu na cama. Pegou no sono em poucos minutos.

Ao acordar, sentiu-se muito melhor. William tinha prometido que a deixaria ir embora e que a protegeria dos outros vampiros.

Ele já a protegera no passado, mas ela estava preocupada, pensando no que aquela proteção futura poderia incluir. Ele já havia revelado seu plano de levá-la para conhecer Maximilian e Aoibhe. A ideia de uma apresentação formal não lhe agradava nem um pouco.

Para ser sincera, teria de admitir que se sentia atraída por ele. Seus olhos, sua aparência, sua boca... ele era bonito e magnético sob muitos aspectos. Beijava com tanta concentração que Raven quase acreditava que sentia por ela mais do que uma simples atração.

Quase.

Pelo menos ele havia mudado de ideia. Não era uma vitória insignificante.

Ficou aliviada por poder se concentrar na coleção de arte de William, e não no que havia ocorrido entre os dois ou no perigo ameaçador de seu futuro encontro com os semelhantes dele.

Depois de almoçar tarde, convocou Lucia e Ambrogio para ajudá-la a

examinar duas obras: o Michelangelo do saguão de entrada e a versão do *Primavera* que ficava no quarto.

Eles retiraram os quadros da parede e depositaram-nos com cuidado sobre a mesa da sala de jantar, que havia sido coberta com um lençol branco.

Raven tomou cuidado para só tocar as obras usando luvas de algodão branco gentilmente oferecidas por Ambrogio. Examinou cada centímetro dos quadros com uma lupa enquanto ditava qualquer dano para Lucia, que fez várias anotações.

Sem testar a idade da tinta ou usar equipamentos muito mais sofisticados do que aquilo de que dispunha na *villa*, teve de adivinhar a idade das obras. Segundo suas estimativas, ambas pareciam genuínas.

Desejou poder pedir a opinião do professor Urbano, sobretudo em relação ao suposto Michelangelo. Se fosse autêntico, aquele quadro poderia mudar a história da arte.

Pensava-se que Michelangelo houvesse concluído apenas um quadro durante a vida. Ele tinha feito esboços em giz e pinturas sobre madeira, mas havia concentrado muita atenção na escultura e, naturalmente, no teto da Capela Sistina.

Ao longo da tarde, Raven tentou algumas vezes puxar conversa com Lucia ou Ambrogio. Ambos se mostraram educados, mas distantes e totalmente desprovidos de alegria.

Fez perguntas sobre William, mas a maioria das indagações foi recebida com silêncio ou uma mudança de assunto. Os empregados fizeram um relato respeitável das origens aristocráticas britânicas do patrão e de seu amor pela cidade de Florença. Evitaram qualquer sugestão de comportamento impróprio.

Raven se perguntou se eles sabiam alguma coisa sobre as atividades sobrenaturais de William. Pensou se teriam passado por algum programa de treinamento para criados domésticos parecido com o das esposas de *Mulheres perfeitas*.

De toda forma, teve certeza de que os funcionários de William jamais iriam revelar nenhum dos seus segredos, tampouco desobedeceriam às suas ordens.

Capítulo 28

Às dez horas daquela noite, Raven e William estavam sentados dentro de um Mercedes dirigido por um homem grandão chamado Luka. As janelas cobertas por insulfilme os protegiam de olhos curiosos.

Duas horas antes, ao voltar para a *villa*, William havia instruído Raven a se vestir de preto e a cobrir a pele o quanto possível. Quando ela perguntara por quê, ele havia explicado pacientemente que iria levá-la para conhecer alguns outros da sua espécie.

(Como ela já sabia isso, a explicação não foi muito informativa.)

Apesar de apavorada, Raven reforçou sua determinação lembrando a si mesma que, depois do encontro, ele a levaria para casa.

Embora grata por sua liberdade, ficou triste por deixar a coleção de arte dele. Torceu para poder voltar ali e examinar, ou quem sabe até restaurar, algumas daquelas obras. Sua curiosidade fora mais do que despertada pelo dono da coleção também. Em circunstâncias mais tranquilas, pensou se ele lhe contaria como tinha sido viver durante o Renascimento.

A possibilidade a intrigou.

Enquanto desciam a estrada sinuosa em direção à cidade, ela ajeitou a barra do vestido de seda preto para cobrir os joelhos. Usava meias pretas e extravagantes e caros sapatos de salto alto pretos.

Como William havia insistido para ela cobrir o pescoço, Lucia arrumara um lenço preto vintage da Hermès com estampa conservadora que Raven amarrou com cuidado.

(Estava começando a ter a impressão de que o lorde tinha uma certa obsessão pela cor preta.)

Tirando o rosto e as mãos, estava totalmente coberta. Sem conseguir parar quieta, ficou mexendo nas unhas.

William estendeu o braço e segurou sua mão.

– Desculpe – disse ela com um sorriso constrangido. – Estou nervosa.

– É uma reação adequada. Gostou do vestido?

– Muito. Obrigada.

Ele sorriu.

– Você está linda.

Raven apertou a mão dele para agradecer o elogio, embora não acreditasse. O tecido do vestido era bonito, mas a seda marcava. Ainda que Lucia tivesse lhe dado roupas de baixo que suavizavam suas curvas, ela sabia que a barriga, o quadril e a bunda estavam destacados demais, e que o pano do vestido só fazia acentuar seu tamanho.

O apetite de William por sangue deve estar prejudicando sua visão.

– Lucia disse que foi você quem escolheu o vestido.

– Ela o comprou segundo instruções minhas, sim. – Ele desceu os olhos de seu rosto até o corpo e as pernas, que encarou com admiração. – Gosto de me cercar de coisas belas.

Raven resistiu ao impulso de dar um muxoxo.

– Estou surpresa que vampiros andem de carro. Ou de moto. – Ela o encarou de rabo do olho.

– Este carro proporciona uma certa segurança. No caso da moto, gosto de velocidade. – Ele a presenteou com um sorriso encantador. – Então, linda Jane, por que me disse que seu nome é Raven? *Raven* em inglês quer dizer corvo. Corvos são aves de rapina. Alimentam-se de presas mortas.

Ela se virou e olhou pela janela.

– Pouco importa. É esse o meu nome.

Ele puxou sua mão de leve.

– Me diga por que você quer ser chamada assim.

– Porque corvos são inteligentes. São independentes. – Ela fez uma pausa. – São sobreviventes.

William alisou as costas de sua mão com o polegar.

– E a que você teve de sobreviver, pequena Raven?

O tom grave e curioso da voz dele a fez olhar novamente para ele. William

não escondia a preocupação, como se a sua resposta fosse importante.

– Não quero falar sobre isso. Principalmente hoje à noite. – Ela soltou a mão dele.

Involuntariamente, baixou os olhos para a perna direita.

Os olhos de William acompanharam a trajetória dos seus. Ele franziu o cenho.

– Alguma coisa a tornou forte. É comum o sangue de vampiro ter esse efeito nos humanos, mas acho que a sua resiliência é sua mesmo. – Ele fez uma pausa antes de concluir. – Quem é Cara?

– Minha irmã – sussurrou ela.

– Eu tinha uma irmã.

Raven se virou para ele com interesse.

– Mais velha ou mais nova?

– Mais nova. Eu era o mais velho. Éramos seis, quatro meninos e duas meninas.

– Sempre quis um irmão.

– Eram só você e Cara?

Raven aquiesceu.

William a encarou com uma expressão inescrutável.

Esse olhar a fez ir ficando cada vez mais ansiosa. Ela ajeitou os cabelos atrás das orelhas.

– Pare de me encarar.

– Por quê? Gosto de olhar coisas bonitas.

– Isso é o que você diz – falou ela com um muxoxo.

– E faz tempo que não vejo alguém tão fascinante como você. Só que você é uma cotovia, não um corvo.

– Estou com uma grande quantidade de euros que pertencem a você – disse Raven, mudando de assunto de propósito.

– Fique com eles, caso haja uma emergência.

Ela quis discutir com ele, mas concluiu que seria um exercício inútil.

– Você se incomoda em ficar perto de mim?

Ele fez uma cara de quem não estava entendendo.

– Se eu me incomodo? Como assim?

– Você fica... com fome?

Ela quase se encolheu ao pronunciar a última palavra. Não gostava de pensar nos hábitos alimentares dele.

– Eu já comi. Atualmente o seu verdadeiro buquê está disfarçado pelo sangue que lhe dei uma semana atrás. Mas daqui a alguns dias... – Ele deixou a frase em suspenso de modo sugestivo.

Ela o encarou com repulsa.

– Não dói se for feito com cuidado. – William aproximou o rosto do seu. – Eu a levaria para a minha cama, e nós nos entregaríamos a todos os deleites sensuais que os amantes apreciam. Eu a tocaria, sentiria o seu gosto, lhe daria prazer. Vampiros podem passar horas fazendo sexo. Posso lhe prometer o maior êxtase da sua vida. Só quando você estivesse no ápice do prazer é que eu me alimentaria do seu sangue. Seria muito prazeroso, erótico até.

Raven começou a sentir um certo calor com o som da voz dele e o movimento de seus lábios perfeitos e sensuais.

Fechou os olhos para dissipar a atração magnética daquela boca e o modo como ele pronunciava as palavras *prazer* e *erótico*.

O carro se aproximou do sopé da colina e fez uma curva.

Ela olhou para fora.

– Aonde estamos indo?

William adotou uma expressão sombria.

– Para o hospital. Seu rapaz piorou de repente. Preciso vê-lo sem demora.

– Vai poder ajudá-lo?

– Sim, mas só vou lhe dar o suficiente para mantê-lo vivo. Isso me dará tempo suficiente para poder marcar uma visita em um horário melhor. Estar no hospital me deixa exposto.

– Obrigada. – Ela cruzou olhares com ele para poder expressar sua sinceridade.

– De nada. Enquanto eu estiver lá dentro, fique esperando com Luka. Não desça do carro sob hipótese alguma. Entendeu?

– E se Luka decidir tirar uma soneca com uns peixes? – Ela tentou reprimir um sorriso.

E não conseguiu.

William arqueou as sobrancelhas.

– Que conversa é essa?

Raven o estudou por alguns instantes; ele não estava achando graça.

– Você não viu *O poderoso chefão*?

O rosto dele não deu indício nenhum de reconhecimento.

– O filme?

Ele pigarreou.

– Acho filmes... coisas banais.

Raven riu.

– Claro. Um dia desses você precisa ver *O poderoso chefão*. É o melhor filme de todos os tempos, junto com *Casablanca*.

– Você veria esses filmes comigo?

Ela piscou os olhos, espantada.

– Você iria querer?

Ele acariciou seu pulso com os dedos, indo de um lado a outro sobre a pele.

– Não consigo pensar em muitas coisas mais prazerosas do que passar uma noite na sua companhia, mesmo que isso inclua assistir a um filme.

A atenção de Raven foi atraída para o movimento dos dedos dele. A sensação era maravilhosa.

– Tudo bem, mas com uma condição.

Ele parou a carícia.

– Qual?

– Que você me deixe examinar sua coleção de arte.

Ele franziu o cenho.

– Só isso?

– Gostaria de ver o que você tem e avaliar a condição de cada obra. Aí poderei lhe dizer o que deve ser feito para restaurá-las.

– Em troca desse trabalho, que será extenso considerando o tamanho da minha coleção, você assistirá a filmes comigo?

Ela também franziu o cenho.

– Precisaria da sua palavra de que você não tentaria me manter prisioneira. Eu quero a minha liberdade.

– Eu já lhe dei minha palavra. – Ele pareceu ofendido.

William ajeitou os punhos da camisa social preta. Raven reparou que as abotoaduras tinham o formato de uma flor de lis e pareciam ser de ouro.

– Tomarei providências para que você tenha acesso à *villa*. – Ele a encarou

com desejo. – Quem sabe com o tempo você venha a desejar minha companhia por outros motivos?

– Você me fez uma oferta que não pude recusar – murmurou ela, virando-se de novo para a janela.

– Qual?

– Deixe para lá.

Ele estreitou os olhos mas, se ia repreendê-la, pareceu mudar de ideia.

– Depois do hospital, vou levá-la para conhecer meus semelhantes. Eles não estarão esperando. Aconteça o que acontecer, você deve se comportar como se estivesse inteiramente à vontade com tudo o que for dito e feito.

Raven então sentiu medo. As palavras dele fizeram seu estômago se revirar.

Ele estendeu um dedo para erguer o queixo dela e inclinou sua cabeça para poder ver seus olhos.

– Estou prestes a levá-la para o submundo, Perséfone. Conseguirá ser corajosa?

Ela engoliu em seco.

– Acho que sim.

– Eu sei que sim. – Ele arriscou um sorriso e passou o polegar pelo lábio inferior dela.

– Só tem mais uma última coisa.

Ela o encarou com um olhar curioso.

Os olhos cinzentos dele cintilaram, e ele levou o polegar à boca e o lambeu.

– Você precisa fingir que passou as últimas 24 horas na cama comigo, desatinada de prazer.

◆◆◆

Raven estava apavorada com os semelhantes de William. Torceu para não testemunhar nenhum frenesi de alimentação em humanos ou algum outro evento igualmente horrendo. Duvidava muito que fosse conseguir ser corajosa nessas circunstâncias.

Ele não passou muito tempo dentro do hospital. Contou que conseguira entrar no quarto de Bruno e lhe administrar uma pequena quantidade de sangue

de vampiro, o suficiente para estabilizar sua condição. Um contato no hospital o manteria informado, e ele dividiria as informações com Raven.

Conforme o Mercedes se aproximava do centro da cidade, William tirou do bolso um pedaço de seda preta e fez um gesto para Raven virar as costas.

Ela olhou para a seda, alarmada.

– Por quê?

– A venda vai me permitir fazê-la entrar na experiência de modo mais suave.

– Acho que ser vendada não tem nada de suave. – Seus olhos verdes exibiam desconfiança.

William correu a seda preta por entre os dedos.

– Vou levá-la a um lugar que você não deveria ver. A venda irá protegê-la e ajudá-la a ficar calma.

Raven encarou o pano sem se mexer.

Ele inclinou a cabeça para um dos lados enquanto escutava o ritmo cada vez mais veloz de seu coração e a respiração curta. Podia sentir o cheiro do nervosismo no seu sangue.

– Raven.

O som de seu verdadeiro nome saído da boca de William lhe chamou a atenção. Ela encarou os olhos dele.

– Preciso que você seja corajosa e que fique calma. A venda vai ajudar. Se não quiser usá-la, vou ter que recorrer ao controle da mente.

– Controle da mente? – repetiu ela.

– Os vampiros têm a capacidade de manipular os seres humanos, mas isso não funciona em quem tem a mente forte. Duvido que funcione em você. Mas, se não cooperar, serei obrigado a tentar.

– É tipo um truque jedi? – Ela acenou com a mão no ar. – Esses não são os droides que você está procurando.

Ele fez uma careta.

– Você poderia parar de dizer coisas sem sentido? O que estamos prestes a fazer é perigoso. Não sou só eu quem vou acabar morto se algo sair errado.

– Estava tentando ser engraçada.

– Vampiros não são dados a fazer graça. Então, vai usar a venda ou não? – Ele estava passando depressa da impaciência para a raiva.

– Vou. – Ela virou de costas.

Ele pôs a seda diante de seus olhos e amarrou o pano atrás da cabeça. Então pousou a mão no seu ombro.

– Seja valente, Raven.

Ela não estava se sentindo valente, mas não tinha outra escolha que não interpretar o seu papel. Concentrou-se em respirar e tentou inspirar e expirar profundamente. Sentiu o carro seguir por mais algum tempo até virar e parecer entrar em um prédio de algum tipo. Pouco depois, o carro parou.

William a ajudou a saltar do veículo e segurou seu cotovelo ao fazê-la passar por uma porta. O chão que ela pisava parecia de pedra, o que lhe indicava que eles deviam estar em um dos prédios mais antigos de Florença.

Pensou se estariam no Palazzo Riccardi.

William a conduziu por uma série de corredores e portas, e eles desceram uma escada sinuosa que parecia não ter fim. Ela quase se convenceu de que estavam rumando para o centro da terra.

Depois de descerem a escada, atravessaram uma porta e seguiram por um corredor comprido e cheio de ecos. Ela ouviu vozes: homens e mulheres, mas nenhuma criança. Ouviu trechos de conversas em várias línguas, algumas das quais não soube identificar.

Ouviu risos, e os gemidos e ritmos muito óbvios de atividade sexual.

Sentiu as faces corarem e se perguntou se o submundo era na verdade um clube de sexo para vampiros. Pensou se os grunhidos e ruídos eróticos eram de homens e mulheres humanos que estavam dando seu sangue enquanto atingiam o orgasmo.

– Fique firme agora – sussurrou William.

A mão dele desceu por seu braço e apertou sua mão antes de voltar ao cotovelo.

Raven respirou fundo e tentou não tremer.

O ar à sua volta estava úmido e recendia um pouco a mofo.

Ela tossiu.

– Independentemente do que ouvir, seja valente e mantenha-se calada – disse William, apertando seu braço com mais força.

Ela sentiu um peso na barriga.

Uma porta se abriu, e eles entraram no que devia ser um grande salão ou

teatro. Raven pôde ouvir os ecos de metal batendo em metal, e o barulho de grunhidos e gritos.

Ergueu o queixo devagar.

Apesar de todos os esforços de William, a venda tinha saído do lugar. Um pequenino campo de visão à direita de seu nariz fora descoberto. Se ela movesse a cabeça, conseguia ver.

E o que viu a deixou impressionada.

Estava em uma sacada com vista para um espaço imenso parecido com um ginásio. No chão lá embaixo, homens e mulheres travavam diversos tipos de combate. Alguns estavam armados, outros usavam apenas os corpos.

Embora Raven tenha se esforçado muito para não se mexer, viu pessoas pularem do chão e parecerem sair voando pelo ar. Viu-as também infligir o que ela considerava ferimentos mortais, embora as vítimas saíssem ilesas.

Por impulso, soltou um palavrão.

– Não faça barulho – disse William, tornando a apertá-la.

O que ela acabara de ver era impossível. Era um desafio à gravidade. Era um desafio a tudo em que aprendera a acreditar em relação aos seres humanos e suas capacidades.

Aquilo confirmava o que ela já acreditava: que William e os da sua espécie, fossem o que fossem, não eram humanos.

Ele a conduziu por outra porta e até um corredor escuro, que parecia fracamente iluminado por tochas posicionadas nas paredes.

Enquanto eles avançavam, Raven percebeu que o submundo era escavado em pedra.

Ouviu vozes ao longe, mas ninguém passou por eles.

Então pararam, e Raven ouviu outra porta se abrir. William a conduziu para dentro de um pequeno recinto escuro.

Ela ouviu um fósforo sendo riscado e sentiu cheiro de fumaça. Uma luzinha se fez visível a uma pequena distância.

Ele devia ter acendido uma vela.

– Espere alguns minutos até se acalmar.

Raven respirou profundamente.

Ouviu uma garrafa sendo aberta e um líquido sendo despejado. Ele pôs um objeto frio e liso na palma de sua mão e fechou seus dedos em volta.

– É *vinsanto*. Beba devagar, mas beba tudo. Vai deixá-la relaxada.

Ela levou o copo até o nariz para sentir o cheiro.

Então encostou o copo na boca e bebeu.

– Humanos só podem entrar aqui se estiverem sob controle mental e apenas para servir como alimento. Você precisa fingir que está inteiramente dominada por mim. Não pode revelar o que viu. Caso contrário, serei forçado a silenciar a cotovia que aprendi a admirar.

Capítulo 29

– O que significa isso? Por que fomos convocados?

Aoibhe entrou no recinto do conselho debaixo do Palazzo Riccardi. Estava de mau humor.

Pierre deu de ombros.

– Ninguém sabe. Quem deu a ordem foi o próprio Príncipe, e ele não quis aceitar atrasos.

– Mas por que motivo? – Ela voltou a atenção para Lorenzo, que balançou a cabeça.

– Alguma coisa chegou da rede de inteligência humana, mas o relatório foi direto para o Príncipe. Eu não vi nada.

Aoibhe franziu o cenho.

– Isso é irregular. Você é o braço-direito dele.

Lorenzo abriu a boca para comentar, mas a fechou quase na mesma hora.

– Onde está Max? – Ela correu os olhos pelo amplo recinto.

– Ele foi convocado. – Segurando o cetro da cidade junto à lateral do corpo, Lorenzo assumiu seu lugar na frente do salão.

Aoibhe chegou perto de Niccolò, que já estava sentado.

– Está havendo algum problema com as patrulhas?

– Nenhum. Tudo conforme o planejado. – O tom de Niccolò não era amigável.

Aoibhe bateu palmas devagar.

– Ansioso para conservar sua cabeça no lugar, Nick?

– Ela está presa ao meu corpo.

– Por enquanto – murmurou ela.

– *Perchè la fortuna è donna, et è necessario, volendola tenere sotto, batterla e urtarla* – afirmou Niccolò, provocando-a com seus olhos escuros.

Ela fechou a cara e deu um passo para frente, ameaçadora.

– Quinhentos anos se passaram e você continua cuspindo essa lenga-lenga ridícula? Vou lhe mostrar o que significa apanhar, seu cretino ridículo.

– Aoibhe – disse Lorenzo, ríspido. – Pare de antagonizar Sir Machiavelli.

Ela abriu a boca para protestar, mas nesse exato instante Max entrou, seguido por Gregor.

Aoibhe se sentou com relutância, mas não antes de proferir alguns insultos na direção de Niccolò.

– Declaro iniciada a reunião do Consilium – disse Lorenzo, batendo com o cetro no chão.

Os membros do Consilium se levantaram enquanto o Príncipe entrava no salão.

Assim que viram a jovem ao seu lado, uma série de grunhidos escapou de suas gargantas. Todos os seis vampiros sentiram o cheiro embriagante e se viraram famintos na sua direção.

Capítulo 30

Raven teve de se esforçar ao máximo para continuar andando. Sua perna doía, mas ela se recusou a mancar. Caminhou devagar, avançando com os saltos altos pelo piso de pedra feito um gato que percorre uma superfície quente.

William a segurou pelo braço, mas a sua proximidade nada fez para impedir seu medo. Ela ouviu rosnados e grunhidos de animal, que pareciam cercá-la e ecoar por um amplo espaço.

Por um instante de desespero, pensou se William a estaria escoltando rumo à morte.

Enquanto ele a conduzia adiante, viu uma cadeira à sua direita e dois pares de pés calçados com sapatos masculinos. William a posicionou em frente a eles, ao lado de um lance de degraus.

Quando a mão dele se afastou, ela teve de resistir ao impulso de tentar pegá-la.

Seu coração batia furiosamente, e ela temeu que ele a tivesse abandonado.

Pôde sentir vários olhos queimarem suas costas. Sentiu a proximidade dos dois homens atrás de si.

Fechou os olhos por baixo da venda e se forçou a não demonstrar nenhuma reação.

– Surgiu uma situação que exige nossa atenção. – O italiano autoritário de William interrompeu os devaneios de Raven, e ela moveu a cabeça em direção à voz dele. – Em primeiro lugar, tenho um anúncio a fazer. Arrumei uma favorita. – Ele fez uma pausa como se a estivesse indicando com um gesto. – Ninguém deve falar com ela, chegar perto dela ou tocá-la. Esse anúncio deve ser estendido também à plebe, e não admite qualquer exceção.

Raven ouviu um movimento à sua esquerda.

– Perdão, meu príncipe. Lamento lembrar-lhe que não é permitido aos seres humanos ingressarem no submundo, com exceção do Teatro, a menos que estejam reservados como alimento. – Apesar de respeitosa, a voz do homem soou firme.

– Sim, Niccolò, conheço muito bem as regras, já que fui eu quem as estabeleceu – respondeu William com um tom frio.

Aquilo pegou Raven de surpresa, pois Lucia e Ambrogio haviam se referido a ele como lorde. E agora o estavam chamando de príncipe.

Com a mente em turbilhão, teve de sufocar uma reação verbal.

William prosseguiu.

– Como podem ver, foram tomadas precauções. Gostaria que ficasse registrado que esta visita não teria sido necessária não fosse por Maximilian.

Um coro de murmúrios encheu os ouvidos de Raven.

– Maximilian chegou perto da minha favorita, falou com ela e tentou pegá-la para si. Fiquei sabendo que Aoibhe também falou com ela. – A voz de William era glacial.

– Desculpe, mestre. Não fazia ideia de que fosse sua. – A jovem e atraente voz feminina soou como música aos ouvidos de Raven. Ela a reconheceu da noite anterior.

– Devo entender que a favorita estará sempre na sua companhia, Príncipe? – indagou um homem mais jovem.

– Agrada-me dar a ela uma certa liberdade, Lorenzo. Fico muito ocupado com as questões de Estado, e não posso copular o tempo inteiro.

Algumas risadinhas se fizeram ouvir.

Raven sentiu o rosto esquentar.

– Mas ela usará sua marca? – insistiu Lorenzo.

– É claro. Para evitar mal-entendidos, também vou lhe dar isto aqui de presente.

Raven ouviu passos se aproximarem.

– Ajoelhe-se – ordenou William; a voz soou a menos de meio metro de seu rosto.

Raven tateou às cegas diante de si com gestos exagerados antes de cair de joelhos. O piso de pedra estava duro e úmido.

Ele ergueu sua mão direita e passou algo frio pelo seu pulso.

Por baixo da venda, ela viu que era uma pulseira feita de fios de ouro entrelaçados. Uma flor de lis de ouro esculpida estava presa no centro da joia.

Raven reparou que a flor de lis era igual àquela gravada nas abotoaduras de William.

– Enquanto usar o símbolo do principado, será minha. Qualquer um que mexer no que é meu será destruído. – William fez uma pausa, como para intensificar o efeito. – Lembrem-se do destino de Ibarra.

Ele roçou a mão por cima da dela, um toque ínfimo e quase imperceptível que logo desapareceu. Aquilo reconfortou Raven.

Deve estar preocupado comigo.

– Pode se levantar – ordenou a voz dele.

Raven se levantou com cuidado. Ouviu William se afastar.

– O senhor não pode se apossar da favorita de outro mestre.

Raven reconheceu a voz grave e roufenha do homem que havia atacado Bruno. Sentiu um arrepio subir e descer pelas costas ao entender que ele estava em pé logo atrás dela.

Lutou contra o impulso de se retrair.

– Explique-se – bradou Lorenzo.

– Encontrei essa pequena ontem à noite. Ela tem dois sangues dentro de si além do seu. É propriedade de outro alguém.

– Silêncio – rosnou William.

O recinto ficou em completo silêncio. Raven apurou os ouvidos para tentar escutar alguma coisa.

– Havia dois outros, sim. Eu os destruí – disse William com um tom impaciente.

– Ela estava com um talismã. Como você conseguiu capturar uma favorita que tinha um amuleto?

Murmúrios escoaram pelo grande salão.

– Foi uma sorte, Maximilian, você ter separado minha favorita do seu talismã e me permitido assim me apossar dela. Como destruí seus mestres anteriores, ela me pertence. A menos que você queira me desafiar por causa dela. – William aguardou, mas só por um instante, antes de levantar a voz e se dirigir ao grupo. –

Alguém mais tem alguma objeção? Há espadas suficientes na parede para despachar todos vocês.

O silêncio continuou a dominar o cômodo.

– Vamos, não desperdicem meu tempo. Gostaria de encerrar este assunto para poder aproveitar minha favorita. – Quando ninguém respondeu, ele prosseguiu. – Considero sua atitude perturbadora, Maximilian. Esta vai ser a última vez em que você vai me importunar.

Raven ouviu um movimento atrás de si, mas não soube o que era.

– Visto que não há mais perguntas, vamos prosseguir. Gregor, acompanhe minha favorita até a câmara lateral. Tranque a porta e fique de guarda do lado de fora. Qualquer um que chegar perto da câmara deve ser destruído. Entendeu?

– Sim, mestre.

Raven sentiu alguém se mover até o seu lado e segurar de leve o seu cotovelo. A pessoa a fez virar e a acompanhou por vários passos até os dois saírem por uma porta.

Ouviu o barulho de um arranhar e de outra porta se abrindo. Gregor a escoltou alguns passos para a frente e pôs sua mão nas costas de uma cadeira.

Então saiu, deixando-a imersa em completa escuridão.

Ela ouviu a porta se fechar e alguma coisa pesada se encaixar no lugar. Foi somente nessa hora que se deixou dominar pelo medo.

Capítulo 31

– Recebi uma mensagem da rede de inteligência humana hoje à tarde. Um grupo de caçadores foi visto hoje pela manhã do lado de fora da cidade.

Dentro da sala do conselho, os membros reagiram com murmúrios ao anúncio do Príncipe.

– A rede os interceptou quando eles tentaram entrar na cidade. Foram interrogados e destruídos. Infelizmente, parece que fazem parte de um grupo maior, e alguns outros entraram pelo outro lado.

– Eram membros da Cúria, mestre? – indagou Niccolò.

– Não.

Os integrantes do conselho deram um suspiro de alívio coletivo.

O Príncipe ergueu as mãos.

– Aqueles que faziam parte das patrulhas humanas hoje foram destruídos por causa de seu fracasso. Também despachei seu líder. Eles foram substituídos, e o chefe da rede me garantiu que esse lapso não vai tornar a acontecer. Com caçadores na cidade, todos correm perigo. Lorenzo, cuide para que a plebe seja avisada. Niccolò, leve Max, Aoibhe e suas melhores patrulhas, e vasculhem a cidade de prédio em prédio. Quero os caçadores destruídos, mas preservem dois. Irei interrogá-los pessoalmente.

Lorenzo e Niccolò aquiesceram com uma mesura.

– Príncipe, um mensageiro trouxe uma missiva da Princesa da Umbria. – Lorenzo sacou de baixo da túnica um envelope antiquado lacrado com cera.

O Príncipe rompeu o lacre e abriu a carta. Depois de passar os olhos pelo texto, aquiesceu para o conselho.

– A Princesa manda saudações. Diz que está tudo bem e que a nossa aliança

está intacta. – Ele tornou a pôr a carta no envelope e a guardou no bolso interno do paletó, ignorando os olhares curiosos dos outros. – Niccolò e Lorenzo, quero a cidade impenetrável. Quero nosso exército de prontidão. É possível que o grupo de caçadores seja o prenúncio de uma incursão mais numerosa.

O Príncipe se levantou, e os membros do conselho fizeram o mesmo, curvando-se enquanto ele descia do trono e avançava pelo centro do salão.

Antes de ele alcançar a porta, Aoibhe chegou ao seu lado.

– Posso dar uma palavrinha com você, meu príncipe?

Ele se virou e examinou o rosto dela.

Ela parecia calma, curiosa até. Aparentemente satisfeito, ele indicou um canto e a seguiu até lá.

– Estou vendo que acatou o meu conselho. – Aoibhe sorriu, mas o sorriso não chegou aos seus olhos.

A expressão de William se contraiu.

– A moça é uma diversão, não uma consorte.

– Então ainda há espaço na sua cama para mim.

William apenas sustentou seu olhar. Aoibhe inclinou a cabeça enquanto examinava seus traços.

– Sem dúvida você vai demorar algum tempo para se cansar de sua nova favorita. Sei ser paciente. Ela está sob controle mental? Não deu para perceber.

– Esta conversa tem alguma finalidade?

Aoibhe jogou os longos cabelos ruivos.

– O cheiro da moça está disfarçado. Ela era virgem?

William trincou os dentes.

– Fique alerta hoje à noite, Aoibhe. Os caçadores vão achá-la irresistível.

– Imagino que a resposta seja não. – Aoibhe levou um dedo aos lábios, como se estivesse entretida em pensamentos. – Se não era virgem, estou surpresa que tenha se dado o trabalho. Me diga uma coisa, era saborosa?

Os olhos do Príncipe arderam. Ele estava prestes a ir embora quando algo por cima do ombro dela chamou sua atenção. Os outros membros do conselho estavam virados na sua direção e os observavam com um interesse não desprezível.

Ele tornou a encará-la.

Com a desenvoltura de quem já tinha feito aquele gesto muitas vezes, ele

ergueu a mão direita e a levou ao rosto dela, passando o polegar pelos lábios.

Os olhos escuros da ruiva se arregalaram de surpresa, e ela enfiou o polegar dele na boca e sugou com força.

– Ela é uma favorita. Nada além disso. – Ele a beijou com agressividade e ela retribuiu, mordendo seu lábio inferior.

William se afastou com uma expressão de desagrado e levou uma das mãos à boca. Por sorte, ela não havia tirado sangue.

Aoibhe piscou para ele.

– Que bom que estamos de acordo. Você sabe onde me encontrar quando se cansar do seu bichinho.

Ela se virou para se juntar aos outros membros do conselho, mas acrescentou por cima do ombro:

– Vou ficar esperando.

Capítulo 32

Por algum motivo, a subida da escada em espiral pareceu mais longa do que a descida. Agarrada a William, Raven estava ansiosa para sair daquele estranho mundo em que ele habitava.

Habitava.

Sua mente se prendeu a essa palavra. William não apenas habitava o submundo; ele o governava. A julgar pela deferência que ela pudera detectar na voz de seus associados, eles o temiam.

Ela havia pensado nele como membro de um grupo de vampiros, não seu líder. Se já tinha medo antes, neste instante a sensação havia triplicado.

Agora sou a favorita dele.

Ela se retraiu. A expressão era humilhante, assim como a experiência que denotava. Se não temesse pela própria vida, teria feito alguma objeção. Em alto e bom som.

Seu comprometimento com as leis da natureza e com aquilo que era fisicamente possível fora enfraquecido e quase destruído. Ela vira e ouvira coisas demais, tanto em cima quanto embaixo da misteriosa escadaria. E o modo como os homens e as mulheres do ginásio se moviam...

Perguntou-se por que os vampiros ainda não tinham dominado o mundo.

Raven tropeçou e sentiu a mão de ferro de William segurá-la pelo cotovelo direito.

– Continue – sussurrou ele.

Não sabia se os outros podiam vê-los. Com certeza não ouviu nenhum passo na escada. Seu coração batia depressa. Sabia que a adrenalina a impedia de sentir o desconforto provocado pelos saltos altos.

William não disse nada, mas moveu-se para enlaçá-la pela cintura.

Raven achou aquele contato reconfortante.

Poucos minutos depois, os dois estavam passando por várias portas e corredores. William a ajudou a subir em um carro, sentou-se ao seu lado, retirou-lhe a venda e a guardou no bolso do paletó enquanto eles começavam a percorrer as ruas da cidade.

Raven deu um suspiro de alívio, mas o semblante dele estava atento, cauteloso.

– É possível que os meus semelhantes nos sigam, mas eles serão detidos nos portões da *villa*. Não conseguem entrar na propriedade.

– Por que não? – perguntou ela, com a boca seca.

William pegou uma garrafa d'água com o motorista Luka.

Raven aceitou, agradecida.

– Digamos apenas que possuo determinadas coisas que impedem os outros de me incomodarem.

– Você não me disse que era um príncipe.

– O título se refere ao meu cargo. – William a observou esvaziar metade da garrafa. – O vampiro líder de um principado é conhecido como Príncipe. Assim sendo, sou o Príncipe de Florença.

– Há quanto tempo?

– Desde o século XIV.

Raven engasgou, enquanto William a observava sem poder fazer nada.

– Está tudo bem?

Ela dispensou a mão dele com um gesto, mas continuava a tossir.

– Luka, pare o carro – ordenou William.

– Não... – Raven conseguiu dizer, embora sem parar de tossir. – Estou bem.

– Sua voz não soa nada bem. – Ele passou o braço pelo ombro dela.

Ela tossiu mais algumas vezes.

– Estou bem.

Com cuidado, Raven tomou mais um gole d'água. Então inspirou fundo e expirou.

– Está melhor agora? – perguntou ele, com o cenho franzido.

– Muito, obrigada.

– Precisa tomar mais cuidado.

– Não me dei conta de que beber água enquanto você falava era arriscado. – Ela o encarou com intensidade. – Se você se tornou Príncipe no século XIV, deve ter nascido antes disso.

Ele aquiesceu uma vez.

– Quanto tempo antes?

– Por diversos motivos, sempre guardei segredo em relação à minha idade.

Ela franziu o cenho.

– Que tipo de motivos?

Ele a encarou com um olhar calculado para encerrar aquela conversa.

– Como alguém se torna Príncipe?

– Em geral, destruindo o Príncipe anterior – respondeu ele em um tom excessivamente casual.

Raven sentiu o sangue gelar.

– Nunca destruí ninguém que não merecesse. Lembre-se disso antes de me condenar.

William retirou o braço de seu ombro e voltou a atenção para a paisagem escura da cidade.

Sem saber como responder, Raven tomou outro gole d'água.

William não estava acostumado a justificar os próprios atos. Desde que se tornara Príncipe, nunca precisara fazer isso.

No entanto, enquanto se explicava para a moça sentada ao seu lado, começou a sentir uma emoção nova. Afastou-a, sem querer lidar com aquilo.

– Você foi muito corajosa hoje de manhã. Gostaria de recompensá-la mostrando-lhe as maravilhas da minha cidade, mas há caçadores à solta. Nosso tour vai ter que esperar.

Raven deixou de lado a garrafa, agora vazia.

– Quem seria louco o bastante para caçar você?

– Dois grupos. Esse é o mais fraco. Alguns dos mais fracos caçam por esporte, mas a maioria o faz para coletar sangue.

– Sangue de vampiro?

– Humanos saudáveis o usam para se curar, mas também para combater o envelhecimento. Nós somos difíceis de matar, o que torna o nosso sangue raro e muito valioso. Tão valioso que os caçadores às vezes chegam a caçar feras.

– O sangue deles é parecido?

– O sangue dos feras causa loucura.

Raven engoliu em seco.

– Se alguém pensasse estar absorvendo sangue de vampiro, mas em vez disso absorvesse o sangue de um fera, a pessoa ficaria louca?

– O que anima os feras é transmitido pelo sangue. A escuridão migra para quem ingerir esse sangue. – Ele olhou por cima do ombro dela por um curto instante, como se algo tivesse lhe ocorrido. – É parecido com uma possessão.

Raven esfregou a têmpora, sentindo os primeiros sinais de uma dor de cabeça. Seu corpo estava obviamente com dificuldades para processar essas sucessivas revelações.

– Se o fera tivesse me mordido naquela noite, eu iria enlouquecer?

– Se houvesse transferência de sangue em quantidade significativa, sim.

Ela fechou os olhos e tentou o quanto pôde manter as emoções sob controle. Sentiu o coração bater forte no peito, e um suor frio cobriu sua pele.

William segurou sua mão.

– Você vai vomitar?

– Não sei.

– Luka, pare o carro.

Obediente, o motorista diminuiu a velocidade e encostou em uma ruela.

William se virou e dedicou toda a sua atenção a Raven.

– Se você fez aulas de catecismo na sua paróquia, sabe tudo sobre anjos, demônios e acontecimentos sobrenaturais.

– Parei de acreditar nessas merdas quando tinha 12 anos.

– Por quê?

Raven respondeu recostando-se no banco e respirando profundamente, ainda de olhos fechados.

– Se você acreditou nisso um dia, pode acreditar outra vez. É só acrescentar vampiros e feras aos anjos e demônios.

– Está dizendo que anjos e demônios existem?

– Sem sombra de dúvida.

Raven disse um palavrão. William chegou mais perto dela.

– Os feras matam; eles não mutilam. Se um deles a atacasse, você morreria em segundos. Então eles se alimentariam do seu sangue. Já os vampiros preferem alimento vivo.

– Por estranho que pareça, não acho isso reconfortante.

Ele a puxou mais para perto e baixou a voz.

– Reconforte-se pensando que você está protegida pelo mais poderoso vampiro do reino da Itália, com exceção do Romano.

Ela abriu os olhos.

– Quem é o Romano?

– Ele governa o Principado de Roma. E desde a época antiga, é também considerado rei dos principados que hoje formam a Itália.

– Ele é mais poderoso do que você?

– Muito mais.

Raven soltou uma expiração audível.

– De onde vem o seu poder?

Ele segurou uma mecha dos cabelos dela e puxou.

– Vamos com calma, Dalila. Não vou lhe revelar todos os meus segredos.

– Não sabia que vampiros faziam catecismo.

O sorriso de William desapareceu.

– Quanto menos falarmos sobre esse assunto, melhor. Não que a minha formação tenha me protegido.

Raven pôde sentir a raiva dele. Esta parecia emanar de sua pele e encher o carro, mas não era dirigida a ela.

– Lucia fez uma mala com seus pertences na *villa*, e Ambrogio trouxe tudo para o seu apartamento. Se estiver faltando alguma coisa, é só avisar que ele mandar entregar.

– Aqueles objetos na *villa* não são meus. Cheguei lá só com isto aqui. – Ela apontou para a mochila no chão do carro.

– As roupas foram compradas para você.

– Não precisava. – As faces dela coraram de constrangimento. – Algumas delas não vão caber.

– Infelizmente, a perda de peso é um efeito da ingestão de sangue de vampiro. Você logo voltará ao seu peso saudável.

A boca de Raven se escancarou.

Ela ia protestar, ou pelo menos lhe pedir para esclarecer o que tinha dito, mas ele já havia recomeçado a falar.

– Ambrogio teve que tirar a relíquia do seu apartamento antes de você voltar.

A atenção dela mudou de foco na mesma hora.

– Você a pegou de volta, lembra? Estava na minha mochila quando Bruno foi atacado.

– Eu pus outra no seu apartamento na noite em que a levei de volta.

– Eu não vi.

– Estava escondida debaixo da sua cama. Eu não tinha intenção de tornar a vê-la. Deixei uma relíquia para protegê-la.

Raven o examinou com o olhar.

– Foi muita... bondade sua. Por que está pegando de volta?

– Os outros vão ficar curiosos em relação a você. Vão encontrar seu apartamento. A relíquia tinha que sumir. E não vou devolver a que lhe dei antes.

– Mas por quê?

– Você supostamente é a minha favorita. Relíquias detêm seres da minha espécie. – Seu tom foi abrupto.

– Mas não detêm você.

William a encarou com um olhar perigoso, frio até, e ela se pegou recuando para longe dele.

– Não precisa se preocupar, não vou dizer nada.

O olhar abrasador dele foi um alerta.

– Para o seu bem, espero que isso seja verdade.

– A favorita de um vampiro não pode ter relíquias porque elas deteriam o seu vampiro.

– Exato.

– E Maximilian? Tenho certeza de que ele sabia que eu tinha uma relíquia na mochila.

– Não se preocupe com Max – respondeu William, seco.

– Quer dizer que os seus semelhantes não sabem que as relíquias não surtem efeito em você. – Ela o encarou com novos olhos. – Por que guardar segredo em relação a isso? Não quer que eles saibam o quanto você é poderoso?

– O poder fica maior quando é secreto. – Seu rosto, assim como o tom de sua voz, tornou-se mais sombrio.

– Está certo – sussurrou ela.

– Você está se sentindo mal?

– Não.

William voltou sua atenção para o motorista.

– Podemos ir, Luka.

O silêncio tomou conta do carro enquanto eles cruzavam o Arno. William pôs as mãos espalmadas sobre os joelhos e tamborilou os dedos na lã.

Raven foi tomada pela impressão de que ele estava nervoso ou impaciente com alguma coisa.

Quando chegaram perto da Piazza Santo Spirito e de seu apartamento, ele disse:

– Prometo ajudar o rapaz até ele se recuperar. Também me dedicarei a aliviar o sofrimento de sua vizinha.

– Obrigada.

– A profundidade de sua preocupação com seus semelhantes me pegou de surpresa. – Ele fez uma pausa, e seu olhar de repente se fixou em um dos prédios. – Não é comum eu me surpreender.

O comentário não parecia exigir resposta, de modo que Raven permaneceu calada. Inclinou-se para a frente, pegou a mochila e a pôs no colo.

Luka estacionou o carro perto do prédio de Raven e saltou na mesma hora. Fechou a porta e se postou atrás do carro, em atitude de alerta.

– Entendo que a sua disposição para ficar comigo tinha por base o seu desejo de ajudar seus amigos. Mas espero que você... – William se interrompeu, com a voz cheia de desejo.

– Espera que eu o quê? – Ela tentou olhar nos olhos dele.

– Nada. – Ele manteve os olhos fixos na rua. – Não espero nada, porque toda esperança é vã.

Raven ficou mexendo na mochila.

– Ausência de esperança é desespero.

– Não se arvore a me dar lições sobre o desespero – disparou ele.

– Desculpe.

Ele se virou e levou a mão até debaixo do queixo dela.

– Você é o único raio de esperança que vejo desde 1274. É a única que fez meu coração recomeçar a bater.

Por alguns instantes, Raven notou nos olhos dele algo muito mais profundo do que desejo físico. Nem sequer sabia o que era, mas pôde ver e sentir aquilo vibrar no ar entre os dois.

De repente, ele cobriu os lábios dela com os seus e traçou o contorno de sua boca com a língua.

Ela se abriu para ele.

William empurrou a mochila para o lado e a puxou para um abraço.

A língua dele penetrou sua boca e deslizou sobre a dela. Ele levou a mão ao seu pescoço.

Em poucos movimentos hábeis, desamarrou o lenço de seda e encostou os lábios ali.

Raven arregalou os olhos.

Ele mordiscou-lhe a pele e lambeu. Repetiu a mesma sequência várias vezes enquanto o coração de Raven disparava dentro do peito.

Ela sentiu um calor brotar de dentro dela. Hesitante, tocou os cabelos dele, alisando os fios para trás com os dedos. Os lábios dele continuavam em seu pescoço.

Ele abocanhou um pedaço de pele e chupou. Raven soltou um arquejo.

A boca dele se fez mais suave. Ele beijou o local dolorido, fazendo a língua estremecer de leve sobre a pele. Deu alguns beijos de leve na parte mais funda na base de sua garganta antes de roçar os lábios nos dela.

– Isso foi uma mordida? – sussurrou ela.

Ele se afastou um pouco.

– Não.

Ela levou a mão ao pescoço. A pele não estava ferida. Examinou a mão. Não havia sangue. William se abaixou para pegar o lenço dela que havia caído a seus pés e o pôs em seu colo.

– Jamais me alimentaria de você a menos que você se oferecesse.

– Não é isso que os vampiros fazem?

– Não me tente – respondeu ele com um tom frio.

– Não entendo você. – Ela balançou a cabeça.

– O que você não entende?

– Como você pode ser tão duro e beijar desse jeito?

Um sorriso se abriu no rosto de William, e ele passou o braço à sua volta.

– Sou anterior ao advento da psicologia, Cassita. Não sou capaz desse tipo de autoanálise.

Com certa hesitação, ela encostou a cabeça no ombro dele e foi recompensada

quando seu outro braço a envolveu pela cintura.

– Sei que você é perigoso – confessou ela. – Mas sei também, sem sombra de dúvida, que estou viva por sua causa, e por esse motivo sou grata.

– A gratidão é um começo – filosofou ele.

– A avó de Bruno foi gentil comigo quando cheguei em Florença. Obrigada por ajudá-la e por salvar Bruno.

Ele aquiesceu junto aos seus cabelos.

Raven pousou a mão no peito dele, próximo ao coração.

– Posso lhe perguntar uma coisa?

– Claro. Não prometo responder, mas pode perguntar.

– Quando estávamos com os seus semelhantes, ouvi alguém dizer alguma coisa sobre uma marca. Que história foi essa?

– Se você fosse a minha favorita, a esta altura eu já teria me alimentado de você. – Ele indicou seu pescoço. – Eles veriam mais do que um simples hematoma. De agora em diante, você precisa cobrir o pescoço sempre que estiver em público.

– Isso eu posso fazer. Gosto de lenços.

– Pode ficar com esse. Lucia compra outro.

Raven ergueu a cabeça.

– Ela não vai querer de volta?

– Não se eu lhe disser para não querer.

Raven decidiu não discutir. Cuidaria para que o lenço de Lucia fosse devolvido depois.

William olhou na direção do apartamento dela com uma expressão de desagrado.

– Você estaria mais segura na *villa*. Como disse, vampiros não podem entrar na propriedade e minha equipe de segurança mantém os humanos afastados. Mas prometi trazê-la para casa e aqui estamos nós. Hoje à noite vamos caçar caçadores. Com eles fora do caminho, você terá mais liberdade. Até lá, vou deixar Luka de olho em você. Ele vai segui-la até o trabalho na segunda de manhã e ficar perto de você durante o dia.

– Isso é mesmo necessário?

– Os caçadores são humanos. Se descobrirem que tenho uma favorita, podem decidir usar você.

– Espere aí... o quê? – Raven se afastou do seu abraço. – Como um ser humano pode caçar você?

– Eles usam armas e ferramentas diversas. Também recorrem a subterfúgios e é por isso que quero que você tome cuidado.

– Acha que vão vir atrás de mim?

– É possível. Mas a maioria dos vampiros não se deixaria atrair para fora de seus esconderijos para salvar um favorito. Favoritos são descartáveis.

Raven se retraiu.

– Você não é descartável, Cassita, eu lhe garanto. – Ele a beijou de leve. – Mas será mais seguro para você guardar segredo em relação a isso. De toda forma, duvido que os caçadores me elejam como alvo. Caçadores sensatos sabem que é mais fácil capturar vampiros mais recentes... os jovens, como os chamamos. Mas o sangue jovem nunca é tão poderoso quanto o antigo, ou seja, vampiros mais velhos são um prêmio e tanto.

– Você vive em um mundo estranho.

– Não mais do que o seu. Só que, no meu, todos são vilões.

Séculos de traição e desconfiança desfilaram diante dos olhos de William. Ainda que ele respeitasse e contasse com o seu Consilium sob determinadas circunstâncias, não confiava nele.

Não. A jovem em seus braços era a única pessoa em quem chegava perto de confiar em muitos anos. E não conseguia se forçar a lhe contar nem mesmo alguns de seus segredos menos importantes.

Raven flexionou o pé direito para tentar aliviar a dor no tornozelo. Ocorreu-lhe que a adrenalina em seu organismo devia ter baixado.

– Se eu lhe pedisse para curar minha perna, você me daria o seu próprio sangue?

William se retesou.

– Não.

Embora tenha mantido o braço em volta dela, ele mudou de posição e deixou o olhar se perder à frente.

Raven quis insistir, quis crivá-lo de perguntas, mas não o fez. Ele já tinha ficado bravo com ela uma vez naquela noite. Estava grata pelo fato de ele ajudar sua vizinha e deixá-la ir para casa. Não queria fazer nada que pudesse levá-lo a mudar de ideia.

William a soltou.

– Está na hora. Luka vai acompanhá-la para ter certeza de que você entrou sem problemas. Ele será substituído por um guarda que ficará vigiando seu apartamento do outro lado da Piazza. E na segunda de manhã Luka a levará até a Uffizi.

– Obrigada.

Ela lhe abriu um leve sorriso antes de pegar a mochila.

– Como assim, sem discussão? Sem protesto? – William a encarou com curiosidade.

– Você me levou para dentro de um mundo em que, mesmo vendada, pude sentir o poder e a fome dos seres à minha volta. Então me disse que existe uma classe de humanos que os caçam e que podem decidir me usar como isca. Preciso de toda a proteção que puder ter.

Com delicadeza, ele segurou Raven e depositou um beijo nas costas de sua mão.

– Noé soltou o corvo, e o corvo retornou. Se eu fosse capaz de ter esperança, torceria para você voltar para mim. Boa noite, Cassita.

– Boa noite. – Raven tentou esconder o espanto diante do comentário e da gentileza com que ele havia beijado sua mão.

Ao descer do carro, ficou surpresa ao ser acometida por uma súbita sensação de perda.

Capítulo 33

Pouco antes do nascer do sol, sentado atrás da escrivaninha, William releu a carta que Lorenzo tinha lhe entregado na noite anterior.

À sua Majestade, o Príncipe de Florença

Saudações.

Foi com alegria que recebemos a sua missiva. Como sempre, o Principado da Umbria acolhe de bom grado a amizade do poderoso Principado de Florença. Nós afirmamos nossa firme lealdade a esse grande e importante aliado.

Os humanos sobre os quais o senhor pergunta estão de fato residindo em nosso território. São quatro: um macho adulto, duas fêmeas adultas e uma fêmea criança. Na data da redação desta carta, ocupam uma casa perto de Todi.

Seria uma honra lhe entregar esses humanos de presente. Ou então, se preferir, podemos dar cabo deles da maneira que o senhor requisitar e lhe enviar os restos.

Caso essas alternativas não sejam do seu agrado, o senhor tem nossa permissão para entrar na Umbria e caçá-los. Por favor, faça-nos a gentileza de nos avisar com antecedência sobre a sua visita, pois gostaríamos de recebê-lo de modo condizente com uma figura da sua importância.

Eu teria grande satisfação em lhe proporcionar divertimento caso o senhor possa se demorar por alguns dias. Lembro-me com prazer de sua última visita.

Sempre sua fiel aliada, subscrevo-me,

Simonetta
Princesa da Umbria

William jogou o pergaminho escrito a bico de pena sobre a escrivaninha.

Sua situação estava bem mais complicada agora do que quando havia escrito a Simonetta pedindo permissão para caçar Gabriel Emerson no território dela.

Não havia esquecido o professor, mas conhecia as leis relativas a incursões ilegais e não estava disposto a arriscar uma guerra com um de seus mais importantes aliados por causa de um reles ladrão.

Agora que tinha a permissão de Simonetta, poderia ir lá rapidamente, matar Emerson e voltar para o seu principado, tudo na mesma noite. Mas não podia deixar sua cidade naquela situação, infestada de caçadores.

Tampouco iria deixar Raven agora que havia conhecido o prazer de sua boca.

Sua boca.

O plano de fazer dela sua amante tinha desandado. Embora fosse verdade que não amava ninguém havia muitos séculos, sentia alguma coisa pela jovem, e esse sentimento estava começando a se aprofundar. Antes, tinha esperanças de que os dois pudessem explorar sua atração mútua, e de que algo entre eles fosse surgir e florescer.

Estava redondamente enganado.

O horror com o qual ela havia reagido à sua proposta e a subsequente oferta de si mesma em troca de um favor o deixaram mais do que surpreso. Sabia que estava longe de ser nobre, mas sentia orgulho de ter tido uma atitude nobre, pelo menos dessa vez.

Ele a havia libertado.

Mas não tinha a menor intenção de abandonar seu plano de seduzi-la. Na realidade, o desejo por ela aumentara exponencialmente.

Quando enfim a tivesse na sua cama...

William se conteve para não fantasiar. Enquanto o sol brilhasse, precisava clarear os pensamentos por meio da meditação e do descanso. Ou pelo menos até quase a hora do pôr do sol, quando então poderia subir ao alto do Duomo e admirar a vista da sua cidade.

Era verdade que podia andar sob o sol, mas achava isso desconfortável. Como todos os vampiros, precisava descansar durante o dia e limpar a mente.

Entre os de sua espécie havia uma suspeita de que a loucura acometia os que não limpavam a mente de modo adequado e com regularidade; algo a ver com o peso da imortalidade fazer o lado racional falhar. Se havia uma coisa da qual William precisava como Príncipe, era de seu lado racional.

A cidade estava infestada de caçadores. Eles haviam escapado ao grupo de busca e assassinado dois jovens perto da estação ferroviária de Santa Maria Novella, sugando todo o seu sangue e jogando os corpos decapitados sobre os trilhos do trem.

Como era seu costume, os caçadores tinham levado as cabeças. Se uma cabeça de vampiro fosse deixada próxima ao corpo, as duas partes tinham tendência a se unir novamente, o que reanimava a criatura. Os caçadores sabiam que poderiam obter um preço mais alto pelo sangue do vampiro caso este fosse vendido junto com a cabeça, provando assim sua autenticidade.

Estremeceu ao pensar no que os caçadores fariam com Raven caso tomassem conhecimento de sua presença. Era por isso que, durante uma caçada, poucas horas antes, na companhia de Aoibhe e dos outros, certificara-se de mencionar que a jovem estava abrigada na segurança de sua *villa*, aguardando-o em sua cama.

Torcia para que todos tivessem acreditado.

Capítulo 34

De pé em seu quarto, na segunda-feira de manhã, Raven encarou sua bengala nova.

O objeto havia reaparecido de forma inócua após a visita de Ambrogio. Naquela manhã, ela a encarou com um ódio supremo.

A maioria das mudanças em sua aparência havia se revertido. A deficiência retornara quase por completo. Seu peso tinha aumentado; ela agora devia vestir um tamanho a menos do que antigamente. Ninguém que a visse hoje imaginaria que havia passado por uma mudança tão milagrosa.

Sentiu raiva de si mesma por ter aproveitado a breve experiência da beleza e por lamentar a sua perda. Jamais havia se considerado fútil; julgava-se uma pessoa estoica. Estava claro que não se conhecia tão bem quanto pensava.

Também sentia raiva de si mesma por odiar sua deficiência. Assim que descera da cama mancando pela manhã, começara a pensar em pedir a William para lhe dar sangue de vampiro e curar sua perna.

A facilidade com que cogitou essa possibilidade a incomodou.

Sua necessidade especial a distinguia daqueles que não tinham nenhuma deficiência visível. Ela sabia disso.

Na sua opinião, contudo, todos os seres humanos tinham algum tipo de deficiência: física, social, mental, moral e assim por diante. Segundo ela, aceitar a verdade em relação a si próprio, e talvez até conseguir abraçá-la, era o modo correto de lidar com uma deficiência, e não negá-la, escondê-la ou, horror dos horrores, tentar erradicá-la da sociedade.

Assim, foi com desdém que se olhou no espelho do banheiro, que encarou seus olhos melancólicos e a expressão acanhada. Estava manifestando a mesma

tristeza preconceituosa que os outros exibiam ao sentirem pena dela. Desprezava a pena e as baixas expectativas que esta gerava.

Deteve-se para reparar no fato de que William não a pressionara para sugar seu sangue. Ele havia mencionado a questão, mas parecera deixar a escolha a seu encargo. Não parecia incomodado com a sua deficiência. Era quase como se, na maior parte do tempo, nem sequer prestasse atenção nisso. Talvez por esse motivo ela sentisse por ele aquela estranha atração, mais ainda depois de ele a deixar voltar para casa e prometer ajudar Bruno e Lidia.

Foi mancando até a bengala e a segurou como se fosse uma espada, jurando aceitar a si mesma como era e não mais pensar em se curar. A bengala em si, nova e preta, era bem mais funcional do que as outras que já tivera, sobretudo a última, ainda espetada na parede como se fosse uma obra de arte.

Decidiu que gostava da velha bengala naquele lugar e que não iria tirá-la.

Embora não soubesse ao certo o que sentia em relação ao fato de William lhe comprar um guarda-roupa novo, estava grata pelas roupas. Lucia devia ter selecionado tudo e mandado apenas os tamanhos maiores, pois a maioria das peças servia, inclusive uma calça jeans de marca.

Raven pôs um vestido azul-marinho, um cardigã da mesma cor e sapatos sem salto e simples, também azuis. Obediente, colocou um lenço no pescoço e a pulseira que William tinha lhe dado. Pensou se a joia teria alguma ligação com a cidade ou se era algo adquirido por ele durante sua longa e misteriosa vida.

Ele havia se tornado Príncipe no século XIV, mas comentara alguma coisa sobre perder a esperança em 1274. Raven não teve tempo para pesquisar a data no Google e ver o que acontecera de importante nesse ano, mas pretendia fazê-lo mais tarde.

Pegou os óculos de leitura novos na mesinha de cabeceira. Os antigos estavam dentro da mochila desde a noite da festa de Gina e ela não conseguira encontrá-los. Ambrogio devia saber seu grau, pois os havia substituído, e com uma estilosa armação da Prada, ainda por cima.

Pôs os óculos dentro da caixinha e foi até a mesa da cozinha, onde pegou o iPhone novo. Ambrogio havia deixado o aparelho para ela dentro da caixa com um bilhete indicando que a informação armazenada dentro do antigo celular tinha sido transferida para aquele, além de informações de contato dele próprio, de Lucia e de Luka.

A ausência do nome e das informações de contato de William era perceptível. Isso a fez concluir que vampiros não usavam celular.

(Deviam usar pombos-correio.)

Infelizmente para Raven, nenhuma das fotos que ela havia tirado de sua aparência modificada fora transferida para o celular novo. Ela não tinha mais provas visuais da cura de sua perna, já que o aparelho antigo se perdera.

A ausência de fotos parecia intencional. Com certeza não fora ela a responsável. Perguntou-se que motivos William teria para fazer aquilo.

Talvez a estivesse protegendo. Talvez estivesse protegendo a si mesmo. Com certeza não exigia que ela mudasse de aparência. Talvez de fato sentisse atração por quem ela era de verdade.

Conforme prometido, Luka estava à sua espera no térreo. Era um homem grande, com quase 2 metros de altura e uns 140 quilos. Era também muito comedido nas palavras. Quando a viu, caminhou na sua frente até a porta e a escoltou até o Mercedes estacionado na esquina.

Durante o curto trajeto até a galeria, Raven tocou o lenço em volta do pescoço. Este agora cobria a marca de William: um chupão. Tentou não pensar no quão prazeroso tinha sido estar em seus braços e no quão sensual tinha sido senti-lo beijar seu pescoço.

Deu um suspiro.

Quando ele a deixara em casa, não dissera nada sobre vê-la outra vez. Ela, por sua vez, não havia marcado nenhum dia para a sua sessão de cinema. Seu apartamento com certeza parecia espartano comparado à opulenta *villa* em que ele morava.

A vida de Raven tinha mesmo sofrido uma reviravolta surpreendente, já que estava claro que o seu próximo encontro mais provável seria com um príncipe vampiro.

◆◆◆

– Está tudo bem?

Patrick a recebeu com um ar preocupado quando ela entrou na sala que dividia com várias outras pessoas. Colegas chegavam e conversavam um pouco junto à mesa uns dos outros antes de começar o dia de trabalho.

Apoiada na bengala, ela mancou até seu lugar.

– Estou ótima.

– Está de bengala de novo.

Raven deu de ombros.

– O novo tratamento que eu estava tentando deve ter dado errado.

– Você não disse nada sobre nenhum tratamento. Pensei que a sua perna tivesse melhorado sozinha quando você desapareceu.

Raven baixou o corpo até a cadeira e pôs a mochila no chão.

– Não gosto de falar disso.

– Certo. – Patrick não pareceu muito convencido.

Chegou mais perto e estendeu a mão em direção ao pulso da colega.

– O que é isso?

Raven tentou afastar a mão, mas ele já tinha visto a pulseira.

– Um presente.

– De quem?

– De um amigo – respondeu ela, vaga, e começou a tirar objetos da mochila e a dispô-los sobre a mesa em uma fileira bem-arrumada.

– O mesmo amigo que deu aquela outra peça de museu que você estava usando semana passada? – Ele soltou seu pulso. – Isso é de ouro, Raven. Quanto você acha que vale?

– Escute, Patrick, conheci uma pessoa que é uma espécie de colecionador. Ele está me emprestando umas coisas por diversão, só isso. Não é nada de mais.

– Tá, tá bom. – Patrick ergueu a mão no gesto de quem se rende. – Vou parar de me intrometer. Mas você precisa entender a impressão que isso tudo dá. Você some uma semana e aparece completamente diferente. Uma semana depois, volta ao normal, mas está usando presentes caros. E não estou falando de coisas que qualquer babaca poderia comprar na Tiffany. Estou me referindo a peças medievais e renascentistas que podem ser rastreadas até um colecionador.

Raven vasculhou o cérebro em busca de uma mentira plausível e abriu um sorriso conspiratório.

– Tá. A verdade é que conheci uma pessoa. Ainda está no começo, então não quero falar muito. Ele tem grana e gosta de gastar.

– Então é esse o tal amigo que deu o crucifixo de ouro?

Ela olhou para a sala, certificando-se de que ninguém podia escutar a

conversa.

– É. A gente ainda está se conhecendo.

– Pensei que você estivesse saindo com o Bruno.

– Ele teve que desmarcar. – Raven torceu as mãos no colo.

A expressão de Patrick se modificou.

– Sinto muito.

– Obrigada – disse ela com uma voz débil.

– Mas que bom que você conheceu outra pessoa. O que ele faz?

– Ele, ahn, ele negocia... safras raras.

Patrick sorriu.

– Bom, se ele algum dia tiver uma dessas sobrando, mande uma garrafa para mim. Gina adora vinho, e essas coisas não custam exatamente barato.

Raven aquiesceu, fazendo muita força para não se remexer na cadeira. Patrick se sentou na beirada de sua mesa.

– Infelizmente, tenho más notícias para você.

– O que houve?

– O chefe da segurança me parou hoje de manhã no caminho para o trabalho.

Raven apertou com força o cabo da bengala.

– Por quê?

– Ele viu o vídeo de você me entregando o pendrive no arquivo.

– Ai, não. Está tudo bem?

– Comigo, sim. Por sorte, eu tinha um pendrive parecido no bolso, cheio de arquivos relacionados ao projeto em que estou trabalhando. Mostrei para ele e disse que você estava me ajudando. Ele foi checar com a arquivista, ela confirmou que eu tinha autorização para copiar os arquivos, e pronto. A arquivista ficou intrigada quando seu nome surgiu na conversa, mas eu disfarcei para você.

– Obrigada. – Raven se recostou na cadeira. – Sinto muito mesmo por isso. Te devo uma. Mais uma.

– Não tem problema. Você chegou a descobrir mais alguma coisa sobre os tais arquivos?

– Não tive oportunidade de trabalhar nisso. Sei que Botticelli mudou o cabelo de Mercúrio, além de outras modificações bem-documentadas. Mas fiquei meio ocupada este fim de semana.

Patrick sorriu.

– Com seu colecionador de safras raras?

Ela olhou para o outro lado.

– Talvez.

– Ótimo. Que bom que você conseguiu sair e se divertir um pouco. Guardei a boa notícia para o final. O professor Urbano passou aqui faz alguns minutos. Ele quer que você se apresente no laboratório de restauração. Tenho que avisar à arquivista que você não vai mais trabalhar para ela.

– Sério? – Raven quase bateu palmas. – Posso ir agora?

– Ele disse para você ir assim que chegasse.

– Obrigada. – Ela lhe lançou um largo sorriso, e ele também sorriu e se levantou da mesa.

Raven fechou o zíper da mochila e se levantou com cuidado, apoiada na bengala. Foi até o armário que ficava nos fundos da sala e pegou seu jaleco, que dobrou com cuidado por cima do braço.

Patrick a seguiu.

– Esbarrei com o *ispettore* Batelli quando estava saindo da sala da segurança – anunciou ele, enfiando as mãos nos bolsos.

– O que ele disse?

– Que o agente da Interpol encarregado de trabalhar com ele sumiu na semana passada.

Raven estacou.

– Quando?

– Na noite em que você jantou comigo e com Gina.

– Agente Savola – sussurrou ela.

– Isso. Era esse o nome dele.

Trêmula, ela se apoiou na porta do armário. Não fazia ideia de que fosse o agente Savola que surgira das sombras na noite em que o fera havia aparecido. De que fosse ele o homem que dera a vida para salvá-la.

Sentiu o estômago embrulhar.

– Está tudo bem? – perguntou Patrick, examinando seu rosto.

– Acho que sim. Por que o inspetor disse isso?

– Não faço ideia. Eu o vi conversando com o *dottore* Vitali faz alguns minutos. Nenhum dos dois parecia feliz. – Patrick meneou o queixo na direção

do pulso dela. – Pelo amor de Deus, esconda isso. Não vai querer chamar atenção com o inspetor por perto.

Raven puxou a manga do cardigã por cima da pulseira para escondê-la.

– Obrigada, Patrick. Vou tomar cuidado.

Devagar, mas com segurança, ela atravessou a sala e desceu o corredor até o laboratório de restauração, perguntando-se sobre o que Batelli e Vitali estariam conversando.

Quando estava a ponto de colocar a mão na porta, parou.

Provavelmente alguma testemunha a tinha visto com o agente Savola e o fera.

Não soube o que fazer com essa informação. Já era ruim o bastante ter chamado a atenção de Batelli em relação ao roubo das ilustrações; não queria atrair sua atenção no que dizia respeito ao assassinato de Savola.

E havia também a questão do ataque a Bruno, que William afirmara ter resolvido. Mas será que resolvera mesmo?

Cogitou ligar para Ambrogio e deixar um recado para William, mas achou melhor não. Ia chegar atrasada ao trabalho, e não queria que o professor Urbano ficasse chateado.

De toda forma, William devia estar descansando em algum lugar, longe do sol.

◆◆◆

Raven passou a manhã no mundo de Botticelli, aplicando com esmero uma camada de verniz sobre o *Nascimento de Vênus*.

O professor Urbano chegara à conclusão que Anja, sua substituta, não havia progredido a um ritmo aceitável. Tinha também algumas dúvidas quanto à qualidade de seu trabalho. Assim sendo, simplesmente a substituiu e a pôs para trabalhar em outro projeto.

Raven se compadecia com a situação de Anja, e conteve a alegria que sentiu ao poder voltar para o laboratório. Mas foi com um deleite evidente que sentou em um banco alto e começou a restaurar lenta e cuidadosamente uma das maiores obras de arte do mundo.

– *Dottoressa* Wood.

Só escutou a voz de modo indistinto. Estava trabalhando na figura de Zéfiro,

maravilhada com as diferenças entre aquele rosto e o Zéfiro que aparecia na versão de William do *Primavera*.

Ouviu passos e o leve ruído de um pigarro.

Virou-se para a esquerda e se deparou com o professor Urbano. Ele estava sorrindo.

– Posso olhar? – Ele indicou o trecho no qual ela estava trabalhando.

– Claro. – Raven arrumou as ferramentas e desceu do banco, obediente. Apontou para o que tinha feito e para onde havia parado.

Tirou os óculos e ficou esperando, nervosa, pelo veredito do professor.

Urbano se sentou no lugar dela e usou uma série de lupas e outros instrumentos para verificar o andamento do trabalho. Quando desceu do banco, estava sorrindo.

– Muito bom trabalho. Obrigado.

– Disponha.

– Acho que agora é uma boa hora para almoçar.

Ela olhou em volta e reparou que os colegas já tinham saído.

– Antes de sair, professor, posso lhe fazer algumas perguntas?

– *Certo*.

Ele indicou umas cadeiras ali perto, e os dois se sentaram.

– Quando o senhor trabalhou na restauração do *Primavera*, alguma vez reparou em algo relacionado aos cabelos de Mercúrio?

Urbano fez uma cara intrigada.

– Como o quê, por exemplo?

– Algum indício de mudanças na cor ou no comprimento.

Urbano deixou o olhar se perder ao longe por alguns instantes, como se estivesse fazendo uma leitura mental da pintura.

– Houve leves modificações ao redor das bordas dos cabelos, pelo que me lembro, mas nada em relação à cor ou ao comprimento total. Por que a pergunta?

– Pensei ter visto alguma coisa em uma das radiografias sugerindo que Botticelli tinha mudado a cor dos cabelos.

Urbano sorriu.

– Impossível. Nós analisamos as radiografias com muito, muito cuidado. Tudo que encontramos foi documentado e publicado.

– Ah. – Raven aquiesceu. – Tenho mais algumas perguntas, se o senhor não se importar.

Ele lhe indicou para continuar.

– O senhor conhece alguma outra versão do *Primavera* pintada por Botticelli, talvez anterior à que temos lá em cima?

Urbano coçou o queixo.

– Houve estudos para os personagens e os desenhos.

– Mas nenhum quadro?

– Não. Por quê?

– Ahn, quando pensei ter visto alguma coisa em relação aos cabelos de Mercúrio, fiquei pensando se Botticelli teria pintado uma versão anterior. – Ela ergueu os óculos novos. – Foi só uma ideia.

– Claro. – O professor Urbano lhe exibiu um sorriso paciente e pediu licença para ir almoçar.

Raven o observou sair enquanto pensava na conversa que haviam acabado de ter. Lembrou-se do relato de William sobre como havia adquirido o seu *Primavera* e ponderou se isso poderia explicar o fato de ninguém nunca ter ouvido falar no quadro.

O que não conseguia entender era por que ninguém parecia ter reparado na alteração nos cabelos de Mercúrio na versão da Uffizi. Sabia que os indícios da mudança eram visíveis. Sabia que não tinha cometido um erro.

A sua memória não anda grande coisa ultimamente. Você nem sequer consegue se lembrar do que aconteceu na noite do acidente.

Ocorreu-lhe que William poderia estar por trás do desconhecimento de Urbano, assim como estava por trás de tantos acontecimentos estranhos. Como Urbano havia trabalhado na restauração do *Primavera*, deveria ter visto a mudança. Talvez William tivesse interferido na sua memória durante a restauração.

Mas por que ele não apagou os registros?

Não tinha resposta para isso, mas estava decidida a lhe perguntar. Sua necessidade de conversar com ele a fez pensar no que Patrick tinha dito mais cedo sobre o agente Savola e o *ispettore* Batelli.

Foi até a mochila com sua bengala e pegou o celular novo. Ligou para Ambrogio.

– Boa tarde, *signorina* Wood – cumprimentou ele, em inglês. – Em que posso ajudá-la?

Raven se atrapalhou.

– Ahn, oi, Ambrogio. Posso falar com William?

– Infelizmente sua senhoria não pode ser incomodada. Em que posso ajudá-la?

– Pode dar um recado meu para ele? É urgente.

– Claro.

Ela fez uma pausa, constrangida.

– Pode dizer a ele que, ahn, o homem que eu vi ser atacado em Santo Spirito era um agente da Interpol chamado Savola, que estava trabalhando com os *carabinieri* na investigação do roubo na Uffizi? – Seu tom se fez mais urgente. – William precisa saber disso imediatamente. A polícia ainda não me procurou, mas um dos agentes está aqui e falou com um dos meus colegas. Como o agente foi atacado em frente ao meu apartamento, estou com medo de eles ligarem os pontos e virem me procurar.

– Por favor, *signorina*, não se preocupe. Vou cuidar para que sua senhoria receba o seu recado. Luka está aí?

– Acho que está me esperando em frente à galeria.

– Se houver algum problema, fale com Luka. Ele a trará até aqui.

– Sim. Está bem, obrigada.

– Posso ajudá-la de alguma outra forma?

Raven suspirou.

– Não. Obrigada, Ambrogio. É só isso.

– Então até logo, *signorina.*

– Até logo.

Ela desligou e ficou olhando para o celular.

Tinha transmitido a informação, mas não estava nem um pouco reconfortada. Por enquanto, contudo, não havia nada que ela pudesse fazer.

Pegou a mochila e começou a andar na direção da porta, com todo o seu peso apoiado na bengala.

Foi então que viu o *ispettore* Batelli caminhando a passos largos na sua direção.

– A senhora viu o agente Savola sendo atacado? – perguntou ele, em italiano.

– O quê? – disfarçou ela.

– Foi o que acabou de dizer. O que a senhora viu?

Raven franziu o cenho.

– O senhor entendeu mal o meu inglês. Eu não disse isso.

Batelli soltou um palavrão.

– Eu ouvi o que a senhora falou. E meu inglês é perfeito. A Vespa de Savola foi encontrada em frente ao seu apartamento.

– É mesmo? Que estranho... – Ela forçou um sorriso. – É uma pena, mas estou atrasada para o almoço. Se me der licença...

– Quem é William? – indagou ele, interceptando-a.

– Não tenho a menor ideia.

– O seu telefonema. A senhora pediu para falar com William. William de quê?

– É um amigo da família. – Ela tornou a sorrir. – Agora preciso ir, mesmo.

Ela tentou passar por ele, mas o agente não saiu da sua frente.

– William York?

Raven tentou fingir que não reconhecia o nome, mas a expressão triunfante de Batteli a fez desconfiar que fracassara.

– Onde ele está?

– Não sei do que o senhor está falando. – Ela o contornou e foi mancando em direção à porta.

– Por que não chamou a polícia? Por que não denunciou o ocorrido?

– Porque não vi nada – respondeu ela por cima do ombro.

– Os investigadores descobriram que o agente Savola estava seguindo a senhora depois do expediente. Quando encontraram a Vespa dele, a praxe deveria ter sido interrogar a senhora. Por que não fizeram isso?

Raven não se virou.

– O senhor está me importunando. Se não me deixar em paz, vou chamar o *dottore* Vitali.

– E dizer o quê? Eu ouvi a senhora confessar ter sido testemunha de um crime.

– Não fui testemunha de nada.

Batelli pôs o corpo na frente do dela.

– Eu vi os relatórios da polícia. Seu nome não é citado. Por quê?

– Não faço ideia do que o senhor está falando.

Desesperada para se afastar dele, Raven continuou a andar em direção da porta.

– Alguém a está protegendo – disse ele mais atrás. – Vou descobrir quem é. A senhora vai ser interrogada.

Raven apressou o passo.

– E dessa vez vai ser com o promotor público!

Ela saiu do laboratório e foi se refugiar no banheiro feminino. Apoiada na parede, fechou os olhos e tentou se acalmar.

Estava em apuros.

◆◆◆

Ao sair do banheiro, Raven não viu Batelli. Na verdade, ele parecia ter desaparecido.

Mandou uma mensagem de texto para Ambrogio; não queria correr o risco de falar com ele ao telefone outra vez.

A resposta dele tinha cinco palavras:

Sua senhoria vai cuidar disso.

A mensagem só proporcionou a Raven um leve reconforto.

Aflita demais para almoçar, percorreu o primeiro andar da galeria e passou pela sala de Botticelli para dar uma olhada no *Doni Tondo*, de Michelangelo.

Ficou de pé na porta da sala para permitir aos visitantes admirarem a obra.

Forçou-se a parar de se preocupar e a se concentrar apenas na representação da sagrada família pintada pelo grande artista. Seus olhos abarcaram os personagens, as dobras do tecido e os homens ao fundo.

Quando ela se fartou, o horário de almoço estava quase no fim. Sentia-se muito, muito melhor. A grande arte tinha a capacidade de acalmar o coração e também de nutri-lo.

Depois de tirar o que equivaliam a férias mentais, Raven voltou para o laboratório. Ficou satisfeita em poder se dedicar ao trabalho de restauração e encontrou um ritmo reconfortante em cada pincelada.

Logo chegou a hora de ir para casa. Ela guardou o jaleco no armário da sala e se encaminhou lentamente para fora, onde Luka a aguardava.

Ele a levou até Santo Spirito e subiu com ela a escada até seu apartamento. Vasculhou o interior antes de deixá-la entrar, em seguida meneou a cabeça e desceu a escada.

Estava claro que era um homem de poucas palavras.

Raven verificou os recados, e-mails e torpedos no telefone, mas não havia nada. Todo mundo parecia ocupado com outras coisas.

Seu apartamento lhe pareceu pequeno, e talvez até um pouco triste. Ela havia passado um dia glorioso trabalhando em uma linda obra de arte, mas agora se sentia inexplicavelmente sozinha. Era como se o seu mundo houvesse sido transformado de um quadro renascentista de cores vivas na obra escura e sombria de um mestre holandês.

Ela ligou o laptop e pôs Mumford and Sons para tocar; a música era uma distração agradável. Vestiu uma camiseta e uma calça jeans pretas, pôs a pulseira sobre a mesa de cabeceira e preparou um jantar modesto.

Após uma solitária taça de vinho, foi para a cama, pôs os óculos e pegou *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

No capítulo oito, um dos personagens alertava aos outros sobre seres que antes eram humanos, ou que deveriam ser humanos mas não eram, e sugeria que, ao se deparar com uma dessas criaturas, eles deveriam se armar com seus machados.

Já tinha lido esse pedaço antes. Aliás, já tinha lido o livro inteiro. Mas agora o trecho adquiria um novo significado.

A missão dos caçadores era matar vampiros e colher seu sangue. Se eles caçassem humanos, o mundo teria protestado para detê-los.

Genocídio.

Limpeza étnica.

Raven pensou se essas proibições morais se aplicavam apenas aos seres humanos, ou se poderiam ser aplicadas a outras espécies.

E William? Se ele precisava de sangue humano para sobreviver, mas não matava aqueles que lhe serviam de alimento, será que deveria ser destruído? Ou será que sua única fonte de alimento deveria lhe ser negada?

Raven sentia atração por ele. William a havia resgatado em mais de uma

ocasião. Ela não estava acostumada a ser protegida, pelo menos não desde a morte do pai. Sua mãe não a protegera e tampouco protegera sua irmã.

O fato de um misterioso vampiro zelar por sua segurança, mesmo ao custo de um grande risco pessoal, quando sua própria mãe não se preocupara em defendê-la, lhe causava imensa dor.

Mesmo agora, ao olhar em volta para o apartamento vazio, desejou que ele estivesse ali. Desejou poder lhe comunicar o quão importante tinha sido o cuidado que ele havia lhe dedicado. Ela passara tanto tempo sozinha cuidando de si mesma... Era bom ter alguém com quem conversar sobre os seus problemas.

William era delicado quando a tocava. E beijava com grande paixão. Raven pensou em como seria o sexo com um vampiro ou, menos provável, o amor.

A canção "Awake My Soul" começou a tocar e ela pôs os óculos e o livro sobre a mesinha e se concentrou na letra enquanto encarava o teto.

William acreditava em alma. Ela pensou se essas coisas existiriam mesmo.

Pensou se vampiros teriam alma.

– Por que está tão séria?

– Ah! – gritou Raven, cambaleando em direção à janela.

William estava encostado no batente da porta, de camisa social preta e calça jeans preta, com os braços cruzados em frente ao peito.

Estava rindo.

– Não quis assustá-la.

Raven levou a mão ao coração para fazê-lo desacelerar.

– Mas assustou! O que está fazendo aí?

Ele franziu o cenho.

– Vim ver você, claro.

Ela se recostou no travesseiro e fechou os olhos.

– Não pode usar a campainha? Quase tive um infarto.

Em pé junto à cama, William se inclinou acima dela e aproximou a orelha de seu peito.

– Seu coração parece ótimo... forte e saudável.

– Muito engraçado. Como você entrou?

– Mágica.

Ela virou de lado, de frente para ele, e apoiou a cabeça na mão virada.

– Da próxima vez, bata à porta. Tá bom?

O sorriso dele desapareceu.

– Isso me faz lembrar de uma coisa. Não deixe ninguém entrar no seu apartamento, principalmente se pedirem para serem convidados.

– Por quê?

– Vampiros precisam ser convidados para entrar em uma casa; caso contrário, não conseguem passar da porta.

– Você deve ter entrado sem ser convidado quando me trouxe de volta pela primeira vez.

– Você me convidou; só não se lembra. – Ele lhe exibiu um sorriso cúmplice. – E no meu caso as regras são um pouco flexíveis.

– Por quê?

– Não sei.

Ela arqueou as sobrancelhas. William deu de ombros.

– É verdade. Não sei o motivo. É possível que haja outros, mas até agora sou o único que conheço que é capaz de burlar as regras.

– Deve ter alguma explicação.

– Naturalmente. – Ele abriu bem os braços e se virou. – Talvez você queira me examinar? Encontrar uma explicação científica?

Ela revirou os olhos, tentando não examinar sua bunda muito atraente.

– O que veio fazer aqui?

Ele baixou os braços.

– Não sou bem-vindo?

– É, sim. Só não era esperado.

Ele chegou perto da cama.

– Vim lhe dar uma coisa.

– O quê?

– Isto aqui.

O beijo chegou sem aviso. De leve no início e mais intenso à medida que ela retribuia. Raven levou a mão ao peito e ombros dele, deliciando-se com seu toque. Pôde sentir os músculos, a potência esguia e a atração que despertava entre os dois.

Quando abriu a boca, a língua dele deslizou contra a sua. Ele deu um grunhido de satisfação e inclinou a cabeça. Raven saboreou seu gosto e o modo

como ele se movia sem pressa, concentrado apenas na interação de boca, língua e lábios.

Ela se deitou de costas e ele a acompanhou, cobrindo o corpo dela com o seu. Fazia muito tempo que Raven não se via em posição tão comprometedora. Sentiu a ereção dele rija contra a sua coxa.

De repente, ele se ergueu nos antebraços e beijou o canto da boca de Raven. Seus olhos cintilavam e ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Mas Raven também viu arrependimento em seu olhar.

– Não posso ficar – disse, rouco, roçando o nariz no dela.

– Por que não?

Ele tornou a beijá-la, um beijo ardente, de arrepiar.

– Você quer que eu fique?

Ela desviou o rosto da intensidade abrasadora dos olhos dele.

– Quando você me pedir para ficar, eu fico.

Ele se deitou de lado e pôs uma das mãos sobre a sua barriga.

– Ainda estamos atrás dos caçadores. As patrulhas precisam da minha ajuda.

Ela o encarou de viés.

– Você interrompeu a busca só para vir me beijar?

William levantou a barra da camiseta de Raven e alisou a pele nua dela.

– Isso é uma objeção?

Ela fez que não com a cabeça. William continuou os movimentos, acompanhando de leve as curvas da sua cintura.

– Me conte o que aconteceu na Uffizi hoje.

Ela pôs a mão por cima da dele para fazê-lo parar. Achava difícil raciocinar enquanto ele a tocava. Relatou as conversas que tivera com Patrick e Batelli, e explicou como o inspetor a havia ameaçado com um interrogatório formal.

– Não se preocupe com isso. – William levou a mão ao seu quadril e apertou.

– Ele me ouviu falar ao telefone com Ambrogio sobre o agente Savola. Se ele procurar o promotor público e me fizer ser chamada para um interrogatório, estou perdida.

– Um dos seguranças da Uffizi faz parte da nossa rede. Ele gravou um vídeo da sua conversa com Batelli e o mostrou para o diretor da galeria hoje à tarde. Mandou também uma cópia para mim. As câmeras de segurança não captam som, mas o que vi é extremamente prejudicial para o inspetor. Ele a acossou,

gritou com você e tentou impedi-la de ir embora. O diretor o denunciou aos seus superiores e ele foi retirado da galeria.

Raven ficou espantada.

– Ninguém no trabalho disse nada.

– Como a investigação na Uffizi ainda está em aberto, tenho certeza de que esse é um assunto sensível. – Ele aproximou o rosto do dela. – Quando prometi protegê-la, estava falando sério. Ninguém, seja humano ou vampiro, vai intimidar nem machucar você.

Ela o beijou, erguendo a mão para acariciar seus cabelos.

– Obrigada.

– O inspetor continua encarregado da investigação, mas recebeu uma ordem para ficar longe de você e foi formalmente repreendido. Agora nem se quisesse a polícia poderia chamá-la para depor no caso do sumiço do agente da Interpol. – William puxou uma mecha de seus cabelos. – O desfecho foi melhor do que o esperado.

Por impulso, Raven o abraçou e escondeu o rosto no seu pescoço.

William pareceu surpreso com a reação, mas recuperou-se e retribuiu o abraço.

– Por que isso?

– Por estar me ajudando. Estou acostumada a ter que me virar sozinha.

– Estou mais do que disposto a ajudá-la, em quase tudo. É só pedir.

– Fiquei com medo dele – sussurrou Raven. Estava mais corajosa, talvez por causa da proximidade com ele.

William a segurou mais apertado.

– Deu para ver. Mas você não se deixou abater.

– Não tinha entendido que o homem morto pelo fera era o agente Savola. Não consegui ver direito.

William aproximou os lábios do seu pescoço.

– Ahn, eu falei com o professor Urbano sobre a restauração do *Primavera*.

William ignorou o comentário e continuou a beijar seu pescoço.

– Quando estava no arquivo, reparei que Botticelli mudou a cor e o comprimento dos cabelos de Mercúrio.

– Eu disse a ele para mudar – murmurou William junto à sua pele.

Raven levou alguns instantes para processar essa frase.

– Por quê?

– Porque ele estava tentando me incluir no quadro. Eu o instruí a modificar os traços e os cabelos.

– Mercúrio ainda se parece com você.

– Pode ser. Mas Zéfiro não. – Ele tornou a beijá-la, e moveu a boca até a depressão na base da sua garganta.

– Por que Urbano não sabe o que tem nas radiografias? Ele trabalhou na restauração com Baldini.

– Deve ser porque usei o controle mental para modificar sua memória.

– Você fez isso? – Ela recuou para encará-lo.

– Claro. – Ele franziu o cenho. – O interesse deles por Mercúrio teria levantado suspeitas. Visito a Uffizi de vez em quando. Não queria ser reconhecido.

– Como conseguiu entrar na galeria na noite em que levou as ilustrações?

– Não faça esse tipo de pergunta. – Ele mordiscou sua pele.

– Não consigo evitar. Isso me incomoda.

Ele se afastou; seus olhos tinham uma expressão dura.

– Essas ilustrações foram roubadas de mim. Elas são minhas desde que Botticelli as concluiu. Não fazia ideia de onde estivessem até elas se materializarem na Uffizi, mais de um século depois de serem levadas da minha casa.

– Espere um instante? Você disse que Botticelli as completou?

– Claro. – Sua voz soou zangada.

– Mas elas são cópias, feitas por um dos alunos do artista. Os originais estão no Vaticano e no Staatliche Museen, em Berlim.

Um esboço de sorriso surgiu nos lábios de William.

– Não. As ilustrações de Roma e Berlim são cópias. Os originais são meus.

– Puta merda. – Raven tapou a boca com a mão.

O sorriso de William se abriu mais um pouco.

– Durante o Renascimento, eu me interessei pelas questões dos humanos. Houve inovações tremendas em matéria de arquitetura, ciência, pintura e escultura. Frequentei círculos humanos de vez em quando. Botticelli ouviu boatos sobre minha verdadeira natureza e decidiu retratá-la na versão original do *Primavera*. Eu apareço como Mercúrio e Zéfiro. Uma humana que se apaixonou

por mim serviu de modelo para Clóris e para a segunda das três Graças. Fiquei zangado ao descobrir o que ele tinha feito e pretendia matá-lo. Ele implorou pela própria vida e me ofereceu o quadro em questão e um conjunto de ilustrações da *Divina Comédia* de Dante. Concordei. Mais tarde, ele realizou as cópias.

Raven deixou a mão cair.

– Uma humana se apaixonou por você?

– Sim – respondeu ele, abrupto.

– O que aconteceu com ela?

William trincou os dentes.

– Ela subiu na torre do campanário de Giotto no Duomo e pulou.

– Meu Deus! Por quê?

– Porque se apaixonou por um monstro – disse ele em voz baixa; seus olhos eram cinza como aço.

– Você a amava?

– Não.

Raven sentiu uma dor varar seu corpo. Havia poucas coisas mais trágicas do que um amor não correspondido. Era fácil imaginar uma jovem renascentista se apaixonando por William e depois descobrindo que ele era um vampiro.

– Sinto muito.

– Também senti. – Ele mudou de posição, deitou-se de costas e uniu as mãos no peito.

– Ela era sua favorita?

– Não.

Raven não soube ao certo o que fazer com a informação. Qualquer que tivesse sido o relacionamento de William com aquela mulher, séculos depois a morte dela ainda o abalava.

Olhou para ele, e uma sensação terrível a dominou. Ele havia mencionado muitas coisas perturbadoras, mas de repente várias delas lhe vieram à mente e formaram uma imagem da qual ela não gostou.

Decidiu mudar o assunto da conversa.

– Está com fome?

Foi a vez dele arquear as sobrancelhas, para logo encarar desavergonhadamente o seu pescoço.

– De comida, quero dizer – esclareceu ela. – Comida humana. Ou vinho?

– Eu beberia uma taça de vinho, mas os nossos corpos não digerem comida humana.

Ela se moveu como se fosse descer da cama, mas ele a deteve e pôs um braço de cada lado de seu corpo

– Está com dor?

– Não. – Ela olhou para o outro lado.

– Então por que está chateada?

– Não estou.

William estreitou os olhos.

– Está, sim. Dá para ver, ouvir, e o mais importante, dá para sentir pelo cheiro. O que houve?

Ela fez uma careta.

– E não minta. – O tom dele ficou sério.

Ela o encarou.

– Você comeu antes de vir?

– Claro.

– Quantas vezes por dia você come?

– Depende. Os antigos podem se alimentar uma vez por dia. Os jovens precisam comer com mais frequência. Eu me alimento quando sinto vontade, uma ou duas vezes por dia. Depende do que se apresenta e do meu apetite. – Ele lhe abriu um sorriso vagaroso. – Sou conhecido por ter um ótimo apetite.

– Você faz sexo toda vez que se alimenta?

O sorriso dele desapareceu.

– Por que está falando nesse tom?

– Não estou falando em tom nenhum. – Ela tentou se afastar, mas ele continuou por cima dela, prendendo-a com seu corpo.

Os olhos dele se estreitaram.

– Você parece chateada.

– Mas não estou – disse Raven, irritada.

– É comum para um vampiro fazer sexo quando se alimenta. Mas tendo a ser um pouco mais exigente.

Ela ergueu os olhos para ele, interessada.

– Quer dizer que não faz sexo toda vez que se alimenta?

– Por que está tão preocupada com isso?

– Por nada. Posso me levantar? – Ela encarou distintamente os braços dele.

– Cassita. – Ele roçou o nariz na lateral do dela. – Está com ciúmes?

– Claro que não.

William tentou conter um sorriso.

– Então por que está perguntado sobre minha atividade sexual?

– Você disse que me desejava. Fiquei curiosa para saber se estava formando um harém.

– Esse tipo de coisa não me interessa.

Ela fez um muxoxo.

– Tenho certeza de que poderia encontrar alguém que não precisa de bengala.

Ele aproximou o baixo-ventre do seu.

– Está pensando em fazer sexo comigo?

Raven enrubesceu.

– Estou só tentando entender qual é o seu jogo.

– Não é um jogo. Como já disse, você é a primeira a atrair minha atenção em muito tempo.

Ele se curvou e a beijou com firmeza. Ajeitou seus cabelos para o lado e acariciou seu pescoço de leve, para cima e para baixo.

Quando se afastou, os olhos dela continuavam fechados.

– Sua beleza é um banquete para os olhos e para os sentidos.

Ao ouvir isso, ela abriu os olhos.

– Odeio quando os homens mentem.

– Olhe para mim – ordenou ele, com um tom momentaneamente áspero.

Os dois se entreolharam.

– Não tenho motivo algum para mentir. Embora seja verdade que a lisonja é uma forma de sedução, não tenho motivo para usá-la com você. Acho você linda. Se quiser que cure a sua perna, farei isso. Mas pare de bancar a amante ciumenta. Não lhe devo nenhuma explicação ou fidelidade a menos que você concorde em ser minha.

Ele rolou de lado, saiu da cama e foi se postar ao lado da escrivaninha dela.

Raven se sentou, observando-o. William parecia muito infeliz.

– Os vampiros são fiéis aos seus favoritos?

– Não.

– E você?

– Nunca tive uma favorita – confessou ele.

– Nunca?

– Isso. – Ele a encarou com ar pensativo. – Só posso concluir que parte da sua reação tem a ver com minha história sobre Allegra, a jovem que se matou. Não é uma história agradável. Quem sabe um dia eu lhe conte. Enquanto isso, reitero o que já disse. Você não é minha favorita, e se algo um dia acontecer entre nós seria prazeroso e agradável.

Raven mexeu nas próprias unhas e evitou os olhos de William.

Ele ergueu os braços, frustrado.

– Por que não me diz o que está realmente acontecendo?

– Acho que senti sua falta – disse ela, de repente. – Quando voltei para casa depois de estar com você, o apartamento me pareceu muito silencioso.

William sorriu, e o sorriso iluminou seu rosto inteiro.

– Você sentiu a minha falta?

Raven baixou os olhos para as cobertas da cama.

– Que tipo de pessoa eu sou? Você me rapta, ameaça me transformar em sua escrava sexual, e eu sinto saudade de você? Devo ter sérios problemas.

A expressão de William ficou sombria.

– É mesmo tão terrível assim desejar minha companhia? Será que sou tão repulsivo para você se desprezar por querer me rever?

– Não é exatamente uma coisa natural. Você é um vampiro.

– Eu poderia muito bem ser humano. Não estou me alimentando de você. – Ele encarou seu pescoço exposto com um ar faminto. – Se a fidelidade é uma questão, informo a você que por enquanto não estou fazendo sexo com ninguém... vampiro ou não vampiro.

Raven tentou ignorar a força da sensação que brotou dentro de si. Mas não conseguiu.

Ele tornou a se sentar ao seu lado na cama.

– Existe uma atração mútua entre nós. Está claro que nos gostamos. Passe a noite comigo, só uma vez, e verá como seremos magníficos juntos.

Com o dedo, ele traçou o contorno de seu osso malar.

– Juro que vai ser a melhor noite da sua vida.

Raven fechou os olhos e se entregou àquele toque.

A música mudou, e o laptop dela começou a tocar “Dance Me to the End of

Love", de Madeleine Peyroux.

– Gostei – sussurrou ele, beijando seu pescoço. – Nunca escuto música moderna.

Ele contornou o decote em V de sua camiseta e desceu com o dedo até logo acima da curva de seus seios.

Raven segurou sua mão.

– Tem certeza de que as suas ilustrações são originais?

– Tenho. – Ele uniu as sobrancelhas, irritado. – Esqueça as ilustrações. Você é a única obra de arte que me interessa.

Ele levou os lábios ao seu pescoço.

Raven sabia que estava travando uma batalha perdida. O toque dele foi leve, mas sensual, e deixou sobre a sua pele um rastro de fogo.

Ninguém jamais a fizera se sentir assim antes. Ela teve a sensação de que William estava exaurindo aos poucos a sua determinação e de que em breve não restaria mais nada.

– Você precisa devolver as ilustrações.

William levantou a cabeça.

– De jeito nenhum.

– Você tem tantas coisas bonitas – disse ela em voz baixa. – Não quer dividi-las?

– Não. E preferiria não falar sobre isso, principalmente quando estou tentando seduzir você.

– É isso que está acontecendo?

– Esta é a dança do amor. Homens e mulheres a vêm dançando há séculos. O que você achou que estivesse acontecendo entre nós?

– Ninguém nunca me olhou com... desejo. – Constrangida, ela demorou a encontrar as palavras certas.

– Porque os seres humanos são criaturas fúteis e ignorantes. – Ele ergueu as sobrancelhas, como se a desafiasse a contradizê-lo.

Baixou os olhos para as mãos dela, que seguravam com força a colcha.

– Você não está falando de amor, está falando de sexo.

Ele franziu o cenho.

– Não sou capaz de amar, Cassita. Nenhum vampiro é.

Ele ergueu a mão e a fez correr entre os cabelos dela.

– Mas sou capaz de ternura, acho, pelo menos com você. Isso não pode bastar?

Raven lutou contra o impulso de se retrair.

Talvez essas tivessem sido as palavras ditas por William séculos antes à mulher que havia pulado da torre do campanário. Para ela, não tinham sido suficientes.

Raven sempre havia deixado o amor de lado pensando que não era uma possibilidade para si. Perguntou-se, desanimada, se William estaria lhe oferecendo o melhor que ela poderia ter.

Moveu-se em direção à cabeceira da cama para aumentar o espaço entre os dois.

– Não vamos falar sobre amor, sim? É ridículo falar sobre isso quando mal nos conhecemos.

A expressão de William se contraiu, mas ele não discordou.

– O sexo nos vincularia um ao outro? – indagou ela.

– Vincularia?

– Você um dia disse alguma coisa sobre os vampiros formarem um vínculo.

Ele balançou a cabeça.

– Esse vínculo passa pela ingestão de sangue.

– Ah.

– O ato sexual unifica os dois, a menos que eles não queiram que isso aconteça.

– Então é isso que você faz? Faria sexo comigo, mas se esforçaria para que isso não nos aproximasse?

– Nunca disse isso. – Os olhos dele adquiriram um brilho estranho.

Raven não quis pensar no que isso significava.

– Voltando às ilustrações: como elas são originais, por que não as compartilha com o mundo? Como os Emersons fizeram?

William se levantou e pôs as mãos no quadril.

– Não diga o nome desses ladrões. Eles me roubaram e vão pagar por isso.

Nessa hora, Raven quase sentiu gratidão pela raiva de William. Era bem mais fácil lidar com isso do que com aquelas mãos sobre o seu corpo. Mas considerou a reação dele preocupante.

– Você está falando de um homem, da sua esposa e da filha. Não faria mal a

eles, faria?

A expressão dele não se alterou.

– Cem anos atrás, os Emersons não estavam vivos – insistiu ela. – Eles não invadiram a sua casa.

– Isso não é desculpa.

– Eles são um jovem casal com um bebê. Não conheço o professor, mas conheci a mulher dele. Ela me disse que os dois vão adotar uma criança do orfanato franciscano.

Algo mudou no olhar de William, mas ele não disse nada.

– É verdade. Eles vão adotar uma menininha especial. Sou voluntária do orfanato. Conheço Maria. Ninguém a quer. Se você matar os Emersons, a menina nunca vai ter uma família.

William cerrou os dentes.

– Isso não é problema meu. Não posso tolerar roubo. Se os outros perceberem que deixei isso passar, minha autoridade ficará enfraquecida.

– Você não pode fortalecer sua autoridade de outras formas? Descobrindo o responsável pelo roubo original?

– Tenho as minhas suspeitas.

– Então deixe os Emersons em paz.

– Nunca – retrucou ele, altivo, movendo-se em direção à porta do quarto.

– William – disse ela. – Preciso lhe dizer uma coisa.

– Pode falar. – Seu tom foi frio, mas seu olhar transmitia preocupação.

– Acho que é óbvio que tenho uma atração por você. E eu... – Ela se esforçou para encontrar as palavras certas. – Sinto alguma coisa por você. – Ela ergueu a mão. – Não é amor. Não tenho nem certeza de que o amor seja algo para mim. Mas se você fizer mal aos Emersons o que quer que existe entre nós vai terminar. Não posso compactuar com o fato de punir inocentes pelo crime alheio, sobretudo mãe e filha.

– Já decidi não machucar a família dele – retrucou William, formal. – Mas Emerson recebeu objetos roubados. Isso não faz dele um inocente.

Raven uniu as sobrancelhas.

– Você acha que a pessoa que vendeu as ilustrações para ele revelou que eram roubadas? A família suíça não devia nem estar viva quando elas foram tiradas de você.

– Quero justiça.

– Na sua justiça, não existe misericórdia.

De modo inexplicável, o olhar de William se moveu para a cozinha, depois de volta para Raven.

Ele não disse nada.

– Se estiver pretendendo fazer mal ao professor Emerson, tome isto aqui de volta. – Ela pegou a pulseira de ouro sobre a mesinha de cabeceira e a estendeu para ele. – Eu não quero.

Ele fechou a cara.

– É para a sua proteção.

– Que não quero mais.

– Mas queria bastante alguns minutos atrás. – Havia amargura em sua voz. – Estou vendo que tem muita prática em devolver presentes de homens.

– Não costumo receber presentes de homens.

– Não tenho interesse em me vingar de uma mãe e sua filha. – Os olhos dele cintilaram de raiva. – Minha questão é com Emerson.

– William, será que você não entende? – Raven baixou a voz de propósito. – Se você o matar, vai destruir a família dele. Sei o que é crescer sem pai. Coisas aconteceram conosco depois que ele morreu, coisas horríveis. Por favor, não faça isso com Julia e Clare.

– Você sabe o nome delas? – estranhou William.

– Sei, eu as conheci. E gostei delas. Julia é educada e gentil, e Clare é uma neném linda. Você seria capaz de condenar essa beleza a uma vida inteira de tristeza?

William a encarou com uma expressão vazia.

Olhou para a pulseira de ouro, mas não a pegou.

Seus olhos cinzentos fitaram os dela.

– Adeus, Jane. Fique bem.

– Espere. – Ela se esforçou para se levantar enquanto ele andava até a porta.

Às pressas, pegou a bengala e foi até o corredor.

– William, espere. Não consigo andar tão depressa.

Quando Raven chegou à cozinha, ele já tinha ido embora. Misteriosamente, a porta continuava trancada por dentro.

Raven puxou uma das cadeiras da cozinha e se sentou, quase chorando.

Não estava preparada para a visita dele naquela noite, nem para a reviravolta que seu coração tinha dado ao vê-lo. Não esperava se sentir tão aconchegada e desejável no seu abraço, ou sentir tamanha animação com o seu beijo.

Não esperava que ele dissesse adeus.

Olhou para a pulseira que ainda segurava e foi dominada por uma sensação de perda. William não era seu amigo nem seu amante. Era alguma outra coisa... algo que não tinha nome.

Ele é Zéfiro à espreita nas sombras. Teve pena de Psiquê e a ajudou, depois desapareceu.

Sentiu as lágrimas não derramadas queimarem seus olhos.

Você é uma egoísta. Era sua consciência falando. *Está chorando por causa de alguém que nem sequer é seu amigo, enquanto uma família inteira está correndo perigo.*

O lembrete de sua consciência bastou para deter as lágrimas. Os Emersons estavam em perigo.

Duvidava que William fosse atrás deles naquela noite, enquanto havia caçadores na sua cidade. Ele tinha preocupações mais urgentes.

Você precisa avisá-los.

Mas como? Sabia que de nada adiantava escrever uma carta para Julia dizendo que ela e o marido tinham provocado a raiva do Príncipe vampiro de Florença. Eles a tomariam por louca e decerto convenceriam o *dottore* Vitali a dispensá-la da galeria e mandar interná-la.

Precisava fazer alguma coisa.

Se não podia avisar os Emersons, sua única alternativa era fazer William mudar de ideia. Com base nas últimas palavras dele, duvidava que fosse conseguir.

Dessa vez, não iria se oferecer. Teria de arrumar algum outro jeito de convencê-lo.

Serviu-se uma taça grande de vinho e deu um gole enquanto tentava bolar um plano.

William não tornaria a procurá-la. Não tinha mais nada a lhe dizer.

Ela precisaria ir atrás dele.

Capítulo 35

Duas horas mais tarde, o *ispettore* Batelli, em pé do outro lado da Piazza, observou as luzes se apagarem no apartamento de Raven Wood.

Não foi o único a observar isso. Sentado em um café ali perto, um homem fumava, de olho tanto no apartamento quanto no inspetor.

Sem que nenhum dos dois soubesse, um vampiro em pé no telhado lá em cima registrava com interesse as idas e vindas no prédio residencial em frente.

Quando as luzes no apartamento de Raven se apagaram, o vampiro pulou pelos telhados na direção do Duomo, e um grupo de caçadores acompanhou seus movimentos do chão.

O vampiro viu uma movimentação lá embaixo, deu meia-volta e começou a avançar na direção oposta.

Os caçadores se reposicionaram, alguns de moto, e começaram a persegui-lo em alta velocidade.

Com um salto imenso, o vampiro se lançou no ar e projetou o próprio corpo por cima de um beco na direção do telhado do outro lado.

Bem nessa hora, um caçador que estava de tocaia mirou seu arco e flecha no céu. Quando o vampiro surgiu, o arco disparou e lançou a flecha rumo ao alvo.

Ouviu-se o barulho de algo afiado perfurando carne e um grito de agonia.

O vampiro foi atingido no ar e caiu feito Ícaro do céu até se espatifar no chão lá embaixo.

Antes de conseguir se levantar, outros caçadores o rodearam e despejaram rapidamente um círculo de sal em volta de seu corpo. Ele agora estava encurralado.

Um sangue negro escorria da ferida em seu peito; a flecha havia atingido o

coração. Ele ergueu uma das mãos para quebrar a flecha, mas um dos caçadores jogou água benta em cima dele.

Ele gritou quando a água começou a dissolver sua carne feito ácido.

Dois caçadores chegaram por trás e passaram um garrote frouxo em volta do seu pescoço. Acionaram um botão e se afastaram. Um clique alto ecoou pelo beco.

O vampiro ergueu as mãos para arrancar o aro de metal do pescoço, mas era tarde demais. O mecanismo do garrote foi fazendo clique e se fechando até que, com um barulho terrível, grotesco, a cabeça do vampiro foi arrancada de seu corpo.

Com uma velocidade espantosa, os caçadores afastaram a cabeça do corpo e começaram a trabalhar. Em menos de meia hora, todo o sangue foi retirado do corpo e o cadáver, deixado ali para apodrecer.

Um exame superficial do corpo do vampiro, bem como um teste rápido de seu sangue, indicaram não se tratar de um jovem.

Os caçadores comemoraram.

Com um derradeiro grito de triunfo, pegaram a cabeça e saíram dali, encorajados por aquele sucesso e ansiosos para abater o próximo alvo.

Capítulo 36

William estava zangado.

Deixou o apartamento de Raven depois de ela acabar com tudo e foi direto para o Teatro.

Ele a tivera em seus braços. Ela lhe agradecera por socorrê-la de novo. Ele havia sentido um início de confiança em seu abraço.

Tinham até conversado sobre sexo. Por mais cauteloso que fosse o ardor dela, havia atiçado suas esperanças.

Ela agora estava disposta a jogar tudo fora, e por quê? Por causa de um ladrão orgulhoso e arrogante.

William reconhecia a necessidade de poupar as vidas da mulher e da filha de Emerson. Já tinha tomado essa decisão ao deixar seu quarto de hotel.

Mas isso não bastava para Raven. Ela só ficaria satisfeita quando houvesse salvado o mundo.

Ele pulou no ar e aterrissou com leveza no telhado do prédio ao lado do Teatro.

Os telhados em volta estavam desertos. Os vampiros, tanto jovens quanto antigos, encontravam-se dentro da casa noturna ou tinham ido buscar prazer em outro lugar.

Isso o deixou contente. Como poderia explicar a seus semelhantes que precisava se alimentar no Teatro quando tinha em casa uma favorita em perfeitas condições? Uma favorita com longos cabelos sedosos e uma pele perfumada que recendia a rosas.

Uma favorita que protegia o próprio corpo como se estivesse usando um cinto de castidade.

Ele grunhiu e esfregou o rosto.

Raven não era uma favorita, e ele não estava zangado apenas por ela ter tentado salvar Emerson. Estava zangado porque ela o havia mandado embora como se a sua conexão fosse tênue e fácil de romper.

Permitira-se ter esperança mesmo sabendo que a esperança era vã. Com igual rapidez, sua esperança fora destruída. E não haveria mais nenhuma Raven para reacendê-la.

Ele saltou até o chão e ficou parado no beco em frente à entrada lateral do Teatro.

Um segurança musculoso avançou na sua direção de modo ameaçador, mas parou ao sentir o cheiro do Príncipe e fez uma reverência.

– Posso ajudá-lo, Príncipe?

– Desta vez não – respondeu William, dispensando-o.

Um táxi se aproximou e parou na entrada do beco.

Como se tudo estivesse combinado, a porta da boate se abriu e uma jovem saiu para a rua. Era baixa e miúda, tinha grandes olhos quase pretos e cabelos escuros. Sua pele tinha um tom moreno acobreado, e ela falou com o segurança em espanhol.

Era magra demais para o gosto de William, mas ele sorveu seu cheiro com sofreguidão; quase conseguiu sentir na língua o travo apimentado de seu sangue.

– Boa noite – cumprimentou, em italiano.

Ela olhou para trás do segurança com o cenho franzido. Ao ver William, sorriu.

– Boa noite – respondeu, em espanhol.

Virou-se como se fosse pegar o táxi.

De repente, William se postou na sua frente.

– Posso acompanhá-la até em casa?

– Eu chamei um táxi.

– Eu ando com você. – Ele a encarou fundo.

Era o teste, claro. Será que ela iria desviar os olhos ou retribuir?

Ela retribuiu o olhar e sorriu.

William permitiu à fome em seu ventre crescer. Instruiu o segurança a dispensar o táxi.

Deu o braço à moça e a conduziu do beco até uma rua lateral.

– Qual é o seu nome? – perguntou.

– Ana.

– Ana – repetiu ele, como se tentasse saborear o nome na boca.

Ela não perguntou como ele se chamava. Talvez pretendesse fazê-lo, mas não teve oportunidade.

Ele rapidamente a puxou para dentro de outro beco e a imprensou contra a parede.

Não a beijou na boca, como em geral fazia nessas horas. Em vez disso, fechou os olhos e partiu logo para o pescoço.

Ela arquejou quando a língua dele lambeu sua pele e ergueu as mãos para segurar seus bíceps.

Esfregou-se nele; tinha os seios firmes e empinados.

Ele levou a mão à sua cintura e se inclinou na direção dela antes de rodear seu mamilo com o polegar.

Quando a jovem gemeu e levantou a perna para encostar a coxa em seu quadril, ele cravou os dentes na sua garganta.

Ela gritou enquanto William bebia furiosamente, contando com cuidado o número de vezes em que engolia. Se exagerasse na dose, ela iria desmaiar.

Bebeu depressa, mas saboreou cada gole. O sangue dela era leve e adocicado, assim como seu corpo, com um delicado sabor de especiarias que sugeria um temperamento inconsequente.

Quando alcançou o volume máximo que podia sorver, lambeu com cuidado a ferida. Ela segurou seus braços com força e gozou.

Ele esperou a moça parar de tremer, em seguida se desvencilhou cuidadosamente.

Ela murmurou-lhe coisas e tentou beijá-lo, mas William a manteve distante com o braço esticado e a conduziu de volta até o segurança.

Tinha dado prazer à moça e se alimentado dela, mas não sentia alegria alguma. Na verdade, sentia mais fome ainda: fome de sangue, de sexo, de esperança.

Esfregou os olhos e tentou apagar da mente a imagem de Raven. Sua incapacidade de encontrar prazer no simples ato de se alimentar não era um bom presságio.

Instruiu o segurança a mandar a moça para casa de táxi e então se dissolveu

nas sombras, sentindo-se vazio e em conflito.

Capítulo 37

Raven arqueou a cabeça para trás, deixando o pescoço à mostra, enquanto os lábios de William abocanhavam seu seio. Seu corpo era mais frio do que o dela, inclusive a boca. A sensação daquela língua em lugares íntimos era particularmente excitante.

Estavam ambos nus.

William estava sentado com as costas apoiadas na parede, na cabeceira da cama dela. Raven estava sentada por cima dele, que a segurava pela cintura com um dos braços enquanto arremetia.

Ao ver o pescoço dela, ele rosnou, e sua boca se moveu do seio para o pescoço.

Ela o cavalgou, subindo e descendo o corpo. Estava quase gozando e sentiu uma conhecida contração começar abaixo do estômago.

William beijou seu pescoço, mordiscando e chupando a pele. Seus lábios e sua língua banharam a carne dela enquanto seus seios roçavam no peito liso dele.

– Cassita. – Ele beliscou o lóbulo de sua orelha com os dentes. – Não posso deixar uma beleza dessas morrer.

Com mais um giro dos quadris, ela gozou, e as palavras que saíram de sua boca foram incoerentes.

Ele rosnou e cravou os dentes bem fundo em seu pescoço, perfurando a pele e a artéria até o sangue fluir para dentro de sua boca. Continuou sugando enquanto o orgasmo dela atingia o ápice, ao mesmo tempo em que metia cada vez mais depressa entre suas pernas.

Com o fluxo de sangue para o cérebro agora pela metade, ela ficou tonta, mas

a sensação só fez intensificar o orgasmo e fazê-lo continuar como uma onda que nunca quebrava.

Ela se sentiu como que suspensa no tempo, tomada por um êxtase absoluto, enquanto ele bebia e o sangue escorria morno e líquido por sua garganta.

Ela foi ficando cada vez mais tonta e, embora o prazer ainda estivesse presente em seu corpo, começou a se desconectar dele, como se perdesse aos poucos a capacidade de sentir.

Levou uma das mãos fracas ao ombro dele para tentar afastá-lo.

Ele segurou seu braço.

Raven abriu os olhos e começou a gritar, implorando-lhe que parasse, com os membros paralisados.

Uma dor varou seu corpo e superou o prazer. Seus olhos se reviraram nas órbitas, e ela se sentiu sem peso; tanto a dor quanto o prazer haviam desaparecido.

Quando ela desabou nos seus braços, William a deitou na cama e ergueu a boca toda suja de sangue para beijá-la.

– Desculpe – sussurrou. – Não consegui evitar.

Raven não teve forças para responder. Sentiu a escuridão se fechar à sua volta enquanto seu coração rateava até finalmente parar de bater.

Capítulo 38

Dizer que Raven ficou perturbada com o pesadelo seria um eufemismo. Passou o restante da noite em um sono agitado e finalmente adormeceu por volta das quatro da manhã.

Escreveu dois e-mails curtos, um para Cara e o outro para o padre Kavanaugh, dizendo que seria um prazer vê-los no verão. Mentiu para a irmã ao dizer que Bruno havia desmarcado o encontro. Torceu para que Cara não insistisse no assunto.

Às seis, ainda era cedo demais para se arrumar para o trabalho, de modo que espalhou seus papéis de desenho e carvões sobre a mesa da cozinha e começou a fazer um esboço do quadro perdido de Michelangelo exposto na *villa* de William.

Desenhar de memória era difícil, muito embora a sua (quando ela não estava se recuperando de um ferimento na cabeça que pusera sua vida em risco) fosse muito boa. Mesmo assim, valia a pena tentar, uma vez que parecia improvável que ela um dia tornasse a ver o quadro.

Uma hora e meia depois, havia conseguido traçar o contorno dos corpos nus de Adão e Eva. Ficaram razoavelmente parecidos com os personagens pintados por Michelangelo.

No entanto, e isso era perturbador, sem perceber ela havia desenhado o rosto de William e o seu.

Frustrada, jogou o papel e os carvões dentro da mochila e foi até o banheiro lavar as mãos. Tinha estragado o desenho. E com certeza não a tinha ajudado a parar de pensar em William.

Ele era bonito, sim. Mas era perigoso.

Beijava como um anjo. Ou melhor, beijava como Raven achava que um anjo

devia beijar, se existissem anjos.

Mas era cruel.

Seu inconsciente havia posto palavras interessantes na boca dele.

Não posso deixar uma beleza dessas morrer.

Mas William deixaria a beleza morrer. Mais do que isso: seria a causa direta de sua morte ao matar o professor Emerson.

Raven escolheu uma calça preta e uma blusa verde para ir trabalhar e se vestiu desanimada. Prendeu os cabelos em um coque na nuca e pegou os óculos sobre a mesa de cabeceira, ao lado da pulseira de William.

Que ele não tinha levado.

Quando olhou para a joia de ouro com a flor de lis no centro, ocorreu-lhe que devolvê-la poderia lhe proporcionar um pretexto para visitá-lo. Ela então poderia lhe falar sobre os Emersons.

Era uma desculpa pífia, mas ela não tinha nada melhor.

Pôs a pulseira no braço, enrolou um lenço no pescoço e saiu do apartamento. Depois de trancar a porta, viu no corredor uma mulher muito parecida com Bruno, os mesmos cabelos e olhos escuros, se preparando para entrar no apartamento de Lidia.

◆◆◆

– Bom dia. Meu nome é Raven – disse ela.

O rosto da mulher se iluminou ao reconhecer seu nome.

– Sou Graziella, mãe de Bruno.

– Eu, ahn... ouvi dizer que ele estava no hospital. Ele está bem?

Graziella exibia uma expressão preocupada.

– Foi atacado algumas noites atrás. Mas está bem melhor agora. Achamos que vai poder voltar para casa amanhã.

Raven expirou, aliviada.

– Que boa notícia. E Lidia, como está?

– Não muito bem. Mas um especialista de Roma vai vir examiná-la. – Ela meneou a cabeça em direção ao apartamento. – Ela estava recusando tratamento até ouvir dizer que seu caso havia chamado a atenção de um renomado oncologista. Decidiu se consultar com ele.

Raven se pegou animada com a notícia.

– Que coisa boa. Não sabia que ela estava doente. Sinto muito não ter tentado ajudar antes.

– Gostaria de entrar? Para dar um oi?

– Claro.

Raven conferiu discretamente seu velho Swatch de pulso. Tinha tempo de sobra para chegar ao trabalho.

Quando as duas entraram no apartamento, a gata Dolcezza veio correndo até a porta.

Raven ficou parada, sem saber como o animal reagiria à sua presença. Uma semana antes, a gata a havia estranhado.

Mas Dolcezza parecia ter esquecido o mau humor de antes e começou a se enroscar em suas pernas.

Raven se inclinou para acariciar a gata; podia ouvir seu ronronar na garganta.

– *Mamma*, visita para você – anunciou Graziella.

Lidia tinha mais de 70 anos e era baixinha e redonda, com cabelos grisalhos encaracolados e olhos escuros e experientes. Estava sentada em seu sofá na sala, vendo televisão. Assim que viu Raven, sorriu.

– Olá, querida. – Ela acenou, e Raven atravessou a sala.

Lidia deu alguns tapinhas no sofá ao seu lado.

Raven se sentou e pôs a mochila no chão.

– Soube que a senhora está doente. Sinto muito.

– Estou bem, é só a velhice. Como foi seu encontro com meu neto?

– Ah. – Raven se remexeu, pouco à vontade. – Bom, ele teve um imprevisto e precisou cancelar.

– É mesmo? – Lidia franziu o cenho. – Bruno não costuma agir assim. Ele me disse que estava animado. Vou ter que falar com ele. Mas você sabe que ele teve um acidente.

– É, fiquei sabendo. Sinto muitíssimo.

– Ele já está melhorando. Mas então, o que vai querer de café da manhã? – Lidia fez menção de se levantar, mas Raven a impediu.

– Sou eu quem deveria preparar o café para a senhora.

– Ainda posso fazer isso. Não estou morta.

Raven lançou um olhar preocupado para Graziella, que revirou os olhos na

direção do teto.

– Estou indo para o trabalho. Quem sabe podemos tomar café outro dia?

– Quando quiser. É só bater à porta. Só não amanhã; amanhã o médico de Roma vai vir aqui.

Raven sorriu e apertou a mão da vizinha.

– Ótimo. Vejo você em breve. Se precisar de alguma coisa, é só avisar. Estou logo aqui ao lado.

Ela deu um abraço em Lidia e se despediu de Graziella desejando com todas as forças que o especialista encontrasse um jeito de ajudar sua vizinha.

◆◆◆

Foi com grande surpresa que, depois de sair do apartamento de Lidia, Raven viu Luka em pé no corredor do prédio. Pensava que William fosse retirar sua proteção depois do que acontecera na noite anterior.

Não se deu o trabalho de lhe fazer perguntas sobre William, pois sabia que o homem não as responderia. Sua senhoria havia instruído bem os criados, e estes sempre lhe obedeciam.

Luka era humano. Até onde Raven sabia, todos os criados de William eram humanos. Embora no início ela não conseguisse distinguir um humano de um vampiro, agora achava isso fácil. Vampiros tinham a pele mais pálida, eram mais fortes e fisicamente mais imponentes do que os humanos.

E havia também um ar de perigo e ameaça à sua volta.

Ao sair do prédio com Luka, não viu o *ispettore* Batelli observando-a do outro lado da Piazza. Tampouco viu quando ele começou a seguir o Mercedes de longe.

Passou um dia tranquilo, mas produtivo, no laboratório de restauração, trabalhando no *Nascimento de Vênus*. Patrick e Gina passaram lá e convidaram-na para almoçar, e os três foram até uma *osteria* próxima, do outro lado da Piazza della Signoria.

Luka a levou para casa depois do trabalho, onde ela preparou um jantar simples e embrulhou metade para levar para Lidia. A vizinha ficou grata pelo presente e insistiu para Raven ficar e tomar uma taça de vinho.

Na hora em que o sol estava se pondo, Raven se despediu da senhora e desceu

a escada até a rua. Pôs o capacete, subiu na Vespa e foi até a Piazzale Michelangelo.

Decididamente, o prazo dos Emersons estava se esgotando. Ela não sabia quanto tempo os caçadores ficariam na cidade. Não sabia quando William decidiria ir atrás do professor.

Estava decidida a falar com ele e tentar mais uma vez fazê-lo mudar de ideia.

Quando chegou perto do portão da *villa*, ouviu uma voz sair do interfone. Nem sequer havia anunciado a sua chegada.

– Diga o que deseja.

– Ahn, é Raven. Raven Wood. Vim falar com sua senhoria.

– Sua senhoria não está.

Raven reconheceu a voz de Ambrogio. Reparou também que ele estava sendo frio com ela.

– Posso entrar e esperar? Preciso muito falar com ele.

Houve um longo intervalo.

Quando Ambrogio não respondeu, ela decidiu mudar de tática.

Ergueu o pulso e mostrou a pulseira de ouro para a câmera de segurança.

– Sua senhoria me mandou devolver isto aqui – mentiu. – E as ordens de sua senhoria sempre são obedecidas.

Mordeu o lábio e tentou manter o semblante impassível. Aquilo era ridículo demais.

– Um instante.

Raven aguardou, e o alto portão de ferro se abriu e a deixou passar. Ficou chocada ao ver que a estratégia tinha funcionado.

Levou a Vespa até a garagem tripla e estacionou em frente; guardou o capacete dentro do banco. Então pegou a bengala e atravessou o jardim até a porta.

Ambrogio a recebeu e lhe disse para ir falar com Lucia, na cozinha.

– Ah, Srta. Wood. Sente-se. – Lucia indicou a mesa da cozinha, sobre a qual já havia disposto uma garrafa de vinho tinto e um prato de frutas e queijo. Fez um gesto em direção a uma taça vazia. – Posso?

– Por favor. – Raven tentou não tamborilar os dedos no tampo da mesa enquanto observava Lucia lhe servir o vinho.

– Sua senhoria não está. – Lucia recolocou a rolha na garrafa e a pôs de lado

antes de pousar a taça cheia em frente à convidada. – Na verdade, não o estamos esperando em casa hoje à noite.

– Por que não?

– Ele tem outra residência que usa de vez em quando. Ficou lá na noite passada e deve ficar lá hoje também. – A expressão de Lucia era cuidadosamente controlada.

Raven teve a impressão de que havia mais, muito mais, que Lucia não estava lhe contando, e nem tudo era bom.

– Posso esperar por ele?

– Eu não recomendaria. Como já disse, não o estamos esperando em casa. – Lucia relanceou os olhos para o pulso de Raven com uma expressão cheia de significado.

Ela tirou a pulseira.

– Se pudesse devolver isto aqui à sua senhoria, eu ficaria muito grata.

– Claro. – Lucia pegou a pulseira.

– Ainda posso ver a sua versão do *Primavera?* Ele me mandou lhe entregar um relatório para a restauração, mas tem uma parte do quadro que preciso ver de novo.

Lucia sorriu.

– Por favor, saboreie o seu vinho, e quando estiver pronta eu a acompanho até lá em cima. Precisa que o quadro seja retirado da parede?

Raven fez que não com a cabeça.

Lucia gesticulou na direção de uma sineta posicionada em frente ao prato de Raven.

– Chame quando estiver pronta para subir.

Com um meneio de cabeça, Lucia se retirou e a deixou sozinha para terminar seu vinho.

Enquanto bebericava e beliscava as frutas e o queijo, nervosa, Raven chegou à conclusão de que havia algo errado com Ambrogio, Lucia e Luka.

Parecia haver algo faltando neles, além do senso de humor. E o modo como eles seguiam as instruções de William sem pestanejar...

Quando ele a levara para conhecer seus semelhantes, havia mencionado alguma coisa sobre controle da mente. Talvez os seus criados estivessem sob

controle da mente, e era por isso que a tinham deixado entrar cegamente quando ela se referira às ordens de William.

Após chegar a essa importante conclusão e terminar sua estupenda taça de vinho, Raven tocou a sineta. Lucia a acompanhou até o quarto de dormir no andar de cima.

Como sempre, o cômodo estava impecável. A cama parecia intocada.

Lucia a instruiu a chamar se precisasse de alguma coisa e saiu, fechando a porta.

Raven examinou o quarto com cuidado, em busca de qualquer coisa que lhe desse uma pista sobre o paradeiro de William. Mas não encontrou nada.

Era possível, refletiu, que ele estivesse no Palazzo Riccardi. Considerando o que havia acontecido da última vez em que fora procurá-lo, decidiu não ir até lá.

Com certeza em algum momento ele precisaria voltar à *villa*. Infelizmente, Raven não podia esperar dias. Precisava estar na Uffizi cedo na manhã seguinte para trabalhar.

Que confusão!

Para sustentar a mentira que havia contado a Lucia, decidiu examinar o quadro.

Tirou algumas fotos com o celular, sobretudo das figuras de Mercúrio, Clóris e Zéfiro. Então sentou-se para analisá-las.

Ver William retratado como Zéfiro era perturbador, sobretudo uma vez que agora conhecia a história por trás daquela representação.

Examinou os traços de Clóris. Era difícil discerni-los, pois ela estava com a cabeça virada. Se o que William dizia fosse exato, a mulher que havia se apaixonado por ele tinha servido de modelo para Clóris e para a segunda das três Graças.

Foi nessa hora que Raven viu o quadro sob uma luz diferente.

Sob a mão benevolente de Vênus, Cupido apontava sua flecha para a segunda Graça, que já olhava com desejo para Mercúrio. Este, ocupado agitando as nuvens, tinha as costas viradas para as Graças.

Do lado direito do quadro, Zéfiro estava em pé no meio de um laranjal depois de ter capturado Clóris. Havia flores saindo da boca da jovem, resultado do hálito fértil dele.

Sem a figura de Flora, que aparecia na outra versão do *Primavera*, a obra de

Botticelli era um sombrio conto moral.

Ao ler o quadro da esquerda para a direita, e ao substituir os personagens renascentistas por seus equivalentes clássicos, Botticelli contava a história de Allegra, que havia se apaixonado pelo belo, mas indiferente, William York, que subsequentemente havia se revelado um monstro. Ele a capturava e tinha relações com ela, mas ela fugia dele.

E acabara se matando.

Raven encarou o quadro com os olhos arregalados. A pintura não lhe parecia mais linda e serena. Não: era um retrato de horror e desespero.

E ele tem esse quadro há mais de quinhentos anos.

Sem dúvida olhava para ele todos os dias, e talvez sentisse culpa por causa da mulher que o havia amado como um tipo de ser, mas que se matara ao descobrir sua verdadeira natureza.

Não era de admirar que nunca tivesse possuído uma favorita. Talvez temesse o mesmo desfecho. Isso se ele fosse capaz de sentir remorso.

Raven tinha quase certeza de que William sentia remorso e culpa; sua reação quando ela o deixara envergonhado mostrava isso. Sem culpa ou remorso, a vergonha era uma emoção vazia. De fato, não seria realmente vergonha.

Raven observou com tristeza a segunda Graça.

Que fim trágico!

Perguntou-se o que os hóspedes de William que passavam a noite ali pensariam do quadro, se é que ele algum dia havia contado a alguém sua história sombria.

Raven torceu o nariz.

Tentou não imaginar o número de hóspedes que haviam passado a noite ali ao longo dos séculos. Pensar isso lhe dava náuseas.

Afastou as cortinas e abriu as portas da varanda para deixar o ar da noite entrar. Inspirou fundo e ergueu os olhos para as estrelas e o fiapo de lua. Com a noite a cobrir a cidade, William e seus semelhantes estariam livres para percorrer as ruas.

Os caçadores sairiam em busca de suas presas.

Torceu para William ficar bem.

Voltando ao quadro, abriu a mochila e pegou algumas folhas de papel em branco e os carvões, que espalhou pelo chão de tábuas corridas.

Deitando-se de bruços, posição mais confortável do que ficar curvada acima do papel, começou a fazer um esboço da segunda Graça.

Logo ficou entretida pelo jogo de luz e sombra, de preto e cinza; seus dedos não paravam de se mover acima da página. Foi desenhando, sombreando, esfumando com os dedos até sua pele ficar negra. E por fim, algumas horas depois, terminou um grande esboço que a deixou orgulhosa.

Assinou seu nome no canto inferior, como costumava fazer, e foi até o banheiro lavar as mãos.

Quando olhou para o relógio, passava da meia-noite. William não tinha voltado.

Talvez ele volte logo.

Podia esperar mais uma hora, sobretudo se fosse para ajudar os Emersons.

Sentou-se na cama e alongou as costas e o pescoço.

A cama era confortável, e seu corpo estava começando a reclamar por ter passado tanto tempo deitado no chão.

Alguns minutos mais tarde, ela se reclinou e abraçou um travesseiro.

Então pegou no sono.

◆◆◆

Raven sentiu uma brisa no rosto.

Abriu os olhos e por alguns instantes ficou confusa. Estava na cama de William, no quarto banhado em escuridão.

Uma leve brisa entrava pelas portas da varanda e fazia as cortinas de um lado e outro se erguerem e ondularem.

Virou-se de lado para a janela e viu uma silhueta postada na porta da varanda.

Uma luz vinda de algum lugar nos jardins o iluminava por trás. Ele estava apoiado no batente, com os braços cruzados por cima do peito, e a encarava com uma expressão intensa.

– Eis que ela acorda – murmurou.

Raven se sentou.

– Desculpe. Não pretendia pegar no sono.

– O que está fazendo aqui, fora copiar meus quadros? – indagou ele, abrupto.

– Vim falar com você. Onde estava?

Ele sorriu, mas não foi um sorriso feliz.

– Fui perambular pela Terra.

Raven esfregou os olhos.

– Nunca vou entender como um vampiro é capaz de citar as Escrituras.

– Talvez por ter aprendido as Escrituras antes de virar vampiro.

William se afastou do batente e foi até a cama com passos rápidos e decididos.

– O que está fazendo na minha cama? Você deixou bem claro que o que estava começando entre nós tinha acabado, fosse o que fosse.

– Fiquei preocupada com os Emersons.

– Mas claro – zombou ele. – Raven, a salvadora do mundo. Acho que tem outra pessoa reivindicando esse feito. Volte a dormir. Você pode ir embora depois de tomar café.

Ele se encaminhou para a porta, e Raven sentiu um peso no peito.

– Não está cansado? – indagou.

Ele parou, mas não se virou.

– Nós não temos a capacidade de dormir.

– Deve ser exaustivo não poder escapar das preocupações do dia.

– É preciso descansar a mente para não enlouquecer. Temos várias formas de fazer isso – disse ele em tom de ameaça, virando-se de frente para ela.

– E o que você faz?

– Medito.

Raven olhou para o quarto em volta.

– Onde?

Ele espichou o queixo em direção à cama em que ela estava deitada.

– Aí.

– Ah.

Raven afastou o edredom e os lençóis para sua direita, onde havia um travesseiro e um espaço vazio.

– Então venha cá.

Ele encarou a cama com olhos semicerrados.

– Está me tentando?

– Não, estou me desculpando por estar ocupando o seu lugar. Podemos dividir.

William foi até o lado vazio da cama sem desgrudar os olhos dos dela.

Pôs uma das mãos no colchão e a encarou com uma expressão de desafio.

Ela não recuou, e ele se sentou na beirada da cama. Tirou os sapatos e se reclinou, deitando-se de costas ao seu lado.

Ela também levou as mãos aos pés para tirar os sapatos e se deitou de lado, virada para ele.

– Lucia me deu seu presente. – O tom dele não foi amigável.

– William – murmurou ela. – Não fique bravo.

– Você é o ser mais frustrante com o qual tive que lidar em muitos séculos, seja humano ou vampiro. E isso é uma afirmação e tanto, levando em conta que conheço Aoibhe.

Ouvir o nome da vampira incomodou Raven, mas ela tentou disfarçar.

– Você disse que sentiu vergonha quando me ofereci em troca da vida de Bruno. Por favor, não fique bravo comigo por tentar salvar uma família e dar um lar a uma menininha que tanto precisa.

William fungou, mas não respondeu.

Ela chegou mais perto dele na cama.

– Conseguiu pegar os caçadores?

– Não. Ontem à noite eles capturaram um dos meus semelhantes. Eles têm novas armas que nós não conhecíamos.

– Sinto muito. O vampiro era seu amigo?

– Não tenho amigos. Não é da minha natureza.

– Sinto muito – repetiu ela. Então, hesitante, estendeu uma das mãos pelo colchão e a pôs no ombro dele.

William não se retraiu, mas tampouco se entregou ao seu toque.

– William, o que aconteceu com o corpo de Angelo?

– Angelo? – Ele virou a cabeça na sua direção.

– O sem-teto que morreu na noite em que fui agredida.

Ele voltou a encarar o toldo acima da cama.

– O corpo dele foi levado para fora da cidade e queimado. É isso que fazemos com os cadáveres.

Raven sentiu um aperto no coração.

– Tem algum túmulo? Um lugar ao qual eu possa levar flores?

– Você não vai querer visitar esse lugar. Aquilo lá recende a morte.

– Acho que eu poderia pôr flores junto à ponte, onde ele costumava ficar.

William expirou de forma audível, como se o comentário dela lhe desagradasse.

Raven tornou a tocar seu ombro.

– Onde você me encontrou? Na noite em que fui atacada?

– Tem um beco perto da Ponte Santa Trinità. Aqueles animais a levaram para lá. Por que a pergunta?

– Ainda não consigo me lembrar daquela noite. Está tudo embaçado.

– Agradeça às pequenas misericórdias. Até os caçadores serem expulsos, não farei nada em relação aos Emersons. Mas não prometo nada em relação ao futuro. – Ele se virou de frente para ela. – Você tem um dia ou dois para conseguir me manipular e me fazer prometer alguma coisa.

– Não estou manipulando você. Estou apelando para o lado bom da sua natureza.

– O lado bom. – Sua voz soou amargurada. – Não tenho lado bom. Será que você não entende?

– Você teve compaixão por mim quando aqueles homens quase me estupraram e mataram. Quem tinha um lado melhor, você ou eles?

– Você está comparando monstros com monstros... comparações não querem dizer que exista um lado positivo.

Ela balançou a cabeça.

– Monstros não cometem atos de heroísmo.

William a encarou com um olhar curioso, como se o comentário dela de fato o surpreendesse. Mas logo se recuperou.

– Por que você faz tanta questão de salvar um homem que nem sequer conhece? Emerson é arrogante e orgulhoso. Já o vi em público, exibindo suas ilustrações como se fosse o próprio Dante ressuscitado dos mortos.

Raven franziu o cenho.

– Você não gosta de Dante?

– Dante era um egoísta destemperado, que ficava babando atrás de uma mulher casada e negligenciando a própria esposa e família.

Raven escancarou a boca.

– Você o conheceu, ou essa é só a sua opinião?

– Eu o conheci. Conheci Beatrice, também. Ela era uma beldade. E inteligente demais para trocar o marido por um patife daqueles.

– Não acho que ele estivesse tentando convencê-la a largar o marido. No *La Vita Nuova*, ele fala nela como uma espécie de Musa.

– Se ela tivesse correspondido às suas atenções, Dante teria cometido adultério com ela em plena Ponte Santa Trinità. Não se engane. – Ele mudou de posição na cama para poder vê-la melhor. – Minha pergunta permanece. Por que faz tanta questão de ajudar Emerson?

Raven desviou os olhos.

– Já lhe dei a resposta. É injusto matá-lo quando ele comprou as ilustrações de boa-fé, sem saber que eram roubadas. E eu me preocupo com o que vai acontecer com a mulher e a filha dele se você o matar.

William percorreu seu corpo inteiro com os olhos, até as pernas aninhadas sob as cobertas.

– Você disse que algo lhe aconteceu depois que o seu pai morreu. O que foi?

Raven rolou para longe dele e ficou de frente para a porta da varanda.

– Não quero falar sobre isso.

William refletiu sobre essas palavras e percebeu que queria realmente saber a história de Raven.

(Não parou para se perguntar por que estava interessado no seu passado. Sem dúvida teria ficado surpreso com a resposta.)

– Esse é o meu preço. Você me conta sobre sua família, e eu poupo Emerson.

– Não acredito.

– Você tem minha palavra. Poupo a família Emerson inteira se você responder à minha pergunta.

– Poupa e pronto? – indagou Raven, incrédula.

– Não, e pronto não. Um confronto meu com Emerson é inevitável. Conseguirei a satisfação que busco. Mas não vou matá-lo. Posso ter nascido antes da psicologia, mas consigo adivinhar o que aconteceu com você que tanto a marcou. Gostaria de entender o que a torna tão decidida a proteger toda e qualquer pessoa.

– Não sou assim.

– Cassita. – Ele se aproximou de Raven com cautela e moveu o corpo até se encostar nela por trás. – Você é uma protetora. O que estou perguntando é: por que motivo?

Ela não respondeu, mas tampouco se afastou dele. William pôs o braço por

cima do dela sobre a sua barriga.

– Então me conte o que aconteceu com a sua perna – pediu, com uma voz mais suave.

– É a mesma história. E é bem feia. – Ela tamborilou os dedos no colchão. – Se eu contar, quero a sua palavra de que nunca vai fazer mal nenhum aos Emersons.

–Eu disse que vou poupar a vida deles. É tudo que posso prometer.

– William, eu...

– E isso já é uma concessão, Raven. Odeio aquele homem.

Seu tom deu a entender que ele não seria demovido daquela ideia.

– Está bem. – Ela suspirou.

Então fechou os olhos, aguardou alguns instantes e iniciou seu relato.

Capítulo 39

William estava consciente da tensão no corpo de Raven, mas ela mesmo assim aceitou seu toque. Ele tentou não se deixar distrair pelo calor e pela maciez de seu corpo, nem pelo deleite que sentiu ao se enroscar nela.

Nunca havia abraçado uma mulher daquela forma. Nunca havia pedido a uma mulher para lhe contar seus segredos ou compartilhar sua dor mais secreta.

Raven era diferente.

Ele fez força para se concentrar nas palavras dela sem se deixar distrair por seu cheiro, agora já quase livre do sangue de vampiro que havia lhe administrado.

– Não sou uma vítima. – Disse ela em voz baixa, mas firme. – Não estou lhe contando essa história para você sentir pena de mim. Não quero isso.

– Combinado – disse ele junto ao seu ouvido.

Ela balbuciou um palavrão, e ele quase se arrependeu de ter lhe pedido para contar a história. Quase, mas não de todo.

– Tudo começou quando meu pai morreu. Eu tinha 11 anos e a nossa família morava em Portsmouth, New Hampshire. Meu pai trabalhava na construção civil. Um dia, teve um acidente e despencou de um telhado. – Ela estremeceu. – Foi de repente, claro. Minha mãe ficou arrasada. Não tínhamos parentes próximos, então ficamos só ela, eu e minha irmã Carolyn, que chamávamos de Cara. Ela estava com 4 anos. Minha mãe não segurou as pontas sem meu pai. Era ele quem fazia os consertos na casa, pagava as contas e cuidava do carro. Ela não sabia fazer nenhuma dessas coisas. Ou então, se sabia, ficou deprimida demais para assumir. Nós íamos perder a casa. Não tínhamos dinheiro para comer.

Então minha mãe arrumou emprego como recepcionista em um restaurante das redondezas. Foi lá que ela o conheceu.

Raven teve um calafrio, e William chegou mais perto, envolvendo seu corpo qual um escudo.

– Ele era da Flórida e trabalhava como empreendedor imobiliário. Gostou da minha mãe e a chamou para sair. Não ligou para o fato de ela ter duas filhas. Na verdade, ele nos disse que adorava crianças. – Ela pronunciou essas palavras cuspindo. – Os dois começaram a namorar. Ela logo engravidou, e eles resolveram se casar e que nós nos mudaríamos para Orlando, na Flórida, para viver com ele. No início, tudo correu bem. Mamãe estava feliz e grávida. Cara também estava feliz por ter um novo pai.

– E você, Cassita? – perguntou William em voz baixa. – Você ficou feliz?

– Fiquei aliviada. Quando papai morreu, acabei tendo que fazer tudo: comprar comida, tentar cozinhar e lembrar à minha mãe de pagar as contas. Depois do primeiro mês ou dois em Orlando, comecei a reparar em algumas coisas em relação ao meu padrasto. Ele mal falava comigo e, quando eu tentava conversar com ele, me dispensava. Mas com Cara ele conversava. E olhava para ela, bastante. Eu não gostava do modo como ele a olhava. Uma noite, saí do meu quarto para ir ao banheiro e o vi entrando no dela. Fui atrás. Ele deu uma desculpa esfarrapada de ter ido ver como ela estava e me mandou de volta para a cama. Eu não quis ir. Disse que estava com medo do escuro e que iria dormir no quarto dela. Ele insistiu, mas não arredei pé. Ficou zangado comigo, mas acabou indo embora. Foi aí que percebi que tinha alguma coisa muito, muito errada. Tentei falar com minha mãe, mas ela não quis escutar. Estava toda feliz, preparando-se para o nascimento do bebê, e não quis ouvir o que eu tinha a dizer. Não queria admitir que tinha alguma coisa errada com seu novo marido. Eu comecei a dormir todas as noites no chão do quarto de Cara. Ele ficou uma fera.

– Ele tentou machucar você?

– Não diretamente. Me deixava de castigo sem motivo ou então tentava convencer minha mãe de que eu estava roubando dele. Os dois tentaram me trancar no quarto algumas vezes, mas aprendi a destrancar a fechadura com um grampo de cabelo.

– O que é um grampo de cabelo?

– Uma coisa de metal que as mulheres às vezes usam no penteado – respondeu Raven antes de se forçar a prosseguir. – Não conseguia dormir à noite de tão preocupada com minha irmã. Ia me deitar, mas punha o despertador para tocar depois que minha mãe fosse para a cama. Comecei a ter problemas na escola porque vivia pegando no sono. Os professores quiseram saber o que estava acontecendo em casa, mas meu padrasto disse que eu estava fugindo à noite para ficar com meus amigos. Uma noite, peguei no sono e não ouvi o despertador. Ou talvez ele tenha desligado, não sei. Corri para o quarto de Cara, mas a porta estava trancada por dentro. Ele tinha virado a maçaneta. Fui até meu quarto, encontrei um grampo e arrombei a fechadura. Quando abri a porta, vi meu padrasto sentado na cama da minha irmã. Ele tinha suspendido a camisola dela até o pescoço. Ela estava sem roupa de baixo. Comecei a gritar. Saí pegando coisas e jogando em cima dele. Ele abaixou a camisola de Cara e partiu para cima de mim dizendo para eu calar a boca, senão ia acordar minha mãe.

– Onde estava a sua mãe? – interrompeu William.

– Na cama. A porta do quarto dela estava fechada, mas sei que ela me ouviu. Sabia exatamente o que estava acontecendo, mas foi fraca demais para enfrentar meu padrasto.

William sentiu os braços de Raven se contraírem quando ela cerrou os punhos.

– O que aconteceu depois?

– Ele me bateu. Eu nem senti, estava só tentando chegar até minha irmã. Comecei a engatinhar pelo chão na direção dela, mas ele me agarrou. Eu chutava, gritava, e ele me dizia para calar a boca. Minha mãe escolheu esse momento para abrir a porta do quarto e vir pelo corredor. Enquanto lutava com meu padrasto, eu gritava para ela o que ele tinha feito com Cara. Como eu não calava a boca, ele me empurrou da escada.

O corpo de William se retesou.

Ela moveu a cabeça na sua direção.

– Está tudo bem?

– Não. – Pelo bem dela, ele tentou manter a voz calma. – E depois?

– Não me lembro. Na verdade, nem me lembro de ele me empurrar da escada. Só me lembro de lutar com ele, e depois me lembro de cair. Quando acordei, estava no hospital. Os médicos disseram que eu tinha quebrado a perna e o

tornozelo. Uma assistente social veio falar comigo, e quando contei para ela o que tinha acontecido, eles mandaram minha irmã para morar com uma família de acolhida por um tempo.

William a apertou de leve.

– O que é uma família de acolhida?

– É, ahn, quando uma criança está em perigo, às vezes o Estado intervém e a tira da própria família. A família de acolhida cuida dessa criança até ela poder ir para um lugar seguro.

– Então eles acreditaram em você.

– Eles acreditaram nos indícios: Cara estava histérica, recusava-se a falar sobre o que tinha acontecido. Eu estava no hospital, e meu padrasto na delegacia mentindo até dizer chega. Disse que tinha bebido e que era tudo um mal-entendido... que eu tinha tropeçado e caído. Minha mãe sabia. Ela *sabia* e não fez nada – sussurrou Raven. – Eu avisei a ela que estava acontecendo alguma coisa com Cara. Ela disse que eu estava mentindo porque sentia ciúmes da atenção do meu padrasto; que estava tentando estragar seu casamento. Ficou do lado dele.

Raven inspirou profundamente.

– Só uma vez, eu queria alguém para me defender. Quando nos colocaram com a família de acolhida, essa hora já tinha passado.

William levou a mão até sua perna machucada e a fez pairar sobre a cicatriz.

– Isto aqui aconteceu porque você protegeu sua irmã?

Raven se retraiu.

– Eu não a protegi. Ele a atacou enquanto eu dormia. E não acho que tenha sido a primeira vez.

Ela parou de falar de repente, e William sentiu um cheiro de sal. Raven estava chorando.

Sem saber o que fazer, enterrou o rosto nos cabelos dela.

– Não consegui protegê-la – lamentou-se Raven. – Ela era uma menininha, tinha acabado de fazer 5 anos. Era só um neném. E a culpa é minha.

Ele fez uma careta.

– Quantos anos você tinha?

– Doze.

William se afastou para poder olhar para ela.

– Quantas meninas de 12 anos teriam coragem de enfrentar fisicamente um

adulto? Muito poucas.

Raven enxugou os olhos.

– Não entendo como pode ser culpa sua um pedófilo ter atacado a sua irmã. A heroína dessa história é você, Cassita.

– Foi por isso que mudei meu nome. Não conseguia ouvir o nome *Jane* sem escutar a voz dele.

– Então escolheu *Raven?*

– Queria provar a mim mesma que podia ser outra pessoa. Que podia ser corajosa.

William aproximou os lábios de sua orelha.

– Você é corajosa, Raven. Muito corajosa. Uma menininha de nada, brigando para proteger a irmã. É um ato de heroísmo.

– Que nada!

– Joana d'Arc tinha esse tipo de coragem.

Raven mudou de posição e olhou para ele.

– Você a conheceu?

– Não. Cheguei a Florença no final do século XIII. Vivo aqui desde então.

– Você nunca sai da cidade?

– É raro. Vampiros da minha posição precisam pedir permissão para passar pelo território de outro Príncipe. Uma formalidade que acho cansativa.

Ele a beijou de leve nos cabelos.

– E a sua perna? Não deu para tratar?

Raven tornou a se virar de lado.

– Eles tentaram, mas a lesão não sarou direito. Eu e minha irmã estávamos sob tutela do Estado na época. Acho que, se tivéssemos tido dinheiro para cirurgiões caros e várias operações, eles teriam dado um jeito. Mas a justiça tinha emitido uma medida cautelar de afastamento contra meu padrasto, e o dinheiro era todo dele. Minha mãe recebeu instruções para manter distância.

– E manteve?

– Por tempo suficiente para nos pegar de volta. Quando tive alta do hospital, Cara e eu fomos morar por vários meses com outra família. Meu padrasto foi indiciado, mas fez um acordo e recebeu uma pena atenuada. – Ela expirou bem alto. – Minha mãe perdeu o bebê, decerto por causa do estresse. Não sei. Depois de algum tempo, ela achou um apartamento e começou a trabalhar. Minha irmã

e eu fomos morar com ela. Uma semana depois, meu padrasto apareceu. Eles disseram que nós íamos nos mudar para a Califórnia. Ela disse que seríamos uma família outra vez.

William rosnou baixinho junto ao seu ouvido.

– Nessa noite, depois de irmos para a cama, peguei minha irmã e saí com ela de casa. Roubei a carteira do meu padrasto e usei o dinheiro para tentar voltar para nossa antiga família de acolhida. Só que não sabia direito como chegar lá. Subimos em um ônibus e acabamos indo parar em uma zona perigosa de Orlando. Estávamos em um ponto de ônibus tentando entender como chegar aonde tínhamos de ir. Minha irmã chorava, e eu estava de muletas porque minha perna ainda não tinha sarado. Um cara apareceu e começou a conversar com a gente. Ele era meio sinistro, mas não tínhamos mais para onde ir e precisávamos esperar o ônibus. Ele tentou nos convencer a ir com ele, dizendo que poderia nos ajudar. Quando disse não, me agarrou. Eu lutei e o acertei com uma das muletas. Ele pegou minha muleta e jogou longe. Pensei que ele fosse me apagar e raptar nós duas. Do nada, um casal apareceu. Eles tinham me ouvido gritar e ido ver o que estava acontecendo. O cara que tinha me agarrado fugiu. O que tinha aparecido para nos resgatar era padre. Ele me perguntou o que havia acontecido, e eu contei tudo: sobre o meu padrasto, sobre a minha perna, sobre Cara. – Raven pigarreou para limpar a garganta. – Ele era diretor da Covenant House, um abrigo para adolescentes. A mulher trabalhava no abrigo. Os dois estavam percorrendo o bairro para distribuir comida e tentar convencer crianças sem-teto a irem para o abrigo. Levaram nós duas para lá e nos deram um lugar seguro para dormir. E não ligaram para a minha mãe.

William estranhou.

– Por que ligariam?

– Em geral, quando uma criança é encontrada, os pais são avisados. Mas o padre Kavanaugh nos deixou ficar no abrigo até arrumar um jeito de nos ajudar. Na manhã seguinte, ligou para um amigo que trabalhava na polícia, e o amigo foi até lá. Eles ligaram para a nossa assistente social, e minha irmã e eu fomos novamente mandadas para morar com uma família de acolhida. Demorou mais de um ano para voltarmos a morar com a minha mãe. Ela rompeu de vez com meu padrasto e se mudou para St. Petersburg, outra cidade na Flórida.

– O que aconteceu com ele? – William cerrou o punho.

– Não sei. Teve problemas com a polícia porque tinha violado os termos da pena e a medida cautelar. Talvez tenha sido preso, não sei. Não falamos mais nele depois disso.

– E a sua mãe?

– Morei com ela até chegar à idade de ir para a faculdade. Mantive contato com o padre Kavanaugh. Ele pagou aulas de arte para mim quando eu estava no ensino médio. Me ajudou a conseguir uma bolsa para a Universidade Barry. Saí de casa e nunca mais voltei.

– E a sua irmã?

Raven se remexeu nos braços dele.

– Ficou com minha mãe. Quando ela era adolescente, se meteu com um pessoal ruim. Começou a transar com todo mundo. Fiquei preocupada, achando que podia ser por causa do que tinha acontecido.

– E agora?

– Largou o ensino médio por um tempo, mas eu a convenci a retomar. A essa altura, já estava morando em Nova York e fazendo pós. Acho que ela percebeu que os estudos eram o seu passaporte para uma vida melhor. O padre Kavanaugh a ajudou a pagar a faculdade, e depois de se formar ela virou agente imobiliária. Hoje é uma profissional de sucesso e tem um namorado legal. Eles vêm me visitar no próximo verão.

– Ela está bem?

– Ela não se lembra de nada em relação àquela noite, e basicamente aceitou a versão dos acontecimentos apresentada pela nossa mãe. – Raven se remexeu na cama. – Talvez seja melhor do que viver atormentada pelo passado.

– Você vive atormentada?

– Todo santo dia.

William passou um tempão sem dizer nada.

– Um padre apareceu para salvá-la, mas nem assim você acredita em Deus.

– Que Deus é esse que deixa crianças serem molestadas? – A voz dela saiu baixa e muito arrebatada.

– Não precisa me falar sobre a injustiça de Deus. Eu concordo. Mas a injustiça dele não significa que ele não exista.

– Para você, talvez.

William acariciou suavemente os cabelos dela.

– Você chorou pela sua irmã, mas não por si própria.

Ele sentiu o cheiro de sal de novas lágrimas.

– Ela era um bebê – conseguiu dizer Raven. – Era meu dever protegê-la.

– Proteger vocês duas era responsabilidade da sua mãe. E ela não fez isso. – William aumentou a pressão em volta da cintura de Raven. Deu um profundo suspiro e quando falou foi com um tom permeado de arrependimento. – Eu não teria lhe pedido para falar sobre isso se soubesse.

– Várias crianças viveram coisas piores do que eu. É por isso que sou voluntária no orfanato.

William soltou um palavrão, e os músculos de seu corpo se retesaram.

– Eu culpo meu pai – sussurrou ela. – Eu o amo e sinto saudades dele, mas se ele tivesse tomado mais cuidado não teria morrido. E nada disso teria acontecido.

– Ponha a culpa em quem a merece: na sua mãe e no seu padrasto.

– Eu culpo minha mãe, William, acredite. Não nos falamos por causa disso.

– Tenho um poder considerável, Cassita, e uma fortuna mais do que considerável. Posso usar as duas coisas para consertar sua perna do ponto de vista médico, se for isso que você quiser. Se preferir usar alquimia, as melhores safras da minha adega estão à sua disposição.

Ela se encolheu.

– William, eu não... não posso...

– Pense um pouco – interrompeu ele. – Não precisa decidir hoje. Mas mais do que isso, vou lhe dar justiça.

– Justiça?

– Você disse que ninguém a defendeu. Eu vou defender. – O tom dele se fez assustador.

– Agora é tarde.

Ele a rolou de costas e se inclinou por cima dela.

– Nunca é tarde para justiça.

Raven desviou os olhos.

– Vou cuidar de todo mundo que já lhe fez mal. Basta você me dar os nomes.

– Isso não vai mudar o passado.

Ele a tocou na face.

– Mas vai cessar o tormento.

– A sua justiça significa morte.

– Não entendo qual é o problema de uma sentença de morte para sua mãe e seu padrasto.

– Não quero que você mate a minha mãe. Ouviu bem? – Ela rolou para longe dele, irritada. – Você não se cansa de tanta morte?

Ela sentiu o olhar dele queimar suas costas.

– Eu me canso do mal sempre vencer o bem. Da injustiça inerente ao Universo e dos seres, humanos e não humanos, que ficam parados sem fazer nada.

Raven suspirou.

– Deve ser triste viver para sempre – falou, depois de algum tempo. – Todo mundo de quem você já gostou morreu.

William se mexeu ao seu lado.

– Não amo ninguém desde que era humano.

– Nesse caso, sinto muito por você. O amor, mesmo o amor dos parentes e amigos, é uma luz que brilha na escuridão. Sem essa luz eu teria me matado.

William franziu o cenho.

– Que conversa mórbida.

Raven sufocou uma risada.

– Que comentário engraçado, vindo de um vampiro.

Ela ficou séria e ergueu os olhos para o toldo da cama.

– Mas é verdade, William. Sinto pena de você. Não iria querer viver para sempre... carregar essa dor por toda a eternidade. Tudo que quero é paz. Seja qual for a justiça que você pensa poder obter, sempre vou carregar esse peso nos ombros. Que bom que um dia vou dormir e nunca mais acordar.

Raven se encolheu, deitou de lado e enfiou as mãos debaixo do travesseiro. Em pouco tempo, sua respiração se regularizou e William entendeu que ela estava dormindo.

Ele precisava desesperadamente de algumas horas de meditação, só para clarear os pensamentos e conseguir relaxar. Mas tudo em que conseguia pensar era uma menina de 12 anos lutando com um adulto para proteger a irmã e sendo jogada escada abaixo.

Podia vê-la, a menina de cabelos negros caída ao pé da escada, seu corpo contundido e desconjuntado.

Cassita vulneratus.

Defensa.

Levando a mão ao bolso, ele pegou a pulseira de ouro com o símbolo de Florença e a pôs em volta do pulso direito dela.

Todo mundo de quem você já gostou morreu.

– Nem todo mundo – sussurrou ele, puxando-a contra o peito.

Capítulo 40

Embora não tenha conseguido meditar abraçado a Raven, William se espantou ao descobrir que a posição o acalmava e relaxava. Fechou os olhos e descansou, permitindo que a mente ficasse à deriva como um barco a vela no mar.

Sentiu uma certa culpa pelo modo como a havia tratado: primeiro ao permitir que ela trocasse a liberdade pela ajuda dele aos seus amigos, depois ao extrair aquela dolorosa história em troca da vida de Emerson.

Você não se cansa de tanta morte? A voz melodiosa dela ecoava em seus ouvidos.

A verdade era que ele estava cansado, sim. Quando a Peste Negra havia assolado Florença, fazendo com que ele tivesse de caçar humanos não infectados para se alimentar, cansara-se da morte. Quando o antigo Príncipe havia permitido aos seus semelhantes matar sem limites, inclusive bebês e crianças, cansara-se da morte.

Havia superado o cansaço matando o Príncipe e assumindo o controle do principado. Acumulava riqueza e poder, permitia que seus apetites fossem alimentados e todas as suas atividades lhe proporcionavam uma certa satisfação.

Mas faltava-lhe esperança. Faltava-lhe paz. O único jeito de prosseguir era nunca, jamais pensar no futuro.

Raven, é claro, não podia saber que vampiros não viviam para sempre. Que a Cúria os havia amaldiçoado com uma vida de apenas mil anos. Mesmo assim, levando em conta a sua idade, ele ainda tinha tempo, tempo de sobra.

Viveria mais do que ela.

Esse pensamento o queimou por dentro.

Ele a soltou com a maior delicadeza de que foi capaz, decidido a não acordá-

la. Então foi até um dos quartos de hóspedes para tomar um banho e se vestir.

Seu considerável respeito por ela fora multiplicado por cem. Estava mais decidido do que nunca a torná-la sua.

Precisava apenas ser paciente, e isso ele sabia ser.

◆◆◆

– Bom dia. – William encarou os grandes olhos verdes de Raven.

– Bom dia – respondeu ela, hesitante.

Ele se inclinou para beijá-la.

– Dormiu bem? – perguntou, junto aos seus lábios.

Ela aquiesceu.

– Qual é o problema? – Ele se sentou ao seu lado na cama.

– Não sei – confessou ela, evitando encará-lo.

– Você veio me procurar; nós chegamos a um acordo. Emerson está seguro e você está usando a minha proteção. – Ele indicou seu pulso direito. – É um resumo adequado das atividades da noite?

Ela ergueu o pulso para examinar a pulseira, e um leve sorriso se esboçou em seus lábios.

Encarou os olhos de seu protetor.

– Quer dizer que você não vai machucar o professor Emerson?

– Se ele cometer alguma infração dentro da cidade, haverá consequências. Mas não vou lhe fazer mal por causa das ilustrações. Decidi canalizar minhas energias em outras direções. – A boca dele se abriu em um sorriso provocante.

– E que direções seriam essas?

– Esta aqui.

Ele uniu seus lábios e dessa vez pôs a língua dentro da boca de Raven na mesma hora.

Raven retribuiu, segurando seu pescoço com a mão e puxando-o mais para perto.

Os lábios de William insistiram, devoraram, provocaram.

Ele envolveu sua cintura com os dedos. Então os fez subir por dentro da blusa até os seios dela. Contornou a abertura antes de enfiar a mão por baixo do pano e segurar com as mãos frias os seios cobertos pelo sutiã.

Ela deu um pequeno gemido de satisfação, e ele começou a traçar círculos com os dedos, acariciando para lá e para cá.

Raven levou as mãos aos cabelos dele e pôs-se a torcer os fios. Inclinou a cabeça e explorou com langor a boca dele, deliciando-se com a textura e o sabor.

Com um grunhido, William mudou de posição à velocidade da luz. Puxou as cobertas de cima da parte inferior do corpo dela e posicionou o quadril entre suas pernas, arqueando-se por cima dela.

Desceu com a boca até seu pescoço, beijando e sugando a pele abaixo da orelha.

Ela gemeu, e ele baixou os lábios até seus seios, empurrando a blusa de lado e beijando a pele que saltava acima do sutiã.

– William – sussurrou ela.

A ereção dele fazia pressão nela através da roupa. Ele desceu a mão pela lateral de seu corpo, com um toque abrasador, e ergueu a perna dela para que envolvesse o quadril dele.

– William – grunhiu ela.

Ele a encarou com os olhos iluminados e a linda boca entreaberta.

– Deixe eu lhe dar prazer – pediu, rouco, beijando-a com fúria.

– Não posso. – A voz dela saiu débil, e sua expressão denotava conflito. – O que aconteceu ontem à noite, o que contei a você... estou péssima.

– Passe a noite aqui comigo, na minha cama.

– William, eu...

Ele ergueu uma das mãos até seu rosto; seu toque foi leve e tranquilizador.

– Venha para mim hoje à noite.

– Não prometo dormir com você.

– Por que não? – Ele tornou a beijá-la, dessa vez com delicadeza.

– Estou preocupada com meu coração.

Ele arqueou uma das sobrancelhas na direção do espaço entre seus seios, e seus lábios se curvaram num meio-sorriso.

– Não esse coração. – Ela olhou para o lado. – Quando você rir de mim, vai doer.

A expressão dele ficou furiosa.

– Eu já dei alguma indicação de que acho engraçado o que está acontecendo?

– Não – sussurrou ela.

– O que mais quero neste momento é tirar as suas roupas e pôr a língua entre as suas pernas.

Raven o encarou depressa.

Um desejo cru transparecia nos olhos dele; sua pele parecia elétrica.

Ele contornou a parte inferior do corpo dela com um dedo.

– Me deixe entrar.

– Eu me conheço. – Ela tornou a desviar o olhar. – Conheço minhas falhas e meu destino. Fui feita para ficar sozinha.

– Não vejo como isso é possível, já que acredito que você foi feita para ficar comigo, nos meus braços, na minha cama.

Ela cravou nele os olhos verdes.

– William, transei com dois homens na minha vida. Nenhum deles me fez sentir o que sinto quando estou nos seus braços. Se fizermos isso, vou me apegar a você.

Ele segurou seu pulso e empurrou a pulseira de lado.

– Você já está apegada a mim. – Começou a beijar seu pulso, puxando a pele para dentro da boca e sugando.

– Vampiros podem não ter sentimentos, mas humanos, sim. Você sabe disso.

William parou o que estava fazendo.

– Não é correto dizer que vampiros são totalmente desprovidos de sentimento. Depende do vampiro.

– No seu caso?

– Falta-me empatia, como à maioria dos vampiros. Exceto em relação a você.

Ela levantou a mão e a pôs sobre o coração dele.

Sentiu o que pensou serem seus batimentos cardíacos, mas foi uma sensação estranha. Eram mais fortes do que batimentos humanos, e uma pulsação era seguida por vários segundos de silêncio.

– Você tem coração.

– Assim me disseram.

– Não sabia que vampiros tinham corações funcionais.

– Precisamos que nosso sangue circule para manter o corpo funcionando. A vida está no sangue.

– Na outra noite, quando você me levou para casa depois de me apresentar aos outros, falou em esperança. Você tem esperança de quê, William?

Ele franziu o cenho.

– Não ser condenado a uma eternidade de escuridão vazia.

As palavras fizeram Raven se retrair.

– É isso que você vive?

– Não exatamente. – A expressão dele se tornou cautelosa. – De alguma forma, a escuridão recua quando você está por perto.

Ela puxou e ele agarrou a sua mão, depositando um beijo nas suas costas.

– Sua pele tem cheiro de rosas. – Ele inspirou profundamente. – É delicioso.

Ele pressionou os lábios por toda a extensão do seu braço, movendo-os de um lado para outro em ritmo relaxado.

– O meu alerta é esse – sussurrou ela. – Meu coração faz parte do meu corpo.

Ele tocou o espaço entre os seios dela.

– Tratarei você com cuidado, toda você.

Raven observou aquele homem lindo e perfeito curvado acima dela beijar seu pulso com total entrega e se espantou com as palavras que lhe saíram da boca.

– Irei ao seu encontro hoje à noite. Mas não prometo dormir com você.

William abriu um sorriso vagaroso.

– Gosto de um desafio.

Ele a beijou mais uma vez, deu-lhe um abraço ardente de promessas e se afastou. Estendeu a mão para ajudá-la a sair da cama.

– Encontro você lá embaixo.

Raven se concentrou nas suas costas enquanto ele se afastava, e uma parte de si se perguntou por que havia resistido a ele.

◆◆◆

Depois do café, William lhe apresentou outro integrante de sua equipe de segurança, um careca alto com ombros extremamente largos.

– Raven, este é Marco.

– Polo – disse ela, sem conseguir se conter.

Os dois homens a encararam sem entender.

– Acho que você o está confundindo com uma pessoa que morreu muitos, muitos anos atrás – disse William, e seus lábios se contraíram.

– Desculpe. – Ela enrubesceu. – É um prazer conhecê-lo, Marco.

William fez um gesto para seu assistente.

– Marco vai acompanhá-la à Uffizi hoje de manhã. Depois do trabalho, vai levá-la em casa para você poder deixar a Vespa e pegar suas coisas. Então vai trazê-la para cá.

– Marquei de ajudar no orfanato depois do trabalho. – Pouco à vontade, Raven segurou a mochila. – E gostaria de ver Bruno.

William pareceu contrariado.

– Ele não vai se lembrar do tempo que vocês passaram juntos. O ferimento na cabeça combinado com o sangue vai ter afetado sua memória.

– Entendo. Mesmo assim, quero vê-lo. – A voz dela soou teimosa.

– Muito bem. – William uniu os lábios para indicar seu desagrado. – Marco vai acompanhá-la aonde você tiver de ir. Tenho assuntos a resolver no começo da noite. Vou pedir a Lucia para lhe preparar um jantar.

– Não será preciso. Janto com as crianças.

William examinou seus traços e arriscou:

– Quem sabe podemos assistir a um dos seus filmes hoje à noite?

Ela sorriu.

– Seria ótimo.

– Excelente. Chame Ambrogio e diga a ele do que precisa para exibir o filme.

Ele a acompanhou até sua Vespa lá fora e lhe deu um abraço.

– Não precisa se preocupar com o inspetor. Ele não vai tornar a incomodá-la.

– Obrigada.

William a encarou com um olhar ávido.

– Estou louco para chegar a noite.

Então a beijou com firmeza.

Alguns beijos e mais um abraço depois, montada na Vespa, ela descia o morro em alta velocidade na direção do Arno enquanto Marco a escoltava no Mercedes. Com a diferença de alguns carros, o *ispettore* Batelli os seguia.

William voltou para dentro de casa e chamou Luka até a biblioteca, onde lhe entregou um pedaço de papel dobrado.

– Preciso que você vá à Flórida, nos Estados Unidos, às cidades de Orlando e St. Petersburg. Descubra tudo que conseguir sobre as pessoas que menciono. Entre em contato comigo para mais instruções.

Luka desdobrou o papel, leu o que estava escrito e o guardou no bolso do

paletó. Com uma mesura, retirou-se.

William foi até a janela e olhou para sua propriedade, perdido em pensamentos.

Capítulo 41

– Vim visitar Bruno Rostagno – disse Raven para uma das enfermeiras no andar de Bruno no hospital.

– Amiga ou parente? – A enfermeira nem sequer ergueu os olhos do computador.

– Amiga. – Raven se remexeu no lugar e olhou nervosa para Marco, uma presença intimidadora em pé a poucos metros dali.

A enfermeira estava prestes a lhe indicar o quarto certo quando uma mulher conhecida as abordou.

– Raven, olá. – Graziella a cumprimentou com simpatia e a beijou nas duas faces.

– Oi, Graziella. – Raven sorriu. – Vim justamente visitar Bruno.

– Ótimo. Também acabei de chegar. Venha comigo. – Graziella meneou a cabeça para a enfermeira e segurou a mão de Raven para conduzi-la pelo corredor.

– Como ele está? – indagou Raven, preocupada.

– Acho que vai ter alta amanhã. Deveria ter sido liberado hoje, mas o médico quis aguardar.

Elas seguiram pelo corredor e dobraram à esquerda. Graziella parou diante da porta do terceiro quarto.

– Entre e diga oi. Eu vou depois.

– Mas você já está aqui. Tenho certeza de que ele quer ver você primeiro – protestou Raven, reparando que Marco os havia seguido.

Graziella apenas deu uns tapinhas no seu braço e fez um gesto indicando a porta.

Raven apertou a bengala com mais força e entrou no quarto com cautela. Tinha medo do que iria encontrar.

Bruno estava deitado na cama, e seu aspecto era surpreendentemente bom. Na verdade, não havia indícios de seus ferimentos anteriores: nenhum hematoma, atadura, fio ou tubo preso ao seu corpo.

Parecia mais saudável do que antes, e talvez até um pouco mais jovem.

Raven se perguntou se alguém mais tinha reparado nas mudanças.

– Oi, Bruno – cumprimentou ela com um aceno alegre.

Ele meneou a cabeça para ela.

– Boa tarde.

O sorriso de Raven hesitou.

– Sou eu. Raven.

Bruno examinou seu rosto por alguns instantes, e então baixou os olhos para a bengala.

– Claro. Você é vizinha da minha avó. Como está?

– Bem, obrigada. – Ela indicou a cama de hospital com um gesto. – E você?

– Pronto para ir para casa. – Ele fez uma careta. – Dizem que a minha recuperação foi milagrosa, mas mesmo assim estou com pressa de sair daqui.

Raven engoliu, sentindo a garganta seca.

– Ouvi sobre o seu acidente. Sinto muito.

– Obrigado, foi muita gentileza sua vir me visitar. Tem visto minha avó ultimamente?

– Estive com ela ontem. Tenho tentado visitá-la com mais frequência.

– Obrigado.

Bruno se calou, como se esperasse alguma coisa.

Raven levou alguns instantes para perceber que ele estava esperando ela dizer algo.

Enrubesceu. Ele não se lembrava dela. Não a olhava com desejo, não lhe fazia perguntas a seu respeito, nem demonstrava nenhuma das atitudes especiais que tivera com ela durante sua única noite especial. Uma tristeza a invadiu.

Raven se forçou a permanecer alegre.

– Bem, que bom que está se sentindo melhor. Vi sua mãe no corredor. Quer que eu a mande entrar?

– Por favor. Obrigado pela visita. – Bruno lhe lançou um sorriso acanhado,

que ela retribuiu.

– De nada. Tchau, Bruno.

Raven saiu do quarto com um passo desengonçado, apoiada com força na bengala.

Ao ver Graziella no corredor, falou:

– Ele quer vê-la.

– Mas você deveria ficar mais. Venha comigo. – Graziella fez menção de segurar sua mão, mas Raven balançou a cabeça.

– Desculpe. Tenho um jantar. Mas fico feliz que ele esteja bem e vá ter alta.

– Obrigada. – Graziella a beijou nas faces outra vez antes de acenar uma despedida.

Raven meneou a cabeça para Marco, e os dois foram até o elevador. Mas ela não derramou uma só lágrima antes de ficar sozinha.

Capítulo 42

– Como se pode ver examinando o corpo, os caçadores estão usando flechas maiores, decerto lançadas por uma balestra. – Stefan, o médico vampiro, apontou para a enorme ferida que deixara exposto o coração do cadáver.

Os membros do Consilium em pé ao redor da mesa de autópsia reagiram com murmúrios.

– Causa da morte? – indagou o Príncipe a Stefan.

Este suspendeu a flecha e apontou para a ponta de metal farpado.

– A flecha tem uma cápsula que contém uma poderosa toxina cardíaca. Ela se rompe com o impacto e libera a toxina. A combinação do trauma com a toxina faz o coração parar. Sem circulação sanguínea, o vampiro fica fraco e potencialmente imobilizado. Já identifiquei a toxina, mas mandei uma amostra para um laboratório da Suíça para confirmação.

O Príncipe parecia desanimado.

– Outras armas?

– A julgar pela cena em que o corpo foi encontrado, usaram água benta e sal.

Aoibhe soltou um palavrão bem alto.

– Essa gente por acaso não tem imaginação?

O Príncipe silenciou Aoibhe com um olhar.

Então voltou a atenção para Stefan outra vez.

– Como podemos combater as flechas?

O médico pareceu refletir por alguns instantes.

– Podemos distribuir coletes ou escudos protetores. Uma armadura restringiria os movimentos, o que prejudicaria o voo. Existem materiais novos

usados por diversas Forças Armadas humanas. Poderíamos testá-los para ver como resistem.

O Príncipe dirigiu os olhos para Lorenzo.

– Você consegue obter esses materiais?

Lorenzo se curvou.

– Claro, mestre. Mas vai demorar.

– Não temos tempo. Arrume o que conseguir agora e coordene os testes com Niccolò. – O Príncipe meneou a cabeça em sua direção. – Se os testes tiverem sucesso, vamos equipar o principado inteiro, mas cada cidadão vai ter que arcar com o seu custo.

– E a toxina? – Pierre olhou do cadáver para o médico, nervoso.

Stefan coçou o queixo.

– Eu a identifiquei como doxorubicina. É uma droga que os humanos usam para combater o câncer.

– Tem algum antídoto? – indagou o Príncipe.

– Os humanos tomariam drogas da família da digitalina para afinar o sangue e estimular o coração. Nós nunca as testamos na nossa espécie porque não tivemos necessidade. Somos imunes às toxinas humanas.

– Ou assim pensávamos – murmurou Aoibhe.

O Príncipe a encarou com um olhar zangado antes de tornar a se virar para o médico.

– Qual é a sua opinião científica, então?

Stefan balançou a cabeça.

– Uma flecha não basta para derrubar um de nós a menos que estraçalhe o coração. Não foi isso que aconteceu com Matthias. A toxina tampouco basta para matar um de nós – observou o médico. – O que faz o coração parar é a combinação das duas coisas, que provoca uma paralisia temporária. Uma vez que a vítima está no chão, os caçadores usam água e sal para impedi-la de remover a flecha e permitir que o processo regenerativo natural se inicie. Então eles arrancam a cabeça.

– E a solução?

– Evitar a situação. – O médico fez um gesto na direção do corpo de Matthias. – Para a digitalina ou algo parecido funcionar, teria de ser administrada na hora. E isso não é uma alternativa quando se está cercado por caçadores.

– Quero que encontrem um antídoto – ordenou o Príncipe. – Faça o laboratório entender a urgência da nossa necessidade.

Stefan fez uma reverência.

– Claro, mas eles são cientistas humanos, que ignoram a verdadeira natureza de seus clientes. Eu teria de lhes dar sangue de vampiro e uma explicação muito criativa para eles produzirem um antídoto.

– Então é isso que você deve fazer. Passe pela rede de inteligência humana, se precisar. Faça-os entender a necessidade, usando o controle da mente ou a coerção física com os funcionários do laboratório, conforme a necessidade.

– Sim, mestre.

– Depois que um antídoto for produzido, teremos de testá-lo. – O Príncipe olhou para Maximilian. – Talvez você possa convencer alguns dos recrutas a doarem seus corpos à ciência.

O grandalhão abriu um sorriso.

– Com prazer.

– Stefan, coordene os testes da toxina com Maximilian. Quero relatórios assim que possível. Tenho certeza de que nem preciso fazer todos entenderem a necessidade de sermos cautelosos. – O Príncipe enfatizou o adjetivo. – Matthias foi derrubado de um telhado bem na frente de testemunhas. É possível que os caçadores estejam aqui para mais do que apenas coletar sangue.

Ele fez uma pausa, e dois dos membros do Consilium trocaram olhares.

– Como por exemplo?

– Como por exemplo nos forçar a entrar em um confronto aberto que atrairia a atenção da Cúria.

A menção desse nome pareceu perturbar os membros do Consilium. Stefan começou a mexer no relógio de bolso, abrindo-o e fechando-o repetidas vezes.

– Por ordens minhas, como Príncipe de Florença, a partir de agora o Teatro está fechado. Quero o submundo evacuado e todas as reuniões comunitárias canceladas. Os cidadãos devem permanecer em suas residências primárias e lá se alimentar. É para a segurança de todos. Niccolò, agora que as patrulhas estão sob sua supervisão, imagino que não vá haver novas invasões. Cuide para que assim seja. Pierre, a rede de inteligência humana deve ser incumbida de localizar os caçadores e descobrir suas linhas de abastecimento. Alguém sabe onde eles estão

escondidos. Quero que sejam encontrados. Maximilian, até termos escudos protetores, ninguém deve escalar um confronto.

– Sim, mestre – responderam em uníssono os membros do Consilium acompanhados por Stefan.

– Estão dispensados. – Com um curto meneio de cabeça, o Príncipe saiu do recinto, sentindo nos ombros todo o peso de seu principado.

Capítulo 43

– Está dizendo que esse filme é baseado em um romance? Um romance escrito em italiano? – O Príncipe segurava a capa do DVD de *O poderoso chefão*.

– Não, em inglês. – Raven pôs o DVD no aparelho e meneou a cabeça para Ambrogio ligar o projetor. – Aliás, lembrei de uma coisa. Você disse que *sard* era uma palavra em inglês. Mas no meu dicionário isso não é um palavrão; refere-se a uma pedra preciosa.

O Príncipe voltou a atenção para seu criado.

– Ambrogio, se precisarmos de alguma coisa nós chamamos.

– Sim, meu lorde. – Com uma reverência, ele se retirou.

A ampla sala de estar do segundo andar havia sido transformada em sala de cinema. As cortinas tinham sido fechadas e uma tela grande pendurada na parede dos fundos. Atrás de um grande sofá antigo, um projetor fora montado sobre um andaime.

Lucia chegara até a providenciar pipoca com manteiga e Coca-Cola.

– *Sard?* A pedra? – Raven sentou-se no sofá e encolheu a perna boa debaixo do corpo.

William sentou-se ao seu lado.

– *Sard* é uma palavra do inglês antigo. Acho que meus palavrões são um produto da minha vida humana. Nunca consegui me acostumar com as palavras novas.

Ela lhe passou a grande tigela de pipoca, mas ele recusou.

Examinou o conteúdo do recipiente e torceu o nariz.

– O que é isso?

– Milho estourado. Com manteiga.

Ele afastou a tigela.

– Nós não comemos essas coisas.

– Experimente. – Ela lhe passou um grão amanteigado.

Ele o examinou de perto.

Farejou-o.

Jogou-o na boca e começou a mastigar.

– Nada mau.

– Ótimo. Sabia que iria gostar – disse Raven, sorrindo.

William pegou um guardanapo de papel em cima do pufe e removeu discretamente os restos do grão de pipoca da boca.

– Por que você fez isso? – Ela o encarou como se ele estivesse maluco.

– Não conseguimos digerir comida humana. – Ele embolou o guardanapo na mão e o pousou de lado.

– Nesse caso, acho que vou guardar os M&M's para mim. Acho que você vai gostar do filme. É sobre a Máfia.

Ele a encarou com um ar intrigado.

– Por que acha que vou gostar?

Raven ajeitou os cabelos atrás da orelha.

– É muito bom, com um elenco maravilhoso. A cena de abertura dá o tom do filme inteiro... é uma reflexão sobre a justiça.

Ela ergueu os olhos para ele, então os mirou na própria bebida.

– Acho que você vai achar interessante.

William a observou por alguns instantes antes de fechar os olhos e inspirar.

Abriu os olhos na mesma hora.

– Você está ansiosa.

– Não estou, não. – Ela enfiou a mão dentro do balde de pipoca e pegou um bom punhado.

William tirou a tigela de sua mão e a pousou sobre o pufe.

Chegou mais perto. Perto demais.

– Me diga o que a está preocupando. – Ele pôs a mão em seu joelho, e ela se contraiu.

– Nada. – Raven se afastou de leve e continuou comendo a pipoca.

– Você está mentindo. Posso sentir pelo cheiro.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Como pode sentir o cheiro de uma mentira?

– A química do seu corpo muda com as suas emoções. Você está ansiosa com alguma coisa, e toda vez que mente sua ansiedade atinge um ápice. – Ele chegou mais perto, segurou seu queixo e o ergueu. – Toda vez que eu a toco, provoco a mesma reação.

– William – protestou ela, olhando para o outro lado.

Ele encostou os lábios na têmpora dela.

– Está ansiosa com a possibilidade de ir para a cama comigo? – Ele moveu os lábios junto à sua pele.

A sensação a fez fechar os olhos.

– Eu disse que não iria dormir com você hoje.

– Está planejando ter relações comigo em breve. – Ele tornou a beijá-la, roçando os lábios em sua testa. – Por que não hoje? Por que não agora?

Ela se inclinou para junto dele, mas só por um segundo.

– Você vai derramar minha bebida.

William tirou o copo de sua mão e o pousou sobre uma bandeja ao lado da pipoca.

– Problema resolvido. – Ele beijou o canto de seu maxilar e a puxou mais para perto. – Sou um amante vigoroso. Todos os vampiros o são. Como você é humana e eu... – Ele pigarreou. – Vou tomar cuidado. Você me diz como quer, se prefere com delicadeza ou com força... – Ele tocou sua coxa. – Vou conduzir a dança pensando em você. Tudo que precisa fazer é sentir.

Raven sentiu a pele enrubescer e balbuciou um palavrão.

Ele tocou a maçã de seu rosto com o indicador.

– O fato de excitar você me agrada. Estou louco para ver seu rosto durante o orgasmo. Me diga, do que você gosta? Pelo que você anseia? Pela minha língua entre suas pernas, na sua boca, nos seus seios? Quer que as minhas mãos passeiem pelo seu corpo, ou prefere que eu levante seus braços acima da cabeça? Prefere ficar por cima ou por baixo? De lado? Por trás? – Ele a beijou na orelha.

Raven se levantou do sofá tão depressa que quase caiu.

– Pare. – Ela levou uma das mãos ao rosto para tentar refrescar a pele quente.

– Por quê?

– Não gosto de papo furado, e isso está me parecendo papo furado. Pare de falar assim comigo.

A expressão dele mudou no mesmo instante. Ele se levantou com uma expressão zangada.

– Qual é o problema, Raven? Pensei que tivéssemos chegado a um acordo.

Ela ergueu as mãos.

– Eu só quero passar uma noite tranquila e assistir ao filme. Não podemos esquecer todas essas outras coisas? E relaxar?

William se moveu na sua direção, mas parou, reparando que ela estava extremamente agitada.

Não parecia estar com medo, mas tampouco parecia à vontade.

A estratégia de sedução dele estava fracassando, e isso feriu seu orgulho.

Seus traços ficaram mais duros.

– Nós vamos para a cama juntos. Você vai me receber dentro do seu corpo. É só uma questão de tempo.

– Não quero falar sobre isso.

Ele fez um gesto frustrado.

– Por que não, diabo?

– Vampiros transmitem doenças venéreas?

– É claro que não! – As narinas dele inflaram. – Acha que eu faria isso com você? Que lhe transmitiria uma doença de propósito?

– Humanos precisam falar sobre doenças antes de ter relações sexuais.

– Os vampiros são imunes às doenças humanas. Nós não as contraímos nem as transmitimos. Próximo assunto. – Ele cruzou os braços em frente ao peito.

Quando ela não respondeu, ele estreitou os olhos.

– Isso tudo é um subterfúgio. Qual é o verdadeiro motivo pelo qual você não quer ir para a cama comigo?

– Fui visitar Bruno – disse ela depressa.

– Eu sei. E daí?

– Ele não se lembrava de mim.

– Eu a alertei sobre isso. O sangue de vampiro causa perda de memória.

Raven olhou para sua bengala apoiada no sofá.

– Nós saímos juntos. Jantamos e rimos. Ele me beijou. Mas hoje se mostrou completamente indiferente. Mal olhou para mim. – Ela encarou William com um olhar trêmulo. – Estou cansada de ser invisível.

A expressão dele se fez mais suave.

– Venha cá.

– Não.

Ele estendeu a mão na direção dela.

– Para mim você não é invisível. Acho que deixei isso bem claro.

Raven se virou para a tela vazia.

– O que vai acontecer quando você me vir de verdade?

– Não entendi.

– Não poderia entender, mesmo – balbuciou ela. – Você é lindo.

– Você parece esquecer que eu a desejo. – Ele indicou com um gesto o sexo duro dentro da calça. – Muito.

Ela o encarou demoradamente.

– Hoje não preciso de um amante. Preciso de um amigo. Pode me dar isso?

– Vampiros não têm amigos. – William recuou um passo.

Ele estava a ponto de dizer não; ela viu a decisão no seu olhar.

De repente, a expressão dele mudou.

– Se é isso que você deseja – falou, rígido, com um gesto em direção ao sofá.

Ela se sentou, e dessa vez ele se acomodou a alguns centímetros de distância. Pôs a tigela de pipoca entre os dois e lhe entregou seu copo.

– Obrigada.

Ele não respondeu; tinha a postura rígida e o rosto afogueado.

Raven apertou o botão *play* no controle remoto.

◆◆◆

William ficou tão entretido com o filme que nem notou quando Raven deixou de lado a tigela de pipoca. Tampouco reparou quando ela se aproximou dele.

Durante a cena em que Michael vai procurar a primeira mulher na sua noite de núpcias, ela pousou a cabeça no braço dele. Sem pensar, ele mudou de posição e passou o braço em volta de seus ombros.

Raven se aninhou junto a ele.

– É perigoso? – perguntou.

– O quê? – Ele baixou os olhos para o seu perfil.

– Sexo com um vampiro.

Ele tornou a encarar a tela.

– Pode ser.

– Para o meu corpo ou para o meu coração?

Ele se inclinou acima dela e tocou sua testa com os lábios.

– Pensei que seu coração fizesse parte do seu corpo.

Ela o encarou, e o sorriso nos lábios dele desapareceu.

– Não posso responder a essa pergunta, Cassita – sussurrou ele.

Raven tentou se concentrar no filme e fingiu que as palavras dele não a tinham abalado.

◆◆◆

No meio da noite, Raven acordou nos braços de William. Estavam na cama dele.

William estava deitado de costas, sem camisa, acariciando a pele dos ombros dela, que se aninhava junto à lateral de seu corpo.

O quarto estava escuro. As cortinas das portas da varanda tinham sido fechadas. Uma nesga de luz brilhava debaixo da porta que dava para o corredor.

Ela piscou para ele, tentando discernir seus traços.

Ele sorriu.

– Olá, menina bonita.

As sombras a tornaram mais ousada, uma vez que ela esqueceu que ele podia ver no escuro. Ergueu a mão até o rosto dele e pressionou o corpo contra o seu. Seus olhos verdes escureceram com uma emoção represada.

De alguma forma, seus sentimentos migraram para os lábios. Ela o beijou com decisão, e mordiscou seu lábio inferior antes de enfiá-lo na boca.

William tocou seu pescoço, mudando o ângulo para poder aprofundar o beijo. Quando suas línguas se tocaram, foi como se saíssem faíscas.

Raven moveu a perna por cima e entre as dele, mudando de posição até ficar quase deitada sobre o seu peito. Pousou as mãos nos ombros dele, deliciando-se com a sensação dos músculos sob os dedos.

A língua dele entrou em sua boca e recuou, instigando-a a segui-lo, enquanto suas palmas roçavam toda a extensão das costas até irem parar nas curvas de suas nádegas. Ele pelo visto gostou do que sentiu e começou a apertar e apalpar a carne com as duas mãos.

Ela lambeu o contorno de seus lábios antes de mergulhar a língua entre eles.

Ficou movendo a língua para um lado e para outro, para dentro e para fora.

O ritmo de William era concentrado, mas ele não demonstrava pressa, como se estivesse decidido a aproveitar cada ponto de contato, cada sensação.

Acompanhou os aclives e declives das costas dela antes de segurar sua camisola antiquada e a erguer até a altura das coxas.

– William – murmurou ela, pressionando a parte inferior do corpo contra o dele.

Ele a virou de costas e salpicou seu maxilar de pequenos beijos até o pescoço.

Ela inspirou com um arquejo.

– Por favor, não se alimente de mim. Não na nossa primeira vez.

Ele levantou a cabeça; dava para ver o conflito em seus olhos.

Piscou bem devagar, como um gato.

– Se for esse o seu desejo.

Ele esfregou o rosto no decote da camisola antes de afastar as alças da roupa, expondo seus seios generosos.

– Que lindos. – Levando os seios à boca, lambeu e chupou com avidez.

A boca e a língua dele eram frias. Raven gostou quando ele lambeu seus mamilos antes de pressioná-los contra o céu da boca.

Mergulhou os dedos em seus cabelos e massageou o couro cabeludo.

– Eu poderia passar dias só aqui. Você é mesmo uma obra de arte. – William repousou o queixo abaixo de seus seios e lhe abriu um sorriso largo, encantador.

Mais uma vez, Raven esqueceu que ele podia ver com clareza e pensou que estivesse apenas se referindo à sensação de seu corpo sob as mãos.

Puxou a cabeça dele na sua direção para beijá-lo, permitindo-se explorar os músculos das costas e mais abaixo, onde os quadris encontravam as nádegas.

William era esbelto e forte, e parecia estar se controlando. Mas ela pôde sentir sob os dedos a potência contida.

– Você não tem apego por esta camisola, tem? – sussurrou ele, alisando o tecido embolado em volta da sua cintura.

Ela fez que não com a cabeça.

– É sua.

– Minha?

– Acordei vestida com ela na noite em que você me levou para casa. É você quem deve ter posto em mim.

Em uma fração de segundo, a camisola foi rasgada ao meio e jogada no chão sem cerimônia.

– Deve ter pertencido a uma das antecessoras de Lucia. Nunca deveria ter posto em você. – Ele pousou a mão em seu baixo-ventre e a observou com um olhar de aprovação. – Você é bem mais desejável nua.

William beijou o alto da calcinha de renda preta, incentivando-a a abrir as pernas.

Ela mordeu o lábio, cheia de expectativa, semicerrando os olhos no escuro para o lindo homem ajoelhado diante de si.

– Muito bonito – murmurou ele, alisando a renda com os dedos.

Então, com um rasgão rápido, a calcinha foi tirada.

Com os olhos arregalados, Raven prendeu a respiração.

– Cassita – disse ele baixinho.

Pôs a mão sobre o seu coração.

– Sua pulsação está muito acelerada. Respire.

Ela se esforçou para respirar fundo, ainda dominada pela excitação e pela ansiedade.

William alisou com o polegar a pele abaixo de seu seio direito.

– Você não é virgem. Por que está tão nervosa?

– Já faz muito tempo – ela conseguiu dizer, tomada pela timidez.

Ele foi descendo pelo centro de seu corpo, beijando-a, e parou logo acima do osso púbico.

Fechou os olhos e inspirou.

– Que cheiro incrível.

Então ergueu-se para sussurrar no seu ouvido.

– Vou chupar você até o orgasmo, depois vou penetrá-la e você vai ter outro orgasmo. Não se esqueça de respirar.

Ele recuou e pousou as mãos no alto das coxas dela.

– Abra.

Ela obedeceu. Então a boca dele mergulhou entre suas pernas.

Raven afundou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, concentrando-se por completo na sensação inacreditável daquela língua fria em suas partes mais íntimas.

Havia algo de excepcionalmente erótico em ter um ser poderoso entre suas

pernas, ávido para lhe dar prazer.

Ela agarrou os lençóis enquanto uma série de gemidos lhe escapava da garganta.

William ergueu a cabeça e observou sua reação com um sorriso travesso. Era óbvio que estava se divertindo. Provocou e lambeu, mordiscou e chupou, e então grudou a boca nela.

O corpo de Raven se retesou quando ela gozou, e ela flutuou carregada por uma onda de prazer antes de explodir.

Tentou se afastar, mas ele a segurou junto à própria boca, extraindo de seu corpo até o último tremor antes de ela finalmente desabar sobre a cama.

Ele então se deitou por cima dela, com a mão no seu quadril, e a penetrou.

Ela ainda estava sensível e sentiu-se preenchida além do que pensava poder suportar.

William praguejou e se retirou antes de tornar a penetrá-la, bem devagar.

Aproximou o nariz a poucos centímetros do seu e afastou seus cabelos dos olhos.

– Olhe para mim – ordenou.

Ela fitou aqueles olhos que pareciam queimar os seus.

– Não pense. Entregue-se ao prazer. – Ele começou a se mover dentro dela, retirando-se e tornando a mergulhar um número incontável de vezes.

As estocadas eram fundas, intensas, mas o ritmo era lento.

Raven levou as mãos até a base das costas dele e as fez deslizar até as nádegas, incentivando-o a aumentar a velocidade. Sentiu os músculos dele se flexionarem e se contraírem sob as mãos.

Ele se curvou para abocanhar um de seus seios; ela fechou os olhos e grunhiu de prazer.

Dali a mais algumas estocadas, mais alguns beijos e mordidinhas em seu seio, ela gozou outra vez.

William aninhou o rosto em seu pescoço e lambeu a pele, mordendo-a de leve.

Ela o ignorou, totalmente concentrada na sensação que se derramava de suas entranhas por todo o corpo.

Ele aumentou um pouco o ritmo, mas não deu sinais de estar prestes a gozar.

– Você vai...? – ela conseguiu articular, ainda tomada pelos espasmos de um

orgasmo inacreditável.

– Não. – Ele lhe deu um sorriso cúmplice antes de beijá-la no pescoço outra vez. – Posso passar horas fazendo isso.

Raven sentiu os últimos efeitos do orgasmo se esvaírem. Pousou a mão na base das costas dele para fazê-lo parar.

– Horas, você disse? – indagou aos arquejos, ofegante.

– É. – Ele a beijou de leve. – Pode se preparar.

E recomeçou a se mover dentro dela.

Raven se ergueu para beijá-lo.

– Nada poderia ter me preparado para isto – disse ela junto à sua boca, com a respiração irregular. – É incrível.

A expressão dele se fez sombria, mas só por alguns instantes. Ele então rolou de costas e a puxou para cima de si.

◆◆◆

Ela mal havia se recuperado do terceiro orgasmo quando ele a posicionou outra vez por baixo de si e aumentou o ritmo.

– Olhos – ordenou, segurando-a pelo maxilar.

Ela ergueu os olhos e viu nos dele desespero e necessidade.

O ritmo dele aumentou, muito mais intenso do que qualquer homem teria sido capaz. Ela segurou a base das suas costas apenas para ter algum suporte.

Ele continuou a se esforçar e arremeter; todos os músculos de seu corpo estavam tesos. Então, com um rugido, imobilizou-se dentro dela e gozou. Deixou a boca descer até seu pescoço e chupou a pele, e um prazer estranho e extraordinário se irradiou desse ponto por todo o corpo de Raven.

O orgasmo dele pareceu durar muito mais tempo do que o normal, superando em muito a pulsação que ela sentia dentro de si.

Quando ele enfim abriu os olhos e levantou a cabeça, encarou-a com uma expressão esquisita.

– Está tudo bem? – Ela o tocou no rosto, na testa, no queixo.

Ele pressionou os lábios nos seus.

– Você me capturou, Cassita – sussurrou ele. – Nunca tive menos vontade de escapar.

Capítulo 44

A aurora derramou luz no quarto pelas portas abertas da varanda, cobrindo o rosto de Raven.

Ela abriu os olhos e espiou com decepção o lugar vazio ao seu lado.

William era magnífico. Era Cupido. Um deus.

Mostrara-se atencioso e apaixonado, de fato um amante exemplar.

Não a havia chamado de nomes bobos nem lhe feito elogios extravagantes. No entanto, tinha sido delicado e afetuoso e, ao gozar, parecera se deixar de fato submergir pelo prazer.

Sentia atração por Raven, e ela acreditava ter despertado seu interesse, nem que fosse apenas até aquela manhã. Mas não gostava dela. Não de verdade. Pelo que já havia confessado, jamais gostaria.

Ela esticou a mão em um gesto hesitante por cima do colchão e mudou a posição das pernas. Estava dolorida entre as pernas, o que não era de espantar. Quando William lhe confidenciara ter uma resistência fora do normal, estava dizendo a verdade. Raven tivera três orgasmos contra apenas um dele, e isso só porque ele estava preocupado em não machucá-la. Quando ela se acostumasse com ele, dissera, iria multiplicar esse número.

O vampiro era insaciável.

Ela fechou os olhos, repreendendo a si mesma. Não podia se permitir desenvolver apego, fosse sexual ou de outro tipo, por alguém que não gostava realmente dela. E havia o pequeno porém de William não ser humano.

À luz inclemente do dia, ele sem dúvida a tinha visto como ela realmente era e fugido. Já havia acontecido antes. Por esse motivo, era melhor ficar sozinha e aceitar a solidão com racionalidade e alegria.

– Minha cotovia acordou. – Uma voz masculina interrompeu seus devaneios.

Raven se virou para a varanda tão depressa que ficou embolada nas cobertas.

– Bom dia. – William estava em pé no vão da porta aberta, nu, com o braço erguido acima da cabeça e pousado no batente.

À luz do dia, sua pele pálida tinha um brilho de bronze que combinava bem com os olhos claros e os cabelos louros. Seu corpo era um estudo de perfeição masculina: cada músculo definido e trabalhado, sobretudo o peito e a barriga.

– Como você é bonito. – As palavras escaparam da boca de Raven antes de ela conseguir pensar, enquanto o devorava com os olhos.

Ele sorriu e baixou o braço.

– Você é bonita. Sobretudo agora, com esses cabelos escuros despenteados e as bochechas meio rosadas. Parece que alguém lhe deu prazer, e muito.

Raven baixou os olhos para os lençóis e sorriu, sem conseguir encará-lo.

– Deu, sim. Três vezes.

– Não quis acordá-la.

– Reparei que você tinha saído da cama.

William aquiesceu, notando o modo como ela havia entrelaçado parte do lençol nos dedos. Seus olhos verdes estavam fixos na roupa de cama como se esta contivesse a resposta para os mistérios da vida.

– Passei algum tempo abraçado com você, mas fiquei inquieto.

Raven flexionou os dedos.

Ele deu as costas para a porta, e ela pôde admirar uma visão frontal de seu corpo. Nem mesmo as maiores esculturas do Renascimento eram capazes de competir com a simetria de seu corpo.

– Não precisa acordar ainda.

Ela sorriu, agradecida, e tentou não encará-lo.

– Por que está tão calada? – indagou William, franzindo o cenho.

– Por que será?

– Por que será? – repetiu ele.

Raven puxou o lençol até os ombros.

– Você poderia escolher entre várias humanas. E tem também aquela vampira ruiva. Ela é lindíssima.

William exibiu uma expressão de desagrado.

– Aoibhe é uma aliada. Nada além disso.

Raven pensou na resposta e se perguntou por que estava desconfiada.

– Em comparação com os outros, sou praticamente celibatário. Não faço sexo toda vez que me alimento, e meus encontros são escolhidos a dedo. – Ele observou o rosto dela para discernir sua reação.

Ela o fitou com curiosidade.

– Você disse uma vez que não sabia a diferença entre o sexo como vampiro e o sexo quando era humano.

Ele aquiesceu; parecia pouco à vontade.

– O que quis dizer com isso?

Ele moveu a mandíbula.

– Que nunca fiz sexo quando era humano.

Raven escancarou a boca.

– Quantos anos você tinha quando virou vampiro?

William se virou para os jardins.

– O mundo era diferente naquela época. Eu era diferente naquela época. Quando fui transformado, era noviço da ordem dominicana.

– Você era padre? – indagou Raven, quase gritando.

Ele a pregou na cama com um olhar escuro e irado.

– Estava estudando para virar padre. Os noviços fazem os mesmos votos.

Raven resmungou um palavrão.

– Nunca passei muito tempo pensando nisso, mas está claro que as correntes que eu usava em vida ainda me prendem. Gosto de ter relações sexuais, mas a intemperança me causa repulsa.

– Não entendo como um padre... quero dizer, como um noviço pode ter virado vampiro. Você não usava crucifixos e relíquias o tempo todo?

– Nós somos parecidos, eu e você. Ambos odiamos Deus. Você o odiou até virar ateia, e eu o odiei até passar por uma transformação sobrenatural amaldiçoada.

– Não estou entendendo.

– Se continuar a dividir minha cama comigo, talvez eu lhe conte como isso aconteceu. Mas hoje não. – William virou-lhe as costas.

Raven entendeu que tinha sido dispensada.

Sem dizer nada, passou as pernas pelo outro lado da cama e sentou-se de frente para o armário.

Enrolou o lençol no corpo nu, formando uma espécie de toga, e foi mancando até sua bolsa.

– O que está fazendo?

Ela ouviu a voz dele, mas não ergueu os olhos.

– Vou me vestir e tomar café.

– Por quê? Ainda é cedo.

Ela pegou na bolsa uma calcinha e uma camiseta.

– Você disse "se" eu continuar a dividir sua cama com você. Sei perceber quando alguém está arrependido.

Ele andou na sua direção.

– Que conversa é essa?

– Estou falando em me contentar com o que tenho e não me iludir tentando conseguir outra coisa.

– Você não está dizendo coisa com coisa.

– Na verdade, só agora tudo está fazendo sentido para mim. – Ela olhou para ele sem cruzar olhares. – Se você puder sair, me visto sem você precisar assistir.

William arrancou as roupas de suas mãos.

– E se eu quiser assistir?

– Para poder zombar?

– Zombar de quê?

Ela indicou a si mesma com um gesto.

– Você vai mesmo me obrigar a dizer? Olhe para mim.

Ele a encarou fundo.

– Estou olhando.

Seu olhar era intenso, cheio de desejo.

Raven moveu os olhos para os próprios pés.

– O bonito é ser magro.

Ele fez um muxoxo.

– Ser magro é uma indicação de má saúde e fraqueza.

Raven o encarou com uma expressão intrigada.

William coçou o queixo, distraído.

– Tinha me esquecido desse aspecto da cultura humana. Em geral ignoro o funcionamento do seu mundo, a menos que algo nele me interesse particularmente. Como você, por exemplo. – Ele a tocou no quadril. – Quando

era humano, as mulheres magras tinham uma taxa de sobrevivência baixa. Eram consideradas doentes, enfermas, e com certeza nada bonitas.

– Você não liga de eu ser gorda?

Ele levou a mão até o alto do lençol, onde ela havia torcido o pano debaixo do braço.

– Deixe-me olhar você.

– Estou nua.

– Justamente. – O olhar dele se moveu para seus seios enquanto ele puxava o lençol de cima dela. Ficou parado, passeando os olhos por seu corpo com uma apreciação que não tentou disfarçar. – Você é uma mulher atraente, Raven.

Ela não o encarou. Sentiu-se exposta, constrangida. Abaixou-se para pegar o lençol, mas ele segurou sua mão e a conduziu até o seu *Primavera*.

Postou-se atrás dela e pôs as mãos nos seus ombros.

– Estou vendo que talvez você precise ser convencida. Demore-se alguns instantes examinando esse quadro; concentre-se nas formas femininas.

– Eu sei como elas são. – Ela cruzou os braços em frente ao peito. – Sou restauradora de arte, lembra?

– Você pode ter visto, mas não prestou atenção. Olhe outra vez.

Raven começou pela esquerda do quadro, pela figura de Mercúrio, e avançou para observar as três Graças.

– Elas com certeza parecem saudáveis.

– Olhe para as Graças antes de examinar Vênus. Lembre-se: elas são representações do ideal de beleza feminino.

– Segundo Botticelli.

William apertou seus ombros.

– Botticelli sabia reconhecer a beleza quando a via. Ele admirava Simonetta Vespucci, por exemplo, uma mulher extremamente atraente.

Raven virou a cabeça de lado.

– Você não está fazendo eu me sentir melhor.

– É porque você não está prestando atenção. Olhe para as barrigas dessas mulheres.

Ela fez o que ele mandava.

– São arredondadas.

– São saudáveis. – William levou as mãos à sua barriga e as espalmou ali. –

Assim como a sua. – Levou os lábios à sua orelha. – E os seios?

A proximidade dele fez Raven estremecer.

– É difícil ver, mas parecem generosos.

William afastou suas mãos e segurou seus seios, deliciando-se com seu peso.

– Você é bem mais voluptuosa. Bem mais agradável aos meus olhos, às minhas mãos, à *minha boca*. – Ele beijou sua orelha. – E as nádegas?

– Elas têm uma retaguarda de respeito.

– Retaguarda?

– Ahn, elas têm nádegas generosas.

– Hum. – William desceu as mãos pelas curvas de seus flancos e quadris até segurar suas nádegas. – Você tem nádegas excelentes, redondinhas. Gosto de segurá-las quando estou dentro de você. – Ele passou para o outro lado e ficou de frente para ela. – Em outras palavras, as mulheres ideais de Botticelli se parecem com mulheres, não com meninos. São macias e curvilíneas. Saudáveis, arredondadas. Mulheres com o corpo das retratadas nesse quadro foram consideradas lindas por muitos séculos, senão por milênios. Elas eram o ideal estético durante o meu tempo de vida e assim permaneceram por um longo período depois.

Ele levou a boca ao seu pescoço e sussurrou:

– O meu ideal não mudou.

Sem dizer nada, Raven envolveu os ombros dele com os braços e o beijou, e ele a carregou até a cama.

Capítulo 45

– Sei de alguém que está feliz hoje. – Patrick deu um sorriso maroto ao ver Raven sentada à sua mesa com um sorrisinho sonhador no rosto.

Ela estava observando uma imagem do *Primavera* que tinha escolhido como papel de parede no computador.

– Terra para Raven, câmbio? – Ele estalou os dedos, fazendo-a sobressaltar.

Quando ela viu quem tinha lhe dado o susto, afastou o braço dele.

– Caramba, Patrick. Que saco!

Ele riu.

– Chamei você duas vezes.

– Eu estava concentrada. – Ela se virou de volta para o computador e se desconectou da rede.

– No quê? No seu papel de parede?

– Muito engraçado.

– Por que está tão feliz hoje? Porque Batelli foi dispensado?

Raven olhou para os colegas à sua volta na sala. Felizmente, nenhum deles estava prestando atenção na sua conversa.

– Shh! – Ela encarou Patrick com um ar de censura.

Ele ergueu as mãos num gesto de quem se rende.

– Desculpe.

– O verão está chegando. Isso me deixa feliz. – Raven pegou a bengala e foi até o armário buscar seu jaleco.

– Certo. – Patrick a seguiu. – Olhe, se o negócio está tão bom assim com o seu colecionador de vinhos, por que não saímos os quatro? Gina queria combinar alguma coisa para o seu aniversário.

– Meu aniversário é só em julho.

– Bom, ela pode organizar uma festa nessa época. Mas a gente deveria sair antes disso. Traga seu amigo para nos conhecer.

– Ahn, não sei. – Raven tentou não parecer perturbada.

– Não seria nada de mais. Sei como são os começos de namoro. – Ele tornou a sorrir.

Raven retribuiu o sorriso.

– Seu namoro com Gina também está bem no começo. Faz só uns quinze dias que vocês estão juntos.

– É, mas parece mais tempo, porque a gente era amigo primeiro. Como vai seu colecionador?

Ela moveu o sorriso na direção do jaleco.

– Vai bem, obrigada.

Patrick balançou a cabeça para ela.

– Agora que sabemos que está tudo bem, me avise quando estiver livre. Podemos ir jantar ou beber alguma coisa depois do trabalho. Você decide.

Ele se encaminhou para a porta.

– A propósito, vão reabrir a sala de exposição daqui a umas duas semanas. O Prado de Madri concordou em nos emprestar algumas peças.

Raven o chamou de volta com um gesto.

– Quer dizer que eles encerraram a investigação?

– Não. Pelo que soube, ela foi só transferida. Vitali não vai deixar as ilustrações sumirem sem uma grande investigação, de jeito nenhum. Aliás, cuidado ao andar pela cidade à noite. Segundo os jornais, tem uma gangue de motociclistas atacando pessoas. Mataram um cara com uma balestra na outra noite.

– O quê? – O queixo dela caiu.

– Eu sei. Que coisa mais ridícula, né? A BBC noticiou que turistas britânicos e americanos estão cancelando seus planos de viagem a Florença neste verão. O roubo na galeria, os tais cadáveres que encontraram perto do rio e agora essa gangue de motociclistas, tudo isso teve muita publicidade.

– A gangue está atacando aleatoriamente ou escolhe as vítimas?

Patrick a encarou com um ar intrigado.

– Não faço ideia. Houve relatos de ataques, mas, quando a polícia chegou, as

vítimas tinham desaparecido.

– Obrigada, Patrick. Mande um oi para Gina. Eu aviso em relação ao jantar.

O amigo aquiesceu e tomou a direção do arquivo.

Enquanto caminhava em direção ao laboratório de restauração, Raven só conseguiu pensar em uma palavra.

Caçadores.

◆◆◆

Durante o intervalo de almoço, cogitou ligar para Ambrogio e deixar um recado para William.

Mas não ligou.

Ele não se comunicava por telefone, mensagem de texto ou e-mail. Se ela o convidasse para jantar com seus amigos, diria não, lógico.

Como ela poderia apresentar aos amigos o seu... vampiro?

A resposta era clara e concisa.

Não podia.

◆◆◆

Raven só tornou a ver William no sábado à noite. Ele ficara ocupado dia e noite tentando localizar os caçadores.

Era uma explicação plausível.

Mas ela não pôde evitar a dúvida que surgiu no fundo de sua mente. Pensou se ele teria encontrado a vampira ruiva enquanto estava caçando. Perguntou-se de quem estaria se alimentando, já que não era dela.

Amaldiçoou a si mesma por sentir ciúmes das fontes de alimentação dele.

No sábado à noite, a pedido de William, pôs um vestidinho preto com um amplo decote nas costas, que deixava à mostra um pedaço de pele. A roupa teria ficado melhor com escarpins, mas agora que sua perna tinha voltado à condição de antes ela não podia usar salto alto sem sentir uma dor cruciante.

Demorou-se escovando e penteando os longos cabelos negros, anelando as pontas. E colocou uma maquiagem leve, acentuando a cor natural dos lábios e realçando os olhos verdes.

William tinha dito que iria levá-la para sair, mas que ela deveria ficar pronta antes de o sol se pôr.

Alguém bateu à porta, e ela espiou pelo olho mágico.

Era Marco.

Abriu a porta para deixá-lo entrar e pegou a bolsa.

– Onde está seu patrão?

– No carro. – Marco passou por ela e examinou o apartamento. Depois de parecer satisfeito com o que tinha visto (ou com o que deixara de ver), acompanhou-a até o corredor, vigiando com cuidado a escada enquanto ela trancava a porta.

Quando ela entrou no Mercedes, William estava sentado no banco de trás.

– Boa noite. – Ele a cumprimentou com um beijo apaixonado.

Ela retribuiu com ardor, pois estava com saudades.

– Gostei do vestido. – Ele desceu os dedos até onde o decote terminava nas costas.

– Foi você quem pediu.

– Posso ter pedido, mas só você poderia ter usado. – Ele segurou seu pulso e afastou a pulseira para poder beijá-la. – Está lindíssima.

Marco saiu com o carro.

– Não vai precisar disto hoje à noite. – William tirou o lenço que cobria seu pescoço.

De modo lento e sensual, fez a seda deslizar por sua pele, permitindo que a ponta roçasse em seu seio.

Raven parou de respirar por um instante.

– Por que não?

– Não vamos ficar em público hoje à noite. – Ele tocou seu pescoço com um só dedo. – Mas preciso que você feche os olhos.

– Por quê? – Raven olhou pela janela, alarmada. – Vai me levar de novo para o subterrâneo?

– Não. Confie em mim.

Ela não confiava nele. Não por completo.

No entanto, engoliu as dúvidas e fechou os olhos.

Pôde ouvir o barulho de outros carros e motos que passavam. Sentiu o

movimento do carro, a aceleração e a desaceleração. Houve várias paradas e várias curvas.

Não fazia ideia de para onde estavam indo.

Durante todo o tempo, William acariciou as costas de sua mão com o polegar.

De repente, o carro parou.

– Chegamos.

Raven abriu os olhos e viu que estavam em um beco. Não reconheceu os prédios ao redor.

Marco abriu a porta e a ajudou a saltar, em seguida pegou a bengala para ela dentro do carro.

– Obrigada. – Ela aceitou a bengala e deu a volta até atrás do carro, onde William a aguardava.

– Por enquanto é só, Marco. Chamo quando estiver na hora de voltar.

Marco aquiesceu e voltou para o banco do motorista.

William se postou em frente a uma porta de metal enferrujada. Pressionou uma das pedras na parede à sua esquerda, e um teclado de segurança surgiu. Ele digitou uma longa série de números, e Raven ouviu um clique alto.

William abriu a porta, e ela pôde entrar.

– Que lugar é este? – indagou, examinando o espaço escuro com dificuldade.

– Isto aqui é o Teatro.

Capítulo 46

– Não parece um teatro. – Raven se esforçou para distinguir as características do ambiente.

Atrás dela, William acendeu as luzes.

Apesar de a iluminação estar fraca, deu para ver um bar comprido em um dos lados do recinto, algo semelhante a um palco em frente a uma pista de dança, e uma série de sofás, mesas e cadeiras nas duas outras paredes.

– Parece uma boate. – Raven lançou a William um olhar curioso.

– E é.

– Onde estão as pessoas?

– O local está fechado hoje para um evento particular.

Ele indicou um dos sofás de veludo, e Raven se sentou.

William foi até o canto, onde ficava a cabine do DJ. Em pouco tempo, o ambiente se encheu de música.

Raven reconheceu a voz de Madeleine Peyroux.

– Pensei que você não escutasse música moderna – disse ela, alto.

– Fui convencido a expandir meus horizontes. – Ele sorriu ao se aproximar dela. – Posso lhe oferecer algo para beber?

Ela olhou em direção ao bar.

– Tem bebidas humanas aqui?

– Esta é uma casa para vampiros e humanos.

Raven se pegou perturbada pela revelação.

– Vinho tinto, por favor.

William se curvou e foi até o bar.

Ela aproveitou a oportunidade para examinar mais de perto o amplo espaço.

Havia TVs de tela plana na parede, todas desligadas. Algumas portas saíam do recinto central rumo a lugares desconhecidos.

Poderia ser uma boate igual a qualquer outra. Só que seus clientes eram vampiros.

William chegou com uma garrafa de vinho e duas taças equilibradas em uma bandeja. Serviu uma para ela e outra para si.

– Vai dar uma de humano hoje? – perguntou Raven quando ele lhe entregou a taça.

– Gosto de tinto.

Ele se sentou ao seu lado no sofá, e os dois brindaram.

Raven provou do vinho. Era excelente.

– Você passa muito tempo aqui?

– Nunca. – Ele deu um gole no vinho com um gesto exagerado.

– Por que não?

– A decadência me dá tédio.

– Por quê? O que acontece aqui?

William girou o conteúdo da taça com uma expressão deliberadamente neutra.

– Nada importante.

Raven franziu o cenho.

– É uma pergunta simples, não um segredo de Estado.

Ele relanceou os olhos para os dela.

– O segredo é a moeda que me mantém vivo.

– Você não está cansado de guardar segredos?

Ele pôs a taça sobre a mesa à sua frente, mas não respondeu.

– Achei que os segredos iriam diminuir depois que fôssemos para a cama. – Os olhos verdes dela exibiam uma expressão de alerta.

William tentou esconder a surpresa com a raiva crescente de Raven, mas não conseguiu.

– Não estou acostumado a confiar nas pessoas. Reconheço que você deveria ter respostas para algumas das suas perguntas, dentro dos limites do razoável. – Ele relaxou na cadeira e ergueu o braço para pousá-lo no encosto do sofá. – Raven, gosto da sua companhia. Espero que você goste da minha.

– Gosto, sim. – Ela se concentrou na taça de vinho. – Muito.

– Existem outros humanos que gostam da companhia de vampiros. Eles vêm aqui se oferecer.

– De que forma?

– De todas as formas.

Ela levantou a cabeça.

– E os vampiros?

– Eles vêm aqui se alimentar, fazer sexo, ver e serem vistos.

Raven correu os olhos pelo recinto.

– Os vampiros trazem seus favoritos para cá?

– Às vezes. Este é um lugar onde se pode encontrar um favorito ou pegar emprestado o de outro vampiro.

Uma sensação de náusea revirou o estômago de Raven, e ela também pousou a taça.

– Cassita. – Ele levantou a mão dela e encostou as costas nos próprios lábios. – Olhe em volta. Quem está aqui?

– Só nós.

– Justamente. Eu não traria você aqui em circunstâncias normais.

– Por quê?

– Acho que, se pensar um instante, vai saber a resposta. Quer dançar? – Ele apontou para a pista de dança.

Ela ergueu a bengala para que ele pudesse ver.

– Não posso.

– Está com dor? – Ele chegou mais perto.

– Não.

– Então pode dançar.

Ela retirou a mão.

– Não estou muito firme.

– Eu seguro você.

– Na verdade, não danço muito bem.

– Podemos ficar parados.

Ela fez uma careta.

– Você é um vampiro muito mandão, sabia?

Ele se inclinou para a frente e sussurrou no ouvido dela:

– *Sabia*.

Sem cerimônia, ele a pegou no colo como se ela não pesasse mais que uma pluma e a levou até o centro da pista de dança.

Quando ela se equilibrou sobre os dois pés, puxou-a para junto de si.

A música continuou, uma música suave, que induzia movimentos lentos. William a segurou bem apertado, e eles começaram a se mover.

– Não sabia que vampiros dançavam. – Ela não conseguiu disfarçar o quanto estava achando aquilo divertido.

– Queria uma desculpa para tocar em você.

– Você não precisa de desculpa.

– Ah, não? – Ele recuou para encará-la nos olhos.

Ela fez que não com a cabeça.

Ele ergueu uma das mãos e acariciou seu rosto.

– Se estiver sentindo algum desconforto, posso lhe dar sangue de vampiro para ajudar com a sua perna.

Raven resistiu ao impulso de se afastar dele, e em vez disso tentou concentrar a atenção no botão de cima da sua camisa, que estava aberto.

– Desculpe se isso o incomoda – falou, em tom mais duro.

– Nem um pouco. – Ele parou. – Estou preocupado com você.

Ela deu de ombros.

– O vinho ajuda.

– Contanto que você esteja confortável.

Os dois continuaram a dançar, movendo-se delicadamente ao ritmo da música.

– Você dança bem – comentou ele.

– Não muito. – Raven enrubesceu. – Fiz aulas de dança quando era pequena. Balé.

– Dá para perceber às vezes nos seus movimentos. Muito elegantes.

Ela abafou uma risada. Ninguém nunca a havia chamado de elegante desde o acidente. Ela o encarou com ar cético.

– Você não quer me consertar?

William pareceu intrigado.

– Por que eu iria querer consertá-la? Você não está quebrada.

A resposta dele a afetou.

Ela cravou os olhos nos seus em busca de algum sinal de duplicidade ou

ironia.

– Parte de mim quer tomar o sangue para poder correr com você. Tenho uma visão de nós dois voando por cima dos telhados.

– Talvez não seja uma visão. Pode ser uma lembrança da primeira vez em que a levei para a *villa*. – Ele sorriu. – Quando decidir que quer correr, tenho uma adega inteira de excelentes safras à sua disposição.

– Acho melhor não.

– Consigo correr rápido o suficiente para nós dois. – Ele pressionou os lábios nos seus cabelos.

Ela brincou com um dos botões da sua camisa, encarando-o como se este fosse um objeto de fascínio.

– Parte de mim sente que estaria traindo outros portadores de necessidades especiais se tomasse o sangue. Eu estaria dizendo que não sou boa o bastante. Que a minha necessidade especial me separa de você.

William a encarou com o semblante grave: olhou para o queixo contraído, os olhos baixos, o corpo tenso.

Passou alguns instantes calado, esforçando-se para encontrar palavras que não aumentassem a dor que ela sentia.

– Não entendo dessas coisas nem vou fingir que entendo. Tudo que posso dizer é que acho que ninguém é perfeito, humano ou não humano. Se a perfeição for o padrão da normalidade, todos nós somos um fracasso.

– Gostei. – Ela empinou o queixo. – Sempre pensei que todos os seres humanos têm alguma forma de deficiência. A diferença é que a minha é visível. Nunca me ocorreu pensar em outros seres como deficientes também.

– É possível dizer que o vampirismo é uma deficiência. Com certeza é uma maldição.

Raven viu um levíssimo indício de desespero nos olhos de William.

Sabia que de nada adiantaria tranquilizá-lo com mentiras bonitas.

– Sinto muito.

Ela ergueu o rosto e o beijou, roçando os lábios nos dele de leve.

Ele baixou os olhos para ela, sério.

– Sob muitos aspectos, somos um par perfeito. Vemos um ao outro como realmente somos, mas nenhum dos dois considera o outro defeituoso.

As palavras de William soaram a Raven mais como uma descrição do que ele

esperava ser verdade do que como a afirmação de um fato.

Ela lhe deu um aperto encorajador nos ombros.

– Acho que você tem razão, William. Enquanto eu puder me apoiar em você, não preciso de bengala.

– Então apoie-se em mim para sempre.

– Para sempre é muito tempo.

– Não o bastante quando se está dançando com a esperança.

Raven viu desejo e paixão no rosto dele; a intensidade do seu olhar era surpreendente.

– Me beije, William. Me beije e finja que está sendo sincero.

– Não preciso fingir.

Ele baixou os lábios até os dela.

Alguma coisa tinha mudado. Raven sentiu isso no mesmo instante em que suas bocas se tocaram.

Ele havia baixado a guarda e agora não a beijava apenas com o corpo. Ela pôde sentir seu afeto e sua necessidade, seu foco e sua atenção.

Envolveu-o com os braços. Ele sustentou seu peso e a ergueu de leve.

Quando o beijo arrefeceu, ela se afastou e sorriu.

– Obrigada.

– Por quê?

– Por esse beijo. Senti até no coração.

Ele roçou os lábios na sua testa.

– Me leve para a cama – sussurrou ela.

– Agora?

– Sim.

– Tem certeza? – Ele acariciou sua bochecha com as costas dos dedos.

Ela aquiesceu.

Ele a tomou nos braços e caminhou rapidamente até um dos corredores que saíam do grande recinto central. Passaram por várias portas fechadas até chegarem ao final do corredor.

William abriu a última porta e entrou.

O cômodo estava escuro, mas em poucos minutos ele acendeu velas e as distribuiu pelo espaço. Ainda era possível ouvir a música do salão, mas esta agora consistia em um coro de vozes angelicais cantando sem acompanhamento.

– Quem está cantando?

William se aproximou de uma das velas e encarou a chama. Estendeu a mão para brincar com ela, passando a mão pelo fogo.

– Chama-se Stile Antico. A música deles combina mais com o meu gosto.

– Que lindo. O que estão cantando?

– Uma coletânea de composições renascentistas do Cântico dos Cânticos, do Antigo Testamento.

Raven olhou em volta: no meio do quarto havia uma grande cama coberta por lençóis de cetim preto. As paredes eram pintadas de roxo, o teto, de preto. Um espelho ocupava inteiramente uma das paredes, refletindo a cama.

Ela voltou a atenção para William outra vez.

– O Cântico dos Cânticos é o único livro da Bíblia dedicado ao sexo – observou.

– Ele não fala só sobre sexo. "Que o rei me introduza nos seus aposentos: exultemos e alegremo-nos contigo, celebrando teus amores, melhores que o vinho."

– É lindo. – Raven sorriu.

– Fala sobre sexo, sedução e atração erótica, mas também sobre afeto, ternura e brincadeira.

– Então o livro é sobre você. – Ela o encarou com um olhar cheio de malícia.

– Que sorte a minha você pensar assim.

Os olhos de Raven foram atraídos pelas fotografias eróticas na parede. Eram em preto e branco; algumas retratavam um homem, outras, uma mulher, mas todas faziam uma homenagem especial ao pescoço humano.

– Que lugar é este?

William se concentrou novamente na chama. A tensão em seus ombros comunicava sua reticência.

– Alguns dos frequentadores da casa usam estes quartos para sexo. Não é permitido ter relações nos espaços públicos.

Raven franziu o cenho.

– Você já fez isso?

– Nunca fiz sexo aqui no Teatro. Na minha opinião, essas coisas devem acontecer em âmbito particular. – Ele se postou ao pé da cama e a observou. – É melhor nós irmos embora.

– Por quê?

– Este lugar não é para você. – Ele se curvou e apagou uma das velas.

– Espere. – Ela segurou seu braço. – Estamos sozinhos aqui. Você pôs uma música linda. E eu quero você.

– Essa cama tem suas próprias lembranças. – Ele espichou o queixo. – As paredes também.

– Então vamos criar lembranças novas. E boas.

Parado na sua frente, William segurou seu rosto com uma das mãos.

– Não trouxe você ao Teatro para isso. Só queria um lugar onde pudéssemos aproveitar a companhia um do outro.

– Então me deixe aproveitar a sua.

Ela se ajoelhou na cama e levou os dedos aos botões da sua camisa.

Parado, ele observou a ânsia dela com certo ar de diversão.

– Que interessante.

– O quê? – Ela tirou suas abotoaduras e despiu sua camisa, que jogou no chão.

– Estou acostumado a ser o sedutor.

Ela aproximou os lábios do seu peito. Beijou a superfície lisa e apreciou o súbito arquejo dele quando abriu a boca e sentiu o gosto da sua pele.

William tinha um peito imberbe e definido, assim como os músculos da barriga.

– Não quer que o toque? – Ela parou, contornando com o dedo o espaço em que ficava seu coração.

Ele baixou a voz.

– Não disse isso.

Ela tocou seus ombros largos e alisou seus bíceps, fascinada pelos limites e contornos dos músculos, pela força contida ali.

Acariciou de leve a barriga e depositou um beijo logo acima do umbigo.

Ele emaranhou uma das mãos em seus cabelos pretos compridos, deixando os fios escorrerem pelos dedos.

Com os olhos cravados nos de William, Raven tocou seu cinto.

Ele aquiesceu.

Ela abriu sua calça e a desceu pelo quadril. Então sentou-se sobre os

calcanhares e se demorou um instante admirando o V que se abria a partir do quadril.

William ficou em pé na sua frente, exibindo orgulhoso a nudez e uma ereção considerável, potente.

Ela ergueu os olhos para ele.

– Você não usa roupa de baixo?

– Nunca.

Ela o tocou, apreciando a textura lisa e fria de sua pele. Curvou-se, beijou-o de leve e então pôs seu sexo na boca.

Ele enrolou seus cabelos em volta do pulso, e um ronco lhe escapou do peito.

O gosto dele era diferente. Foi a primeira coisa que Raven notou.

Sua carne tinha uma textura humana, só que mais fria, e a pele era sem dúvida mais resistente. Mas o sabor era... indescritível. Não chegava a ser delicioso, mas, na sua opinião, era melhor do que o de um homem normal.

Ela lhe deu prazer com a boca e torceu para ele estar gostando.

Ao que tudo indicava – a expressão arrebatada nos olhos de William, os ruídos que lhe escaparam da boca, o modo como ele agarrou seus cabelos –, teve sucesso.

Mas ele se conteve.

Manteve a tensão entre sua mão e os cabelos dela, mas sem dar trancos nem puxar. Tampouco empurrou sua cabeça para baixo. Na realidade, pareceu se contentar em permanecer imóvel e permitir que ela controlasse a interação.

– Você me delicia – sussurrou ele. – Sua boca é maravilhosa. Mas agora é a minha vez.

Ela lhe sorriu, consideravelmente orgulhosa de si mesma.

Com gestos ágeis, William tirou seu vestido e o jogou de lado.

– Ah! – exclamou, ao ver o body tomara que caia preto que ela estava usando.

Ela franziu o cenho.

– Não gostou?

– Gostei muito. – Ele a olhou de cima a baixo, absorvendo cada centímetro do cetim. – Preto é a minha cor preferida.

– Nem imaginei. – Ela piscou o olho.

William encostou a mão de leve em seu peito, incentivando-a a se deitar.

Levou os lábios aos seios dela através do body enquanto mergulhava os dedos entre suas pernas.

– Gostei disso – murmurou ela, apertando seu pulso.

– Eu também. – Ele moveu a mão até suas nádegas, acompanhando a tira ascendente que formava a calcinha fio-dental.

Lambeu os lábios.

Rolou-a de lado apenas para poder admirar seu traseiro, que apalpou e apertou com as duas mãos.

Fez um dos dedos escorregar entre suas pernas por cima do fio-dental, provocando-a.

Raven tornou a se deitar de costas e abriu as pernas. A expressão de William quando ela começou a se mover no mesmo ritmo de suas mãos foi de triunfo.

Sem aviso, ele retirou os dedos e começou a despir o body.

Segurou as mãos dela com as suas e as estendeu para os lados antes de se deitar sobre seu corpo.

Após alguns beijos urgentes e algumas mordiscadelas nos mamilos, penetrou-a.

Ela fechou os olhos e expirou. Ele a fez expandir-se por dentro até o limiar da dor, mas ela gostou de se sentir preenchida.

William se moveu devagar e colou a boca na dela antes de descer para lamber seus seios.

Ela ergueu o quadril ao seu encontro, saboreando cada movimento e cada arremetida.

– Como está se sentindo? – perguntou ele junto à sua clavícula, beijando uma linha que foi de um ombro ao outro.

– Não tenho palavras para descrever. – Ela flexionou as mãos dentro das suas e levantou a cabeça para beijá-lo na testa.

Ele soltou-lhe as mãos e segurou as nádegas dela para penetrá-la mais fundo.

Cravou os olhos nos de Raven e, pela primeira vez, ela viu ali uma incerteza e uma certa preocupação.

Raven afastou-lhe os cabelos da testa.

– Está tudo bem?

– Claro. – Ele reprimiu um grunhido.

– Você faz eu me sentir bonita.

– Porque você é bonita. É nobre, corajosa e bonita. Seu corpo é macio e convidativo. – Ele então grunhiu como se estivesse sendo torturado. – Você é um perigo para o meu autocontrole.

– Então se solte.

– Não posso – disse ele entre os dentes semicerrados.

– Alimente-se de mim.

Ele parou e se plantou bem fundo dentro dela.

Ela sentiu seu corpo se retesar e a excitação irradiar de sua pele.

– Tem certeza? – Com uma expressão alerta, ele traçou com um dedo o contorno da sobrancelha dela.

– Quero lhe dar isso. Quero me dar a você.

Os olhos cinzentos dele ficaram febris, mas sua expressão permaneceu contida.

– Posso me alimentar em outro lugar e compartilhar só com você o que temos nesta cama.

– Estou me oferecendo a você porque... porque gosto de você.

Ele pôde ver nos seus olhos a profundidade dos seus sentimentos.

Por alguns instantes, sentiu-se tentado a dizer não a ela e a si mesmo.

Mas esse instante passou.

– Isso vai mudar as coisas – alertou. – Depois que você se entregar, vai querer fazer isso sempre. Depois que eu provar do seu sangue, não vou querer o de mais ninguém.

– Por favor.

Ele a encarou com um último olhar perscrutador antes de beijá-la com afã.

– *Ignosce mihi* – murmurou.

Ela sentiu os lábios dele deslizarem até seu pescoço, frios e firmes. Então sentiu sua língua lamber e provar seu gosto.

Por fim, sentiu o contato dos dentes, mordiscando.

Ele recuou o quadril e arremeteu, penetrando-a fundo e depressa. Com mais alguns movimentos, ela se entregou, segurando-o com braços e pernas enquanto se entregava ao orgasmo.

Seu prazer foi interrompido por uma dor lancinante no pescoço. Em um segundo, a dor foi substituída pela agradável sensação da boca dele, de seus lábios e de sua língua a sugá-la.

O orgasmo de Raven se acentuou, dobrou de intensidade, aumentou até fugir de seu controle.

Ele continuou a se mover dentro dela a um ritmo cada vez mais veloz, com estocadas cada vez mais longas.

O orgasmo dela não acabava nunca; a sensação foi totalmente avassaladora.

Dali a mais cinco estocadas, ele soltou o pescoço de Raven e lambeu a ferida com a língua fria.

Seus olhares se cruzaram, e Raven o viu lamber os lábios. Seus olhos pareceram cintilar à luz das velas enquanto suas estocadas ficavam mais rápidas, abrindo-a mais e mais.

Com um rosnado, William a penetrou fundo, e ela sentiu uma substância fria inundá-la. Pouco depois, ele desabou, enterrando o rosto em seu pescoço.

Capítulo 47

Raven flutuava em uma nuvem, acompanhada por vozes angelicais. Não soube quanto tempo passou ali deitada, nua, abraçada a William.

Estava tomada por uma sensação sonhadora e estranha, como se estivesse embriagada.

William acariciava suas costas com um dedo, subindo e descendo; tinha o rosto dominado por uma expressão de paz.

– Agora entendo o que você quis dizer. – Ela se aninhou junto ao seu peito nu.

– Em relação a quê?

– Ao vício. Quero fazer sexo com você de novo e deixar que se alimente de mim.

Ele deu uma risadinha e a puxou para mais perto.

– Eu também. Mas só posso absorver uma quantidade limitada do seu sangue por vez. Vamos ter que esperar e ver como o seu corpo reage.

– É seguro?

Ele a beijou na testa e alisou sua bochecha com o polegar.

– Raven, nada que diga respeito a mim é seguro. Mas posso dizer que farei tudo o que estiver ao meu alcance para só lhe dar prazer.

Tomada por uma felicidade indescritível, ela se aninhou junto ao seu peito.

– Na verdade, quando a cidade estiver livre de caçadores, gostaria de levá-la para passear de moto pelo campo.

Ela riu, tonta de alegria.

– Não tenho certeza se vou sobreviver a isso. Da última vez que andei de moto com você, passei mal.

– Dessa vez vai ser bem mais agradável, garanto.

Depois de mais um abraço e de mais uma carícia, ele a ajudou a se vestir.

Quando as pernas dela não tiveram forças para carregá-la, ele a pegou no colo, e de tempos em tempos parava para beijá-la.

Os dois subiram o corredor de volta à pista de dança; Raven não parava de encará-lo, maravilhada.

Sentia-se querida. Feliz.

Sentia-se ligada a ele por um vínculo que era muito mais do que apenas sexo.

A experiência tinha sido diferente de tudo que jamais vivera. Era como se, com a boca dele no seu pescoço, ela tivesse tido um segundo orgasmo, ainda mais intenso, simultâneo ao primeiro. Ainda estava tomada por uma satisfação sem tamanho, e a euforia pulsava por suas veias.

Fora algo estranho e maravilhoso. Mal podia esperar para repetir a dose.

Naquele exato instante, William parou.

Um ronco soou em seu peito, e ele mostrou os dentes.

– Ah, quer dizer que você finalmente acabou. Não quis interromper, embora tenha ficado muito tentada – disse uma voz de mulher vinda do salão principal.

Ao virar a cabeça, Raven viu a vampira ruiva, usando um vestido renascentista de veludo azul-escuro, sentada em uma das banquetas. Seus cabelos cor de fogo cascateavam pelos ombros, e no rosto pálido e perfeito seus olhos chispavam.

Ela deu um gole em uma taça de aspecto estranho.

– Aoibhe. – William falou com um tom de comando. – O Teatro está fechado.

– Vim conferir o que poderia ter feito o Príncipe violar o toque de recolher. – Ela meneou a cabeça na direção de Raven. – Estou vendo que encontrei a resposta. Vocês estão com cheiro de sexo. Vamos beber alguma coisa?

William apertou Raven com mais força junto a si.

– Há caçadores por aí. Tome cuidado quando sair.

Aoibhe pousou a taça na mesa à sua frente.

– Se tiver terminado com a sua favorita, mande-a para casa. Podemos aproveitar as horas que ainda faltam para o sol nascer. Acho que deixei minha combinação no seu quarto na outra noite. Gostaria de pegar de volta.

William resmungou um palavrão.

A mente de Raven estava mais lenta, mas ainda assim acabou funcionando.

Ela escutou o comentário casual de Aoibhe.

Lembrou-se (ainda que de modo difuso) de William ter descrito a ruiva como apenas uma aliada. Tudo no tom de voz e na linguagem corporal da vampira indicava que o relacionamento que tinha com o Príncipe era bem mais íntimo.

Raven levou a mão à frente dos olhos, como se assim pudesse impedir a visão.

– Vejo que a sua favorita entende inglês – disse Aoibhe, reparando na reação de Raven. – Devo ter dito alguma coisa que a incomodou. O coração dela disparou.

Sem falar nada, William foi até o bar e depositou Raven com delicadeza sobre uma cadeira. Então pegou um telefone, pressionou algumas teclas e desligou.

Enquanto isso, Raven ficou tentando entender o que acontecia; sua mente estava em câmera lenta, como se ela estivesse andando por lama.

– Sua favorita esqueceu isso? – Aoibhe se abaixou e pegou a bengala de Raven. – Você me surpreende, mestre, desperdiçando-se desse jeito com uma aleijada. Poderia ter escolhido quem quisesse. Quem quisesse, mesmo.

– Não sou aleijada. – A voz de Raven, desafiadora e dura, espantou até a si mesma. Ela encarou Aoibhe com raiva.

William avançou rapidamente para se interpor entre as duas mulheres. Sem tirar os olhos da vampira, falou por cima do ombro:

– Marco está chegando. Vamos embora.

Mal havia pronunciado a última palavra quando Aoibhe lançou a bengala como se fosse um dardo, mirando na cabeça de Raven.

William a interceptou.

Raven nem sequer o vira se mover. Era como se ele houvesse pegado a bengala no ar igual a um mágico que tira um coelho da cartola.

– Não foi uma decisão sábia, Aoibhe – disse William, com uma voz enganadoramente suave. – Vá embora antes que eu perca a paciência.

– Perdão, mestre. Mas a sua criaturinha merece ser punida por falar comigo desse jeito. – Ela se levantou, empertigando-se feito um pavão.

– Você a ofendeu, e me ofendeu também por tabela. Por que é ela quem merece ser punida? – indagou William, ríspido.

– Ora, meu amor. Não vamos brigar. – Aoibhe abriu um sorriso rápido. – Mande sua favorita embora e passe a noite comigo. Agora que estamos ambos

alimentados, seremos mais vigorosos. Não que a falta de vigor algum dia tenha sido um problema.

Raven olhou para William com uma expressão condenatória.

Aoibhe arqueou as sobrancelhas. Estava observando a interação entre Raven e William com uma curiosidade considerável.

– Parece que a sua favorita é do tipo ciumento. Ela não aprendeu o seu lugar?

– Chega – disparou William, lançando a bengala no ar como se fosse uma adaga desferida na direção de Aoibhe. – Você dá valor à própria cabeça?

– Perdoe o desrespeito. – Ela fez uma profunda mesura. – Só estou achando a situação... interessante.

– Como soube que eu estava aqui? – indagou William, abrupto.

– Fui procurá-lo no Palazzo Riccardi, achei que estivesse lá. Eles me dispensaram por ordens suas. Senti seu cheiro no beco lá fora. – Aoibhe fechou os olhos e inspirou fundo. Uma expressão estranha atravessou seu semblante.

William viu sua reação e avançou na direção da vampira com uma postura ameaçadora.

– *Cave*, Aoibhe.

– É ela. – Aoibhe abriu os olhos. – Aquela do cheiro bom que você encontrou perto do rio. Não a reconheci no Consilium porque o sangue dela estava misturado.

Raven sentiu o coração se acelerar.

Aoibhe deu um passo mais para perto.

– Não quer dividir, imagino?

O Príncipe deu um rosnado.

– Não posso culpá-lo. Ela é... excepcional. – Aoibhe passou a língua pelos lábios. – Pensei que a tivesse esvaziado depois de encontrá-la. Como conseguiu mantê-la viva? Ela estava a poucos minutos da morte.

Os pensamentos de Raven começaram a ficar mais claros, e seu estômago se revirou.

Ela ergueu os olhos para os de William quando ele avançou na sua direção.

Ele lhe entregou a bengala, pegou-a no colo e foi até a porta, tomando cuidado para se manter de costas para o perigo.

– Não era o seu sangue nas veias dela – prosseguiu Aoibhe. – Você deve tê-la dado a outro. Quem foi?

Quando William não respondeu, ela inclinou a cabeça de lado.

– Por que o Príncipe de Florença salvaria uma humana deliciosa, mas aleijada? É porque ela acha que está apaixonada por você?

Ainda no colo dele, Raven deu um arquejo chocado.

Aoibhe estalou a língua.

– Coitadinha da favorita. Se eu fosse você, a manteria longe dos campanários.

William se esticou na direção de Aoibhe, rosnando e batendo os dentes.

Raven se agarrou ao seu pescoço, em pânico que ele a deixasse cair.

Aoibhe recuou devagar para longe do vampiro irado e levantou as mãos.

– Mil perdões, meu Príncipe. Vou me retirar.

Com as costas coladas à parede, ela avançou lentamente em direção à saída. Assim que tocou a porta com a mão, abriu-a e desapareceu no beco.

William rosnou para a porta que se fechava; seu corpo tremia de raiva. Foi preciso vários instantes para que recuperasse o autocontrole.

Quando pisou lá fora, Raven percebeu que Marco e o carro ainda não tinham chegado.

E eles estavam cercados.

Capítulo 48

Havia cinco homens de pé em uma das extremidades do beco, e cinco na outra. William, Raven e Aoibhe estavam encurralados.

Os homens eram todos grandes e musculosos, e estavam armados. Um dos que estavam do lado esquerdo segurava a coleira de um imenso pastor alemão. O cão latia e empinava, e seu dono mal conseguia contê-lo. Aoibhe estava encolhida junto à parede em frente ao Teatro. Com os dentes arreganhados, avançava para os intrusos feito um animal ameaçado.

Os caçadores, cuja atenção antes estava concentrada nela, viraram-se na mesma hora para William. Ouviu-se alguns murmúrios dos homens reunidos quando estes perceberam o prêmio que havia se apresentado a poucos metros de distância.

Enquanto os caçadores estavam distraídos, Aoibhe aproveitou a oportunidade para começar a escalar a parede até o telhado.

Em reação, os homens gritaram e começaram a avançar. Dois deles ergueram balestras e dispararam flechas. O ar foi tomado pelo ruído seco dos projéteis voando.

Um dos arqueiros errou o alvo, mas o outro acertou, e sua flecha se cravou nas costas da vampira.

Esta gritou e começou a cair, com os cabelos ruivos inflados feito uma nuvem e o vestido de veludo azul parecendo uma vela.

– Aoibhe, não! – gritou William.

Ele pôs Raven no chão e se lançou no ar.

Seu corpo parecia um borrão negro quando ele pegou Aoibhe no colo. Os

arqueiros começaram a atirar nos dois, e as flechas agora vinham de duas direções.

William parecia evitá-las sem dificuldade, contorcendo-se e virando-se ao mesmo tempo em que pisava o chão, segurando Aoibhe junto ao peito. Os olhos castanhos da vampira estavam arregalados e sua boca aberta, e ela arquejava como quem tenta sorver oxigênio.

– Parem – grasnou Raven, apoiada na bengala com todo o seu peso.

A atenção dos caçadores se voltou momentaneamente para ela.

Ela avançou mancando de onde estava, apoiada na porta, até o meio do beco.

– Uma alimentadora – afirmou um dos caçadores com um sotaque que pareceu americano. – Olhem só o pescoço.

Raven ignorou o desdém na voz do caçador.

– Parem. Ela está ferida.

O caçador sorriu.

– É esse o objetivo, sua piranha estúpida.

Ouviu-se um rugido e algumas risadas dos homens reunidos, como se a situação fosse cômica.

Raven não via diversão alguma naquela cena. Vasculhou os olhos dos agressores na esperança de encontrar algum sinal de humanidade. Mas o único outro sinal que conseguiu encontrar foi em William, curvado acima do corpo de Aoibhe com uma expressão que era uma verdadeira máscara de aflição.

Enquanto continuava a prestar atenção nos caçadores, que ainda mantinham uma distância cautelosa, embora agressiva, ele pôs Aoibhe sentada. Começou a escavar com a mão o ferimento em suas costas; um sangue negro já manchava o vestido azul.

– Eles não os atacaram – disse Raven, tentando demover os homens. – Não precisam matá-los.

– Ela é maluca. – Um homem armado com um crucifixo e o que parecia uma garrafinha d'água apontou na sua direção.

– É claro que é maluca! – explodiu outro. – Todo mundo fica maluco quando trepa com eles. Os dois devem ter trepado e se alimentado dela juntos.

– Atirem nela.

A ordem veio da esquerda de Raven. Um homem alto com um garrote na

mão meneou o queixo na sua direção. Tinha os olhos duros e uma expressão fria, distante.

– Não podemos ter testemunhas.

– Raven, no chão. Agora! – gritou-lhe William em italiano.

Como se fosse em câmera lenta, ela o viu puxar a flecha do corpo de Aoibhe e observou a cabeça da vampira cair para trás com os olhos arregalados e sem foco; seu corpo estava flácido.

Os arqueiros miraram em Raven no mesmo instante em que William pôs Aoibhe no chão. Ele se levantou segurando a flecha com a mão direita; tinha os dedos cobertos pelo sangue de Aoibhe.

– Já sou uma testemunha! – gritou Raven. – Vocês são um esquadrão da morte. Vieram aqui matar seres que não lhes fizeram nada para vender o sangue deles.

– Atirem nela – repetiu o líder. – Antes que os vizinhos escutem.

Raven abriu os braços e falou bem alto, em italiano:

– Olhem para mim. Estou indefesa. Vocês vão matar uma mulher indefesa a sangue-frio.

– Raven, no chão!

Ela ignorou a ordem de William e abriu bem os braços, sem ligar para a própria segurança.

Só conseguia pensar em protegê-lo, e em proteger o corpo da vampira que acabara de morrer em seus braços.

– Vocês são todos assassinos! – gritou.

Algo se moveu na periferia de sua visão.

William se atirou à sua esquerda e pegou uma flecha no ar, a poucos centímetros do corpo dela. Com um gesto do pulso, desferiu a flecha por cima do ombro de volta na direção do arqueiro, atingindo-o no peito.

O arqueiro desabou no chão, morto.

Passando para o outro lado de Raven, William pegou a flecha que acabara de extrair do corpo de Aoibhe e a lançou no peito de um dos outros arqueiros.

A balestra caiu da mão do arqueiro e bateu no chão com alarde. O homem tombou ao lado da arma.

William empurrou Raven em direção à porta.

– Abaixe-se!

Ela tropeçou e caiu de quatro no chão, ralando as mãos e os joelhos.

Neste instante, o cachorro se soltou da coleira e começou a correr na sua direção.

William girou o corpo.

O cão rosnou e tentou dar um bote, esticando-se para morder a perna de William.

Este agarrou o animal rapidamente pelo focinho e fechou-lhe a boca. Sem esforço algum, levantou o cachorro e o jogou do outro lado do beco, onde o pastor caiu por cima de um caçador e o derrubou.

O cão se levantou, ganindo, pôs o rabo entre as pernas e foi embora do beco às carreiras.

– Matem-no – ordenou o líder, apontando para William.

Três homens avançaram correndo e começaram a jogar o que parecia ser água, brandindo cruzes.

William praguejou quando o líquido o atingiu no rosto, fazendo-o parar.

Fechou os olhos e ergueu uma das mãos na direção das cruzes, como se quisesse se proteger delas.

Raven viu dor nos seus traços. Seu rosto estava muito vermelho, como se tivesse sido queimado. Pensou se os caçadores teriam jogado ácido nele.

– Parem! – gritou. – Parem com isso!

Os caçadores continuaram a avançar lentamente, entre eles o líder com o garrote na mão.

Ainda de olhos fechados, William agitava os braços às cegas.

O líder jogou o garrote sobre a sua cabeça.

O vampiro enxugou a água do rosto com a manga da camisa e abriu os olhos.

Desviou do garrote, deu um pulo para a frente e segurou o líder pela camisa. Bateu a cabeça do caçador contra a de um companheiro. Ambos os homens desabaram no chão, com os olhos subitamente fechados.

Raven não soube dizer se estavam mortos.

William avançou mais ainda, evitando as cruzes e os recipientes vazios de água que os homens seguravam na sua direção, e repetiu o ataque em mais dois caçadores.

Ao ver um vampiro que não se deixava deter por água benta nem por relíquias, três dos caçadores subiram em motos e foram embora.

William caminhou devagar em direção ao último.

O caçador pegou algo que parecia ser sal e jogou no chão em volta de si próprio, formando um pequeno círculo.

Ficou olhando, horrorizado, enquanto William, sem se deixar deter pelo sal, punha uma das mãos de cada lado de seu rosto e, com um ruído nauseante, quebrava seu pescoço.

William jogou o corpo de lado com desdém.

Avaliou a cena com calma, limpando o rosto vermelho na manga da camisa. O beco estava coalhado de corpos, e havia sangue empoçado no chão.

Seus olhos se moveram para Aoibhe, caída e imóvel.

Ele soltou um palavrão em inglês antigo.

Seu olhar se moveu para onde os motociclistas haviam estado, depois novamente para Raven, encolhida junto à porta.

– Você tentou me salvar – falou, com a voz repleta de assombro. – Arriscou a vida pedindo para eles atirarem em você.

Ela sentiu os olhos marejarem.

– Não podia ficar olhando eles matarem você.

A expressão dele ficou furiosa.

– Nunca mais faça isso. A minha morte é a menor das suas preocupações. Entendeu?

Como ela não respondeu, ele andou na sua direção e pôs as mãos em seus ombros, manchando com o sangue de Aoibhe sua pele e seu vestido.

– Você entendeu?

– Entendi – ela conseguiu dizer, tentando conter as lágrimas.

Ele a soltou como se tivesse sofrido uma queimadura.

– Tenho que ir atrás deles. Eles viram do que sou capaz, e é só uma questão de tempo para informarem a Cúria. Não posso deixar isso acontecer.

Antes de ela conseguir perguntar quem era a Cúria, ele saiu do beco a pé e começou a correr na direção das motos.

Raven levou uma das mãos trêmulas à boca e fez uma força enorme para não vomitar.

Capítulo 49

Raven ficou andando de um lado para outro no quarto de William até o cansaço a obrigar a se sentar. A noite tinha sido repleta de revelações.

Havia descoberto que alguns humanos se ofereciam voluntariamente aos vampiros de modo regular, em uma casa noturna. Qualquer julgamento que pudesse ter se sentido tentada emitir em relação à patologia alheia foi temperado pela própria disposição em se oferecer a William.

Ele havia se alimentado dela, e ela havia gostado. Ainda agora, ali no quarto dele, tocava a ferida no pescoço e ansiava por repetir a experiência. Fora tudo muito sensual, um êxtase; ela o deixaria se alimentar dela vezes sem conta, possivelmente sem qualquer limite.

Seus próprios desejos a perturbavam.

Em cima do divã estavam dois de seus desenhos: o que ela havia feito de William, de memória, e o que havia feito de Allegra como a segunda Graça. William devia tê-lo colocado ali.

Assim, juntos, Allegra e William formavam um belo casal. Mas ele não a amara, e ela ficara tão horrorizada ao descobrir que ele era vampiro que cometera suicídio.

Pensar na altura do campanário de Giotto fez Raven se retrair.

Aoibhe devia conhecer a história, pois havia mencionado Allegra, embora de forma indireta. E agora a própria Aoibhe estava morta.

Raven não lamentava esse fato, mas ter testemunhado sua morte lhe causava uma estranha sensação. Ser caçada, encurralada, abatida e deixada em um beco para apodrecer...

Se os animais tinham direito a um tratamento ético, por que um vampiro não

podia ser tratado da mesma forma? Assim como os seres humanos, os vampiros eram uma espécie de animal. Eles pareciam sentir dor.

Raven pegou uma coberta na cama e se enrolou nela como se fosse um sudário. Houvera mortes demais naquela noite. Cadáveres, sangue e matança desenfreada.

William havia massacrado os caçadores.

Se ela algum dia tivera dúvidas em relação à sua força ou habilidades, já não lhe restava mais nenhuma. Ele era perigoso, letal, e não tinha escrúpulos em relação a matar. Ela estremeceu ao pensar nos Emersons sendo vítimas daquela raiva fria.

Em vez de matá-los, teria preferido que William deixasse os caçadores desacordados ou fugisse deles. Mas precisava admitir que era improvável eles acatarem um aviso de ficar fora da cidade. Tinham ido a Florença matar vampiros por causa do seu sangue e haviam reunido um arsenal de armas letais e um exército invasor.

William estava defendendo a si mesmo, Raven e seus semelhantes. Com certeza era uma atitude justa.

E ele ainda estava na cidade, possivelmente sendo caçado.

Depois de William sair do beco, Marco havia aparecido. Passara alguns minutos ocupado ao celular após descer do Mercedes, com o rosto em geral impassível visivelmente perturbado.

Havia ajudado Raven a subir no carro e seguido à toda para a *villa*, onde Ambrogio e Lucia lhe haviam oferecido comida e bebida. Ambos insistiram para ela tomar o que disseram ser um suplemento de ferro.

Ela continuava em choque. Embora devesse ter recusado o comprimido, não o fizera, e o engolira junto com um copo d'água.

O remédio não havia surtido nenhum efeito discernível. Talvez fosse mesmo um suplemento de ferro.

Num esforço para se limpar do sangue de Aoibhe, Raven havia tomado o mais demorado e mais quente banho de chuveiro de sua vida. Infelizmente, a água também levara embora de seu corpo o cheiro de William e os indícios de seu orgasmo.

Raven tirou os desenhos do divã e se encolheu sobre este, em posição fetal.

Não podia se deitar na cama de William... na cama que ele havia dividido com

Aoibhe. Talvez a combinação da qual ela havia falado estivesse pendurada no armário.

Não teve coragem de procurar.

Tentou fechar os olhos, mas tudo que conseguiu ver foi morte. Morte e a vampira de cabelos ruivos.

Aoibhe não era aliada de William. Era sua amante. Estivera na cama dele poucos dias antes.

Raven tinha sido traída.

Seu corpo foi tomado por repulsa e a tristeza ao imaginar os dois seres sobrenaturais juntos.

Fazia muito tempo que não era traída por um amante. Não tivera nenhum namorado desde então. Ele era demais para ela, e acabara dizendo isso. Fizera-a se sentir feia, gorda e aleijada.

Havia decidido nunca mais se sentir assim.

Seu primeiro namorado, com quem tinha perdido a virgindade, era um rapaz agradável. Agradável como a cor bege: sem qualquer atrativo especial, fácil de esquecer sob todos os aspectos. O namoro tinha acabado depois de um ano.

William havia enchido seu mundo de cor, mesmo que fosse só preto e vermelho. Gostava do corpo dela, de todo ele. Quisera curá-la.

Havia despertado seu corpo, sua mente, seus sentimentos. E devia ter feito a mesma coisa com Aoibhe, horas antes de levar Raven para a cama.

Ou seja: todas as suas palavras e todos os seus atos eram mentira.

Ele a havia chamado de linda, mas, quando tivera vontade, levara para a cama uma criatura de fato linda. Com base na tristeza que ele havia expressado no beco, gostava de Aoibhe.

Raven sentiu-se tentada a pôs a pulseira de ouro sobre a mesa de cabeceira dele e sair pela porta dos fundos. O cansaço e o abalo emocional a impediram.

Foi só então, com a mão tapando a boca, que ela chorou.

Capítulo 50

William não voltou.

Raven acordou várias vezes, ao mesmo tempo com medo de vê-lo e ansiando por isso. Mas ele não apareceu.

Era domingo. Lucia preparou um lauto café da manhã, mas Raven só fez beliscar a comida. Aceitou o café e o suco de laranja, concentrada no que iria dizer a William quando ele voltasse.

Ambrogio informou que seu patrão estava bem, mas ocupado. Expressou o desejo de que Raven ficasse à vontade.

Não deu qualquer indicação de quando o patrão iria voltar.

Raven passou o dia com Lucia examinando algumas peças menos importantes da coleção de arte de William, tomando notas sobre as áreas que precisariam ser restauradas.

Quando o sol se pôs, William ainda não tinha voltado.

A essa altura, Raven já estava preocupada. Queria ir para casa, mas Ambrogio sugeriu que ela estaria mais segura na *villa*.

Sabia que a sugestão do criado expressava uma ordem do patrão. Embora incomodada, não teve alternativa. Devia haver pelo menos três caçadores livres na cidade, e eles conheciam a sua cara. Era melhor ficar dentro de casa.

Pediu para ser transferida para um dos quartos de hóspedes, mas Lucia disse não, afirmando que o patrão iria querer que ela continuasse no seu quarto.

Raven não teve energia para discutir com ela, de modo que se encolheu mais uma vez em cima do divã.

Na segunda-feira, logo antes de o dia raiar, acordou com o barulho de William entrando no quarto.

Em pé junto ao armário, ele começou a se despir com movimentos silenciosos e sem pressa.

– Sei que você está acordada. Ouvi sua respiração mudar. – Ele jogou as roupas dentro de um cesto e caminhou nu na sua direção.

Ela se permitiu o luxo de admirar seu físico, embora isso lhe desse vontade de chorar.

– Onde você estava?

William enxugou a boca com as costas da mão.

– Caçando caçadores. Felizmente, consegui pegá-los. Peguei todos; espero que tenha sido antes de eles informarem a Cúria. Por enquanto, pelo menos, a cidade está livre de caçadores. Por que está dormindo aí?

Ela se sentou, tirou o cobertor de cima do próprio corpo e lhe entregou.

– Precisamos conversar.

Ele contraiu o maxilar.

– Não dá para esperar? Ainda estou enfraquecido por causa do ataque. Estava ansioso para poder abraçá-la.

– Cubra-se, por favor.

William resmungou um palavrão, mas fez o que ela pedia.

A expressão de Raven se suavizou ao examinar o rosto dele.

– Está tudo bem?

A pele do seu rosto continuava vermelha, como se ele houvesse pegado sol.

Ele virou-lhe as costas.

– Vai sarar.

– Já que você resiste às relíquias, pensei que também resistisse à água benta.

Ele indicou o rosto com um gesto.

– Isto aqui não é nada. Se eles tivessem jogado em Aoibhe, a água teria corroído a pele dela.

– Por que no seu caso é diferente?

Ele uniu as sobrancelhas e assumiu um ar irritado.

– Não podemos simplesmente descansar? Foram dias difíceis.

– Você me perguntou por que eu não estava dormindo na sua cama. É por causa dela.

– O que é que ela tem a ver com isso?

– Ela disse que tinha dormido aqui... que tinha deixado uma combinação.

William não pareceu entender.

Então um raio de compreensão atravessou seus traços perfeitos.

– Ela nunca me visitou aqui. Esta *villa* repele vampiros. Ela me visitou na minha outra residência, no Palazzo Riccardi.

Raven disse um palavrão.

– E isso por acaso deveria fazer eu me sentir melhor? Você disse que Aoibhe era só uma aliada.

– E é.

– Você mentiu.

– Não menti, não. Aoibhe é ávida pelo poder, é manipuladora, mas é minha aliada e tem sido assim há muito, muito tempo. Não confio nela, mas ela é a coisa mais próxima que tenho de um amigo no Consilium. Preciso do apoio dela para lidar com essas víboras.

– Apoio – desdenhou Raven. – Você foi para a cama com ela.

William empinou o queixo.

– Não nego.

– Tem ido para a cama com ela ao mesmo tempo que comigo, seu filho da mãe arrogante. – Raven se levantou.

– Não tenho, não. – William levou as mãos ao quadril.

– Ela disse que deixou roupas na sua cama poucos dias atrás.

– O conceito de tempo de Aoibhe é meio... flexível.

– Essa é a sua defesa? – indagou Raven, mais alto. – Que o tempo é flexível?

– Não vou para a cama com ela desde que estamos juntos. Você tem minha palavra.

– Por que eu deveria confiar em você? Você me disse que ela era uma aliada; não falou que estavam dormindo juntos. É uma mentira por omissão.

A raiva de William começou a crescer, e seus olhos chisparam.

– Você é uma profecia autorrealizante.

– Como assim?

– Diz que homem nenhum jamais a quis, mas, quando um quer, e quer tanto a ponto de pôr em risco tudo o que construiu por sua causa, você se convence de que ele é um mentiroso.

Raven deu alguns passos hesitantes; estava usando uma camisola preta comprida.

– O que você está pondo em risco? Me diga.

– Não posso. – Os olhos dele escureceram.

– Meu Deus, William. Fale comigo. Por favor – implorou ela.

Ele endireitou os ombros.

– Há segredos que não posso contar.

– Por que não? Eu algum dia fiz alguma coisa para trair você? Ou para machucá-lo?

Ele fez que não com a cabeça.

– Então por que não fala comigo?

– Agora não, Raven.

Frustrada, ela jogou as mãos para cima.

– Você parece uma cidade murada. Não sei como entrar. Não sei nem qual é o seu nome de verdade ou onde você nasceu.

– Meu nome é William.

Ela tornou a erguer os braços.

– Você tem amantes secretas como Aoibhe. Sei que se alimenta de humanos, mas não me diz nada a respeito. Como vou saber que não está me traindo?

Ele deu um passo na sua direção; seus olhos ardiam.

– O que temos na cama, não compartilho com mais ninguém.

– Por que devo acreditar nisso, se você guarda tantos segredos?

– Meus segredos são para a minha segurança e a sua. Se alguém soubesse o que já lhe contei, você estaria em perigo. Eles tentariam explorar você para chegar a mim.

– Já estou em perigo. Estar com você me põe em perigo.

– Sem dúvida. E é por isso que você precisa deixar todo mundo pensar que é apenas uma favorita. Estou convencido de que há um grupo de traidores no meu principado. Estou convencido também de que Aoibhe não é um deles. É por isso que preciso da ajuda dela.

Raven uniu as sobrancelhas, desconfiada.

– *Precisa* ou *precisava?*

William estendeu a mão na sua direção.

– Tenho que explicar. Ela...

Raven recuou, evitando o toque dele.

– Ela está viva.

– Os caçadores atiraram uma flecha envenenada nela, mas não acertaram o coração. Eu consegui tirar a flecha, e o corpo dela se regenerou. Também lhe dei sangue da minha adega particular.

– Pensei que ela estivesse morta.

– Se nós dois não estivéssemos lá, estaria. Você salvou a vida dela tanto quanto eu, Raven, quando distraiu os caçadores. Deu tempo para o corpo dela se regenerar. E ela sabe disso.

– Diga que eu mandei lembranças – disparou Raven.

William adotou um tom conciliatório.

– Não acho que os caçadores simplesmente apareceram. Acho que alguém do meu principado lhes informou sobre a nossa localização.

– Quem?

– Ainda preciso descobrir.

– Então poderia ser Aoibhe.

– Se ela tivesse feito um pacto com os caçadores, eles a teriam soltado.

– Não necessariamente. – Raven cravou os olhos nos de William. – Você a ama?

Ele adotou uma expressão de desagrado.

– Claro que não. Da última vez em que nos encontramos a sós, batemos boca, e eu disse a ela para sair do Palazzo Riccardi e nunca mais voltar. Isso foi bem antes de eu trazer você aqui de moto.

– Mas você confia nela.

– Ela é o menor de uma miríade de males.

Raven fez uma expressão ofendida.

William a observou com cuidado. Podia ver a mágoa no seu rosto. Podia ouvir seu coração e sua respiração, e sentir o cheiro de sua ansiedade. Mas não tinha a menor ideia de como reconfortá-la.

Verdade seja dita, a reação dela o havia pegado totalmente desprevenido. Ele não tinha inteligência emocional nem experiência que lhe permitissem desarmar aquela situação.

Ficou simplesmente parado, olhando.

Raven aguardou, à espera de uma palavra ou carícia que não se materializou.

Começou a sentir os dedos gelados do desespero envolverem seu coração.

– Sei o que senti quando atiraram em você. – Seus olhos se marejaram de

lágrimas. – Pensei que fossem matá-lo.

– Cassita – sussurrou ele, abraçando-a.

As lágrimas dela molharam seu peito, e ele a segurou, sentindo seus ombros tremerem.

– Você é a pessoa mais corajosa que já conheci. – A voz dele embargou ao pronunciar essas palavras.

Ele a abraçou com mais força, como se percebesse de repente o que significava o seu sacrifício.

– Sou vampiro desde 1274, e ninguém, nenhum humano, jamais tinha vindo em meu socorro antes de ontem à noite. Você viu o monstro e não desejou a morte para apagá-lo da memória. Você me deixa honrado e perplexo.

Ele acariciou delicadamente os cabelos dela, depositando beijos e mais beijos no alto da sua cabeça.

Depois de algum tempo, ela o afastou.

Ele a encarou sem entender.

– Cassita?

– Deixo você honrado, mas você não confia em mim.

– Acabei de demonstrar minha confiança ao dizer minha idade. Acho que a pergunta mais correta é: você algum dia vai confiar em mim? – Ele franziu o cenho.

– Estou bem aqui, William, implorando por qualquer verdade que você possa me dar. Quero conhecer você.

Ele uniu os lábios, sem tirar os olhos dos seus. Mas não disse nada.

Ela ergueu o rosto e o encarou com um olhar trêmulo.

– Você me ama?

Ele deu um passo na sua direção, mas ela ergueu a mão.

– Responda.

A voz dele saiu suave, paciente.

– Vampiros não têm capacidade de amar. Esses sentimentos vão embora junto com a nossa humanidade. Como já disse, gosto de você. Tenho afeto, paixão e respeito por você.

Ela enxugou os olhos e virou as costas.

– Amo você, William.

Ele se imobilizou, o corpo em alerta.

– Senti-me atraída desde que o conheci. Você me fez sentir coisas sobre mim mesma, e então comecei a ter sentimentos por você. Foi por isso que me entreguei. Queria ver o quão profunda nossa conexão poderia ser. Quando pensei que fosse perdê-lo, percebi que amo você.

Ele fez um movimento como se fosse tornar a abraçá-la, mas ela resistiu.

– Durante muito tempo, pensei que o amor não fosse para mim. Poucos homens prestavam atenção em mim. Quase todos acabavam virando só meus amigos. Você me fez mudar de ideia. Você mudou meu mundo. Comecei a acreditar que talvez alguém pudesse me amar e eu pudesse retribuir esse amor. Senti esperança, William. Você me deu isso.

– Venha cá.

– Não sou uma aleijada – disse ela, arrebatada. – Não sou uma favorita.

– É claro que não – disse William com uma voz baixa e tranquilizadora. – Você é a minha Raven.

– Será que você não entende? Se tudo que sente por mim é afeto, não passo de uma favorita para você.

– Isso não é verdade.

– Ah, não? – Ela enxugou os olhos. – Você sente algo por mim, mas não é amor. Diz que nunca vai me amar. Tudo que me resta é o afeto que você poderia sentir por um amigo, ou talvez por um animal que visse sofrendo e lhe causasse pena.

– Não ponha palavras na minha boca. – Os olhos dele brilharam. – Não sinto pena de você.

– Pode ser que não. Mas nunca vou ser mais do que uma favorita no seu mundo. Uma favorita em quem você nem sequer pode confiar para dizer seu verdadeiro nome. Posso não ser tão linda quanto Aoibhe, nem ter as pernas perfeitas de outras mulheres, mas mereço ser amada.

William a encarou; seu rosto era uma máscara de perplexidade e preocupação.

– Eu poderia ficar com você por toda a minha vida – disse Raven baixinho. – Mas será que você não entende? Eu seria infeliz. Talvez você nunca consiga amar ninguém. Talvez não consiga me amar. Vou sempre ficar pensando se hoje é o dia em que vai decidir que quer outra pessoa e me jogar fora.

– Isso não vai acontecer – protestou ele.

– Você não pode afirmar isso. Não tem como saber o futuro. Mas eu conheço meu próprio futuro, porque me conheço. Para ficar com você, precisaria abrir mão da esperança de que alguém me ame. Precisaria conviver com seus segredos e com as minhas dúvidas até por fim não restar mais nenhuma esperança. Se eu ficasse com você, William, você iria matar minha esperança. – Duas lágrimas rolaram por suas faces. – E eu não vou deixá-la morrer.

– Raven. – A voz dele saiu rouca. – Se eu fosse capaz de amar alguém, seria você.

Raven fechou os olhos.

– Você diz que me ama, mas é você quem vai embora? – desdenhou ele.

– Tenho que ir.

Ele andou pelo quarto de um lado para o outro, com os punhos cerrados.

– Você está confusa. Diz que está indo embora por causa do amor, mas na realidade está indo embora por causa de quem eu sou. Do que eu sou.

Ela abriu os olhos.

– Não é verdade.

– É assim que o mito é sempre narrado. Psiquê não dá ouvidos aos alertas de Cupido, então ele fere ambos.

– Você por acaso me alertou para não me apaixonar por você? – repreendeu Raven.

– Eu lhe contei a história de Allegra. Isso deveria ter bastado como alerta.

– Não vou me jogar de nenhum campanário, William. Só estou jogando meu coração no mar na esperança de que você o queira.

– Eu quero – sibilou ele. – Quero você. Vou promovê-la a consorte. Você será uma princesa entre os meus semelhantes. Vou cobri-la de presentes, darei tudo que você desejar.

Raven o encarou com um olhar vazio.

– O seu amor teria me bastado como presente.

Para isso ele não teve resposta. Olhou para o quarto em volta, desesperado, à procura de alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse convencê-la.

– Gosto de você. Nossa noite no Teatro não provou isso?

– Sim, você me amou com seu corpo. – Ela o encarou com tristeza. – Mas não com seu coração.

– Meu coração faz parte do meu corpo – sussurrou ele.

– Então me ame.

William a encarou, em seguida virou as costas.

Foi até o armário e pegou uma braçada de roupas.

– Se quiser ir embora, vá. Mas saiba o seguinte. – Ele foi até a porta. – Quem está terminando o que tivemos é você. Não Aoibhe, nem qualquer outra mulher. E com certeza não sou eu.

Ele abriu a porta, saiu para o corredor e a bateu atrás de si. O quadro e as luminárias estremeceram nas paredes.

Raven afundou no divã e enterrou o rosto nas mãos.

Menos de meia hora mais tarde, Marco a estava levando para casa. Ela deixou os desenhos em cima da cama e a pulseira sobre a mesinha de cabeceira.

Capítulo 51

Raven fez seu luto em silêncio, sozinha.

Teria sido um constrangimento confessar o motivo da sua tristeza: admitir que seu universo fora expandido em um curto período, que ela havia experimentado a paixão e o afeto, e que havia se apaixonado apenas para descobrir que seu amor jamais seria correspondido.

Tentou encontrar consolo no fato de que agora, em vez de pensar que o amor não era para ela, tinha esperança de que um dia talvez fosse. Ainda que esse sonho nunca viesse a se realizar, a perspectiva existia.

Tentou ouvir música.

Na primeira vez em que "White Blank Page", do Mumford and Sons, tocou em seu laptop, ela desligou. Depois escutou a canção várias vezes.

Foi escutando-a que chegou à importante conclusão de que as crenças de William sobre a natureza da alimentação e do vício estavam erradas.

Ela havia ansiado por essa experiência. Havia ansiado por ele. Mas o desejo que sentia, fosse ele sexual ou de outra natureza, não bastava para anular sua razão. Não bastava para levá-la a abrir mão da esperança e voltar rastejando para ele.

Tomou isso como indício de que era mais forte do que pensava.

Jogou-se de cabeça no trabalho e se ofereceu para cumprir toda e qualquer hora extra oferecida pelo professor Urbano. Fez algumas pequenas viagens com Patrick e Gina e visitou Lucca, Siena e Pisa.

Houve noites em que pensou ter visto uma silhueta escura se mover pelas sombras do outro lado da rua. Ou em que teve certeza de que ele tinha estado no seu apartamento enquanto ela dormia.

– Você é a sombra na minha parede – sussurrou certa noite para a escuridão. Mas a escuridão nunca lhe respondeu.

Não houve mais sinal de caçadores; nenhum outro cadáver foi encontrado na rua ou na beira do rio. Qualquer que fosse a batalha travada pelo principado, parecia ter sido vencida.

Raven se descobriu aliviada com o fato de o Príncipe estar bem. No entanto, não permitiu à própria mente ir além desse reconhecimento.

Em vez disso, concentrou-se no trabalho, nos amigos, e em levar flores ao lugar preferido de Angelo junto à Ponte Santa Trinità, torcendo para a morte ter lhe proporcionado paz.

Capítulo 52

Em pé no alto da torre do Palazzo Vecchio, o Príncipe observava a Galleria degli Uffizi. Turistas e moradores da cidade reunidos ali conversavam, alguns de mãos dadas. Era possível ouvir uma música ao longe. Alguns casais dançavam na Piazza della Signoria.

À medida que seu olhar passava de pessoa em pessoa sem encontrar a que procurava, sua disposição foi ficando mais sombria. Ele tentou se convencer de que aquela saudade era temporária, uma consequência do sexo e do prazer. No entanto, nem mesmo a aplicação mais fria e dura da racionalidade era capaz de convencê-lo de que ela não o havia mudado.

– Você está obcecado por alguma coisa – disse Aoibhe ao seu lado.

Ele havia sentido seu cheiro poucos segundos antes. Apesar de ela ter uma idade avançada e muita experiência, pudera ouvi-la aterrissar no telhado da torre. Não tinha se virado, uma vez que estava confiante em seu julgamento sobre a lealdade e o nível de ameaça da vampira, sobretudo agora que havia salvado a sua vida.

– Nunca fico obcecado por nada – respondeu o Príncipe, frio, enquanto continuava a procurar em vão.

– Então por que está aqui com essa cara zangada? A noite lhe pertence. Está cheio de comida e diversão por aí, mesmo para alguém amargurado como você – disse Aoibhe, zombando dele com delicadeza. – Pelo que ouvi dizer, a polícia desistiu da investigação. Eles não têm prova alguma, nenhum caminho promissor, e a lista de suspeitos está cada vez menor. Você deve estar muito satisfeito.

– Não sei do que você está falando. – Ele correu os olhos pela praça uma

última vez antes de se virar para ela.

– Vamos, meu Príncipe. Embora eu mesma nunca tenha visto a sua vasta coleção de arte, ouvi boatos. Só não entendo por que você decidiu roubar da Uffizi agora. Já deve ter adquirido todas as joias do Renascimento na época em que você e Niccolò viviam na companhia dos Médicis.

William fez um muxoxo.

– Frequentei esse meio durante algum tempo. Já Niccolò tinha um relacionamento desgastado com eles.

– Foi o que ouvi dizer. Será que foi para você que ele escreveu *O Príncipe?*

William a encarou com uma expressão indiferente antes de tornar a observar a galeria. Viu um casal de namorados sentado nos degraus da *loggia*, trocando beijos apaixonados.

– Onde está a pequena favorita do Príncipe hoje?

– Saiu – resmungou ele.

– Muito me espanta você deixar que ela se afaste, considerando o que aconteceu entre vocês no Teatro.

William abriu a boca para protestar, mas Aoibhe o interrompeu.

– Nem adianta mentir. Quase daria para dizer que está apaixonado por ela.

– Apaixonado? – zombou ele. – Você conhece muito pouco os seus semelhantes.

– Ah, meu Príncipe. Eu o conheço bem demais. – Ela se aproximou para tocar seu rosto.

Ele se esquivou.

– O que você sabe sobre o amor?

– Muito pouco. Tentei esquecer minha fase humana; isso tornou a imortalidade bem mais fácil. Mas houve um rapaz... – Ela sorriu, com uma expressão distante nos olhos. – Depois que o senhor de terras inglês me estuprou, o rapaz não me quis mais.

– É isso que você tem a dizer sobre o amor? – William foi até as ameias e pousou as mãos em um dos dentes do parapeito.

– Talvez o tal rapaz nem me amasse. Talvez o horror do estupro tenha matado o amor dele. Eu era jovem, não conseguia entender esses mistérios. – Ela inclinou a cabeça e encarou o Príncipe com ar pensativo. – Pode-se dizer que nós

vivemos um amor, você e eu. As noites que tivemos juntos com certeza foram prazerosas. Para mim isso basta como amor.

– Não basta, não – resmungou ele, debruçando-se sobre as ameias.

Ela foi se postar ao seu lado e acompanhou o olhar dele até o casal que se beijava na *loggia*.

– O tipo de amor ao qual você se refere é perigoso. Ele nos torna vulneráveis.

Convencido de que a mulher abraçada lá embaixo não era Raven, ele parou de encará-la.

– Somos todos vulneráveis, de uma forma ou de outra.

– Então fique vulnerável a mim e me transforme em sua consorte.

O Príncipe rosnou.

– Aoibhe, você já teve sua resposta.

– Ah, mas as circunstâncias agora são outras. Nós dois sabemos que alguém está tentando derrubá-lo do poder.

– Quem? – indagou ele, chegando bem perto dela.

O medo atravessou o semblante de Aoibhe, e ela recuou um passo.

– Se eu soubesse, lhe diria. Juro. Acho que sabe que tenho um fraco por você, mestre. Devo-lhe a minha vida. Costumo pagar minhas dívidas, o que significa que sou sua aliada, pelo menos até conseguir lhe retribuir na mesma moeda.

– Sou grato pela sua lealdade – disse ele com um meneio rígido da cabeça.

– Desconfio que os traidores estejam vivendo entre nós, que sejam inteligentes e ardilosos, mas não necessariamente poderosos. Eles estão manipulando outros para fazerem aquilo de que não são capazes: aliaram-se a Veneza para tentar assassiná-lo, usaram os feras para violar as fronteiras. Você executou Ibarra, o que provavelmente fazia parte do seu plano.

– Tem tanta certeza assim de que Ibarra não era um traidor? Ele nunca havia fracassado em suas atribuições antes.

– Justamente. Fui para a cama com ele e o interroguei em um momento íntimo. Ele era leal.

– Nesse caso, por que não se opôs à execução dele?

– Prezo minha própria cabeça, meu Príncipe. Gostaria de preservá-la.

William relaxou um pouco.

– Estou disposto a ouvir qualquer informação que você tiver para oferecer, Aoibhe, agora e no futuro.

– Vou procurar saber discretamente e lhe direi o que descobrir. Acho que é óbvio que alguém deu informações aos caçadores.

– Preste atenção para não confiar em mais ninguém. Não sabemos quantos eles são.

– Claro. Desconfio de Max, mas ele não é inteligente o bastante para arquitetar um complô. É possível que os venezianos tenham falado com ele, mas duvido. – Aoibhe tocou a manga do Príncipe. – Quaisquer que sejam as suas vulnerabilidades, são poucas. Eu o vi enfrentar os caçadores. As armas deles não surtiram efeito em você.

Ele lhe abriu um meio-sorriso.

– Acho que as suas percepções na ocasião estavam meio alteradas.

– Eu estava imobilizada, não inconsciente. – Ela o encarou por alguns instantes, desafiando-o com os olhos. – Tenho orgulho de nunca subestimar os outros. Já o conheço há muito tempo, e até mesmo eu o subestimei.

O sorriso dele se alargou de modo desarmante.

– Sou um antigo, Aoibhe. Você sabe disso.

Ela balançou a cabeça.

– Já conheci outros antigos. Fui amante de um em Paris antes de vir para cá. Ele não conseguia fazer o que você faz. Ninguém consegue. Por que um vampiro com tanto poder se contenta com a cidade de Florença quando poderia dominar a Europa, ou mesmo as Américas?

Ele soltou o braço da mão dela.

– Talvez porque eu não seja tão poderoso quanto você pensa.

Aoibhe o encarou com admiração.

– Um velho truque dos Médicis... simular humildade diante do povo para não despertar sua raiva ou inveja.

Ele dispensou o comentário com um aceno da mão.

– O mal tem sua própria lógica.

– Ainda estou para encontrar um praticante do mal tão preocupado quanto você em proteger os inocentes.

– Puro pragmatismo. Nós aprendemos nossa lição durante a Peste Negra. Se nos alimentarmos de crianças, destruiremos nosso estoque.

– O mal não liga para essas coisas, e ambos sabemos disso. – Ela estremeceu e olhou por cima do ombro. – Além do mais, eu não estava me referindo à

inocência. Como está sem sua favorita hoje, por que não me acompanha até a minha residência? Parece cansado e precisando se divertir.

– Não vou voltar à sua cama – esbravejou ele.

– Como quiser. – Ela jogou os cabelos. – Tenho certeza de que saberá me encontrar quando estiver se sentindo suficientemente sozinho. Enquanto cultiva essa sua obsessão, deveria refletir sobre a história de Fausto, Príncipe da Sardenha. Ele transformou sua favorita em consorte, e o principado se rebelou contra ele e a destruiu. Eles o entregaram à Cúria.

– Não tenho intenção nenhuma de ter uma consorte, Aoibhe. Seria bom você entender isso.

– Não é provável que eu me esqueça.

Ela fez uma mesura profunda, pulou do alto do prédio para a rua atrás do Palazzo e desapareceu nas sombras.

O Príncipe ficou abrindo e fechando os punhos antes de soltar um grito frustrado em direção ao céu.

Capítulo 53

Os dias se transformaram em semanas, e logo o mês de julho chegou e Gina começou a planejar uma festa de aniversário para Raven.

– Quem devemos convidar? – perguntou-lhe ela certa noite depois do trabalho, quando as duas estavam sentadas na *loggia* perto da Uffizi.

– Você e Patrick, claro.

– E os amigos do laboratório de restauração?

Raven sorriu.

– O professor Urbano, não; duvido que ele aceite. Mas acho que todos os outros, sim.

– Até Anja?

Raven suspirou.

– Não é culpa dela eu ter sumido uma semana e ela ter sido escolhida para me substituir. Convide-a, claro.

– Mais alguém? E Bruno?

– Nós na verdade não somos amigos. A avó dele comentou que ele está namorando.

Gina deu um aperto de consolo no braço dela.

– Não tem mais ninguém? Ninguém especial?

Raven ignorou a indireta e se esforçou para tirar William da cabeça.

– Minha irmã e o namorado deveriam ter vindo fazer uma visita, mas adiaram a viagem. Eu convidaria minha vizinha, avó de Bruno, mas ela está fazendo químio e não deve estar muito disposta.

– Queria chamar meu primo Roberto – falou Gina com um tom hesitante.

– Que bom. – Raven baixou os olhos para a lista de convidados; era bem

curta.

– Acho que você e ele se dariam bem. Ele estuda Letras na universidade. É muito bonito. – Gina fez uma pausa. – E é cego.

Muito constrangida, Raven mudou os pés de posição sobre o degrau de pedra.

– Tudo bem se eu apresentar vocês dois? – Gina observou a reação de Raven.

Ela deu de ombros.

– Claro. Não quero que armem nenhum encontro para mim no momento. Mas seria um prazer conhecê-lo.

– Sei que ele adoraria conhecer você. – Gina então mudou de assunto e começou a perguntar sobre o cardápio.

As respostas de Raven foram educadas, mas distantes; ela estava distraída pensando na implicação da sugestão de Gina em relação ao primo.

◆◆◆

Mais tarde, depois do intervalo de almoço, enquanto percorria os corredores da Uffizi, teve tempo de refletir sobre o comentário da amiga.

Talvez fosse pouco generoso pensar que Gina estivesse tentando armar um encontro entre ela e seu primo apenas porque ele era cego e Raven andava de bengala.

Mesmo assim, não pôde evitar pensar que Gina, assim como muitos outros, achava que pessoas portadoras de necessidades especiais deviam se parear com outras semelhantes. Como se a deficiência da pessoa definisse a totalidade da sua existência. Como se alguém que não tivesse uma deficiência (visível) não pudesse se interessar por alguém assim.

Pensar isso a deixou zangada.

Enquanto refletia, acabou atraída para o primeiro andar, onde abriu caminho entre os turistas para entrar na sala de Botticelli. Mais uma vez se postou em frente ao *Primavera* e encarou a figura de Mercúrio.

Admirou-o, como sempre havia admirado. Só que dessa vez a sua admiração veio misturada a tristeza.

Deslocou o olhar para Zéfiro. Zéfiro, o monstro, que flutuava entre as árvores. Ele tinha visto a sua deficiência. Tinha insistido para curá-la. Na verdade, tinha dito que ela não precisava de cura.

Em sua última conversa, fizera parecer que ela o estava abandonando por causa da sua própria deficiência, o vampirismo.

Raven ficou ali, com um olhar sem foco, recordando a conversa que tivera com ele justamente sobre esse tema enquanto os dois dançavam no Teatro.

Seria justo ele comparar o vampirismo a uma deficiência?

Como uma portadora de necessidades especiais, Raven sentia-se incomodada pela sugestão.

No entanto, se a sua visão de mundo estivesse correta e a normalidade não existisse, se todos os seres, humanos ou não, tivessem algum tipo de deficiência, então ela precisava admitir que William também tinha uma. Certamente existir sem a capacidade de amar era uma deficiência.

Começou a desconfiar que deveria ter tratado William com mais compaixão e compreensão, do modo como ela própria desejava ser tratada.

Só que compaixão e compreensão não supunham negar os desejos mais básicos de uma pessoa. Raven precisava de amor. Merecia ser amada. Toda a compaixão e toda a compreensão do mundo jamais poderiam substituir isso.

Ela suspirou e deu um passo mais para perto do quadro.

A diferença entre o *Primavera* da Uffizi e o *Primavera* da *villa* de William era notável. Na versão da galeria, Botticelli tinha incluído Flora, enquanto o quadro de William mostrava apenas Zéfiro agarrando uma assustada Clóris.

A versão de William não representava um final feliz, talvez porque essa não tivesse sido a sua experiência. Ele havia conquistado Allegra, sem amor, mas talvez com afeto, e quando ela se dera conta de quem havia aprisionado seu coração, cometera suicídio.

Centenas de anos mais tarde, ele havia conquistado Raven. Ela o amara, mas não ficara com ele. Não virara a sua Flora.

William ainda não tinha conseguido o seu final feliz.

Sem dúvida acabaria encontrando alguém, uma outra Clóris, fosse em Aoibhe ou em alguma humana. E o ciclo se repetiria.

Para sempre.

Que existência miserável. Nunca amar ninguém.

Raven examinou o quadro.

Examinou a si mesma.

Seu futuro se parecia muito com seu passado: repleto de trabalho árduo, mas

gratificante, e de alguns bons amigos. Talvez houvesse Brunos e Robertos, mas nunca, jamais haveria outro William.

Eu poderia voltar para ele.

Essa simples ideia fez seu coração acelerar e causou um alívio temporário na dor em seu peito.

No entanto, o espectro da tristeza a assombrava sempre que ela pensava em passar a vida com alguém que a via apenas como uma parceira sexual com quem compartilhar um certo nível de afeto, como uma favorita.

Talvez o amor não seja nada além disso: sexo e afeto.

Na mesma hora em que pensou essas palavras, teve certeza de que não era só isso. Havia a nudez absoluta de estar vulnerável frente à pessoa amada, e de confiar que ela fosse aceitar essa vulnerabilidade e não usá-la para destruir. Havia a confiança advinda do fato de compartilhar segredos sabendo que o outro não iria traí-lo. Havia o sacrifício de saber que o sofrimento era uma possibilidade, mas de amar mesmo assim.

Ela ansiava todas essas coisas, mas ele não as oferecera a Raven. Talvez jamais viesse a oferecer. Talvez um dia encontrasse alguém que conseguiria amar.

De toda forma, não podia voltar para ele.

Sussurrou um adeus para a figura de Zéfiro e saiu da sala caminhando devagar.

Capítulo 54

Depois de sua festa de aniversário, no dia 5 de julho, Raven voltou para casa tarde da noite.

Estava usando um vestido verde-vivo que ela própria havia comprado. O decote deixava à mostra suas clavículas e descia de leve entre os seios; a saia rodada favorecia suas curvas.

A noite tinha sido divertida. Gina e Patrick haviam organizado uma excelente festa, cheia de comida, música e risos.

Ela conhecera Roberto, e os dois haviam engatado um papo sobre seu interesse em comum pela literatura italiana e o espírito sagaz de Boccaccio. Depois da festa, ela o havia deixado em casa de Vespa antes de seguir para Santo Spirito.

Entrou no apartamento, fechou e trancou a porta. Jogou a mochila no chão e acionou o interruptor.

Olhou para a cozinha e deu um grito.

William estava sentado em uma de suas cadeiras, à espera. Como de hábito, usava preto da cabeça aos pés, e exibia uma expressão ressabiada.

Ela levou uma das mãos ao peito.

– O que está fazendo aqui?

– Tive a impressão de que era seu aniversário. – Ele sorriu, cauteloso; os olhos cinzentos pareciam buscar aprovação.

Ela se recostou na porta. Seu corpo estava tenso, e sua mão segurava com força a bengala.

– O que está fazendo sentado no escuro?

O sorriso dele desapareceu.

– Sempre me senti mais à vontade nas sombras.

Ele então interrompeu o contato visual, como se não tivesse certeza de qual seria a reação dela. Levou a mão ao bolso com um gesto canhestro.

Algo naquela insegurança comoveu Raven.

– Sinto muito – sussurrou ela.

As palavras eram sinceras. Ela sentia muito, muito mesmo, por uma grande quantidade de coisas, entre as quais a solidão dele ocupava uma posição de razoável importância.

Ao ouvir o tom sincero com que ela falou, William levantou a cabeça. Um otimismo cauteloso surgiu em seus olhos e quase partiu o coração de Raven.

Ele chegou perto dela devagar, com os olhos cravados nos seus. Fez um gesto como se fosse tocar seu rosto, mas baixou a mão no último segundo.

– Esse vestido lhe cai bem. Você está linda.

– Obrigada.

– Trouxe presentes.

Ela fez uma careta e passou por ele, avançando até poder se apoiar na bancada da cozinha.

Era como se ele fosse um instrumento que tocasse apenas uma música. Já havia tentado convencê-la a ficar com ele prometendo tesouros. Agora estava repetindo a estratégia.

Raven ficou ofendida. E magoada.

– As suas coisas não me interessam.

– Por favor. – Ele falou baixo, quase em tom de súplica.

Espantada, Raven prestou atenção no seu rosto. Tinha certeza de que era a primeira vez que ele pedia por favor.

Tentou amenizar a postura defensiva, pelo menos na aparência.

– Foi muita gentileza sua se lembrar do meu aniversário. Mas você está tornando as coisas mais difíceis.

– Não acho que nada poderia ser mais difícil do que os últimos meses. – A expressão dele foi grave.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

– Estou falando sério, Raven. Já vivi perdas, perdas incalculáveis. Tudo empalidece diante de perder você.

Ela estendeu a mão para detê-lo.

– William por favor, eu...

– Quero lhe mostrar uma coisa, depois tenho um presente para lhe dar. Depois disso, você nunca mais vai me ver.

Uma dor atravessou o corpo de Raven. Vê-lo, ouvir sua voz e ser lembrada de que eles estavam separados era mais do que ela conseguia suportar.

Ele a encarava com uma expressão que parecia de esperança. Apesar de contido, o sentimento ainda assim era visível.

Ela não podia matar esse olhar.

– Está bem. – Suspirou, resignada. – Mas nada mudou. Preciso que você entenda isso.

Ele avançou na direção dela, segurou sua mão com delicadeza e a apertou junto ao coração.

– Tudo mudou – sussurrou.

Seu olhar estava concentrado e intenso, como sempre. Mas havia alguma outra coisa. Algo que Raven nunca tinha visto.

– O que mudou, William? Me diga – falou, com a voz mais dura.

– Prefiro lhe mostrar. – Ele beijou a palma de sua mão. – Deixe a bengala. Hoje à noite você vai voar comigo.

Ela se inclinou para junto do peito dele, amaldiçoando-se internamente por reagir assim.

Então puxou a mão de volta e apoiou a bengala na bancada antes de segui-lo até a janela do quarto.

Ele a segurou com o braço esquerdo, mantendo-a junto de si enquanto a suspendia pela janela e até o telhado. Então começou a correr, pulando de prédio em prédio, e só pisou no chão para atravessar a Ponte Santa Trinità.

Raven segurou firme; a velocidade a deixava ao mesmo tempo tonta e empolgada. A leve brisa da meia-noite soprava seus cabelos para a frente do rosto. Ela tentou afastá-los, sem querer que atrapalhassem sua visão.

Eles escalaram um prédio perto da ponte, e logo estavam voando outra vez pelos telhados.

– Para onde está me levando? – A voz dela cortou o silêncio entre os dois.

William parou em um dos prédios em frente à torre do campanário de Giotto.

– Quero lhe mostrar minha cidade.

Ela olhou para Florença, para os telhados vermelhos e espaços abertos, para

os turistas e moradores que caminhavam lá embaixo.

– Incrível – falou, sem ar.

– Do domo de Brunelleschi dá para ver ainda melhor. – William indicou a enorme estrutura que se erguia acima deles.

Ela o encarou, cética.

– É um solo consagrado.

Ele a encarou de volta.

– Solos consagrados me incomodam do mesmo jeito que o sol. É um desconforto que posso suportar.

– Relíquias não o afetam.

– Isso não é bem verdade.

– Você me deu uma relíquia. Tocou-a com as mãos.

Ele hesitou.

– Tenho algumas peças na minha coleção, todas vindas da mesma origem, que não têm qualquer efeito sobre mim. Outros objetos, incluindo a água benta, me causam dor física. Mas seu efeito sobre mim não é nada comparado ao que eles fazem com meus semelhantes.

– Foi por isso que você pareceu aflito quando os caçadores brandiram as cruzes? Porque elas lhe causaram dor?

– Sim. – Ele mudou de posição. – Não sabia que você tinha percebido.

– Claro que percebi, William. – Seu tom foi de reprimenda. – Você é importante para mim.

– Sou mesmo?

Ela virou as costas. O tom de voz dele, carente e quase otimista, era difícil de suportar.

– Você sempre será importante para mim. Mas eu lhe pedi para compartilhar seus segredos, e você não quis. Agora é tarde.

Ele tocou uma mecha de seus cabelos e enrolou a ponta no dedo.

– Você tinha razão. Segredos são como um muro. Com todas as outras pessoas eles cumprem o seu papel, mas com você, não. Com você, nunca.

Não lhe deu oportunidade de responder. Em vez disso, puxou-a para junto de si e pulou com ela até o chão. Assim que pousaram, correu com ela a toda velocidade até a lateral da igreja.

Com uma desenvoltura advinda da experiência, escalou a parede com uma só

mão; sua figura parecia um fantasma na escuridão, e dava para ver um borrão verde sob o seu outro braço.

Raven fechou os olhos enquanto eles subiam, sem querer olhar para a segurança do chão que se afastava cada vez mais.

Por fim, eles ficaram em pé no alto da estrutura, sob a sombra do globo e da cruz dourados.

William se posicionou atrás dela, com os braços ao redor de sua cintura para lhe dar segurança. Ela pensou senti-lo roçar o nariz nos seus cabelos.

– Que lindo! – falou para si mesma, sem saber para onde olhar primeiro.

Dali do alto, podia ver as estrelas piscando no céu, as criaturas que pareciam formigas lá embaixo, e a vista espetacular da cidade mágica que se descortinava à sua volta em todas as direções.

Podia ver o outro lado do rio até o Piazzale Michelangelo e distinguir a réplica iluminada do *Davi*. Mais além, podia ver a pequena colina sobre a qual ficava a *villa* de William.

– Como estamos alto.

– Daqui se tem a melhor vista da cidade. É aqui que assisto a todos os pores do sol. Só que nunca dividi isso com ninguém.

Ela olhou para o chão lá embaixo, mas logo levantou a cabeça e fechou os olhos.

William reparou na sua reação: o coração disparado, a respiração acelerada, o modo como seu corpo começou a irradiar ansiedade. Puxou-a mais para junto de si, com as costas coladas ao seu peito.

Aproximou os lábios da sua orelha.

– O que houve? Qual é o problema?

– Meu pai caiu de um telhado.

O corpo de William se retesou.

– Tinha esquecido. Não foi uma ideia muito boa. – A frase soou como um pedido de desculpas, mas também foi possível detectar um quê de decepção.

– Espere. – Raven quis ficar mais alguns instantes admirando a vista, pois sabia que nunca mais tornaria a vê-la.

William estacou e seu olhar se deparou com a torre do campanário de Giotto. Ele segurou Raven com mais força. Podia suportar muitas coisas, mas perdê-la não era uma delas.

Essa compreensão continuava a atormentá-lo.

– É melhor nós irmos.

Raven virou a cabeça na direção dele.

– O que aconteceria se algum dos outros o visse aqui em cima?

Ele mudou de posição.

– Eles perceberiam que o solo consagrado não tem efeito sobre mim. Quanto mais poderoso eu parecer para os meus semelhantes, mais provável é que eles queriam me matar.

– Então por que correr esse risco?

Ele passou alguns instantes calado, como se estivesse selecionando com cuidado as palavras.

– Você trouxe beleza para o meu mundo. Queria fazer o mesmo por você, nem que fosse por uma só noite.

Um som angustiado escapou dos lábios de Raven. A distância que os separava do chão foi o único motivo que a impediu de se debater para se afastar dele.

– Não me torture.

– É verdade. Durante anos, pensei que meus dias e minhas noites estivessem repletos de beleza. Lindos objetos, uma linda cidade e lindas mulheres de vez em quando. Então você apareceu e eu percebi que tinha estado enganado.

Raven fechou os olhos.

– Temos que ir. É doloroso para mim estar aqui, e não quero que você corra perigo.

– Sinto muito por lhe causar dor. Vamos agora mesmo. – Sua mão roçou na dela. – Mas não se preocupe com o perigo que eu corro, nem por um instante sequer. O que eles podem fazer comigo? Já perdi a única coisa que para mim tinha algum valor.

– O quê?

– Você.

Ela balançou a cabeça.

– Eu lhe dei meu coração, e você me entregou de volta como se não fosse nada.

– Seu coração não é nada – disse ele no seu ouvido. – Eu o valorizo e valorizo você. Acho que você sabe disso.

– Não importa. Não vou me condenar a uma vida de infelicidade por amar

alguém que não me ama.

– Você é a única que quero.

Dessa vez Raven, embora com cuidado, tentou sair do seu abraço.

– Me leve para casa.

– Só um instante, é tudo que peço. Por favor. – Ele pareceu forçar um sorriso. – Aprendi um poema para você. Será que já conhece? "Cupido, agora curado de sua ferida e doença, sem conseguir suportar a ausência de Psiquê, o fez sair em segredo por uma janela do quarto em que ele estava trancado, e (ao receber asas) alçou voo."

– Apuleio.

– Isso.

– Você está falando por enigmas.

– Só porque as palavras me faltam.

– Está dizendo que foi curado da sua doença? – perguntou ela, temendo a resposta.

– Não existe cura para o vampirismo a não ser a morte. Mas para a falta de coração eu acho que existe. – Ele a virou nos braços e a encarou com um ar sério. – O calor de um coração puro, por exemplo. E a dor atordoante da perda.

Ele fez uma pausa; seus braços a enlaçavam pela cintura.

– A maioria das minhas memórias humanas é imprecisa. Todos nós temos a mesma reclamação. As memórias ficam armazenadas no cérebro. Quando a nossa biologia muda, nosso cérebro também muda. Isso afeta nossa capacidade de acessá-las.

– Por que está me dizendo isso?

– Estou tentando compartilhar um segredo.

Raven se imobilizou. Podia sentir a aflição dele, sua incerteza.

Pôs a mão sobre a sua.

Com um gesto hesitante, ele entrelaçou os dedos nos dela.

– Todo mundo, inclusive Aoibhe, acha que sou inglês, mas não é verdade. Não sou anglo-saxão; sou normando. Meu nome é William Malet. Fui batizado em homenagem a um antepassado que foi um dos companheiros de Guilherme, o Conquistador na Batalha de Hastings. Minha família morava em York no século XIII, e foi lá que eu nasci. Meu primeiro idioma foi o francês anglo-

normando. Eu era o primogênito de uma família nobre, destinado a uma determinada vida, mas me apaixonei pela filha de um comerciante. Alicia.

Com uma expressão atormentada, ele olhou para a cidade a seus pés.

Raven apertou sua mão, instando-o a continuar.

Ele baixou os olhos para seus dedos entrelaçados.

– Por causa da diferença de condição social e porque ela era anglo-saxã, minha família foi contra o casamento. Mas nós éramos jovens e estávamos apaixonados. Na nossa opinião, as diferenças entre nós não tinham a menor importância. Decidimos enfrentar meu pai e fugir. Estava combinado que Alicia iria me encontrar em York certa noite para fugirmos juntos. Ela não apareceu. Fui procurá-la, e depois de procurar por muitas horas a encontrei, caída junto à muralha. Estava viva, mas à beira da morte. Um grupo de homens a havia interceptado quando ela estava indo me encontrar. Eles obtiveram seu prazer e destruíram seu corpo. Ela morreu nos meus braços.

– Sinto muito. – Raven segurou sua mão com firmeza.

William exibia uma expressão torturada.

– Ela era virgem e estava secretamente comprometida comigo. O modo como sofreu e morreu... – Sua voz se perdeu em um xingamento. – Eu deveria ter ido encontrá-la na casa do pai, não a feito andar pelas ruas sozinha. Ou deveria ter desistido dela, e ela poderia ter se casado com outra pessoa.

– Você a amava – disse Raven baixinho. – E pelo que me disse ela também o amava. Você não tinha como saber o que poderia acontecer.

– Mas mesmo assim ela morreu. – William se esforçou para continuar. – Tentei vingar sua morte, mas não consegui descobrir os responsáveis. Enquanto isso, meu pai organizou meu casamento com uma moça de outra família normanda. Era uma aliança política e econômica, como a maioria dos casamentos naquela época. Não queria me casar com ninguém, muito menos com uma aristocrata mimada que nunca tinha visto na vida. Zangado e desesperado, fugi do meu pai e fui para Oxford. Não demorou muito para os dominicanos me acolherem. Comecei meus estudos lá, depois fui para Paris.

– Ela era bonita?

William apertou a mão de Raven.

– Muito. Tinha cabelos louros com reflexos ruivos. Nunca vi nada igual. E era muito bondosa e muito gentil. Me apaixonei por ela assim que a vi. – Ele

pigarreou para limpar a garganta. – Quando Alicia morreu, eu soube que a minha capacidade de amar tinha morrido com ela. Virei noviço com os dominicanos e fiz voto de castidade. Minha intenção era virar padre.

Ele ergueu os olhos para Raven; neles ardia um fogo estranho.

– Quando vi você naquela noite, imprensada contra o muro, com aqueles animais a espancá-la, você me lembrou ela... aquela menina linda, delicada. Ia morrer porque estava andando sozinha por uma rua escura. Não podia deixar isso acontecer. Aoibhe e alguns dos outros nos encontraram. Seu sangue tem um cheiro delicioso, e eles o queriam. A essa altura, já sabia que não iria me alimentar de você. Disse a eles que você era minha e a levei embora.

– William – sussurrou ela. – Obrigada por ter tido misericórdia de mim.

Ele se retesou.

– Não acho que *misericórdia* faça parte do meu vocabulário.

– Mas você agiu de forma misericordiosa. Honrou a memória dela salvando a minha vida.

– Posso ter salvado a sua vida, Cassita, mas perdi você mesmo assim.

O desespero na voz dele a magoou e irritou ao mesmo tempo.

Ela desvencilhou a mão da dele.

– Você só me perdeu porque não me ama.

– Você está errada. – Ele a puxou para junto de si com uma expressão arrebatada. – Passei esse último mês esperando, pensando que o que sentia por você fosse diminuir. Se a minha capacidade de amar morreu com Alicia, ou se acabou quando virei vampiro, eu deveria ter conseguido esquecê-la. Só que não consegui. Todas as manhãs e todas as noites, ficava pensando em você: no seu rosto, no seu sorriso, em quem você é. Peguei-me pensando no que você estaria fazendo, se estaria segura, se estaria se interpondo entre alguém e o seu agressor.

Ele pegou a mão dela e beijou, passando o polegar pela linha da vida.

– Seu nome lhe cai bem, sabia? Raven, o corvo... o lindo e destemido pássaro preto. Eu estou de luto há séculos, mas nada me abalou tanto quanto perder você.

– Você não foi o único a ficar ferido. – Ela tentou engolir a emoção que lhe subia pela garganta.

– Me perdoe. – Ele tocou seu rosto. – Vim procurá-la hoje porque não podia permitir que a luz da minha vida se extinguisse sem ver você uma última vez.

– Então me diga – sussurrou ela.

Uma hesitação marcou a expressão dele.

– Faltam-me palavras, em qualquer idioma.

– Simplesmente diga. – Ela ficou na ponta dos pés e levou a mão ao rosto dele. – Diga o que está sentindo, William. Seja corajoso.

Ele fechou os dedos ao redor do pulso dela e segurou sua mão junto do corpo.

– Quando lhe falei sobre esperança na noite em que a levei para conhecer o Consilium, minha esperança era que você visse além do contrato impessoal que eu tive a tolice de tentar estabelecer. Que ficasse comigo e fosse minha porque me queria da mesma forma desesperada que eu queria você.

Ela ergueu os olhos para ele, triste.

– Somos de dois mundos diferentes.

– Talvez então possamos criar um novo.

– Somente às custas de um grande risco para você e sua cidade.

Ele inspirou fundo, com os olhos fixos nos dela.

– O que significam para mim mil cidades, se não tiver você?

Raven observou seus olhos, que estavam escuros e desesperados. Sentiu os dedos dele apertarem, nervosos, seu pulso.

– Tem certeza? – indagou, retribuindo seu olhar.

– Se eu perder você, perco tudo. Você é a única deusa do meu mundo.

– Você passou muito tempo sozinho. Sofreu uma grande perda. Sinto muito por isso – disse ela baixinho. – Posso entender porque resiste tanto em compartilhar segredos. Mas o amor não é secreto nem unilateral.

– Não – disse ele, febril.

– Então me diga.

Ele a beijou na testa.

– *Je t'aim*.

Raven saboreou o momento, e deixou as palavras do francês arcaico imprimirem sua marca na sua consciência.

Absorveu a expressão dele, seus olhos, sua postura. Ele estava obviamente ansioso e inseguro em relação a como seria recebido.

Respondeu-lhe unindo os lábios aos seus.

Ele a beijou intensamente, mas também com reverência, buscando desesperadamente com a boca a conexão que os unia.

Por fim, separaram-se, e ele encostou a testa na sua.

– Não sabia o que era escuridão até perder você.

– Você me encontrou outra vez. Também te amo.

Ele a beijou, dessa vez com mais paixão, e desceu as mãos para segurar suas nádegas. Então, com um sorriso diabólico, ajeitou-a debaixo do braço.

– Segure firme – ordenou.

Ela se agarrou a ele, com os braços em volta do seu pescoço.

– Para onde vamos?

– Comemorar nos amando com nossos corpos. – Ele apertou sua cintura.

Ela olhou para a cúpula sobre a qual eles estavam.

– Não aqui.

Ele riu.

– É claro que não. Nem mesmo eu teria a coragem de me unir a você em solo consagrado. – Ele se aproximou e sussurrou no ouvido dela. – Tem um outro lugar que vai lhe agradar, acho.

William a segurou com mais força, e eles pularam da cúpula até uma cúpula inferior, menor, antes de descerem a imensa estrutura de pedra.

Capítulo 55

Da varanda no alto da Loggia dei Lanzi pode-se ver o Palazzo Vecchio, a Galleria degli Uffizi e a linda e ampla Piazza della Signoria. É possível também ver o domo de Brunelleschi se erguer ao longe.

Não que Raven e William estivessem olhando.

Estavam nos braços um do outro, beijando-se apaixonadamente, encostados em uma parede.

– Não consigo acreditar que você está nos meus braços – murmurou ele, acariciando seu pescoço.

Ela respondeu com um ruído de satisfação enquanto correspondia ansiosa ao abraço.

A língua de William provocou sua boca, deslizando lá para dentro antes de se retirar. Ele gostava de reciprocidade, do modo como ela reagia ao seu toque.

Raven estava de costas para a parede, e ele tinha o corpo colado ao seu. Com uma das mãos, acariciava sua clavícula, alisando a pele e acompanhando o decote do vestido.

Ela estremeceu de antecipação e necessidade, com a mente e o coração cheios de tudo que William representava: William, aquele que a amava de verdade, toda ela, exatamente como ela era.

Tentou derramar todo esse amor e afeto em seus gestos ansiosos, explorando os ombros largos dele e os músculos que emergiam ondulantes da camisa antes de descer para explorar as planícies do peito.

Com um rosnado, William uniu seus quadris.

Ela arranhou o couro cabeludo dele, sorrindo contra seus lábios diante daquela reação gutural.

Ele mordiscou o lábio inferior dela e beijou a linha de seu maxilar, apertando mais o corpo junto ao dela.

– Está com frio? – perguntou, mudando de posição para poder ver seu rosto.

– Estamos em julho – respondeu Raven, sorrindo.

Ele encostou a palma das mãos na parede junto ao quadril dela.

– Não sinto as temperaturas tão bem quanto um humano. A pedra deve estar fria nas suas costas.

– Tudo que sinto é você.

Raven inclinou a cabeça e expôs o pescoço. Ele afastou seus cabelos negros e pôs um naco da carne dela na boca, sugando de leve.

– Alimente-se de mim – sussurrou ela.

Ele desceu os lábios pela sua garganta e traçou um caminho de beijos até o ombro.

– Não.

– Por que não?

William levantou a cabeça. Mesmo na semiescuridão, Raven pôde ver que ele estava em conflito.

– Você é lindíssima. Eu a quero. Mas o que vamos compartilhar hoje é um tipo diferente de substância. – Ele brincou com seus cabelos, e observou os fios compridos se derramarem sobre seus dedos.

– Mas eu amo você. Quero lhe dar isso.

Ele beijou uma mecha de cabelos antes de largá-los. Envolveu-a pela cintura com um braço e a ergueu, fazendo-a envolver seu quadril com as pernas.

– Deixe-me amá-la com meu coração, Raven.

Ela piscou os olhos com força, para não se deixar dominar pela emoção cada vez mais forte. Agora não era hora para lágrimas, não quando ele estava lhe dando de presente tudo que ela jamais quisera.

Deu-lhe um beijo profundo enquanto a mão dele descia de seu seio até as costelas, depois até as nádegas. Prendeu a respiração quando ele levantou sua saia e encostou a palma na lateral externa de sua coxa.

Ele traçou um círculo na pele antes de apertar seu quadril. Com um dedo só, acompanhou o cós da calcinha, então desceu entre as pernas.

Ela soltou um gemido de aprovação quando ele a tocou através da seda. Em

um segundo, a calcinha desapareceu, e William começou a acariciá-la, testando-a.

Raven levou a boca à orelha dele.

– Por favor.

Ele pôs a mão entre seus corpos e removeu as barreiras. Então, com os olhos fixos nos dela e um barulho animalesco, penetrou-a. Raven se agarrou aos seus ombros, concentrada naquela sensação de prazer.

Os movimentos dele não foram lentos. Ele arremeteu fundo, segurando-a pelas nádegas, erguendo-a e apertando-a. Raven mexia o quadril para tentar fazê-lo penetrá-la ainda mais.

Agarrou-se a ele, e os peitos de ambos se roçaram.

Ouvia seus roncos no ouvido. Seus gemidos e gritos o incentivavam.

Cada vez mais fundo e mais rápido, ele se movia a um ritmo enlouquecido.

Sem conseguir manter os olhos abertos, ela se concentrou apenas nas sensações que ele lhe provocava, no modo como cada arremetida, cada movimento a fazia subir mais e mais em direção ao êxtase.

Os saltos de seus sapatos se cravaram no traseiro dele quando ela o apertou com as coxas, sem condições de dizer nada.

De repente, ela arquejou e deu um grito.

Seu corpo se retesou nos braços dele, mas mesmo assim ele continuou a meter e a se mover dentro dela. Quando o corpo dela ficou mole e ela enterrou o rosto no pescoço dele, somente então ele se permitiu chegar ao orgasmo.

O nome dela foi a primeira coisa que disse.

Raven estava ofegante, com o coração acelerado.

William ficou escutando os barulhos desconhecidos e ritmados do corpo de sua amante, sabendo, orgulhoso, que fora ele quem havia causado essas reações.

Ficaram parados por um tempo que pareceu uma eternidade, a jovem humana e o vampiro com muitos séculos de idade, unidos em um abraço desesperado sobre um telhado com vista para a Galleria degli Uffizi.

Eram o mais improvável dos casais. No entanto, estava claro para ambos que formavam um par perfeito.

O coração de Raven estava pleno, sua mente, relaxada, seu corpo, saciado.

– Agora que você me deu seu presente, preciso lhe dar o meu. – Ele acariciou suas bochechas, com os olhos iluminados.

Raven pôs a mão espalmada sobre o peito dele, em cima do coração. Sentiu sob a palma o estranho ritmo e o silêncio quase assustador.

– Este é o único presente que quero.

– Ele já é seu. – Ele ergueu seus dedos e os beijou um a um. – Mas você vai querer o outro presente que vou lhe dar.

Ele saiu de dentro do corpo dela e a pôs no chão sobre pés bambos.

Ajeitou a calça e tirou um lenço do bolso. Sustentando-a com um braço em volta da cintura, levantou sua saia e levou o pano até entre as suas pernas.

Raven se apoiou nele e suspirou:

– Esse é o meu presente – falou, baixinho. – Pela maneira como você me toca, posso ver que me ama. Mas mesmo assim fico feliz em ouvir as palavras.

– Amo você – sussurrou ele. – *Defensa*.

Ela sorriu junto ao ombro dele.

– Esse nome é novo. Não sou mais uma criatura ferida; sou uma protetora.

– Você sempre foi uma protetora. – Ele a beijou na testa, então passou o dedo pela cicatriz pálida que havia ali. – Um dia me disse que ninguém jamais a defendeu. Hoje vou defendê-la.

– Como assim? – Ela recuou, confusa.

William jogou o lenço para o lado.

– Prometi lhe dar justiça. Sempre cumpro minhas promessas.

Uma onda de ansiedade a atravessou.

– William, o que você fez?

Ele lhe abriu um sorriso vagaroso.

– Fiz, não; vou fazer. Venha.

Ele a puxou com força para junto de si, e os dois subiram para o telhado até seus corpos desaparecerem na noite como uma fina nuvem de fumaça.

Glossário de termos e nomes próprios

(Nota: esta lista contém *spoilers*)

AGENTE SAVOLA – Agente da Interpol responsável por Florença.

ALIMENTADOR – Termo pejorativo para designar os seres humanos que se oferecem como fonte de alimento para seres sobrenaturais.

ALLEGRA – Mulher do século XV e amante do Príncipe.

AMBROGIO – Criado de William York.

ANGELO – Sem-teto e amigo de Raven Wood.

ANTIGOS – Classe especial de seres sobrenaturais que, por terem completado setecentos anos em seu estado sobrenatural, gozam de imenso poder e capacidades especiais.

AOIBHE – Pronuncia-se *Ava*. Irlandesa integrante do Consilium.

CONSILIUM – Conselho que governa o Principado de Florença. É formado por seis membros: Lorenzo, Niccolò, Aoibhe, Ibarra, Maximilian e Pierre. O Príncipe é integrante *ex-officio*.

CAÇADORES – Grupo de seres humanos que caçam e matam seres sobrenaturais por motivos comerciais.

CAROLYN (CARA) WOOD – Irmã mais nova de Raven, agente imobiliária em Miami,

Flórida.

CÚRIA – Inimiga dos seres sobrenaturais.

DOTTORE VITALI – Diretor da Galleria degli Uffizi; personagem da Trilogia Gabriel.

FERAS – Seres sobrenaturais que vivem e caçam sozinhos. Seu comportamento é brutal e animalesco.

GINA MOLINARI – Amiga de Raven Wood, trabalha no arquivo da Galleria degli Uffizi.

GIUSEPPE PACCIANI – Professor especializado em Dante na Universidade de Florença. Sua história é contada na Trilogia Gabriel.

GREGOR – Assistente pessoal do Príncipe.

IBARRA – Integrante basco do Consilium e chefe de segurança do Principado de Florença.

ISPETTORE BATELLI – Inspetor de polícia florentino.

JOVENS – Seres sobrenaturais que ainda não completaram cem anos em seu estado sobrenatural.

JULIANNE EMERSON – Aluna de doutorado na Universidade de Harvard. Casada com Gabriel, é coproprietária das ilustrações de Botticelli.

KATHERINE PICTON – Especialista aposentada em Dante e ex-professora da Universidade de Toronto. Sua história é contada na Trilogia Gabriel. É amiga do casal Emerson.

LORENZO – Membro da família Médici e segundo na hierarquia do Principado de Florença. Integra o Consilium.

LUCIA – Esposa de Ambrogio e criada de William York.

LUKA – Criado de William York.

MARCO – Criado de William York.

MARCUS – Também conhecido como Príncipe de Veneza. Ex-governante do submundo do Principado de Veneza, já falecido.

MARIA – Menina com necessidades especiais que mora em um orfanato franciscano em Florença. É apresentada em *A redenção de Gabriel*.

MAXIMILIAN – Integrante prussiano do Consilium.

MÉDICI – Célebre família que governou Florença durante o Renascimento.

NICCOLÒ – Célebre florentino e integrante do Consilium. Chefe de Inteligência do Principado de Florença.

PADRE KAVANAUGH – Ex-diretor do abrigo de Covenant House, em Orlando, Flórida, e amigo de Raven Wood.

PATRICK WONG – Cidadão canadense amigo de Raven Wood. Trabalha no arquivo da Galleria degli Uffizi.

PROFESSOR GABRIEL EMERSON – Especialista em Dante, leciona na Universidade de Boston. É dono de um famoso conjunto de ilustrações de Botticelli, feitas para a *Divina Comédia* de Dante e emprestadas à Galleria degli Uffizi em 2011. Sua história é contada na Trilogia Gabriel: *O inferno de Gabriel*, *O julgamento de Gabriel* e *A redenção de Gabriel*.

PROFESSOR URBANO – Diretor do projeto de restauração encarregado de trabalhar no *Nascimento de Vênus*; supervisor de Raven Wood.

PIERRE – Integrante francês do Consilium. Supervisiona a segurança e faz a ponte com a Rede de Inteligência Humana, bem como com as forças policiais.

PRÍNCIPE – Líder do Principado de Florença, sociedade do submundo composta por seres sobrenaturais.

RAVEN WOOD – Cidadã americana e restauradora de arte em pós-doutorado na Galleria degli Uffizi.

RECRUTAS – Novos seres sobrenaturais, anteriormente humanos.

REDE DE INTELIGÊNCIA HUMANA – Grupos de seres humanos contratado para fornecer informações aos seres sobrenaturais. Também prestam serviços de segurança e realizam tarefas específicas.

ROMANO – Líder do Principado de Roma, é também quem governa o Reino da Itália, que engloba todos os principados italianos.

SIMONETTA – Princesa da Umbria.

STEFAN – Médico sobrenatural de origem franco-canadense.

VENEZIANOS – Seres sobrenaturais que moram no Principado de Veneza.

WILLIAM YORK – Rico florentino e patrono da Galleria degli Uffizi, faz uma breve aparição em *A redenção de Gabriel*.

Agradecimentos

Tenho uma dívida com Sandro Botticelli e com a incomparável Galleria degli Uffizi. Também com os cidadãos de Florença, que me presentearam com hospitalidade e inspiração.

Usei de licença poética para situar o laboratório onde Raven trabalha na Uffizi, já que esse deveria se localizar em um dos laboratórios administrados pelo Opificio.

Sou grato a Kris, que leu a versão preliminar e fez críticas construtivas e inestimáveis. Sou grato também a Jennifer e Nina, pelos comentários e apoio.

Gostei muito de trabalhar com a editora Cindy Hwang. Também agradeço a Tom Guida, pela sabedoria e energia. E às equipes de copidesque, arte e design que trabalharam no livro e na capa em suas diversas etapas.

Minha assessora de imprensa, Nina Bocci, é incansável ao promover meus escritos e me ajudar com as mídias sociais, me permitindo manter contato com os leitores. Sinto-me honrado por pertencer à sua equipe.

Elizabeth de Vos, Bee W., Elena, Becca, Ellie, Heidi, Tiffany e Chris contribuíram, cada qual em sua especialidade. Obrigado.

Também gostaria de agradecer àqueles que ofereceram apoio, sobretudo as Musas, Erika, Argyle Empire e leitores do mundo inteiro que operam as contas de mídia social da SRFans.

Por fim, agradeço aos meus leitores e à minha família. Seu apoio constante é inestimável, sobretudo agora que voltamos a Florença para uma nova aventura.

SR
Ascensão, 2014

LEIA UM TRECHO DO SEGUNDO VOLUME DA SÉRIE
NOITES EM FLORENÇA
A ser lançado em breve

William se inclinou e aproximou os lábios da orelha de Raven.

– Parabéns.

Ela ficou parada encarando o homem dentro da cela, paralisada por uma sensação de horror.

William reparou no rosto pálido, no coração disparado e no cheiro evidente de medo que sua pele exalava.

– Não era essa a reação que eu esperava – falou, seco.

Ela ergueu um dedo trêmulo e apontou para a cela.

– O que ele está fazendo aqui?

William franziu o cenho.

– Pensei que fosse óbvio.

Raven cruzou o olhar com o dele. Piscou os olhos, sem entender.

– Como assim?

– Jurei que lhe daria justiça. – Ele estendeu a mão na direção do prisioneiro. – Isso é justiça.

– Como? – perguntou ela, cada vez mais ofegante.

– Eu o trouxe aqui para você matá-lo.

STELLE SU FIRENZE

Uma cena extra de *A redenção de Gabriel*

– Acho que, se ficássemos sentados aqui por tempo suficiente, o mundo inteiro passaria na nossa frente – disse Julia com uma voz sonhadora e a cabeça pousada no ombro de Gabriel.

Era sua última noite em Florença. Eles haviam jantado em um restaurante romântico com vista para o rio Arno. Então passearam pelas ruas estreitas até chegarem à Loggia dei Lanzi. Dali podiam ver a Piazza della Signoria ir ganhando vida depois de escurecer.

Turistas e moradores passeavam pela Piazza ou bebiam alguma coisa em um dos cafés. Ali perto, um quarteto de cordas tocava Verdi e enchia o ar da praça com uma bela melancolia.

Julia parecia observar com fascínio os vendedores ambulantes lançarem para cima cilindros fosforescentes, fazendo os brinquedos cintilarem como fogos de artifício contra o céu negro. Todas as vezes, porém, a breve incursão dos objetos no céu era encerrada pela gravidade, e eles tornavam a cair no chão.

Uma estranha tristeza a dominou.

– Nós tentamos tocar as estrelas, mas sempre caímos de volta na terra.

Gabriel a enlaçou pela cintura e a puxou para mais perto.

– É verdade, mas se desesperar não é do seu feitio.

– Não estou desesperada. Só não quero ir para casa.

– Também não quero ir para casa, mas alguma hora o verão tem que acabar.

Gabriel deu um beijo de leve nos cabelos dela antes de puxá-la para se levantar. Enquanto a música continuava a tocar, conduziu-a até o meio da Piazza. Então a tomou nos braços e começou a dançar.

Julianne fechou os olhos, flutuando sobre as pedras do calçamento enquanto

ele movia seus pés com maestria.

Ele aumentou a pressão em sua cintura.

– Sinto muito por termos brigado.

Julia abriu os olhos.

– Eu também.

– Prometo que vou compensá-la.

– Você não tem nada que me compensar – retrucou ela. – Estou feliz por ter me trazido aqui.

– É por minha causa que vive caindo de volta para a terra. – A expressão dele era intensa, perscrutadora. – Sou eu quem tiro você das estrelas... onde é o seu lugar.

Ela lhe exibiu um sorriso triste.

– É a condição humana. Estamos fadados a cair.

Ele parou de dançar e cravou os olhos nos dela.

– Você nunca deveria ter que cair, Julianne.

Beijou-a com delicadeza, e os dois continuaram a dançar; só pararam quando as últimas notas de Verdi já não ecoavam mais pela noite.

Voltaram para a Loggia e se sentaram lado a lado no banco de pedra. Ele correu os dedos pelas dobras do vestido de seda que ela usava, em um gesto que torceu para ser reconfortante.

– Quem me dera ficar sentada nesta Piazza para sempre. – Julianne olhou para o rebuscado chafariz ali perto e para o casal de idade avançada em pé junto a este, de mãos dadas.

Gabriel acompanhou seu olhar, e os cantos de sua boca se levantaram.

– Se ficasse nesta Piazza, sentiria frio quando o inverno chegasse.

– Não se tivesse você para me esquentar.

Um sorriso contraiu a boca dele.

– Que bom que me considera útil, ainda que seja só como instrumento de calefação.

– Você também é um excelente guia turístico.

– Mais uma utilidade.

– E, como o seu italiano é melhor do que o meu, é um tradutor eficiente.

Ele aproximou a boca a poucos centímetros da dela.

– Quer que eu traduza minhas palavras preferidas? *Labbra? Lingua? Seno?*

Ela acompanhou com o dedo médio o contorno de seu carnudo lábio inferior.

– *Lábios. Língua. Seio*. Você está muito provocante hoje.

– Você se esqueceu da minha principal utilidade.

– Qual?

O olhar dele se tornou febril, e ele baixou a voz.

– Como seu amante.

Gabriel mordiscou o dedo da esposa de leve antes de enfiá-lo na boca. Brincou com ela por alguns instantes, banhando sua pele com a língua, antes de soltá-la.

– Infelizmente, se você insistir em continuar nesta Piazza, minha capacidade como amante ficará seriamente comprometida.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Comprometida?

– Por exemplo, nunca poderia fazer isto aqui em uma Piazza. – Ele colou os lábios nos dela.

Julia manifestou seu agrado com um gemido, e Gabriel aprofundou o beijo, acariciando a língua dela com a sua.

Então levou as mãos ao rosto dela enquanto as da mulher desciam até seus ombros, puxando-o mais para perto.

– E eu não poderia de jeito algum fazer isto – disse Gabriel junto à boca da mulher enquanto deslizava o polegar pela lateral de seu seio.

Julianne estremeceu.

– Nem isso. – Ele desceu a mão pela curva de sua cintura até a base das costas. Então alisou com um único dedo o ponto logo acima do elástico da calcinha, quase como se estivesse cogitando tirá-la. – Ou isto. – Com os olhos subitamente iluminados, ele cobriu o joelho nu dela com a palma da mão e forçou-a a abrir as pernas.

A pele de Julia se aqueceu sob o seu toque.

– Se você subir mais um pouco essa mão nós vamos ser presos – sussurrou ela.

Os olhos do professor pareceram escurecer.

– Vai valer a pena.

Julianne pôs a mão por cima da dele para deter a subida lenta e provocante.

– Acho que nós já fomos tema de escândalos suficientes, professor.

– Nesse caso, você vai ter que sair desta Piazza antes de eu pôr a mão por baixo do seu vestido e mostrar o que vem depois.

Ela inclinou a cabeça para um dos lados.

– Para onde nós poderíamos ir?

– Conheço outra Piazza bem mais tranquila aqui perto.

Ela abafou uma risada.

– É o melhor que você pode fazer?

– Tem também o hotel. Tenho um lindo quarto lá.

– É mesmo?

Ele ergueu a mão dela e depositou um beijo na palma.

– Não tão lindo quanto você, claro, mas não chega a ser de todo feio...

Ela baixou os olhos e ficou vermelha.

O professor apertou a mão de Julianne.

– Nada se compara à sua beleza, nem mesmo esta cidade. Florença tem uma arquitetura e uma arte fora de série, mas o domo de Brunelleschi não tem a sua compaixão. E nenhum quadro da Galleria degli Uffizi jamais conseguiria retratar a beleza e o calor que o seu amor irradiam.

Ela olhou para cima e o encarou.

– O senhor está me paquerando, professor?

Gabriel levou a boca até junto de sua orelha.

– Isso não é paquera, Julianne. É sedução. E só vou descansar depois de ter saboreado a maravilha que é o seu corpo deitado outra vez debaixo do meu.

Ele beijou a orelha dela, depois desceu pela lateral do pescoço. Foi depositando beijos sem pressa, e roçou os lábios na clavícula.

– Isso é só o começo – sussurrou, acariciando seu flanco. – Pense nas delícias que a aguardam.

Ela gemeu baixinho.

– Gostaria de ouvir mais sobre isso.

Ele se levantou e estendeu a mão.

– Vou fazer mais do que falar. Mas infelizmente você vai ter que sair desta Piazza.

Julia olhou para o chafariz por cima do ombro dele e deu um suspiro.

– É difícil para mim sair daqui.

– Mas nós vamos estar juntos. – Ele a puxou para um abraço. – Hoje à noite

vou ajudar você a tocar as estrelas. E quando cair de volta na terra, prometo segurá-la.

Ela ergueu os olhos para ele, para sua expressão carinhosa, intensa, e segurou de leve seu maxilar anguloso.

– E você, Gabriel? Não quer alcançar as estrelas?

Ele abriu aquele seu sorriso lento e adorável.

– A única estrela do meu céu é você.

Ela o beijou com fúria, então segurou a mão dele e seguiu caminhando apressada na direção do hotel.

Fim

UM MERGULHO NA UMBRIA

Uma cena extra de *A redenção de Gabriel*

Julho de 2011
Em uma casa na Umbria…

– Julianne.

A voz de Gabriel a assustou, e ela endireitou as costas diante da escrivaninha.

Em pé na sua frente, ele a observava com uma expressão ávida.Vestia apenas uma sunga preta, e tinha uma toalha pendurada no ombro.

– Ah, não ouvi você entrar. – Com os dedos suspensos acima do teclado, ela admirou seu peito nu por cima do laptop.

– Está na hora de ir dar um mergulho. – A voz dele foi um sussurro rouco.

Ela lhe lançou um olhar culpado.

– Tenho tanto trabalho a fazer...

– Ah, sim. Eu me lembro de ter que trabalhar de vez em quando na época da pós-graduação. – Seus lábios estremeceram como se ele estivesse tentando não sorrir. – E em que a *signora* está trabalhando hoje?

– Estou exercitando o meu francês.

Ele a encarou com seus olhos azuis.

– *Pourquoi?*

– Porque é uma das línguas de que preciso para a minha pesquisa.

Gabriel aquiesceu e andou na direção dela.

– Que ótima notícia.

– Ah, é? – Ela ergueu os olhos para ele, que era alto.

– É, sim. Não só falo francês, como também sou especialista no estilo francês de beijar. – Levantando a mão, ele ajeitou os cabelos escuros dela atrás dos ombros e alisou a coluna de seu pescoço com as costas dos dedos.

– Acho que me lembro disso. Acho que precisei lhe perguntar a respeito para

uma tradução.

– Não precisa de tradução. Sei que você fala a língua do amor. – Ele roçou os lábios nos dela.

Suas bocas se encontraram, primeiro de modo inocente. Então, no instante em que Julianne abriu os lábios, a língua dele começou a provocar a dela, recuando para dentro da própria boca até ela a seguir.

– Venha – disse ele junto aos lábios dela.

– Não posso, Gabriel. Estou trabalhando.

– Você não pode me beijar desse jeito e voltar a trabalhar. – Ele franziu o cenho. – Tenha dó de mim.

– Não quis provocar você. – Julia baixou os olhos para seu dicionário de francês. – Mas estou cheia de coisa para fazer.

– São só uns minutinhos. Um mergulho à meia-noite vai tirar todos os verbos regulares e irregulares da sua cabeça, e você vai *parler français* em dois tempos. – Ele beijou a palma da sua mão, e seu olhar escureceu de leve.

Como ela não se mexeu, ele continuou.

– Paris não foi construída em só um dia.

Gabriel inclinou o corpo para a frente, abaixando-se. Mergulhou os olhos nos da mulher.

– E eu quero minha Julianne de volta por alguns minutos.

Eles trocaram um olhar demorado.

Julia aquiesceu.

Ele tornou a beijar sua mão e a conduziu até a suíte principal. Ela pôs um biquíni roxo enquanto ele ia buscar outra toalha de praia. Então os dois caminharam de mãos dadas até a piscina lá fora.

Julia viu quando Gabriel dispensou a iluminação externa e acendeu uma série de velas, que posicionou em volta da piscina. A área logo foi banhada por uma luz cálida e tremeluzente.

– O traje de banho é opcional – disse Gabriel com um sorriso maroto enquanto pendurava as toalhas em uma cadeira.

– Acho que não. – Julia entrou na água morna.

– Nosso vizinho mais próximo fica a quase 2 quilômetros de distância. Acho que a sua modéstia está segura.

Julia inclinou a cabeça para um dos lados e o encarou na penumbra.

– Minha modéstia nunca está segura com você por perto.

Com três braçadas curtas, Gabriel foi se juntar a ela.

– Ah, é? Eu gostaria de ouvir mais sobre isso.

– Você... faz coisas comigo.

– Vamos explorar isso. Que tipo de coisas?

Ele a puxou para um abraço e lhe deu um beijo profundo, explorando delicadamente a sua boca.

Julia o enlaçou pelo pescoço bem na hora em que ele se afastou.

– Você me deixa assombrado. – Uma expressão de admiração suavizou os traços dele.

– Pela minha capacidade de ficar em pé no lado raso da piscina e beijar você? Acho que isso não me qualificaria para as Olimpíadas.

Ele deu uma risadinha e beijou a ponta do nariz dela.

– Estava me referindo ao seu modo de ser: seu jeito de beijar com tanta entrega, seu riso fácil. O modo como me aceita. – A expressão dele se fez grave.

Julia afastou uma mecha de cabelos da testa do marido.

– Amo você, Gabriel. É claro que eu o aceito.

– Nem todo mundo perdoaria com tanta facilidade. Não depois do que eu fiz. – Ele fez uma careta e baixou os olhos.

Ela levou a mão ao seu queixo onde a barba já despontava e o forçou a encará-la.

– Amar é ouvir a verdade e mesmo assim escolher continuar amando. Você escolheu me amar apesar do que fiz.

– Não consigo imaginar minha vida sem você.

– Ótimo. – Ela sorriu.

Julia se esticou nos seus braços e deitou-se de costas na água. Olhou para as estrelas que piscavam lá em cima, no céu negro feito tinta. A lua era uma nesga fina que emitia uma luz pálida e distante. Ela moveu as mãos devagar pela superfície da água.

– Adoro esta hora da noite... quando todo mundo está dormindo e o mundo fica em silêncio.

Ele levou as mãos ao seu quadril para segurá-la.

– Também gosto. Essa hora me lembra o meu aniversário. – Ele acariciou o quadril dela com os polegares, logo abaixo do cós da calcinha do biquíni.

– Do que você se lembra?

– Do nosso hotel em Roma. Da varanda. – Ele aproximou a boca da lateral do seu pescoço.

Julia fechou os olhos e emitiu um ruído na garganta.

– Eu me lembro da varanda. Era uma noite sem lua.

– Menos mal. Tivemos sorte de não sermos presos.

Julia arregalou os olhos.

– Presos? Você me disse que ninguém estava vendo.

Os olhos de Gabriel brilharam, e sua boca atraente se abriu em um sorriso satisfeito.

– Ninguém estava nos vendo, Julianne, mas dava para nos escutar muito bem. Você... gritou bem alto.

Julia se moveu depressa para ficar em pé, agitando a água à sua volta.

– Você acha que alguém nos ouviu?

– Acho que até o Vaticano nos ouviu. E olha que o Vaticano ficava a quilômetros do hotel.

– Gabriel! – Ela ergueu a mão e segurou seu bíceps. – Que vergonha.

– Por quê? – Ele alisou sua clavícula com um dedo, para um lado e para outro. – Você é uma moça saudável que obviamente gosta de sexo. Acho que os seus gemidos devem ter sido uma inspiração. Devem ter sido a melhor trilha sonora de sexo que Roma escuta há um milênio. – Ele piscou e a puxou mais para perto.

Ela cobriu os olhos com as mãos.

– Não acredito que você não falou nada.

– O que eu deveria ter falado?

– Sei lá... *pare com isso?*

– Jamais. – Ele se aproximou para sussurrar em seu ouvido. – Foi um tesão.

Ela passou alguns instantes calada, e ele começou a se arrepender de ter lhe contado. Então os ombros dela começaram a tremer.

– Julianne? Não precisa chorar. – A voz de Gabriel continha um leve tom de pânico.

Ela afastou as mãos para ele ver que ela estava rindo.

Uma onda de alívio o inundou.

– Nós demos um show de sexo – disse ela sem parar de rir, tentando recuperar o fôlego.

– Foi.

– Não acredito que fiz isso.

– Você parece ter superado o constrangimento bem depressa. – Ele a encarou, intrigado.

– Eu não diria isso. – Ela fechou os olhos e inclinou o rosto para o céu. Então balançou a cabeça devagar.

– Desculpe, Julianne. Eu deveria ter dito alguma coisa. Mas estava ocupado demais sentindo prazer. Adoro escutar você... e saber que sou eu quem estou lhe agradando e fazendo você gritar.

– Não precisa se desculpar. – Ela aproximou os lábios do ouvido dele e baixou a voz até um sussurro. – Foi um tesão.

Ele a beijou com firmeza, e ela o enlaçou pelo pescoço. Quando ele se afastou, falou bem junto à boca da esposa:

– Sei de uma coisa que seria um tesão maior ainda.

Ela pressionou o corpo no dele com mais força.

– Ah, é? O quê?

– Nadar pelada. Comigo. – Ele começou a puxar a cordinha em volta do seu pescoço.

– Gabriel! – protestou ela, débil, pousando as mãos nos ombros dele.

– Nosso vizinho mais próximo está bem longe. Vou ter que me esforçar muito para lhe dar prazer hoje, Julianne, senão vou ser o único a escutá-la. – Seus lábios se curvaram para formar um meio-sorriso. – Agora tire esse biquíni.

AOIBHE E A VIRGEM

Uma cena extra de *A transformação de Raven*

Maio de 2013
Florença, Itália

– Eu lhe trouxe um presente.

O Príncipe encarou Aoibhe com um distanciamento frio; os dois estavam parados em um dos corredores próximos à Câmara do Conselho.

– Não era necessário, Aoibhe.

Ela sorriu, e seu lindo rosto se iluminou.

– Nós tivemos um desentendimento, meu Príncipe. É normal tentar fazer as pazes, principalmente com um aliado. – Ela piscou o olho. – E você vai gostar desse presente, eu lhe garanto. Pareço ter talento para localizar as únicas virgens que restam em Florença.

Antes de o Príncipe conseguir protestar, Aoibhe se aproximou dele e tocou sua manga.

– Eu mesma vou me revigorar aqui perto. Venha me procurar quando tiver terminado.

Ela lhe deu um beijo na bochecha e desapareceu no cômodo ao final do corredor.

O Príncipe passou algum tempo parado, sentindo o cheiro da humana. Virgens tinham um aroma perceptível, muito valorizado entre os de sua espécie. Apesar disso, por motivos relacionados a uma memória humana que não conseguira afastar, o Príncipe tendia a evitar virgens.

Mas estava com fome, e Aoibhe tinha lhe trazido comida.

Ele abriu a porta de madeira e a fechou atrás de si.

– Quem está aí? – perguntou uma jovem em italiano ao entrar no cômodo.

Como ele não respondeu, ela ficou parada.

– Sei que tem alguém aqui.

O Príncipe podia ver no escuro e tinha uma excelente visão. Ela estava em pé ao lado de um sofá baixo e sem braços, e abraçava a própria cintura. Tinha cabelos compridos, louros, e grandes olhos muitos azuis.

Parecia-se muito com Simonetta Vespucci, pensou ele.

– Por favor, me responda – sussurrou ela.

– Quantos anos você tem? – perguntou ele, observando-a.

Ao ouvir sua voz, ela virou o rosto naquela direção. Deu um passo para trás e quase caiu em cima do sofá.

Em uma fração de segundo, ele apareceu ao seu lado e segurou seu cotovelo para firmá-la.

Devagar, como se estivesse preocupada com a reação dele, ela se afastou.

– Tenho 18 anos.

Ele pôde ouvir seu coração bater e sentiu seu cheiro, pungente de inocência.

– Por que está aqui?

– Não sei. – Ela torceu as mãos. – Em um minuto estava em uma boate com meus amigos, no minuto seguinte estava aqui.

Ele chegou mais perto e levantou seu queixo com um dedo só.

– Nunca embarque em um navio a menos que conheça o destino.

Ela choramingou, e seus olhos azuis se ergueram para os dele sem ver nada.

– O que vai fazer comigo?

Ele não respondeu na hora, e aproveitou para acompanhar o contorno do seu maxilar.

– Beijar você.

Ao ouvir o arquejo dela, o Príncipe baixou o dedo até seu pescoço e a acariciou com a velocidade de uma lesma.

Enfiou os dedos nos seus cabelos até segurá-la pela nuca. Então uniu seus lábios aos dela.

O ritmo cardíaco da moça aumentou na hora, e ele sentiu o calor se espalhar por sua pele.

– Quem é você? – sussurrou ela, movendo os lábios bem junto ao sorriso dele.

O sorriso desapareceu.

– Sou a escuridão tornada visível.

A moça deixou escapar uma expiração trêmula.

– Você vai me machucar?

Ele estudou seu ritmo respiratório, o fluxo da adrenalina por seu corpo, a tensão em seus músculos.

– Pelo contrário. Vim lhe dar um presente.

– Que presente?

– Prazer.

Tomando-a nos braços, ele tornou a beijá-la.

A moça começou a relaxar um pouco enquanto ele a segurava, e ergueu as mãos até seus ombros com hesitação.

Sua boca tinha um gosto bom. Quase tão bom quanto o cheiro do sangue que emanava sob a pele.

Antigamente, quando era jovem, àquela altura já teria se alimentado dela, mais provavelmente matando-a ao fazer isso. Esses dias, no entanto, já pertenciam ao passado.

Ele era um antigo. Alimentava-se quando necessário, mas era raro sentir a fome e o desejo avassaladores da juventude.

A moça em seus braços despertava seu apetite e seus sentidos, mas não ameaçava o seu autocontrole.

Ele explorou sua boca de modo langoroso, usando a língua para brincar com a dela.

Ela retribuiu, mas de modo desajeitado.

Ele a beijou até ela pressionar os seios contra seu peito, moldando seus corpos um ao outro. Ele escorregou as mãos até suas nádegas e começou a apertar e manusear a carne rija.

Ela abriu os lábios e respirou pesadamente junto ao pescoço dele.

– Deite-se – ordenou ele.

– E a luz?

– Você não conhece o mito de Cupido e Psiquê? Alguns amantes preferem o escuro.

Ele a fez recuar até o sofá e estendeu o corpo por cima do seu quando ela se reclinou.

A moça abriu a boca para protestar, mas ele a silenciou com a sua e recomeçou a beijá-la em um ritmo sem pressa.

Tocou seu seio através da blusa e apertou antes de passar o dedo de leve para

lá e para cá.

A moça emitiu murmúrios de prazer e passou os braços em volta de seus ombros com mais força.

Ele deslizou a mão pela lateral do corpo dela e ergueu sua coxa, posicionando-a em ângulo contra o próprio quadril.

– O que está fazendo? – sussurrou ela.

– Vou tocar você.

Enquanto a beijava, concentrado, ele suspendeu a saia dela até deixar a pele exposta.

Acariciou a parte interna de sua coxa e baixou os olhos para a garganta.

Sentindo o gosto da sua pele, pôs-se a mordiscar e beijar a um ritmo cada vez mais veloz. Enquanto isso, seus dedos subiram pela coxa até entre as pernas dela.

Ele encostou um único dedo nela, talvez esperando que a jovem recuasse.

Mas não. Ela puxou sua cabeça em direção ao próprio pescoço e gemeu no seu ouvido.

Os dedos dele afastaram a calcinha, expondo-a ao seu toque.

Ela ergueu o quadril na sua direção e começou a ofegar em seu ouvido enquanto ele traçava círculos e pressionava.

Então começou a se contrair sob os seus dedos, e ele aproveitou a oportunidade para cravar os dentes no seu pescoço.

A moça gozou debaixo dele com um grito baixo ao mesmo tempo em que seu sangue quente e delicioso começava a fluir para dentro da boca dele.

O Príncipe mergulhou a língua naquele néctar, saboreando o gosto, enquanto a moça estremecia nos seus braços em um orgasmo que não acabava.

A dor e o prazer se misturaram no corpo dela enquanto ele sugava a vida por sua artéria, bebendo devagar.

Quando o orgasmo dela terminou e seu corpo se imobilizou debaixo dele, o Príncipe soltou seu pescoço.

Esticou a língua e lambeu a ferida para garantir que nenhuma gota de sangue fosse desperdiçada.

Com um sorriso satisfeito, falou ao seu ouvido.

– Durma, jovem. Descanse bem e não lembre nada de nossos momentos juntos. Não volte mais ao Teatro.

A moça em seus braços fechou os olhos e começou a respirar profundamente.

Em poucos segundos, estava dormindo.

Ele se afastou de sua forma frágil e baixou os olhos para ela, demorando-se um último instante a sorver seu cheiro provocante.

Por motivos que só ele conhecia, deixou-a ainda intacta e foi buscar prazeres mais carnais no recinto do outro lado do corredor.

– Ela era uma delícia? – perguntou Aoibhe quando ele entrou, limpando os lábios discretamente com um pedaço de seda vermelha.

– Sim. – O Príncipe olhou para a boca da vampira. – E a sua?

– Boa o bastante como tira-gosto. – Ela deu alguns tapinhas na cama sobre a qual estava sentada, nua. – Prefiro o prato principal.

– Onde ela está? – O Príncipe farejou o ar e reparou que o cheiro humano ainda pairava, mas não muito forte.

– Tirando um cochilo. – Aoibhe indicou uma porta que conduzia a uma câmara interna.

– Você a deflorou?

– Claro.

– Se eu soubesse o que estava fazendo, teria chegado mais cedo. – O Príncipe relanceou os olhos para a porta interna.

Aoibhe se ajoelhou na cama e fez uma mesura sobre os lençóis de seda preta.

– Não me provoque, mestre. Já faz algum tempo que você não se permite assistir.

Ele deu uma risadinha consigo mesmo, como quem recorda um segredo.

– Eu assisto quando estou suficientemente motivado.

Ela se sentou sobre os calcanhares e ergueu os olhos para ele; seus longos cabelos cor de fogo cascatearam pelos ombros até cobrir o peito.

– Venha cá – ordenou ele, mudando de expressão.

Ela avançou na sua direção.

Ele ergueu uma das mãos e afastou os cabelos dela até atrás das suas costas, deixando os seios à mostra.

Aoibhe fechou os olhos e pressionou o corpo contra o dele.

– Dá para sentir o cheiro da inocência dela em você. Imagino que essa inocência não exista mais.

O Príncipe encostou a mão em um dos seios, sentindo o peso com a palma, antes de acariciar o mamilo com o polegar.

– Chega de falatório – rosnou, baixando a boca até o ombro dela.
Ela passou os braços pelo pescoço dele e lhe deu um beijo profundo.
Então, com uma risada rouca, conduziu-o em direção à cama.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



O inferno de Gabriel

Sylvain Reynard

A salvação de um homem. O despertar da sexualidade de uma mulher.

Enigmático e sedutor, Gabriel Emerson é um renomado especialista em Dante. Durante o dia assume a fachada de um rigoroso professor universitário, mas à noite se entrega a uma desinibida vida de prazeres sem limites.

O que ninguém sabe é que tanto sua máscara de frieza quanto sua extrema sensualidade na verdade escondem uma alma atormentada pelas feridas do passado. Gabriel se tortura pelos erros que cometeu e acredita que para ele não há mais nenhuma esperança ou chance de se redimir dos pecados.

Julia Mitchell é uma jovem doce e inocente que luta para superar os traumas de uma infância difícil, marcada pela negligência dos pais. Quando vai fazer

mestrado na Universidade de Toronto, ela sabe que reencontrará alguém importante – um homem que viu apenas uma vez, mas que nunca conseguiu esquecer.

Assim que põe os olhos em Julia, Gabriel é tomado por uma estranha sensação de familiaridade, embora não saiba dizer por quê. A inexplicável e profunda conexão que existe entre eles deixa o professor numa situação delicada, que colocará sua carreira em risco e o obrigará a enfrentar os fantasmas dos quais sempre tentou fugir.

Primeiro livro de uma trilogia, *O inferno de Gabriel* explora com brilhantismo a sensualidade de uma paixão proibida. É a história envolvente de dois amantes lutando para superar seus infernos pessoais e enfim viver a redenção que só o verdadeiro amor torna possível.



O julgamento de Gabriel

Sylvain Reynard

Eles estão vivendo uma paixão arrebatadora. Mas muitas pessoas são contra esse amor.

Gabriel Emerson e Julia Mitchell se conheceram há muito tempo, quando ela ainda era adolescente, numa noite mágica e confusa. Mas, apesar de todo o sentimento que nasceu entre eles, no dia seguinte seus caminhos se separaram.

Anos depois, eles se reencontraram quando Julia começou o mestrado na Universidade de Toronto. Gabriel era um professor enigmático, sedutor e muito arrogante que a atormentava e perseguia. No entanto, o que mais fazia Julia sofrer era ele não se lembrar dela.

Mas nem mesmo o insensível Gabriel é capaz de resistir à profunda conexão que existe entre eles e logo os dois embarcam numa tórrida paixão proibida. Com o fim do semestre e do curso ministrado por Gabriel, eles deixam de ser professor e aluna e enfim estão livres para viver seu amor. Ou pelo menos era o que pensavam.

Após uma viagem romântica para a Itália, durante a qual Gabriel ensina a Julia todos os mistérios do prazer e, em troca, aprende com ela o significado do amor verdadeiro, os dois veem seus sonhos ameaçados.

Duas denúncias junto ao Comitê Disciplinar da Universidade põem em risco o emprego de Gabriel e a carreira brilhante e promissora de Julia. Será que o professor vai ceder às ameaças ou irá lutar até o fim por sua amada? Será que essa paixão conseguirá resistir a um julgamento implacável?

Na apaixonante sequência de *O inferno de Gabriel*, Sylvain Reynard constrói uma bela história de amor, da qual os leitores jamais se esquecerão.



A redenção de Gabriel

Sylvain Reynard

Parecia que eles seriam felizes para sempre. Mas toda relação tem seus conflitos.

Depois do escândalo em que se viram envolvidos em Toronto, Gabriel e Julia se casaram e se mudaram para Massachusetts, onde ele dá aula na Universidade de Boston e Julia faz doutorado em Harvard. Agora ela precisa provar que não vive à sombra do marido famoso.

Mas parece que Gabriel não está pronto para ver a esposa caminhar com as próprias pernas. Quando ela é convidada a dar uma palestra em Oxford, surge seu primeiro conflito: a linha de pesquisa dela diverge da teoria dele.

Durante a conferência, os dois são obrigados a confrontar antigos rivais, entre eles a incansável Christa, que, ainda determinada a humilhar Julia, ameaça revelar um dos segredos mais obscuros de Gabriel.

Além disso, as coisas entre eles não vão muito bem. Isso porque Gabriel está ansioso para ter um filho, mas Julia quer concluir o doutorado primeiro.

Para ver realizado seu sonho de formar uma família, Gabriel terá que enfrentar fantasmas do passado. Será ele capaz de fazer isso? E será que a generosidade de Julia resistirá à ameaça de ver arruinada a carreira que ela tanto se esforçou para construir?

A redenção de Gabriel é o desfecho brilhante dessa trilogia que arrebatou leitores no mundo inteiro.

QUEM É SYLVAIN REYNARD?

Quase nada foi divulgado sobre a verdadeira identidade do autor por trás do pseudônimo Sylvain Reynard.

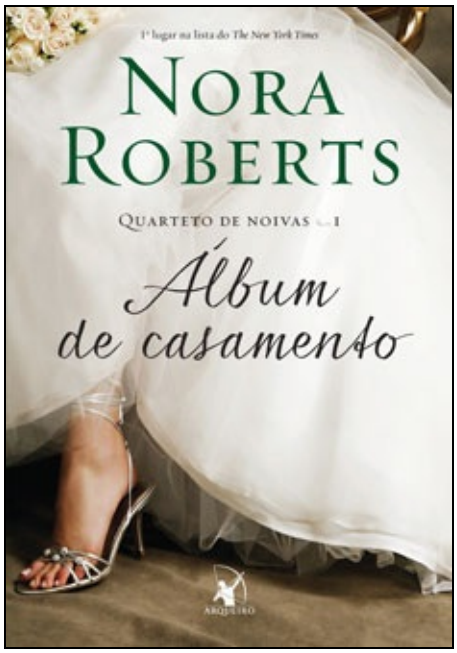
Sabemos que ele é canadense, já escreveu vários livros de não ficção e tem um profundo interesse pela arte e pela cultura renascentistas. Mas embora declare ser do gênero masculino, seus fãs têm uma forte suspeita de que, na verdade, S.R. seja uma mulher.

Semifinalista do prêmio Goodreads Choice Awards de Melhor Autor em 2011 e 2012 e de Melhor Romance em 2011, 2012 e 2014, Reynard apoia diversas instituições de caridade e acredita que a literatura ajuda a explorar os vários aspectos da condição humana, como o sofrimento, o amor e a redenção.

Sua trilogia *O inferno de Gabriel* já vendeu mais de 200 mil livros no Brasil.

www.sylvainreynard.com

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA ARQUEIRO



Álbum de casamento

Nora Roberts

série Quarteto de Noivas #1

Primeiro livro da série *Quarteto de Noivas*, *Álbum de casamento* conta uma linda história de amor, amizade e família – e daqueles momentos imprevisíveis que transformam uma imagem bonita numa verdadeira obra de arte.

Quando crianças, as amigas Parker, Emma, Laurel e Mac adoravam fazer casamentos de mentirinha no jardim. E elas pensavam em todos os detalhes. Depois de anos dessa brincadeira, não é de surpreender que tenham fundado a Votos, uma empresa de organização de casamentos bem-sucedida.

Mas, apesar de planejar e tornar real o dia perfeito para tantos casais, nenhuma delas teve no amor a mesma sorte que tem nos negócios. Até agora.

Com várias capas de revistas de noivas no currículo, a fotógrafa Mac é

especialista em captar os momentos de pura felicidade, mesmo que nunca os tenha experimentado em sua vida.

Por causa da separação dos pais e de seu difícil relacionamento com eles, Mac não leva muita fé no amor. Por isso não entende o frio na barriga que sente ao reencontrar Carter Maguire, um colega de escola com o qual nunca falara direito.

Carter definitivamente não é o seu tipo. Professor de inglês apaixonado pelo que faz, ele cita Shakespeare e usa paletó de tweed. Por causa de uma antiga quedinha por Mac, fica atrapalhado na frente dela, sem saber bem como agir e o que falar. E mesmo assim ela não consegue resistir ao seu charme.

Agora Carter está disposto a ganhar o coração de Mac e convencê-la de que ela é capaz de criar suas próprias lembranças felizes.



O duque e eu

Julia Quinn

série Os Bridgertons #1

Simon Basset, o irresistível duque de Hastings, acaba de retornar a Londres depois de seis anos viajando pelo mundo. Rico, bonito e solteiro, ele é um prato cheio para as mães da alta sociedade, que só pensam em arrumar um bom partido para suas filhas.

Simon, porém, tem o firme propósito de nunca se casar. Assim, para se livrar das garras dessas mulheres, precisa de um plano infalível.

É quando entra em cena Daphne Bridgerton, a irmã mais nova de seu melhor amigo. Apesar de espirituosa e dona de uma personalidade marcante, todos os homens que se interessam por ela são velhos demais, pouco inteligentes ou destituídos de qualquer tipo de charme. E os que têm potencial para ser bons maridos só a veem como uma boa amiga.

A ideia de Simon é fingir que a corteja. Dessa forma, de uma tacada só, ele conseguirá afastar as jovens obcecadas por um marido e atrairá vários pretendentes para Daphne. Afinal, se um duque está interessado nela, a jovem deve ter mais atrativos do que aparenta.

Mas, à medida que a farsa dos dois se desenrola, o sorriso malicioso e os olhos cheios de desejo de Simon tornam cada vez mais difícil para Daphne lembrar que tudo não passa de fingimento. Agora ela precisa fazer o impossível para não se apaixonar por esse conquistador inveterado que tem aversão a tudo o que ela mais quer na vida.

Primeiro dos oito livros da série *Os Bridgertons*, *O duque e eu* é uma bela história sobre o poder do amor, contada com o senso de humor afiado e a sensibilidade que são marcas registradas de Julia Quinn.



Ligeiramente casados

Mary Balogh

série Os Bedwyns #1

À beira da morte, o capitão Percival Morris fez um último pedido a seu oficial superior: que ele levasse a notícia de seu falecimento a sua irmã e que a protegesse – "Custe o que custar!".

Quando o honrado coronel lorde Aidan Bedwyn chega ao Solar Ringwood para cumprir sua promessa, encontra uma propriedade próspera, administrada por Eve, uma jovem generosa e independente que não quer a proteção de homem nenhum.

Porém Aidan descobre que, por causa da morte prematura do irmão, Eve perderá sua fortuna e será despejada, junto com todas as pessoas que dependem dela... a menos que cumpra uma condição deixada no testamento do pai: casar-se antes do primeiro aniversário da morte dele – o que acontecerá em quatro dias.

Fiel à sua promessa, o lorde propõe um casamento de conveniência para que a jovem mantenha sua herança. Após a cerimônia, ela poderá voltar para sua vida no campo e ele, para sua carreira militar.

Só que o duque de Bewcastle, irmão mais velho do coronel, descobre que Aidan se casou e exige que a nova Bedwyn seja devidamente apresentada à rainha. Então os poucos dias em que ficariam juntos se transformam em semanas, até que eles começam a imaginar como seria não estarem apenas ligeiramente casados...

Neste primeiro livro da série *Os Bedwyns*, Mary Balogh nos apresenta à família que conhece o luxo e o poder tão bem quanto a paixão e a ousadia. São quatro irmãos e duas irmãs que, em busca do amor, beiram o escândalo – e seduzem a cada página.



Desejo à meia-noite

Lisa Kleypas

série Os Hathaways #1

Após sofrer uma decepção amorosa, Amelia Hathaway perdeu as esperanças de se casar. Desde a morte dos pais, ela se dedica exclusivamente a cuidar dos quatro irmãos – uma tarefa nada fácil, sobretudo porque Leo, o mais velho, anda desperdiçando dinheiro com mulheres, jogos e bebida.

Certa noite, quando sai em busca de Leo pelos redutos boêmios de Londres, Amelia conhece Cam Rohan. Meio cigano, meio irlandês, Rohan é um homem difícil de se definir e, embora tenha ficado muito rico, nunca se acostumou com a vida na sociedade londrina.

Apesar de não conseguirem esconder a imediata atração que sentem, Rohan e Amelia ficam aliviados com a perspectiva de nunca mais se encontrarem. Mas parece que o destino já traçou outros planos.

Quando se muda com a família para a propriedade recém-herdada em Hampshire, Amelia acredita que esse pode ser o início de uma vida melhor para os Hathaways. Mas não faz ideia de quantas dificuldades estão a sua espera.

E a maior delas é o reencontro com o sedutor Rohan, que parece determinado

a ajudá-la a resolver seus problemas. Agora a independente Amelia se verá dividida entre o orgulho e seus sentimentos.

Será que Rohan, um cigano que preza sua liberdade acima de tudo, estará disposto a abrir mão de suas raízes e se curvar à maior instituição de todos os tempos: o casamento?



As regras da sedução

Madeline Hunter

série Os Rothwells #1

Lorde Hayden Rothwell chega à casa de Alexia Welbourne sem aviso e sem ser convidado – um homem poderoso e sedutor, movido por interesses obscuros. Sua visita anuncia a ruína financeira da família de Alexia e o fim das esperanças da jovem de um dia conseguir um bom casamento.

Para se sustentar, a moça recebe a proposta de ser dama de companhia de Lady Henrietta Wallingford e preceptora de sua filha. O problema é que a oferta vem do sobrinho de Henrietta, ninguém menos que lorde Hayden.

Morando na casa da tia de Rothwell, Alexia descobre que a proximidade com o homem que destruiu sua família pode ser perigosamente irresistível. Num gesto impensado, ela se entrega a ele, e ambos se veem obrigados a se casar.

O que Alexia não sabe é que os atos aparentemente arrogantes de seu belo e sensual marido são motivados por uma dívida de honra que pode levá-lo a sacrificar tudo.

Com tantas mágoas e segredos entre eles, o casal tem tudo para se manter

afastado. Mas Hayden é um homem apaixonante e Alexia, a tentação que o faz perder a cabeça. Morando sob o mesmo teto, eles acabam se aproximando e, juntos, vão descobrir um jogo de sedução em que cada um faz as próprias regras.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva* e *O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Glossário de termos e nomes próprios
Agradecimentos
Leia um trecho do segundo volume da série Noites em Florença
Conheça outros títulos do autor
Quem é Sylvain Reynard?
Conheça outros livros da Editora Arqueiro
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro